

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Doutorado em Educação

Luciana Aparecida Silva de Azeredo

**O DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR E O CUIDADO (DE
SI): ENTRE OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO E DE
SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Itatiba – SP

2018

LUCIANA APARECIDA SILVA DE AZEREDO – RA 002201501125

**O DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR E O CUIDADO (DE
SI): ENTRE OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO E DE
SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, linguagens e processos interativos.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia

Itatiba – SP

2018

37.011.31 Azeredo, Luciana Aparecida Silva de.
A985d O docente do ensino superior e o cuidado (de si): entre os modos de objetivação e subjetivação na contemporaneidade / Luciana Aparecida Silva de Azeredo. – Itatiba, 2018.
217 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

Orientação de: Márcia Aparecida Amador Mascia.

1. Cuidado de Si. 2. Ensino Superior. 3. Docência.
4. Objetivação. 5. Subjetivação. 5. Mal-Estar. I. Mascia, Márcia Aparecida Amador. II. Título.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

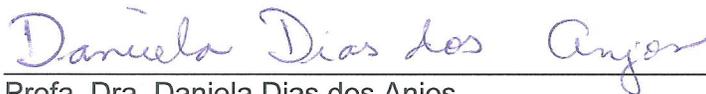
Luciana Aparecida Silva de Azeredo defendeu a tese “O DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR E O CUIDADO (DE SI): ENTRE OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO E DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE” aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 09 de novembro de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Prof.a. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Orientadora e Presidente



Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira
Examinador



Prof.a. Dra. Daniela Dias dos Anjos
Examinadora



Prof.a. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo
Examinadora

(participação por videoconferência)

Prof. Dr. Conrado Neves Sathler
Examinador

*A minha amada família e ao meu
companheiro de jornada, Carlos
Francisco, pelo amor e apoio
incondicionais.*

GRATIDÃO

Ao Ser Supremo, por minha saúde, disposição, coragem e força; por auxiliar-me a entender que há sempre um propósito e um tempo certo (*kairós*) para tudo e para todos em nossas vidas.

Ao Carlos Francisco, meu marido, que colore e alegra meus dias há sete anos e, cuja doce presença, abraço curador e ajuda inestimável com questões da casa, de tecnologia/informática, etc. foram/são/serão essenciais.

A minha família, pais, irmãos, sobrinhos, cunhados... pelo amor e apoio, por tudo que aprendo diariamente com eles, por serem minha base sólida, meu porto seguro.

À Professora Márcia, por acolher-me tão carinhosamente desde meu primeiro contato com a USF por e-mail em 2012, por me (des)orientar, por ajudar-me em meus deslo(u)amentos nos inúmeros almoços juntas e/ou pelo Whatsapp, por e-mail ou Skype... com presteza, competência e principalmente com cuidado filosófico foucaultiano.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, sem a qual talvez tivesse sido impossível realizar esta pesquisa, este sonho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco, em especial ao Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira pelo lindo passeio, não apenas pela Grécia Antiga, mas também pelo cuidado de si e dos outros, realizado em suas aulas-encontros, e também, pela participação nas bancas de qualificação e de defesa.

Ao Professor Dr. Michalis Kontopodis da *University of Sheffield*, na Inglaterra, por ter-me recebido como pesquisadora-visitante em janeiro e fevereiro de 2017 e pelo desconcerto “positivo” à la Foucault provocado pelas leituras propostas, pelas aulas assistidas e pelos inúmeros questionamentos feitos nas reuniões de orientações realizadas antes e durante a visita.

Aos professores do departamento de Educação da *University of Sheffield*, em especial aos professores Fiona Scott e Dan Goodley, pela profícua interlocução nas aulas, nos eventos, nas reuniões e nas conversas nos intervalos.

Ao Prof. Dr. Edgar Zanini Timm, Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Universitário Metodista - IPA, pelo gentil compartilhamento de materiais, pela calorosa recepção e conversa em julho de 2015, no início desta pesquisa, e pela participação na banca de qualificação.

Às Professoras Claudete Moreno Ghiraldelo e Daniela Dias dos Anjos pela participação na banca de qualificação e de defesa desta tese; ao Professor Conrado Sathler Neves pela participação na defesa desta tese e também por sua preciosa ajuda durante o concurso que prestei para o CEFET-MG em 2018; às Professoras Adair Mendes Nacarato e Juliana Santana Cavallari pelo aceite do convite para suplência na qualificação e na defesa.

A meus amigos, em especial à amiga-irmã Juliana Sorano Xavier, por sempre ajudar-me a conhecer-me e a cuidar melhor de mim; à querida amiga Viviane Dinês de Oliveria Ribeiro Bartho, pela intensa e rica troca pessoal e acadêmica durante a elaboração desta tese; aos membros dos grupos de pesquisa dos quais participo/participei: Subjetividades e identificações: efeitos de (d)enunciação (GPSI) da Universidade de Taubaté; Estudos foucaultianos e Educação (GPEFE) da Universidade São Francisco e Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Superior da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (GEPES-UNICAMP).

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, por onde transitei como aluna por seis anos (Graduação e Mestrado), em especial às professoras Elzira Yoko Uyeno (*in memoriam*), Solange Therezinha Castro (*in memoriam*) e Eveline Tápias-Oliveira, mentes brilhantes com as quais tive o privilégio de conviver e que, de certo modo, despertaram em mim a inquietude sobre o cuidado (de si).

A todos meus (ex)alunos, por tudo que me ensinam a cada aula e aos meus colegas de docência nestes 25 anos de profissão, com os quais compartilho as alegrias e o mal-estar no/do fazer docente.

Aos professores participantes desta pesquisa, pela gentileza e confiança de conceder-me as entrevistas e informações solicitadas.

A todos, que direta ou indiretamente me ajudaram, pela contribuição neste trabalho e em minha jornada.

¹Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.

¹ PESSOA, F. Poesia completa de Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 88.

RESUMO²

Diante do mal-estar centenário vigente dentro e fora da docência, no contexto neoliberal no qual estamos inseridos e pelo qual somos constituídos e também constituintes, esta pesquisa, vinculada à linha de Pesquisa “Educação, Linguagens e Processos interativos” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade São Francisco, visa realizar um estudo filosófico nos moldes foucaultianos (2014), fazendo uma escuta de seis sujeitos-professores-participantes de faculdades privadas e públicas do Vale Paraíba Paulista por meio de uma análise discursiva de suas entrevistas semiestruturadas, na convergência dos estudos foucaultianos e de alguns *insights* de psicanálise. Trata-se de uma pesquisa de grande relevância não só acadêmica, mas também social e profissional uma vez que problematiza as condições de trabalho docente no contexto contemporâneo. Tomou-se como hipótese que, ao buscar práticas de cuidado (de si), os sujeitos-professores-participantes não conseguem escapar das técnicas neoliberais de governamentalidade. Como pressuposto, tomou-se o fato de que o mal-estar é constitutivo e inerente ao sujeito, no sentido freudiano, e que transitam no mundo contemporâneo regimes de verdade que ora reforçam o mal-estar, ora incitam o sujeito a cuidar(-se). Com base no exposto, partiu-se do questionamento central sobre quais regimes de verdade atravessam o professor universitário no que tange ao cuidado (de si)? e, visando respondê-lo, estabeleceu-se como o objetivo geral deste trabalho problematizar os modos de subjetivação/objetivação contemporâneos em relação ao sujeito-professor do Ensino Superior. No que tange aos objetivos específicos, este trabalho pretende: 1) levantar os efeitos de sentido de cuidado (de si) nos dizeres dos sujeitos-professores do Ensino Superior; 2) apontar em que medida os efeitos de sentido estão atrelados aos modos de subjetivação/objetivação, no sentido das técnicas neoliberais de governamentalidade; 3) rastrear possíveis presenças dos modos de subjetivação, entendidos como cuidado de si filosófico foucaultiano nas falas dos sujeitos-professores-participantes; 4) mostrar na materialidade linguística como tais efeitos se corporificam. A análise empreendida aponta para a presença clara dos modos de objetivação nos dizeres dos professores sobre o cuidado (de si) por meio, por exemplo, de técnicas neoliberais de gestão do tempo e da produtividade. Porém, foi possível também vislumbrar, de forma fugidia, a presença de modos de subjetivação associados ao cuidado de si na perspectiva adotada por este trabalho através, em especial, de práticas espiritualidade. Diante de tais constatações, uma das contribuições para a transformação da realidade na qual vivemos dentro e fora da docência que esta tese visa propiciar é a aposta na singularidade da subjetivação diante das técnicas neoliberais de governamentalidade, uma aposta alta, na forma de ensaio constante de novas versões de si e a aceitação desta condição de eterno ensaísta, cujo ensaio dramático de sua vida nunca estará finalizado.

Palavras-chave: Cuidado de si; modos de objetivação/subjetivação; mal-estar; docência; Ensino superior.

² O presente trabalho foi realizado como apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ABSTRACT³

Faced with the centenarian malaise in and out of teaching in the neoliberal context in which we are inserted and by which we are constituted and also constituents, this research, which is linked to the Research Line “Educação, Linguagens e Processos interativos” of the Graduate Program in Education of Universidade São Francisco, aims to carry out a Foucauldian philosophical study (2014). It aims at listening to the subject-participant-professors of private and public undergraduate institutes in Vale do Paraíba through a discursive analysis of their semi-structured interviews, in the convergence of Foucauldian studies and some insights of psychoanalysis. It is a research of great relevance not only academic, but also social and professional since it problematizes the conditions of teaching work in the contemporary world. It was hypothesized that, in seeking care (for the self) practices, the subject-professor-participants cannot escape from the neoliberal techniques of governmentality. As a presupposition, it has been assumed that the malaise, in the Freudian sense, is constitutive and inherent in the subject, and that in the contemporary world there are regimes of truth that sometimes reinforce the existing malaise, others incite the subjects to care (for themselves). Having said that, we proceeded from the central questioning about what regimes of truth affect higher education professors regarding the care (for the self). In order to answer it, problematizing the contemporary modes of subjectivation/objectification in relation to the subject-professor of Higher Education was established as the overall objective of this research. Regarding the secondary objectives, this work intends: 1) to raise the effects of sense of care (for the self) in the Higher Education professors' sayings; 2) to indicate to what extent the effects of meaning are linked to the modes of subjectivation/objectivation, in the sense of neoliberal governmentality techniques; 3) to trace possible presences of the subjectivation modes, understood as the Foucauldian philosophical care for the self in the subject-professor-participants' interviews; 4) show how such effects embody in the linguistic materiality. The analysis carried out points to the clear presence of modes of objectification in teachers' statements about care (for the self) through, for example, neoliberal techniques of time management and productivity. However, it was also possible to glimpse, in an elusive way, the presence of modes of subjectivation associated with caring (for the self) in the perspective adopted by this work through, in particular, spirituality practices. Faced with such findings, one of the contributions to the transformation of reality in which we live inside and outside classrooms that this thesis aims to provide is the bet on the uniqueness of subjectivation before the neoliberal techniques of governmentality, a high stakes, in the form of constant rehearsal of new versions of the self and the acceptance of this condition of eternal essayist, whose dramatic rehearsal of life will never be concluded.

Key-words: Care for the self; modes of objectivation/subjectivation; Freudian malaise; Higher Education.

³ This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso (linha francesa)
AIDS	<i>Acquired immunodeficiency Syndrome</i> (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
EAD	Ensino a Distância
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FD	Formação Discursiva
GPS	<i>Global Positioning System</i> (Sistema de Posicionamento Global)
GTPA	Grupo de Trabalho em Pedagogia para a Autonomia
IES	Instituição de Ensino Superior
MBA	<i>Master in Business Administration</i> (Mestre em Administração de Negócios)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PBL	Problem Based Learning (Aprendizagem Baseada em Problemas)
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cursos ministrados por Foucault no <i>Collège de France</i> por Veiga-Neto.....	77
Tabela 2: Deslocamentos foucaultianos por Ball (2013).....	81
Tabela 3: As fases foucaultianas por Deleuze.....	85
Tabela 4: Domínios foucaultianos por Morey.....	85
Tabela 5: Eixos temáticos por Castro (2014).....	85
Tabela 6: Modos de subjetivação/objetivação.....	88
Tabela 7: Sujeitos-professores-participantes.....	156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O PESQUISA-DOR.....	13
CAPÍTULO I - QUASE UM SÉCULO DE MAL-ESTAR: FREUD-BAUMAN-BIRMAN- FREUD (SAROLDI).....	41
1.1 O mal-estar em Freud (1929).....	41
1.2 O mal-estar em Bauman (1997).....	49
1.3 O mal-estar em Birman (1999).....	57
1.4 O retorno ao mal-estar freudiano por Saroldi (2011).....	68
CAPÍTULO II – LIBERDADE, GOVERNAMENTALIDADE E CUIDADO DE SI	76
2.1 A trajetória de Michel Foucault	76
2.2 Governamentalidade e liberdade em Foucault	90
2.3 O cuidado de si filosófico foucaultiano.....	104
2.4 A Psicanálise e Foucault: entrelaçando os capítulos I e II.....	120
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO DISCURSO: OS 2 “MICHEIS” E SEUS (DES) ENCONTROS	123
3.1 O primeiro Michel: Pêcheux.....	130
3.2 O segundo Michel: Foucault	134
3.3 A análise discursiva.....	140
CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	144
4.1 A coleta e a transcrição do <i>corpus</i>	144
4.2 Os sujeitos-professores-participantes.....	146
CAPÍTULO V – ENTRE OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	154
5.1 Efeitos de sentido de mal-estar na/da docência.....	157
5.2 Efeitos de sentido do cuidado (de si).....	167
5.2.1 O cuidado (de si) e o (bom) gerenciamento do tempo.....	167
5.2.2 O cuidado (de si) e <i>fitness/wellness</i>	176
5.2.3 A docência, o cuidado (de si) e o feminino.....	181
5.2.4 O cuidado (de si) X o acadêmico.....	186
5.2.5 Vislumbres do desejo do cuidado de si?.....	198
ENSAIO “FINAL” – OS (DES) CAMINHOS (NÃO) TRILHADOS, O MAR (NÃO) NAVEGADO, O VOO AINDA POR FAZER.....	207

REFERÊNCIAS.....	211
ANEXO I - Normas para transcrição das entrevistas.....	217

INTRODUÇÃO - O PESQUISA-DOR ¹

*A quién le puedo preguntar
qué vine a hacer en este mundo?*

*Por qué me muevo sin querer,
por qué no puedo estar inmóvil?[...]
XXXI ²*

Em uma das disciplinas do Doutorado, ouvi o trocadilho “o pesquisador pesquisa a dor” e fiquei pensando a respeito... Não sei se esta afirmativa se aplica a todos os pesquisadores e pesquisas, mas no meu caso, se aplica ou me implica... eu pesquiso minha dor, uma busca de mais de dez anos, constante e contínua, e que sei durará até o resto dos meus dias: O CUIDADO DE MIM.

Embora este não seja um trabalho de cunho autobiográfico, optei por iniciar esta introdução, escrevendo em 1ª pessoa do singular, um risco, reconheço, pois “sempre há os mais apegados à canocidade textual, à pureza da obra, ao seguimento estrito das regras estabelecidas pela academia” (VEIGA-NETO, 2011, p. 11). Em minha defesa, ousou dizer que meu intuito é o de ressaltar que este é um empreendimento acadêmico sim, mas também pessoal, por meio do qual procuro tanto cuidar de mim quanto do outro-professor, colega de profissão.

Falo do lugar de uma pessoa que já foi *workaholic* (viciada em trabalho), que sentia a necessidade de estar na escola o dia inteiro, das 8h às 22h de segunda a sexta e aos sábados também e que, quando não estava no trabalho, sentia-se culpada se não estava pensando nele, planejando ações para ele... Nessa época, aproximadamente entre 1998 e 2004, mal tinha vida pessoal, pois, no pouco tempo que eu tinha livre, estava cansada e irritada. Minha vida social se resumia a representar a escola em eventos na

¹ Como em Ribeiro, M. A. O. A Formação do Pesquisa-dor: do enigma ao sinthoma, tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Livre-docente Claudia Rosa Riolfi, no ano de 2015.

² Cada seção deste trabalho tem sua epígrafe, todas retiradas do “*Libro de las preguntas*” de Pablo Neruda, um dos oitos textos inéditos no momento de sua morte. A forma singela como o poeta chileno interroga a vida, a natureza, a humanidade e, em especial, a si próprio nesta obra fascinou-me. Outro motivo para a escolha foi uma experiência inolvidável vivenciada na visita feita a sua casa em Isla Negra em 2001, local onde ele e a esposa querida jazem, lado a lado, olhando para o mar. Optamos por não traduzir as perguntas para manter sua beleza na língua original. Além disso, devido a sua simplicidade, acreditamos que possam ser lidas e entendidas sem muita dificuldade por falantes de português, língua irmã do espanhol/castelhano.

cidade e na região. Ser coordenadora, lidar com problemas e viver sob pressão o dia todo, todos os dias, é uma tarefa muito árdua. Bom, como escreveu o Professor Edgar Zanini Timm em seu parecer enviado para o exame de qualificação desta tese “precisamos viver aprendendo naquilo que vivemos e experimentamos”... Há coisas que não deveríamos ter feito, dito, sentido..., mas que, irremediavelmente, fazem parte de nosso (des)aprendizado contínuo... A questão, como apontou o caro professor Timm, não é simplesmente relegá-las ao esquecimento, mas “transformar vivências em experiências significativas que nos possibilitem a (re)construção de sentidos”.

Desde então, considero-me como uma “ex-viciada”, aquela que está, a todo momento, cuidando do cuidado que tem de si, aquela que está no jogo neoliberalista/capitalista, mas, agora, sabe-se jogando... ou, ao menos, às vezes, pensa que sabe... Tem sido um longo caminho que envolve a prática de Yoga desde 2010 e também de Meditação; a participação em um grupo de estudos sobre os ensinamentos de Paramahansa Yogananda (sábio indiano) por quase quatro anos e participações esporádicas em palestras sobre o Evangelho em centros espíritas de minha cidade de origem, leituras da Bíblia e de outros livros sobre espiritualidade, por exemplo, os do teólogo Huberto Rodhen e do Guruji (forma carinhosa de dizer professor em sânscrito) brasileiro Hermógenes, os psicografados por Chico Xavier, entre outros.

Como exemplo da presença constante do cuidado (de si) em meus estudos e leituras, notei a presença do conhecimento e do cuidado de si no *Bhagavad Gita*, poema místico-filosófico, o episódio mais célebre do *Mahabharata* e o texto mais venerado dos hindus, em especial nos capítulos 16 ao 18, nos quais Khrisna fala ao guerreiro Arjuna sobre um dos temas centrais da filosofia hindu: a autorrealização por meio do autoconhecimento. Entre tantos outros conselhos, Khrisna diz ao guerreiro Arjuna no capítulo 18, no verso 37 (2012, p. 151) “o que, no princípio, tem gosto de veneno, mas no fim é saboroso como néctar – esta é a felicidade que nasce do conhecimento de si mesmo e gera beatitude espiritual”. Tal conselho remete-nos a Sócrates e ao imperativo délfico do conhece-te a ti mesmo, sem nos esquecermos de que o conceito de *epimeleia*, problematizado por Foucault, vai além de somente conhecer-se. Envolve numerosas e diversificadas práticas sobre si mesmo, como veremos na parte teórica desta tese.

Atrevo-me a dizer que o *Gita* também nos apresenta a filosofia como modo de vida, em especial no capítulo 7 que, resumidamente, diz que devemos viver aquilo que aprendemos e, no 14, no qual somos aconselhados a levar um estilo de vida condizente

com a nossa visão. Além disso, há uma estreita ligação entre o conceito de consciência cósmica de Hadot (2014), uma das fontes da terceira fase foucaultiana, e a união com a Divindade ou Espírito Supremo, a renúncia ao ego, entre outros temas essenciais da vida, apontados por Krishna a Arjuna. A leitura deste livro levou-me a ler uma versão condensada da epopéia indiana *Mahabharata*, recontada por Krishna Dharma³, da qual o *Gita* faz parte, leitura na qual, entre outros, pude refletir sobre vários sentimentos e emoções comuns aos homens desde sempre, e contra os quais travamos uma luta diária e incessante... Bom, mas estes preciosos livros não são foco deste trabalho. Sigamos adiante...

Atrevo-me ainda, como praticante de Yoga há mais de cinco anos, a mencionar duas famosas frases do guru indiano B. K. S Iyengar relacionadas, a meu ver, ao mal-estar freudiano do qual trataremos no primeiro capítulo deste trabalho.

Palavras não são suficientes para expressar o valor do Yoga – ele tem que ser experimentado.

A prática regular de Yoga pode ajudar você a enfrentar a confusão da vida com firmeza e estabilidade.

Tais frases estão em consonância com a suspeita freudiana sobre o sentimento oceânico, como veremos a seguir, e também com as ideias de tantas outras pessoas em relação aos benefícios da prática regular e constante de Yoga e à ilusão que muitos têm ao procurar sua prática e outras, como a de Meditação, de *Tai-chi Chuan*, etc.: a de que ela, por si só, resolverá todos seus conflitos, deixando o praticante em estado *zen* constante, livre do mal-estar sentido, como em um passe de mágica, sem que este precise comprometer-se, ou tomar para si os encargos de sua transformação. Dito de outro modo, o cuidado (de si), na gestão do mal-estar, não pode ser dimensionado pela teoria apenas, mas sim e apenas por sua prática constante. Seu objetivo não é eliminar todo o mal-estar vigente na sociedade, mas sim proporcionar formas de, via o autoconhecimento e o cuidado de si, lidar melhor com toda a inconstância, a instabilidade, as incertezas e as mudanças constantes da sociedade em que vivemos.

Dentre as formas de cuidado (de si) por mim adotadas estão também aulas de *patch appliqué* e de bordado livre em 2013 a 2014; treinamento funcional no “Centro Esportivo João do Pulo” em minha cidade, optando por comprar uma bicicleta para ir e voltar de lá por um ano; almoços e cafês com amigas regados por longos bate-papos;

³ DHARMA, K. *Mahabharata: versão condensada da maior epopéia do mundo*. Tradução de Vânia de Castro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

mais contato com a natureza privilegiada, tão perto e presente no lindo vale onde vivi 43 anos de minha vida... Outra técnica de si que me é cara é a “escrita de si”. Escrevo constantemente a pessoas queridas via *e-mail*, *whatsapp*, o que me ajuda a conhecer-me melhor e a cuidar de mim... Uma variação da “escrita de si” seria a “fala de si”, já que, hoje em dia, é tão comum e prático gravarmos e enviarmos áudios. Ao escrever/falar sobre nosso dia a dia, nossos desafios, nossos problemas e também conquistas... acabo e, ousado dizer, acabamos, descobrindo algo sobre nós mesmos que nos era “escondido”... Por vezes, releio o que escrevi ou o que me escreveram ou escuto novamente um “conselho” dado ou recebido, uma palavra de consolo proferida... e vejo o quanto das minhas sombras e também das luzes emergem em meu próprio discurso... Afinal, como disse Foucault (2014, p. 142), a escrita de si “atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou pensou a um olhar possível”. Para ele, “a carta [, neste caso, e-mail, mensagem ou áudio] que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2014, p. 150). Escrever (ou falar) de si, nas belas palavras do próprio filósofo francês, é

“se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta [ou e-mail, mensagem ou áudio] é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo (FOUCAULT, 2014, 152, inserção nossa).

Sei que todo ser humano tem um impulso natural de impor ao outro suas formas de ver, de sentir, de viver... Cabe mencionar, por uma questão ética, que tais caminhos “dão certo” para mim... Outras pessoas, talvez optem por outras sendas que as permitam, a seu ver, a cuidar (de si) e do outro. Como bem diz Coracini (2008, p. 14) “dizer ao outro o que ele deve fazer é, a meu ver, desconsiderar seus conhecimentos, seus saberes, suas experiências”. Afinal, acredito que o cuidado de si é da ordem da singularidade, da transformação de si mesmo em uma obra de arte que, como maior parte das obras artísticas, tem algo de raro, de diferente, de novo e, por vezes, até incompreensível.

Quase encerrando este início “autobiográfico”, não poderia deixar de mencionar que, várias vezes, vivencio um certo estranhamento e até mesmo um incômodo, confesso, quando, aos olhos dos outros, pareço “organizadíssima”, “inteligente”, “disciplinada”, dentre tantos outros adjetivos que me são ditos/atribuídos. Como diz um antigo ditado popular: “eles veem as pingas que eu tomo, mas não os tombos que levo”

e quantos são os tombos. Creio, como diz Coracini (2008)⁴, que não é possível mudar-se inteiramente e igualmente impossível fazê-lo em pouco tempo. “Não se muda totalmente nunca, ou melhor, estamos mudando sempre, mas não conseguimos apagar a história que nos constitui; somos o mesmo e o diferente, a cada momento e sempre” (CORACINI, 2008, p. 13). Entendo que transformar-se não é algo fácil e nos impõe

um constante rever-se, um constante questionar-se e, sobretudo, um constante perdoar-se, pois atravessados que somos, como sujeitos da linguagem, pelo inconsciente, sentimo-nos, a todo momento, prisioneiros de nossa história, de nossa formação, de nossas experiências passadas, esquecidas, recalçadas... E quando menos esperamos, fragmentos, fagulhas de recalques, frustrações, marcas que ficaram indelévels em nossa constituição, emergem, cá e lá, mais vivas do que nunca, pelas frestas da linguagem, mostrando a impossibilidade do (auto)controle, embora a ilusão permaneça, orientando-nos na busca incessante da racionalidade e da completude (CORACINI, 2008, p. 11-12).

Ouso até dizer que o caminho do cuidado de si é da ordem da incerteza, da incompletude, dos questionamentos constantes, repleto de quedas e recomeços... Eu, muitas vezes, me sinto perdida, sem rumo... mas sigo adiante... Afinal, isto tudo é “normal”, pois como bem diz Osho (2014, p. 32), no livro “Os Upanishads: a essência dos seus ensinamentos”,

o homem desperto trata de assuntos que nos deixam infelizes. Esses assuntos causam infelicidade porque, uma vez conhecendo-os, não conseguimos mais viver como antes. Temos que mudar, operar em nós mesmos mudanças radicais. Contudo, insistimos em continuar vivendo tais quais somos porque a transformação requer esforço e causa transtornos.

Mas, o que tudo isso tem a ver com o mundo acadêmico? Posso dizer que minha vida acadêmica, iniciada em 2005, também me proporcionou muitos momentos de cuidado de mim, em especial, pela afinidade que tive desde o 2º ano de Letras, em 2006, com as ideias foucaultianas nas aulas de Morfologia da saudosa professora Elzira Yoko Uyeno, que, vendo meu interesse, sugeriu-me a leitura de “Foucault e a Educação” de Veiga-Neto. No Mestrado, após um contato mais profundo com a Análise do Discurso de linha francesa (AD), em especial com conceitos foucaultianos, nas matérias e seminários, optei por realizar minha pesquisa com base nesse aporte teórico, tendo que, para isso, modificar o projeto original e mudar de orientadora no meio do trajeto. Feliz escolha, vale dizer.

⁴ Na A-present-ação do livro “Escritura de si e identidade: o sujeito-professor- em formação” de Eckert-Hoff (2008).

Minha inquietação acadêmica trouxe-me à Universidade São Francisco, por dois anos, apenas como aluna especial/ouvinte. Confesso que talvez tenha demorado para entrar oficialmente no doutorado pelo medo de que o “ser doutoranda” me privasse do cuidado de mim que eu lentamente vinha conquistando, principalmente, após o término do Mestrado (fevereiro de 2012). Porém, não se passa por esta perspectiva teórica sem ser por ela atravessado... E eu fui profundamente atravessada por Foucault, Hadot... e suas fontes gregas: Sócrates, Platão... Eles cruzaram meu caminho nas disciplinas e, finalmente, (des/re)encontrei-me. Um caminho que, para mim, possibilita aplacar minha alma de pesquisadora, de eterna estudante, sem descuidar de minha alma cuidadora, que, a cada dia que passa, anseia por cuidar mais e melhor de mim e dos outros.

O que quero dizer, em linhas foucautianas, é que esta tese não pretende ser só um trabalho intelectual, mas também uma escrita de si/mim, um movimento de autoconhecimento e de autotransformação, pois tem me proporcionado, desde seu início, pensar diferentemente; tese esta, fruto do desconcerto suscitado pelas leituras da chamada terceira fase de Foucault e de suas fontes da Antiguidade Clássica Grega, desconcerto positivo, que me leva, a cada passo, a tentar pensar, sentir, ver, agir, enfim, ser diferente, que me faz refletir a cada linha escrita sobre quem sou eu e a respeito do que posso tornar-me, que me desafia constantemente a encarar o meu não-saber sobre como pensar toda a questão por mim mesma levantada. Já me disseram que só “loucos” gostam disso tudo.... que eu seja louca então (rsss)... Melhor assim do que ser como diz Ball (2013): “um tolo sábio”, ainda que esta postura possa ter atrativos e vantagens, segundo o autor. Tolo por agarrar-se a certezas, a um único ponto de vista.... Como Foucault, prefiro que não me peçam para ser a mesma sempre.... ou como diz Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Pessoa em seu poema *London Revisited*: “Não me peguem pelo braço! Não gosto que me peguem pelo braço. Quero ir sozinho”⁵.

Em meio a leituras e discussões nos grupos de pesquisa, tanto do “Estudos foucaultianos e Educação (GPEFE)”, da USF, quanto do grupo “Subjetividades: efeito (d)enunciação”, da Universidade de Taubaté, minha *alma mater*, como dizem os americanos, e também em conversas informais com colegas das disciplinas e de trabalho, surgiu-me uma questão fundamental: como e quando o

⁵ Poema na íntegra disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/lisbon-revisited-1923-alvaro-de-camposbrbheteronimo-de-fernando-pessoa>

professor encontra tempo para aprimorar-se, não apenas teórica e tecnicamente, mas filosoficamente, em outras palavras, na arte de viver, no cuidado (de si)? São esses questionamentos, estas inquietudes, este não-saber que me trouxeram ao Doutorado em Educação. Afinal, como diz Veiga-Neto, (2006, p. 35), “é nesse cenário de rápidas, amplas e profundas mudanças sociais e educacionais [...] que temos de pensar, enquanto docentes, o que estamos fazendo, seja com os outros, seja com cada um de nós mesmos.” E como tenho me questionado ultimamente...

Não posso deixar de mencionar neste “memorial”, a desconcertante visita à *University of Sheffield*, na Inglaterra, realizada em janeiro e fevereiro de 2017. Apesar de curta, a visita foi muito intensa e produtiva. Tive a oportunidade de participar de duas disciplinas *Qualitative Methodologies in Educational Research*, ministrada pela Professora Fiona Scott, e *Psychology and Learning Communities*, ministrada pelos professores Michalis Kontopodis, meu orientador durante a visita, e Dan Goodley. Participei também de várias atividades acadêmicas e culturais promovidas pela universidade e tive frutíferas interlocuções com meu orientador, Professor Dr. Michalis Kontopodis, cujos questionamentos constantes antes e durante minha visita foram fundamentais para o desenvolvimento desta tese. Tais questionamentos juntamente com as leituras por ele sugeridas “tiraram-me o chão”, fizeram-me olhar para meu *corpus* e para meus sujeitos-professores-participantes de uma forma diferente, em especial sob uma ótica pós-foucaultiana, via os conceitos de liberdade de Rose (1999) e de espiritualidade política de Ball (2013; 2016). Foi angustiante no começo, confesso, mas a resposta dada à pergunta: “E aí, como foi sua visita à Sheffield?”, feita pelo professor Dan na última aula a que assisti, resume bem o meu sentimento de gratidão por tudo que lá vivenciei: “Saio mais perdida do que cheguei, mas sei que isso é não só comum, mas muito bom dentro da perspectiva de pesquisa por mim escolhida, a foucaultiana, pois as incertezas, os questionamentos... movem-nos, já as certezas, muitas vezes, paralisam-nos”. E como me fizeram andar... Conforme me disse o Professor Michalis em nossa última reunião de orientação em Sheffield, “Lembre-se de que a pesquisa só acaba porque há um prazo estipulado. Ela sempre terá algo mais a nos dizer”. E como esta pesquisa tem me dito tantas coisas sobre mim, sobre os outros, sobre o mundo, sobre a espiritualidade... enfim, sobre o cuidado de si... e continuará dizendo...

É..., como escreveu a querida Profa. Dra. Rita Stano, coordenadora do Grupo de Trabalho em Pedagogia para a Autonomia (GTPA), da Universidade Federal de

Itajubá, em 15 de outubro de 2015, na página do grupo no Facebook, para homenagear os professores por seu dia,

somos professores numa permanente construção-desconstrução de nós mesmos. Vamos nos fazendo-desfazendo numa busca de valor que se materializa nos encontros, os refúgios, nos saberes que transbordam páginas e paredes. Entre perplexidades e descobertas, nos refazemos diariamente em cada olhar que brilha, em cada traçado de aula, em todo tempo de apreensão do outro. Às dores se somam momentos de êxtases no aprendizado conjunto, no desaprendizado solitário. Somos tantos e somos tão únicos como professores!

Como expus acima, a semente desta pesquisa é de cunho pessoal, algo que me é caro, que me mobiliza enquanto pessoa e sou feliz e grata por poder pesquisar academicamente um tema, para mim, tão essencial em tempos de valorização do ter e não do ser, tempos difíceis, diga-se de passagem, repletos de mal-estar, desamparo e angústia, que nos impelem a aprender a (con/sobre)viver... Bom, sem mais delongas, passemos, então, para “a parte 2” da introdução desta pesquisa, como demanda a ordem do discurso acadêmico. Antes, tomo emprestadas as palavras do caro escritor português Fernando Pessoa, que expressam um pouco da viagem por mim empreendida rumo ao conhecimento e ao cuidado de si, viagem difícil e sem fim, porém necessária, como foi a viagem de Michel Foucault, interrompida por sua morte precoce, que tantos mobiliza, desconcerta, implica.... ainda hoje, passados mais de 30 anos de sua partida....

*Viajar! Perder países!⁶
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!*

*Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!*

*Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.*

Enfim, com esta empreitada intelectual e pessoal, pretendemos não pensar com base em Foucault, mas pensar com o filósofo francês, pois pensar com ele é, como

⁶ Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2195>

afirma Jurandir Freire Costa (1999)⁷, “jamais parar de pensar. É perguntar, sempre e uma vez mais: por que tem de ser assim? Por que não poderia ser de outra maneira? Por que devemos acreditar no que nos dizem, agora, se, antes, já nos disseram tantas coisas, tantas vezes, tão diferentes?” (ORTEGA, 1999, p. 20). Foucault nos inquieta, nos incomoda, nos desloca... nos leva a querer ser outra pessoa, a pensar de forma diferente e singular nossas questões e as que assolam os outros e a sociedade com um todo.

Antes de iniciarmos esta tese, de mergulharmos na terceira fase foucaultiana e de bebermos em algumas de suas fontes, como o filósofo grego Sócrates (via Platão) e o também filósofo francês Pierre Hadot (este tendo lamentado o diálogo interrompido com Foucault devido a sua morte precoce), parece-nos primordial definir o que é cuidar e cuidado. Afinal, como afirma Boff, em seu livro “Saber cuidar”, “o cuidado pelo fato de ser essencial, não pode ser suprimido nem descartado. Ele se vinga e irrompe sempre em algumas brechas da vida” (BOFF, 1999, p. 12).

Uma das primeiras formas de explicação para os acontecimentos, objetos, situações etc. são os mitos que, segundo Boff (1999, p. 49), “pertencem à sabedoria comum da humanidade, conservada pelo inconsciente coletivo sob a forma de símbolos, de arquétipos e de figuras exemplares [...]. Através deles transmite-se sempre a mensagem essencial”.

Certa vez, atravessando um rio, “Cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a ‘Cura’ quem primeiro o formou, ele deve pertencer à ‘cura’ enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de húmus. (HEIDEGGER, 2005, p. 263-264).

Como notamos na fábula-mito evocada por Heidegger (2005), a cura ou o cuidado é um *a priori* ontológico, está na origem da existência humana, origem não apenas temporal, mas em um sentido filosófico, de ser “fonte donde brota

⁷ No prefácio do livro “Amizade e Estética da Existência em Foucault” de Francisco Ortega, cujas referências constam neste trabalho.

permanentemente o ser” (BOFF, 1999, p. 101). Dito de outro modo. Trata-se de um testemunho pré-ontológico que tem um significado especial

não somente pelo fato de ver a “cura” como aquilo a que pertence a pre-sença humana “enquanto vive” [...] esse ente não é abandonado por essa origem, mas ao contrário, por ela mantido e dominado enquanto “for e estiver no mundo”. O “ser-no-mundo” tem a cunhagem da “cura”, na medida do ser. [...] Esse ente recebe o nome (homo) não em consideração ao seu ser mas por remeter ao elemento de que consiste (húmus). Em que se deve ver o “originário” dessa formação? É isso que Saturno, o “tempo” decide. A determinação pré-ontológica da essência do homem expressa na fábula visualizou, desde o início, o modo de ser em que predomina seu *percurso temporal no mundo*. (HEIDEGGER, 2005, p. 264)

Para Heidegger (2005), a cura envolve teoria e prática; preocupação e ocupação; um esforço angustiado, cuidado e dedicação. A cura tem dois momentos estruturais, o já-ser-em e o ser-junto-a. Não se trata, portando de uma atitude isolada do eu consigo mesmo. Trata-se do ser-no mundo, atrelado à responsabilidade de si mesmo, tendo já se lançado em um mundo, ou seja, a “suas próprias possibilidades e a partir delas (projetar-se para elas). [...] Em seu ser junto ao “mundo” e em seu ser-com os outro, está em jogo o seu poder-ser mais próprio” (HEIDEGGER, 2005, p. 244).

Em suma, o cuidado é o responsável pela formação do homem e por acompanhá-lo ao longo de toda a vida, conforme ordena o sábio e justo deus Saturno, deus do tempo. Homem este, no qual habita o espírito, soprado pelo divino, Júpiter (céu) e o qual possui um corpo material, dado pela Terra. Nas palavras de Boff (1999, p. 67), o ser humano é, ao mesmo tempo, utópico e histórico-temporal, carregando em si a “dimensão Saturno junto com o impulso para o céu, para a transcendência [...]. Nele revela também o peso da terra, da imanência. É pelo cuidado que ele mantém essas polaridades unidas e faz delas material da construção da sua existência”. Por isso, o autor salienta a necessidade de “voltar-se sobre si mesmo e redescobrir sua essência que se encontra no cuidado” (BOFF, 1999, p. 191).

Infelizmente, Boff (1999, p. 98) nos alerta para o fato de que se perdeu “a visão do homem como ser-de-relações ilimitadas, ser de criatividade, de ternura, de cuidado, de espiritualidade, portador de um projeto sagrado e divino”. Ressalta também que o ser humano, hoje, sob a ditadura do modo-de-ser-trabalho, “precisa voltar-se sobre si mesmo e descobrir seu modo-de-ser-cuidado” (BOFF, 1999, p. 99), entendendo o equívoco de opor uma dimensão à outra e não vê-las como modos-de-ser do único e

mesmo ser humano. Afinal, estas duas dimensões compõem-se, complementam-se, de um lado a espiritualidade e, do outro, a materialidade.

É o cuidado que enlaça todas as coisas, céu e terra, é ele que nos auxilia na passagem da imanência (o fato de estarmos em espaço-tempo determinado) à transcendência (o fato de nos contentarmos apenas com o infinito), vice-versa e também da história para a utopia. O cuidado é responsável por dar-nos “força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda ordem” (BOFF, 1999, p. 190), sem o qual não será possível que um novo paradigma de convivência consigo, com os outros, como o mundo emirja.

Outra forma tradicional de definir um conceito, de entender algo, é a consulta a dicionários, buscando sua definição. No site www.dicio.com.br, encontramos as seguintes acepções para cuidado:

s.m. Atenção; em que há cautela, prudência: cuidado ao atravessar esta rua! Esmero; aplicação e capricho ao realizar algo: trabalhava com muito cuidado. Preocupação; atenção maior em relação a: ele necessita de cuidados. Responsabilidade; dever de arcar com seus próprios comportamentos ou com as ações de outrem: cuidados médicos.
[Por Extensão] O que é alvo dessa responsabilidade: eles estão sob seus cuidados.
adj. Aprimorado; muito bem-feito; em que há primor, capricho: trabalho cuidado.
Ponderado; sobre aquilo que se pensa em excesso: análise bem cuidada. Calculado; que foi previsto; muito ponderado: teve uma intenção cuidada. Tratado; que foi ou tem sido alvo de um algum tipo de tratamento especial: criança bem cuidada; cão mal cuidado.
interj. Expressão de cautela e prudência: o cão está solto! Cuidado!
(Etm. do latim: cogitatus.a.um)

Segundo o mesmo dicionário, a palavra “cuidado” tem como sinônimos: circunspeção, calculado, responsabilidade, tratado, zelo, desvelo, aprimorado, tento, cautela, atenção, anteparo, esmero, prudência, precaução, ponderação, ponderado; e como antônimos: incalculado, impensável, imprevisível, impensado, fortuito, inopinado, imprevisto, casual, inopino, inesperado, desmazelo, adventício, ocasional.

Já o verbo “cuidar” apresenta as seguintes acepções em www.lexico.pt:

1. Ação de tratar de algo ou alguém; zelar ou tomar conta de algo ou alguém;
 2. Preocupar-se com ou assumir a responsabilidade de;
 3. Dar atenção a; reparar ou notar;
 4. Cogitar ou discorrer; deduzir ou refletir; pensar ou imaginar;
 5. Manifestar interesse ou atração por;
 - v.pron.
 6. Ter zelo consigo próprio; velar por si;
 7. Pensar-se ou deduzir-se; refletir-se;
 8. Precaver-se.
- dar que cuidar = referente ao que ou a quem dá muito trabalho
(Etm. do latim: cogitare)

Porém, para além das acepções do dicionário, “as palavras estão grávidas de significados existenciais. Nelas os seres humanos acumularam infindáveis experiências, positivas e negativas, experiências de busca, de encontro, de certeza, de perplexidade e de mergulho no Ser” (BOFF, 1999, p. 90). Elas têm em sua origem um nicho de sentido e, dele, desdobram-se outros significados, significações, (efeitos de) sentidos.

Parece-nos também importante conhecer a origem da palavra-tema desta tese. Etimologicamente, cuidar vem do termo latino “*cogitare*”, pensar ou cogitar em português, ou seja, pensar, conceber e preparar estão na origem da palavra. Outro fato que nos chamou a atenção foi que, decompondo a palavra, temos “*co + agitare*”, sendo este a insistência do verbo latino “*agere*” (agir) que, na Antiguidade Ocidental, implicava agir tanto física quanto espiritualmente. Daí, decorre possivelmente a visão filosófica do termo, relacionada à ação concreta, em especial sobre si mesmo. Boff (1999) aponta também o termo latino *cura* (*coera*), usado “num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação” (BOFF, 1999, p. 91).

Para Boff (1999), cuidado é aquilo que se opõe ao descuido e ao descaso. Para ele, “cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*” (BOFF, 1999, p. 33). Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33). Para o autor, o mal-estar da civilização, há um século estudado e discutido por vários pensadores contemporâneos, fruto “do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado” (BOFF, 1999, p. 18), é um dos sintomas mais dolorosos que temos enfrentado nos dias atuais. Boff (1999) ressalta que o cuidado pode atuar tanto como uma forma de crítica à nossa civilização agonizante, como também de princípio motivador de um novo *ethos* “de cuidado, de sinergia, de re-ligação, de benevolência, de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas” (BOFF, 1999, p. 39), em outras palavras, “um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem” (BOFF, 1999, p. 25), ou ainda, uma nova percepção da realidade e uma nova experiência do Ser.

Edgardo Castro, em seu vocabulário de Michel Foucault⁸ (2004, p. 68-72), menciona que o termo cuidado foi consagrado por Sócrates e que foi não só retomado pela filosofia posterior, como se tornou central em suas discussões e reflexões, uma vez que a filosofia era concebida como uma arte da existência. Segundo o autor, o tema ultrapassou o domínio filosófico, tornando-se uma verdadeira cultura do cuidado de si, como veremos na parte teórica deste trabalho. Este foi o tema dos livros da “terceira fase” foucaultiana, a da *Hermenêutica do sujeito*, que inclui um volume intitulado “o cuidado de si”, e também foi abordado nas aulas do *Collège de France* e em seminários, como o realizado na Universidade de Vermont em 1982, intitulado *As tecnologias de si*. Segundo Castro (2004), Foucault estudou a história da subjetividade, não pelas dicotomias, por exemplo, louco-não louco, mas pela formação e pelas transformações em nossa cultura das relações consigo mesmo, seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber, ou visto por outro ângulo, a governamentabilidade, o governo de si por si em sua articulação com os outros.

Como apresentado, há várias acepções de cuidar e de cuidado (de si)⁹, mas, como base teórica principal de nossa reflexão e problematização, encontram-se, em especial, o não-saber socrático, o cuidado de si foucaultiano e alguns conceitos psicanalíticos. Por não-saber socrático, entende-se como a consciência da não-sabedoria e o amor, o desejo pela busca da sabedoria. Para os gregos, o saber ou *sophia* não era apenas um saber teórico, mas um saber-fazer, saber-viver. Como cuidado de si e/ou ocupar-se de si, entende-se uma aplicação concreta, precisa e particular, ou seja, práticas de si ou tecnologias do eu, como a técnica do retiro (*anakhóreis*), técnicas de purificação como o exame de consciência, entre outros. Foucault aponta-nos, em especial nos livros *Hermenêutica do sujeito* e *A História da sexualidade 3: o cuidado de si*, que é preciso que definamos de tal modo o cuidado de si que dele possa derivar o

⁸ A versão usada foi em espanhol, em PDF, com tradução livre nossa.

⁹ Neste trabalho, usaremos “cuidado (de si)” para referir-nos tanto ao cuidado como tido pelo senso comum quanto ao cuidado de si filosófico foucaultiano, uma vez que os entendemos como diferentes, mas imbricados, sendo, por vezes, difícil distingui-los nas respostas concedidas pelos sujeitos-professores-participantes. Vale mencionar que, aqui e em outros pontos desta tese, a opção pelo uso do parêntesis foi baseada na perspectiva desconstrutivista derridiana que, segundo Eckert-Hoff (2008, p. 61), “busca desnudar os pontos subjacentes a essa unidade logocêntrica e procura problematizar os binarismos construídos como verdades inquestionáveis”. Ainda conforme a autora (p. 61), desconstruir “implica a desestabilização dessas dicotomias, problematizando a verdade de uma ou de outra, ou a exclusão de uma em detrimento da outra”. Derrida, de acordo com Eckert-Hoff (2008, p. 61), “desconstrói as relações de oposição, de binarismo, já que acredita que não seja possível estabelecer limites entre o marginal e o essencial, entre o exterior e o interior, entre o novo e o velho, uma vez que um está imbricado no outro”.

saber necessário não só para governar os outros, mas para modificar-se, transformando-se em um ser singular, cuja vida é uma obra de arte, ou, em termos psicanalíticos, implica não a simples responsabilização do sujeito por suas escolhas, como nas tecnologias neoliberais de governamentalidade, mas sim pelos seus próprios atos, implicando-o com (re)inventar-se e responsabilizar-se pela invenção de si.

E no que tange à relação dos docentes, em especial no ensino superior, com o cuidado de si filosófico foucaultiano, no contexto educacional neoliberal/capitalista em que vivemos, como ela se dá? Faz-se necessário entender minimamente tal contexto, a posição-sujeito em questão, o que faremos a seguir.

Aulas em duas ou mais instituições de ensino, centenas de alunos e de trabalhos/provas para corrigir, preparação de aulas e provas, entre outras responsabilidades, fazem parte da rotina dos professores brasileiros devido, em especial, à baixa remuneração, que os leva a aumentar a carga horária de trabalho. Na busca de condições financeiras para um cuidar (de si) e dos seus familiares, para uma vida de conforto dentro da sociedade capitalista/neoliberal na qual vivemos, o professor acaba assumindo várias aulas e atividades em locais distintos. Essa grande carga de trabalho docente, dentro e fora de sala, e os desafios da sala de aula pós-moderna têm levado uma parte dos professores a enfrentarem problemas tanto físicos quanto psicológicos, evidenciados em diversas pesquisas e publicações, como os artigos intitulados *Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento* de Antonio Miguel (2011) e *O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade* (2010) de Timm, Mosquera e Stobäus.

No caso dos professores do Ensino Superior, sujeitos escolhidos para esta pesquisa, somam-se a estas tarefas as demandas acadêmicas: “publique ou pereça”, mantenha seu Lattes atualizado, participe de eventos e de bancas, oriente pesquisas etc. Além da grande carga de trabalho, os professores universitários têm que lidar com uma série de desafios que despertaram nosso interesse, bem como motivam e justificam este trabalho, pois podem intensificar o mal-estar vivenciado na docência no Ensino Superior.

Dentre os desafios, encontra-se a falta de conhecimento pedagógico e didático de alguns professores do Ensino superior, em especial por parte dos que advêm de áreas distintas, como Engenharia, Odontologia, entre outras, que, não sabendo lidar com os

“novos”¹⁰ alunos ou com reações e resultados imprevistos, podem utilizar-se de meios extremos: autoridade excessiva ou compaixão assistencialista . Em ambos os extremos, não há, a nosso ver, investimento no “Novo Amor”, termo lacaniano, estudado pelo Psicanalista Jorge Forbes (2012), amor de (re)invenção de si mesmo, de implicação e responsabilização do professor e também do aluno; de doação de um pouco de si por ambos os lados, sem a qual, nos dias atuais, dificilmente ocorrem a transferência, o laço social e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Outros desafios, sobretudo nas instituições privadas, dizem respeito aos alunos, que em sua maioria já trabalham, e envolvem a falta de conhecimento prévio; não cumprimento de prazos para entrega de trabalhos extraclasse; não pontualidade nas aulas; faltas em excesso; cansaço, desatenção e até indisciplina; entre outros, que podem dificultar o trabalho do professor, podendo levá-lo a dois tipos de atitudes: “lavar as mãos” ou sentir-se perdido.

Outros aspectos relevantes, sobretudo na rede privada, são: 1) as visitas do Ministério de Educação e Cultura (MEC) e a constante preocupação com o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) que provocam “efeito retroativo” tanto na elaboração dos planos de curso como nas aulas e provas aplicadas às turmas; 2) o discurso capitalista de muitas instituições de ensino que veem o aluno como cliente e o “conhecimento” como mercadoria (CAVALLARI; SANTOS, 2015).

Ademais, a adoção, muitas vezes compulsória, de metodologias ativas, entre elas *Problem Based Learning*, *Team Based Learning*, *Flipped Classroom*, e também de recursos tecnológicos, inclusive alocando disciplinas de cursos presenciais para o sistema EAD, estratégias estas vistas como forma de solucionar os problemas relacionados ao ensino e aprendizagem atuais, de minimizar custos e, em especial, de atrair e manter alunos/clientes. Tais medidas têm preocupado muito os docentes, não só no que tange a sua adaptação às “novidades”, mas devido ao temor da diminuição de carga horária e de corte na folha de “colaboradores”, temor este real, que gera muito mal-estar.

Além dos desafios expostos acima, veicula na sociedade e entre os professores, de forma geral, um discurso de que a profissão docente é altamente debilitadora e “sugadora”, tirando a energia do professor, podendo levá-lo ao adoecimento físico e/ou

¹⁰ Para nós, o “novo” traz consigo um pouco mais do “mesmo”. Para Coracini (2006, p. 134), “a realidade está atravessada pelo mesmo e pelo diferente, pela racionalidade, pela fragmentação e pela dispersão de tudo e de todos”.

psicológico. Inúmeras pesquisas sobre o adoecimento do professor corroboram com este regime de verdade, por exemplo, a de Souza e Mendonça (2009), na qual as autoras mencionam que “a profissão está ligada a fatores estressantes que abarcam aspectos objetivos, subjetivos e sociais” (2009, p. 499). Somada às disciplinas que leciona, atividades relacionadas à parte administrativa, de pesquisa, de orientação, entre outras, podem levar os docentes a problemas graves, como a Síndrome de *Burnout*¹¹, foco do estudo das autoras. Salientam também que docência universitária é uma atividade intelectual, que demanda inovações constantes no que tange a novas formas didáticas, como as metodologias ativas, em especial devido à grande concorrência entre as instituições privadas de ensino superior.

Quanto ao discurso acadêmico sobre o tema, notamos, até o presente momento, uma prevalência dos estudos do mal-estar docente e de pesquisas sobre o bem-estar que, muitas vezes, têm como foco principal o mal-estar e as doenças relacionadas à profissão, como estresse, depressão, *burn-out*, entre outras. A seguir, será apresentado um breve estado da arte dos estudos sobre bem-estar¹², que será um dos panos de fundo para a reflexão/problematização, aos moldes foucaultianos, que pretendemos realizar neste trabalho. Tomaremos por base, especialmente, um artigo de 2007, intitulado *Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência*, grupo este existente no sul do Brasil desde 1996, cujos objetivos são: reconhecer os elementos provocadores do mal-estar para buscar estratégias de prevenção e apoio e também propor elementos para auxiliar os docentes na superação de crises tanto em sua vida profissional quanto pessoal. Também são basilares os artigos de Sparkes (2007) e de Oliveira et. al (2004).

As áreas envolvidas nas pesquisas do grupo acima referido são Educação, Psicologia e Saúde e sua fundamentação teórica é a Psicologia Positiva e o Humanismo Existencial. Como procedimentos metodológicos, seus pesquisadores adotam uma abordagem quanti-qualitativa; realizam estudos de caso; analisam entrevistas semiestruturadas via Bardin (2004) e adotam como instrumento de mensuração, a

¹¹ Ou síndrome do esgotamento, cada vez mais frequente em nossos dias, “é um sintoma dos nossos tempos; é uma condição de esgotamento tamanha que nos leva a uma paralisia de forças e sentimentos”, podendo converter-se na perda da vontade de viver. Hoje, não está apenas relacionada a trabalhos sociais e, de um modo geral, no contexto neoliberal/capitalista em que vivemos está relacionada ao fato de que “nos exploramos e deixamos que nos explorem”. Dentre os fatores que contribuem para que ela ocorra estão o uso excessivo da tecnologia e o foco demasiado no consumo e no materialismo. Fonte: <http://www.psicologiasdobrasil.com.br/burnout-sindrome-de-esgotamento/>. Acesso em: 12 jan. 2018.

¹² Vale mencionar que observamos, nos estudos realizados e mencionados neste estado da arte, que o termo “bem-estar”, na maioria das vezes, distancia-se da noção filosófica foucaultiana de cuidado de si.

técnica de análise de estatística descritiva e inferencial. Embora destoante de nossa perspectiva no que tange aos procedimentos e à fundamentação teórica, tal artigo forneceu-nos um interessante panorama dos estudos acerca do bem-estar e do mal estar na/da docência no Brasil e também no exterior.

Segundo o artigo *Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência*, o tema mal/bem-estar na docência vem sendo pesquisado no mundo desde a década de 70. No Brasil, os estudos a respeito tiveram início uma década depois e, especificamente no sul do Brasil, onde se encontra alocado tal grupo de pesquisa, há mais de 20 anos. No artigo, salienta-se que os problemas na docência não são novos, mas há um contínuo acirramento nos dias atuais, não apenas nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Este acirramento é reforçado pela falta de apoio da sociedade aos docentes, de modo geral, fruto, segundo os pesquisadores, de uma doença social. Outro fator impactante é o crescimento alarmante dos encargos sob a responsabilidade dos docentes que, conforme o artigo, parece condenar os professores a fazerem mal o seu trabalho.

Conforme os pesquisadores, o sentimento de mal-estar está associado a momentos históricos, políticos e também a vivências mais íntimas. Entre suas inúmeras causas, há as relacionadas ao contexto sócio-histórico-ideológico, como as econômicas, políticas, sociais, profissionais e também aquelas de cunho mais pessoais, como inquietações, interesses, sentimentos, valores e expectativas. Ressaltam como uma das principais causas do mal-estar na docência a descentralização e democratização do saber¹³. Outros fatores que corroboram para o mal-estar dos docentes são, segundo o artigo, a ansiedade, o sentimento de inutilidade, carência de tempo, turmas numerosas, grande quantidade de trabalho burocrático, descrença no ensino e tecnologias de informação e comunicação. Com base nos estudos de Esteve (1984), salienta-se que dois fatores são responsáveis pelo mal-estar vivenciado pela/na docência, os de 2ª ordem, relacionados à modificação no papel e na imagem docente, pois, hoje, a profissão é questionada tanto interna quanto externamente; e os de 1ª ordem, referentes à falta de recursos materiais, às condições precárias de trabalho, à violência, ao esgotamento físico, ao acúmulo de exigências aos professores, à (in)satisfação em usar as Tecnologias da informação e comunicação (TICs), entre outros.

¹³ Com a democratização dos instrumentos ou fontes de informação, ilusoriamente, o simples acesso à informação é apresentado como suficiente para apropriar-se do saber. Ademais, todos são colocados como capazes de lidar com o saber de forma igualitária.

A respeito do sofrimento do professor, o artigo de Oliveira et al. (2004), intitulado “Transformações na Organização do Processo de Trabalho Docente e o Sofrimento do Professor”, salienta que há uma cultura que vê o magistério como uma vocação/um sacerdócio, levando tal profissão a ser considerada de forma diferente das demais em termos de direitos e deveres. Mencionam também que as reformas educacionais, iniciadas na década de 1990, implicam novas exigências profissionais aos docentes, mas sem a adequação das condições de trabalho, entre elas a responsabilização dos professores pelo desempenho dos alunos, o que os “obriga” a buscar, muitas vezes, por conta própria, cursos de formação continuada. Outro aspecto levantado é o dispêndio maior de tempo relacionado às novas formas de ensinar e avaliar, nas quais o papel do professor é constantemente (re)definido, sendo cada vez mais amplo, englobando finalidades acadêmicas, sociais e emocionais, com cobrança vinda de todos os lados (pais, alunos, instituição e sociedade), sem a devida remuneração para tal incremento. Além disso, há também as grandes perdas salariais ao longo dos anos. Segundo os autores, “o professor provoca uma intensificação de seu trabalho para responder a uma demanda externa, que não é proveniente de uma fonte facilmente identificável, como o estereótipo do gerente taylorizado, mas são de origens difusas” (OLIVEIRA et. al, 2004, p. 10). Como consequência, apontam o estresse, problemas de saúde, a impossibilidade de aperfeiçoar-se e a falta de tempo para preparar e refletir criticamente sobre seu trabalho. “Enfim, na medida em que o professor compromete-se com o objeto de seu trabalho, ele pode se frustrar e sofrer” (OLIVEIRA et al., 2004, p. 11).

Já o artigo de Sparkes (2007)¹⁴, de uma maneira não convencional à ordem do discurso acadêmico, aborda questões cruciais em relação ao mundo acadêmico e suas demandas, em especial, ao que o autor denomina “cultura da auditoria”, que exige cada vez mais dos professores/pesquisadores, fazendo com que estes, para (sobre/con)viver neste mundo dos números, estatísticas e quantidades, tenham que assumir características comumente esperadas de homens de negócios, como habilidades organizacionais, estratégias de autopromoção e de *networking*, entre outras.

¹⁴ Artigo foi originalmente escrito em língua inglesa, intitulado “*Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration*” e sua resenha em português foi feita por nós de forma livre.

O autor conta-nos a história de um professor/pesquisador fictício, Jim, que, como o próprio nome do artigo sugere, pede consideração. Neste sentido, observa-se um ponto de contato com nossa pesquisa, não só pelo convite à reflexão, mas também e principalmente pela insistência do autor no cuidado de si no gerenciamento do mal-estar intensificado no meio educacional movido pela “cultura da auditoria”. Vale mencionar que o autor não usa os termos “cuidado de si” e “mal-estar” por advir de um referencial teórico diferente do nosso. É necessário também ressaltar que, embora o artigo refira-se ao contexto educacional inglês, ele guarda muitas semelhanças ao vivenciado no Brasil e, possivelmente, em outros países.

Por meio da história do professor “fictício”, pesquisador e diretor de um departamento, seus diálogos travados e episódios vivenciados com os orientandos, colegas de trabalho, superiores e familiares, Sparkes (2007) apresenta-nos sentimentos, como desilusão, cansaço, raiva, culpa, entre outros, que uma política educacional pautada em quantidade, em números, não em qualidade suscitam; política esta na qual a pessoa vale, não como pessoa, mas pelo que tem ou não em seu currículo, isto é, pelo seu valor acadêmico, por aquilo que ela pode ou não dar à instituição à qual está vinculada.

Neste contexto, muitos professores sentem-se, segundo o autor, falidos tanto espiritual quanto eticamente. Além disso, o autor resalta o fato de que toda essa “luta” acadêmica afeta os docentes/pesquisadores também fisicamente, o que, como já mencionamos neste trabalho, pode levá-los a doenças psicofísicas, como estresse, depressão, síndrome de *burnout* etc.

O autor convida-nos a uma leitura estética de seu artigo, na qual os leitores interpretam-no com base em seus pontos de vista únicos e contribuem com suas próprias perguntas e respostas ao longo da leitura, um processo, diríamos, dialógico, sendo o leitor, coparticipante na criação dos (efeitos de) sentidos evocados pelo texto. Ele diz esperar que nós, seus leitores, pensemos *com* a história contada e observemos aonde ela nos leva.

O artigo é concluído também de forma original, apresentando uma série de impressões e sentimentos que os primeiros leitores tiveram ao acompanhar a história de Jim, o professor fictício, que em tantos aspectos se assemelha às deles, (ex)professores/pesquisadores. De igual forma, espera-se com esta tese suscitar questões e dúvidas, mais que respostas e certezas, em outras palavras, que leve a

pesquisadora e também seus possíveis leitores a pensar e a problematizar como nos objetivamos/subjetivamos diante do neoliberalismo, do capitalismo, da globalização, dos quais a arena educacional é constituída e também constituinte.

Sparkes (2007) sugere, com base em Pelias (2004), a adoção de uma “metodologia do coração”, um corpo que foge à demonstração narcisista, que convida a empatia e que tenta ser completamente humano. Assim como Deleuze, o autor acredita em brechas, em fendas que nos permitem pensar, agir, sentir, ser de forma diferente. Tal posicionamento, a nosso ver, fica claro quando Sparkes (2007) lança mão do refrão da canção “*Anthem*” (hino, em português), de Leonard Cohen, que diz: “Toque os sinos que ainda tocam. Esqueça sua oferta perfeita. Há uma fenda, uma fenda em tudo. E é assim que a luz entra”¹⁵.

Ainda como pano de fundo, na sequência, apresentaremos de forma concisa o discurso da mídia em torno da questão por meio de títulos de reportagens publicadas tanto no Brasil quanto no exterior que exemplificam o discurso vigente de que a profissão docente e o cuidado (de si), ainda que entendido como pelo senso comum (cuidados com a aparência, por exemplo), parecem não ser compatíveis. O discurso da mídia normalmente ressalta a face “negativa” da profissão, como uma daquelas que, na atualidade, mais provoca adoecimento, esgotamento etc., como podemos notar nos títulos e subtítulos de reportagens encontrados em uma rápida busca realizada na Internet, apresentados abaixo. Discurso este, parte do macro discurso sobre a educação e a profissão docente que deve ser considerado ao realizar a análise do *corpus* por incidir diretamente na constituição do sujeito-professor-participante¹⁶ e do seu dizer, como procuraremos apontar na materialidade linguística dos excertos das entrevistas realizadas.

07/04/2014 - Pesquisa revela alto índice de adoecimento mental entre docentes da UFPA
Disponível em: <http://www.adufpa.org.br/391/Pesquisa-revela-alto-%C3%ADndice-de-adoecimento-mental-entre-docentes-da-UFPA.html>

09/06/2014 - Psicóloga identifica adoecimento de professores do ensino superior

¹⁵ O original em inglês é “*Ring the Bells that still can ring. Forget your perfect offering. There is a crack, a crack in everything. That’s how the light gets in*”.

¹⁶ Vale mencionar que se optou pela adoção do termo “sujeito-professor-participante”, embora a Resolução 510/16 sugira a utilização de “participante”, em consonância com os termos adotados por Michel Foucault, implicando a sujeição de todo ser humano aos saberes e aos poderes ou ainda às relações poder-saber. Além disso, optou-se por demarcar a profissão foco desta pesquisa: a docência.

Disponível em: <http://www5.usp.br/44370/psicologa-identifica-adoecimento-de-professores-do-ensino-superior/>

15/05/15 - Em cada três professores, um está à beira do esgotamento e outro a perder a voz

Disponível em: <http://www.esquerda.net/artigo/em-cada-tres-professores-um-esta-beira-do-esgotamento-e-outro-perder-voz/36990>

Out/Nov 2015 - Mal-estar docente - Doenças associadas à atividade docente elevam os índices de faltas e prejudicam o ensino, além de afetarem a qualidade de vida dos professores; incidência de casos de hipertensão aumenta no final do ano letivo

Disponível em: <https://www.facebook.com/todoseducacao/posts/983120948370846>

21/05/2015 - Professores adoecem mais por conta da precarização de condições de trabalho

Disponível em: <http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=7511>

Abril/2016 - ¿Malestar en la docencia o maestros huérfanos? (mal-estar na docência ou professores órfãos?)

Disponível em: <http://otrasvoceseneducacion.org/archivos/63482>¹⁷

27.05.16 - Students! Your lecturers are on strike because they are struggling to survive (Alunos! Seus professores estão em greve porque estão lutando para sobreviver)

Disponível em: <https://www.theguardian.com/higher-education-network/2016/may/26/students-your-lecturers-are-on-strike-because-they-are-struggling-to-survive>¹⁸

Tais “discursos” são frequentemente ratificados nas redes sociais com publicações de imagens e textos, muitas vezes, pelos próprios professores, como os exemplos a seguir. Ademais, a nosso ver, o “discurso” do quão desgastante é ser professor; o da missão/sacerdócio: dar sem muito receber; da autopiedade ou do sofrimento: quantidade de tarefas e condições de trabalho X salário, entre outros, são recorrentes nas conversas nos intervalos, nos corredores das escolas e também além-muro, em encontros casuais entre docentes.

¹⁷ Trata-se de um portal *web* de comunicação educativa mundial, concebido para que um coletivo de docentes voluntários dos cinco continentes reportem comuniquem e processem informação relacionada à educação como processo cultural emancipatório e como direito humano.

¹⁸ Edição internacional do Jornal britânico *The Guardian*, versão online.



Fonte: <https://amaieski.files.wordpress.com/2013/04/charge-bello.jpg>

**PROFESSOR NO
COMEÇO DO ANO**



**PROFESSOR NO
FIM DO ANO**



Fonte: <http://www.folhasertaneja.com.br/noticia/21865035/opiniaio/professor-e-cultura-bons-temas-para-reflexao/>

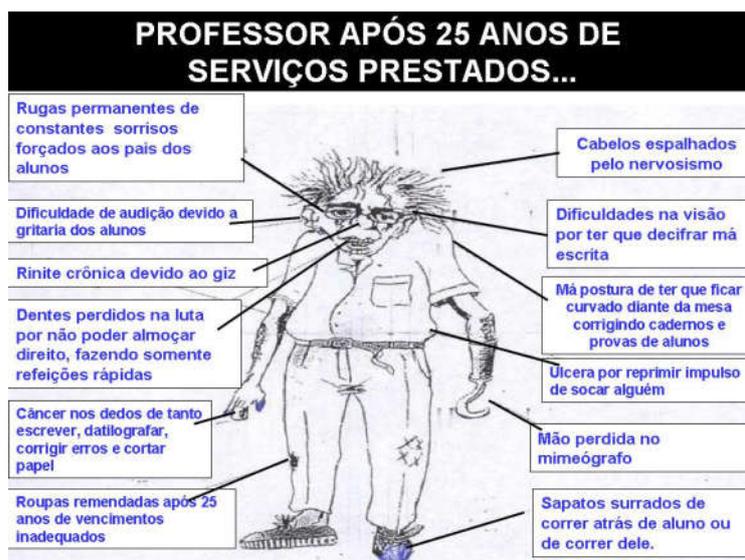


<http://oblogdojoseandantas.blogspot.com.br/2017/07/e-o-salario-oh-e-saude-oh-e-seguranca.html>



Charge de RBorges feita originalmente para o para o InformAndes, republicada várias vezes.

Fonte: <http://www.adusc.org.br/professores-adoecem-mais-por-conta-da-precarizacao-de-condicoes-de-trabalho/>



Fonte: <http://www.portaldoagreste.com/2015/10/do-professor-o-que-comemorar-edilma.html>



Fonte: <http://geradormemes.com/meme/4gfgnh>

Esta tarde (ou manhã, ou noite), em algum lar, um(a) professor(a) está preparando a aula para seu filho na escola, enquanto você trabalha ou assiste TV. Neste mesmo minuto, professores do país todo estão usando o "tempo livre" deles, muitas vezes gastando do próprio bolso, para a educação, prosperidade e futuro do seu filho. Copie e cole esta mensagem se você é professor ou se valoriza os professores. #EuValorizoOprofessor

Fonte: <https://www.facebook.com/EscolaSeculo21>

Cabe dizer que o objetivo da breve exposição do discurso da mídia e das redes sociais acima não foi apresentar e/ou analisar exaustivamente o discurso midiático sobre nosso tema de pesquisa. Nosso intuito não é tampouco colocar “um véu” sobre todos os problemas reais que existem na carreira docente, mas sim problematizar a forma como o discurso da/na mídia, nas/das redes sociais, discursos estes sócio-histórico-ideologicamente construídos, podem, além de expor a “realidade”, corroborar para intensificar o mal-estar existente e “real” na profissão docente, na vida como um todo.

Ademais, ressaltamos que o foco principal deste trabalho é versar sobre cuidado de si filosófico foucaultiano, o que nem sempre implica calma, mas sim desassossego ao lidar com nossas faltas e equívocos que a sociedade contemporânea neoliberal procura tamponar por meio da banalização do cuidado, a serviço da ideologia

neoliberal. Tal ideologia não aceita sofrimento, tristeza, fracasso, impõe o discurso da felicidade, o que pode intensificar o sentimento de mal-estar da/na docência.

O que é ser feliz? Como ser feliz nas condições de trabalho atuais? Ou ainda, por que temos que ser felizes o tempo todo em todas as áreas de nossa vida, inclusive na profissional? O desejo reinante e instigado pelos micropoderes parece ser o de viver em um mundo de “Truman¹⁹”, no qual tudo parece perfeito, pelo menos até que certas “verdades” comecem a ser questionadas, problematizadas, desconstruídas.

Em suma, é em meio ao mal-estar na/da contemporaneidade e na/da docência, que temos de pensar, enquanto docentes, o que estamos fazendo com os outros e com nós mesmos, como recomenda Veiga-Neto (2006), buscando praticar as tecnologias de si que, na perspectiva foucaultiana, envolvem abertura para ver, pensar, saber, viver, ensinar e aprender diferentemente.

A este respeito, Hardt (2006, p. 1) salienta que é necessário “tornar o docente aprendiz de determinadas tecnologias de si, fundamentais para produzir o cuidado e a educação com o outro”. A mesma autora ressalta o fato de que as instituições de ensino “muito mais do que ensinar conteúdos, valores e atitudes e/ou inculcar ideologias, põem em funcionamento formas específicas de subjetivação do sujeito”.

Diante deste panorama de mal-estar, no contexto neoliberal, no qual estamos inseridos e pelo qual somos constituídos e também constituintes, pretendemos com esta pesquisa realizar um estudo filosófico nos moldes foucaultianos (2014, p. 192) para “saber em que medida o trabalho de pensar sobre a própria história pode libertar o pensamento do que ele pensa silenciosamente, e permitir a ele pensar de modo diverso”. Em outras palavras, “definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é, o que faz e o mundo em que vive” (FOUCAULT, 2014, p. 193). Enfim,

não é uma questão de dizer que as coisas não estão certas como estão. É uma questão de ressaltar em que espécies de suposição, em que espécies de modo de pensar familiares, não discutidos, irrefletidos se baseiam as práticas que aceitamos [...] A crítica é uma questão de fazer jorrar esse pensar e tentar mudá-lo: mostrar que as coisas não são evidentes por si mesmas quanto se acreditava, perceber que o aceito como sendo por si mesmo já não será aceito como tal. Praticar a crítica é uma questão de fazer gestos difíceis se tornarem fáceis (FOUCAULT, 1988, p. 154-155 apud BAUMAN, 1998, p. 141).

¹⁹ Filme americano intitulado *O Show de Truman*, classificado como drama, comédia e ficção científica, lançado em outubro de 1998, com duração de 1h 43min e dirigido por Peter Weir. Sinopse: Truman Burbank (Jim Carrey) é um pacato vendedor de seguros que leva uma vida simples com sua esposa Meryl Burbank (Laura Linney). Porém algumas coisas ao seu redor fazem com que ele passe a estranhar sua cidade, seus supostos amigos e até sua mulher. Após conhecer a misteriosa Lauren (Natascha McElhone), ele fica intrigado e acaba descobrindo que toda sua vida foi monitorada por câmeras e transmitida em rede nacional. **FONTE:** <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-18671/>

Diante do exposto, surge uma questão fundamental, quais regimes de verdade atravessam o professor universitário no que tange ao cuidado (de si)? Visando a respondê-la, o objetivo geral deste trabalho, vinculado à linha de Pesquisa “Educação, Linguagens e Processos interativos” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade São Francisco, autorizado por seu Comitê de Ética em Pesquisa em 12.11.2015, sob o parecer número 1.322, é problematizar os modos de subjetivação/objetivação²⁰ contemporâneos em relação ao sujeito-professor do ensino superior.

No que tange aos objetivos específicos deste trabalho, temos:

- 1) levantar os efeitos de sentido de cuidado (de si) nos dizeres dos sujeitos-professores do ensino superior;
- 2) apontar em que medida os efeitos de sentido estão atrelados aos modos de subjetivação/objetivação, no sentido das técnicas neoliberais de governamentalidade;
- 3) rastrear possíveis presenças dos modos de subjetivação, entendidos como cuidado de si filosófico foucaultiano²¹ nas falas dos sujeitos-professores-participantes;
- 4) mostrar na materialidade linguística como tais efeitos se corporificam.

Como pressuposto, tomamos o fato de que o mal-estar é constitutivo e inerente ao sujeito, no sentido freudiano, e que transitam no mundo contemporâneo regimes de verdade que ora reforçam o mal-estar, ora incitam o sujeito a cuidar(-se). Toma-se como hipótese que, ao buscar práticas de cuidado (de si), os sujeitos-professores-participantes não conseguem escapar das técnicas neoliberais de governamentalidade. Partimos também da constatação da incidência dos micropoderes em nossa constituição, procurando levantar como eles incidem na subjetividade e na subjetivação dos entrevistados.

Em suma, nosso trabalho propõe-se a fazer uma escuta de 6 (seis) sujeitos-professores-participantes de uma faculdade privada e uma pública do Vale Paraíba Paulista e apresentar uma análise discursiva, na convergência dos estudos foucaultianos e de algumas noções de psicanálise.

²⁰ Optou-se por usar modos de subjetivação/objetivação, entendendo que os modos de objetivação são uma das facetas dos modos de subjetivação dos sujeitos. O desenvolvimento destes modos é mútuo, não havendo independência entre eles, conforme veremos no capítulo II deste trabalho.

²¹ Trata-se de um conceito de saber e cuidado de si, ético e estético, oriundo da Antiguidade Grega, retomado por Foucault, a ser abordado no capítulo II desta tese.

No que tange a sua relevância, acreditamos que esta pesquisa tem grande importância não só acadêmica, mas também social e profissional uma vez que se propõe a problematizar as condições de trabalho docente no contexto contemporâneo, contexto este repleto de mal-estares e de indagações sobre como cuidar do outro sem descuidar-se. Um mundo de apatia e hiperatividade, de excessos e frustração, como aponta Matos (2008). Tempo de exaustão que, ao contrário do simples cansaço, não possibilita o exercício do pensamento e da imaginação, apenas uma hiperatividade vazia e também destrutiva. Tempo patológico, cujo “vazio de significado tem o stress como ideal” (MATOS, 2008, p. 462), no qual há “um encolhimento do “espaço para experiências” na vida social e de liberdade” (MATOS, 2008, p. 456).

Em termos estruturais, este trabalho está dividido em 3 (três) capítulos teóricos: 1) Quase um século de mal-estar: Freud-Bauman-Birman-Freud (Saroldi); 2) Liberdade, governamentalidade e cuidado de si e 3) Análise do discurso: os dois Micheis e seus (des)encontros, seção esta que aporta informações sobre a Análise do Discurso de linha francesa (AD), perspectiva de escuta e análise do *corpus* adotada por esta pesquisa. A seguir, serão apresentados procedimentos de pesquisa e os sujeitos-professores-participantes, 6 (seis) docentes do ensino superior da rede pública e particular e, em seguida, são analisados excertos das entrevistas realizadas. A análise está dividida em dois eixos, os efeitos de sentido de mal-estar na/da docência e efeitos de sentido de cuidado (de si). Em congruência com a perspectiva adotada, não há considerações (finais) ou conclusões nesta pesquisa, apenas um ensaio final, afinal, os sujeitos, os contextos sócio-histórico-ideológicos nos quais seus dizeres são emitidos, as relações poder-saber segundo as quais um sujeito fala e é falado, mudam constante e incessantemente.

Em tempo, salientamos que soluções e “receitas” sobre o que e como fazer não cabem nesta perspectiva, mas sim a aposta na singularidade, na (re)invenção de si mesmo, processo contínuo feito por cada sujeito, único que é. Então, por que pesquisar? Eis um questionamento comum vindo de outras áreas do saber em relação às pesquisas realizadas na/pela AD. Como resposta, em nossa defesa, tomamos emprestadas as palavras de Mosquera, Stobäus e Timm (2009, p. 47), que retratam, em linhas gerais, como entendemos o ato de pesquisar e o intuito desta pesquisa

Qual a intenção nisso tudo? Não com certeza, para dizer a verdade para todos, para dizer onde encontrá-la e o que fazer com ela. Mas, para repartir, talvez mais perguntas do que possibilidades de respostas. Aliás, fazendo de

cada tentativa de afirmação uma gestação de novas possibilidades de perguntas. Cada resposta, por nós construída, estaria assim, neste sentido, grávida de novas perguntas.

CAPÍTULO I: QUASE UM SÉCULO DE MAL-ESTAR: FREUD-BAUMAN-BIRMAN-FREUD (SAROLDI)

[...]Fue adonde me a mi me perdieron
Que logré por fin encontrarme?
XXXIII

Tendo como foco discutir o cuidado de si nos moldes foucaultianos, faz-se necessário realizar incursão genealógica pelo mal-estar e levantar questões sobre como e por que tal sentimento há mais de um século assombra a sociedade. Afinal, não há como abordar o cuidado de si, sem o seu avesso, sem o não-dito de que, para haver o cuidado (de si), ainda que como visto pelo senso comum, é necessário também que o seu contraponto, o mal-estar e seus sintomas e/ou consequências, existam.

Partiremos do clássico *O mal-estar na civilização* de Sigmund Freud, publicado há quase 100 anos, precisamente em 1929, no período entre as duas guerras mundiais, às vésperas da quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Na sequência, passaremos ao livro *O mal-estar na Pós-Modernidade*, de Zygmunt Bauman, publicado em 1997, e pela obra *Mal-estar na atualidade*, de Birman, publicado 70 anos após a obra freudiana, em 1999. Terminaremos este passeio pelo mal-estar que nos ronda há muito mais do que um século, retomando Freud, na visão de Nina Saroldi, em sua obra *O mal-estar na civilização: as obrigações na era da globalização*, de 2011.

1.1 O mal-estar em Freud (1929)

Como diz Italo Calvino (2007, p.11) em sua obra *Por que ler os clássicos*, um clássico “é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” ou clássico é “aquilo que persiste como rumor onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2007, p. 15). Assim, consideramos o livro *O mal-estar na*

*civilização*²² de Freud, pois, embora escrito há quase 100 anos, serve (e continuará servindo) de ponto de partida para inúmeras pesquisas em diversas áreas, inclusive esta, a qual tem como objetivo refletir sobre o mundo em que vivemos, lançar questões para/sobre o nosso momento sócio-histórico-ideológico, especificamente para/sobre o cuidado (de si) na docência no ensino superior na Pós-Modernidade.

Os tempos são outros, os indivíduos não mais os mesmos e a sociedade tem passado por mudanças desde então. Porém, o mal-estar persiste, talvez não devido às mesmas causas, nem com os mesmos sintomas, mas continua a assombrar-nos. Por vezes, nos dá trégua momentaneamente, uma vez que logo se transforma em um “morno bem-estar” gerado “quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento” (FREUD, 2011, p. 20) e, novamente, em infelicidade. Afinal, segundo o autor, “é bem menos difícil experimentar a infelicidade” (FREUD, 2011, p. 20) que nos “assola” por três frentes: nosso próprio corpo, o mundo externo e as relações com os outros.

A obra em questão trata-se de um ensaio, como o próprio Freud o denomina (2011, p. 80), não sociológico, nem filosófico, embora contendo aspectos destes dois campos do saber, que questiona o próprio fazer psicanalítico da época, a práxis psicanalítica. No final da obra, ele rebate as objeções sofridas, alegando que se recusava a profetizar e que aceitava a recriminação que lhe era feita: “não sou capaz de lhes fornecer consolo, pois no fundo é isso que todos exigem, tanto os mais veementes revolucionários como os mais piedosos crentes, de forma igualmente apaixonada” (FREUD, 2011, p. 93). Afinal, diz a última frase da obra em questão, “mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?” (FREUD, 2011, p. 93).

Ainda hoje, passado quase um século, espera-se pelo antídoto para tal mal-estar e pelas respostas das perguntas propostas pelo autor no final do livro e também para tantas outras que a globalização, a Pós-Modernidade, o neoliberalismo etc. nos colocam. Por agora, contentemo-nos com os questionamentos de 1929:

²² A primeira publicação deste livro clássico data de 1930. Nesta tese, a seguinte versão foi usada: FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

- 1) “Em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição?” (FREUD, 2011, p. 93)
- 2) Como lidar com o desassossego e a infelicidade gerados pelo medo de que a qualquer momento o próprio homem pode exterminar-se, uma vez que seu controle sobre as forças da natureza é sempre crescente?

Freud (2011, p. 7) dá início ao clássico livro ressaltando a singularidade que envolve os indivíduos, seu meio externo, sua vida psíquica. Segundo ele,

é difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica.

O que buscam os homens? Para Freud, a resposta é óbvia: “eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes” (FREUD, 2011, p. 19) por dois meios: a ausência de dor e desprazer e a vivência de fortes prazeres, muitas vezes, considerando apenas o segundo como felicidade. O autor ressalta que há “muitos caminhos que podem levar à felicidade, tal como é acessível ao ser humano, mas nenhum que a ela conduza seguramente” (FREUD, 2011, p. 29). Em outras palavras, “o êxito jamais é seguro” (FREUD, 2011, p. 28). Assim, nos alerta para o fato de que, embora o programa de ser feliz imposto pelo princípio do prazer seja irrealizável,

[...] não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização. Nisso há diferentes caminhos que podem ser tomados, seja dando prioridade ao conteúdo positivo da meta, a obtenção de prazer, ou ao negativo, evitar o desprazer. Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos. No sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz (FREUD, 2011, p. 28).

Freud (2011) menciona que a escolha da forma particular de ser feliz depende de vários fatores. O erótico pautará sua escolha nas relações afetivas com os outros; o narcisista buscará satisfação em si próprio, em seus estados psíquicos; o homem de ação procura satisfazer-se testando sua força no mundo externo. Porém, o psicanalista vienense adverte que “a sabedoria aconselhará talvez a não esperar toda satisfação de uma única tendência” (FREUD, 2011, p. 28).

O autor frisa que não há dúvidas de que não nos sentimos bem na civilização e que, muitas vezes, pensamos que os homens de outra época eram mais felizes e

indagamos sobre o papel das condições culturais nessa felicidade. Porém, para Freud (2011, p. 33),

sempre nos inclinamos a apreender nossa miséria objetivamente, isto é, a nos transportar para tais condições com as nossas exigências e suscetibilidades, para então examinar que ocasiões nelas veríamos para experimentar felicidade ou infelicidade. Este modo de consideração, que parece objetivo, porque abstrai das variações da sensibilidade subjetiva, é naturalmente o mais subjetivo que pode haver, ao colocar a nossa própria constituição psíquica no lugar de todas as outras que conhecemos. MAS A FELICIDADE É ALGO INTEIRAMENTE SUBJETIVO (grifo nosso).

O autor alega que algumas pessoas agem e sentem de forma diferente, por meio de algum tipo de religiosidade, como os gurus indianos e os iogues por ele mencionados, e ficam “imunes” ao mal-estar geral existente na sociedade. Tais pessoas conseguem vivenciar um sentimento que ele chama de oceânico, “um sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo exterior” (FREUD, 2011, p. 8) inacessível a ele, pois segundo Freud (2011, p. 8) “não é fácil trabalhar cientificamente os sentimentos”. Ainda sobre o sentimento oceânico, ele complementa dizendo que “por experiência própria não pude me convencer da natureza primária de tal sentimento. Mas isso não me autoriza a questionar sua ocorrência em outros” (FREUD, 2011, p. 8-9). Segundo ele, podemos ao menos dar um suspiro ao notar que a algumas poucas pessoas “é dado retirar sem maior esforço, do torvelinho dos próprios sentimentos, os conhecimentos mais profundos, aos quais temos que chegar em meio a torturante incerteza e incansável tatear” (FREUD, 2011, p. 80).

Para Sigmund Freud (2011), as necessidades religiosas estão intimamente ligadas ao desamparo infantil e à nostalgia do pai por ele despertada, que continuam ao longo da vida por meio do “medo ante o superior poder do destino” (FREUD, 2011, p. 16). Ele acredita que o sentimento oceânico acima mencionado possa ter se vinculado à religião posteriormente e acrescenta que o “ser-um com o universo, que é seu conteúdo ideativo, apresenta-se como uma tentativa inicial de consolação religiosa, como um outro caminho para negar o perigo que o Eu percebe a ameaçá-lo do mundo exterior” (FREUD, 2011, p. 16). O autor duvida das colocações do amigo sabe-tudo que lhe assegurou que “nas práticas de ioga, com o afastar-se do mundo exterior, o fixar a atenção nas funções do corpo, com métodos especiais de respiração, pode-se realmente despertar em si novas sensações e sentimentos de universalidade” (FREUD, 2011, p.16). Um fato interessante é que tal amigo, cujo nome não foi revelado na obra, é o literato francês Romain Rolland, amigo e admirador de Mahatma Gandhi, com quem,

durante muitos anos, trocou interessantíssima correspondência. Vale também ressaltar que o sentimento oceânico mencionado por Freud guarda semelhanças com o que Hadot (2014) denomina “consciência cósmica”, da qual trataremos brevemente na seção sobre o cuidado de si e as práticas espirituais.

Juntamente com a religião, estão outras formas de enfrentar o mal-estar. Para o autor (2011), “a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos” (FREUD, 2011, p. 18). Para Freud, há três recursos: “poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela” (FREUD, 2011, p. 18). Parece-nos que, ao passo que o mal-estar se intensifica nos dias atuais, mais recorremos aos quatro recursos mencionados pelo autor vienense, que proliferam na contemporaneidade, ainda com a esperança de que eles sejam capazes de aniquilar o mal-estar vivenciado.

Segundo Freud (2011), dentre os métodos para obter felicidade e afastar o desprazer, há alguns moderados, outros radicais, alguns unilaterais e outros que lidam com vários aspectos simultaneamente. Freud (2011) menciona em sua obra, sem a pretensão de esgotar a lista de possibilidades, as formas abaixo:

- 1) O deliberado isolamento, o afastamento dos demais;
- 2) O químico, a intoxicação;
- 3) A sublimação dos instintos;
- 4) O trabalho psíquico e intelectual;
- 5) A satisfação pela fantasia;
- 6) A suave narcose da arte;
- 7) O ser eremita.

Freud (2011) ainda destaca como procedimento para obtenção da felicidade “a arte de viver” que se diferencia, segundo ele, por uma combinação

[...] muito peculiar de características diversas [...] que também procura a independência face ao destino [...] localiza a satisfação em processos psíquicos internos [...] mas não se afasta do mundo exterior, agarra-se aos seus objetos, pelo contrário, e obtém felicidade de uma relação afetiva com eles. Também não se dá por satisfeita com evitar o desprazer - uma meta, digamos, de cansada resignação -, mas ignora isto e se apega ao esforço original, apaixonado, por uma realização positiva da felicidade. Talvez ela realmente se aproxime mais dessa meta do que qualquer outro método. Estou falando, claro, daquela orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amar e ser amado (FREUD, 2011, p. 26).

Reflete também sobre a busca da felicidade por meio de uma atitude estética, no gozo da beleza, “onde quer que ela se mostre a nossos sentidos e nosso julgamento, a beleza das formas e dos gestos humanos, de objetos naturais e de paisagens, de criações artísticas e mesmo científicas” (FREUD, 2011, p. 27). Ressalta que, embora esta forma, como as outras, não ofereça garantia de não sofrermos, ela compensa muitas coisas.

Como vimos até agora, Freud (2011) já apostava na singularidade da busca da tão sonhada felicidade. Mais do que isso, mostra-nos em sua obra que, por mais que tentemos por vias variadas, o mal-estar persiste, retorna, está lá. O “x” da questão talvez seja aprendermos a (con/sobre)viver com tal angústia, tal falta e não tamponá-la, passando uma existência lutando em vão por extingui-la, o que, a nosso ver, pode potencializar do mal-estar existente. No entanto, o mundo neoliberal, globalizado, consumista parece negar a singularidade da busca, uma vez que impulsiona os sujeitos a desejarem ter casas semelhantes, possuir carros de modelos parecidos, realizar viagens iguais etc. Os “remédios da felicidade” (antidepressivos, medicamentos contra a insônia etc.), as novas religiões (por exemplo, a expansão vertiginosa de denominações evangélicas), as drogas ilícitas cada vez mais potentes também, de certo modo, visam à padronização da busca da felicidade, levando muitos indivíduos a crerem que, se um amigo ou familiar faz ou tem algo, ingere determinado objeto/substância e é (ou se diz) feliz, ele também o será.

Sobre a atividade profissional, foco desta pesquisa, Freud (2011) diz que pode trazer satisfação quando é escolhida de forma livre, em outras palavras, “quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados” (FREUD, 2011, p. 24). Porém, o autor adverte que a maioria das pessoas trabalha apenas por necessidade e graves problemas sociais são oriundos, conforme ele, dessa aversão. Para Freud (2011, p. 24), “o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação”.

“O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 2011, p. 61), o que coloca o homem primitivo em vantagem porque este não conhecia restrições ao seu instinto e, por isso, podia desfrutar da felicidade, ainda que por um curto espaço de tempo já que a segurança era mínima.

Por civilização, Freud (2011, p. 34) entende “a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquele de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si”. Ademais, para ele, a “estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel predominante que é reservado às ideias na vida das pessoas” (FREUD, 2011, p. 39) é um dos traços mais marcantes em nossa civilização. Como culturais, o autor vê “todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais etc.” (FREUD, 2011, p. 34). Conforme Freud (2011, p. 38), beleza, limpeza e ordem “ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais”.

Para o pai da Psicanálise, Freud (2011), a cultura/civilização produz um mal-estar devido ao antagonismo intransponível entre suas exigências e as da pulsão humana. Em outras palavras, para que a civilização possa desenvolver-se, é necessário ao homem pagar o preço da renúncia da satisfação pulsional. Em câmbio, a civilização tem a tarefa de evitar seu sofrimento e oferecer-lhe segurança, em detrimento do prazer, da satisfação pulsional, que passa a ser sempre parcial e episódica. O mal-estar resulta, então, do embate entre as restrições impostas pela civilização e as exigências pulsionais.

Para controlar os instintos do homem, a civilização usa métodos para “instigar as pessoas a estabelecer identificações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições à vida sexual e também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo” (FREUD, 2011, p. 58). Porém, o autor ressalta que nada é mais “contrário à natureza humana original” (FREUD, 2011, p. 58), pois os seres humanos têm tendências destrutivas, antissociais e anti-culturais que devem ser reprimidas/ controladas em prol do bem da sociedade.

“Se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela” (FREUD, 2011, p. 61). O autor alerta, em tom exclamativo, “que poderoso obstáculo à cultura deve ser a agressividade, se a defesa contra ela pode tornar tão infeliz quanto ela mesma!” (FREUD, 2011, p. 91).

O desenvolvimento individual se pauta pelo princípio do prazer, pela satisfação da felicidade e a inserção e a adaptação a uma comunidade é um elemento fundamental na obtenção da felicidade. Em outros termos, o desenvolvimento individual apresenta-se

a nós como um produto de duas aspirações distintas: à felicidade “egoísta” e à altruísta de união com outros na comunidade. Essas duas tendências estão em constante luta “uma com a outra no interior de cada indivíduo; assim os dois processos, de evolução individual e cultural, precisam defrontar-se e disputar um ao outro o terreno” (FREUD, 2011, p. 88).

A liberdade, nesse contexto, estaria contra determinadas formas e reivindicações da civilização ou contra a civilização como um todo. A respeito da possibilidade de equilíbrio entre o individual e o coletivo, o autor ressalta que

boa parte da peleja a humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel (FREUD, 2011, p. 41).

Embora problematize toda a questão do mal-estar em sua época, Freud deixa claro que não é inimigo da cultura, apenas exercia seu direito de objetar ao estado atual de civilização que “não preenche nossos requisitos de um sistema de viver que faça feliz, que admite muito sofrimento que se poderia provavelmente evitar” (FREUD, 2011, p. 61). Ainda, para encerrar esta seção, para o autor, “há dificuldades inerentes à cultura, que não cederão a tentativas de reforma” (FREUD, 2011, p. 62).

Em suma, o mal-estar freudiano tem por base o(s) desejo(s) reprimido(s) para o encaixe na vida em sociedade; o sentimento de culpa e a necessidade de (auto)punição gerado pela repressão; a pulsão de morte, impedimento para a civilização, existente em todos nós; enfim, a renúncia exigida pelo processo civilizatório ou a tensão constante existente entre as restrições da civilização e as das exigências pulsionais. Já o mal-estar baumaniano, para o qual passaremos a seguir, concebido em outra época sócio-histórico-ideológica, é de outra ordem e seu fio condutor, por mais contraditório que pareça, é a suposta liberdade individual.

O livro sobre mal-estar a seguir foi escrito pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman no final da década de 90. Década repleta de mudanças que se iniciaram com o colapso da União Soviética e o fim da temível Guerra Fria, repleta de “pequenos” conflitos e combates espalhados pelo globo. Tempo de expansão democrática, com a realização de eleições em países antes totalitários, de crescimento assustador do número de casos de AIDS (sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*), em especial na África, e de expansão do uso de

tecnologias da informação e comunicação. Tempos pós-modernos, como os classificam alguns autores.

No Brasil, também foi uma década de instabilidade e mudanças, iniciada com o Plano Collor (1990-1992), proposto pelo Presidente Fernando Collor de Mello e equipe, no qual houve, entre outros, o confisco de contas poupanças. Presidente este pertencente na época ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), cujos negócios escusos mais tarde levaram não só a milhares de jovens a criarem o movimento dos "caras-pintadas" e a protestarem nas ruas, mas também culminaram em seu *impeachment*. Na sequência, no próximo governo, houve uma suposta estabilidade financeira com a implantação do Plano Real, em fevereiro de 1994, no qual houve sonhada momentânea equiparação do Dólar e do Real, moeda nacional do Brasil desde então.

Enfim, o mal-estar sempre existe e/ou persiste, desde o início dos tempos, tendo sido intensificado no último século por tantas mudanças e incertezas e, por este motivo, ainda é foco de pesquisas, artigos, dissertações e teses, como o livro a seguir e esta tese.

1.2 O mal-estar em Bauman (1997)²³

Se no tempo da escrita do livro Freud (1920-1930), como vimos acima, o mal-estar era oriundo do excessivo desejo de controle e ordem, da extrema busca por segurança e certeza, no tempo de Bauman, no nosso tempo, o tempo presente, ele nasce da constante e indispensável exigência de liberdade individual, promovida pelas forças do mercado, que alimenta as inquietações, aumenta a ansiedade, assevera a incerteza e a insegurança, com as quais temos que conviver constantemente.

Incerteza esta, conforme o autor (BAUMAN, 1998, p. 32), que “já não é vista como um mero inconveniente temporário, que com o devido esforço possa ser ou abrandado ou inteiramente transposto”. Ela é, portanto, como ele ressalta, permanente e irredutível. Dito de outro modo, nas palavras do próprio autor

[...] as aflições e ansiedades do tipo descrito por Freud no livro intitulado *Das Uberhagen in der Kultur* (O mal-estar da cultura): para os mal-estares típicos de um gênero de sociedade que oferecia aos indivíduos um pouco de segurança à custa de um pouco de sua liberdade. *Das Uberhagen in der*

²³ Data da primeira publicação, não da usada neste tese.

Postmoderne – os mal-estares, aflições e ansiedades típicos do mundo pós-moderno – resulta do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança. Os mal-estares pós-modernos nascem da liberdade em vez da opressão (BAUMAN, 1998, p. 156).

Embora Bauman (1998) faça considerações muito importantes no livro sobre temas cruciais na pós-modernidade, como pobreza, justiça, função da arte, religião/religiosidade, entre outros, centrar-nos-emos no cerne de seu livro que é/são a(s) razão(ões) para o mal-estar persistir e até intensificar-se em nossos dias: a desordem do mundo, em relação ao anteriormente e predominantemente estabelecido, na qual falta coerência e direção em meio a uma imensidade de possibilidades ao alcance daqueles que têm direito à liberdade de escolha. Tal liberdade, sem limites definidos, intensifica, às vezes, a um nível insuportável o mal-estar vivenciado, uma vez que o mercado está em constante movimento e nos impele a movimentar-nos em um ritmo cada vez mais frenético em busca de uma satisfação pessoal que, propositalmente, nunca será alcançada, não apenas porque somos seres faltantes desde o nascimento, como aponta a Psicanálise, mas também e principalmente porque as forças do mercado fazem uso desta nossa “fraqueza” existencial, criando mecanismos cada vez mais sofisticados para sua intensificação.

A este respeito, Bauman (1998) salienta que, para ser admitido e/ou permanecer no mundo pós-moderno em que vivemos, repleto de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, o sujeito

[...] tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos passam nessa prova. Aqueles que não podem são a “sujeira” da pureza pós-moderna (BAUMAN, 1998, p. 23).

Somos, segundo o autor, coletores de sensações ou colecionadores de experiências, pelo menos na medida em que o “bolso” permite, e nos preocupamos mais com a flexibilidade, a abertura, as possibilidades do que com a fixidez e o autofechamento. “São as incertezas concentradas na *identidade individual*, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado desmantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernos” (BAUMAN, 1998, p. 221).

Se antigamente, na época dos projetos de vida, a questão era como construir uma identidade de forma coerente, dotando-a de uma forma universalmente reconhecível,

atualmente, o autor nos alerta para o fato de que o problema da identidade resulta, em especial, da questão da fidelidade, em outras palavras,

[...] da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão de identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para a outra, se for preciso. [...] tudo isso revertendo à central e mais dolorosa das ansiedades: a que se relaciona com a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura (BAUMAN, 1998, p. 155).

Os portos “seguros” tão almejados na Modernidade já não existem mais e, com isso, sentimo-nos à deriva, sem o apoio da rigidez e inflexibilidade disciplinar, a solidez da ordem e a nitidez das divisões que tanto nos inspiravam certeza e segurança, que eram nossas bússolas. Hoje, temos como companhia insistente e constante a ansiedade, a sensação de estarmos flutuando sem rumo certo, por mais que planejemos devidamente nossas ações com base nas experiências passadas e nos conhecimentos existentes. Atualmente, nada é fixo, estável, seguro, certo, coerente, pois o mundo moderno, para Bauman (1998, p. 121) é “qualquer coisa, menos imóvel – tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada”. No mundo atual, somos um exército sem linha de frente, linha esta que, no passado, nos indicava para onde, quando e como ir. Hoje, “não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é ‘para frente’ e onde ‘para trás’, e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é ‘progressivo’ e qual é ‘regressivo’” (BAUMAN, 1998, p. 122).

Em meio a este turbilhão de incertezas, a Pós-Modernidade torna-se a época dos especialistas em cuidar da alma, do surto de aconselhamento por meio de livros e/ou terapias variadas, da busca por alternativas que não apenas as religiosas, como no passado, pois estas lhes apontam suas fraquezas e insuficiência humanas. Talvez, diz Bauman (1998), precisássemos até dos alquimistas, aqueles que conseguem ou afirmam conseguir transformar toda nossa incerteza e insegurança em autosssegurança, autocerteza. Este “surto de aconselhamento” vigente, alerta o autor, é destinado a “servir diretamente às escolhas dos consumidores, supostamente experientes, tendo em vista, antes, o treinamento de ‘consumidores perfeitos’, o desenvolvimento até o auge das aptidões exigidas pela vida do consumidor e selecionador” (BAUMAN, 1998, p.

225), ou seja, daqueles que procuram a todo custo ter experiências sempre novas e acumular sensações diferentes.

Somos selecionadores, por preferência ou necessidade, e a formação da identidade está atrelada ao ato de saber escolher dentre as inúmeras formas possíveis de viver a vida e, uma vez que a *polis* não mais se ocupa de estabelecer os princípios, normas, regras de orientação, o que decide realmente são as habilidades do indivíduo, sua capacidade de julgamento e sabedoria de escolha, ou seja, trata-se de uma incerteza não mais existencial, mas sim estritamente ligada à identidade. Na sociedade pós-moderna, escolher é o destino de todos, porém, nem todas as opções estão ao alcance de todos. “A responsabilidade individual pela escolha é igualmente distribuída, não os meios individualmente possuídos para agir de acordo com essa responsabilidade” (BAUMAN, 1998, p. 243). Em outras palavras, a liberdade de escolha tornou-se o divisor de classes sociais na atualidade.

Entre a liberdade individual excessiva e a assustadora incerteza sobre o futuro, os indivíduos são levados a almejar o impossível – a liberdade sem riscos. As certezas de antes agora são perguntas e mais perguntas para as quais nem sempre achamos respostas. Porém, é necessário aceitar esta liberdade e todos os riscos que implica, tendo em mente que, no mundo pós-moderno no qual vivemos, “nada foi estabelecido para sempre e que a roda da fortuna pode virar ao contrário” (BAUMAN, 1998, p. 246), transformando, do nada, os perdedores em vencedores e vice-versa. Implica “saber que nenhuma escolha deixaria o escolhedor livre da responsabilidade pelas suas consequências” (BAUMAN, 1998, p. 249) e também não o isenta de conviver com a ansiedade gerada pela possibilidade de estar errando.

Diante de toda essa incerteza, insegurança e desta mobilidade identitária, cabe-nos, a nosso ver, aprendermos técnicas de si que nos permitam velejar de forma mais consciente, tranquila, leve e relaxada pelo mar da vida, rumo ao desconhecido, lutando contra as altas expectativas (de nós para conosco mesmos e para com os outros e também dos outros para conosco) e a ansiedade gerada pela sociedade de consumo que foca o ter e não o ser, na qual “as pessoas são registradas na coluna de débito, não na de crédito do cálculo econômico” (BAUMAN, 1998, p. 197). Devemos aprender a “viver com a revelação de que não se pode articular tudo o que se sabe, e de que compreender – saber como proceder – nem sempre requer a disponibilidade de um preceito

verbalizado” (BAUMAN, 1998,p. 208). Em termos socráticos, aceitar o não-saber como constituinte da vida, como motor para seguir adiante.

Houve, como notamos, transformações e deslocamentos na organização do modo de vida, conseqüentemente, nas formas de governo de si e dos outros, o que nos remete ao tema desta pesquisa: o conhecimento e o cuidado de si para então cuidar dos outros. Muitos não atentam para o fato de que a agonia experimentada para além da orientação, da direção que buscam, demandará o desenvolvimento de seus próprios recursos com o intuito de “reformular (corrigir, melhorar, desenvolver) sua própria prática, suas atitudes e predisposições psicológicas” (BAUMAN, 1998, p. 220), o que, nos termos lacanianos (FORBES, 2012), seria inventar-se e responsabilizar-se por esta invenção, um novo amor que demanda de todos os envolvidos a doação de um pouco de si.

Para Bauman (1998, p. 36), “apostar, agora, é a regra onde a certeza, outrora era procurada, ao mesmo tempo que arriscar-se toma lugar da teimosa busca de objetivos” e o ato de viver “sob condições de esmagadora e auto-eternizante incerteza é uma experiência inteiramente distinta da de uma vida subordinada à tarefa de construir a identidade, e vivida num mundo voltado para a constituição da ordem” (BAUMAN, 1998, p. 37). Em tudo o que fazemos, os modelos não são, como outrora, simplesmente reproduzidos tal qual, agora, as reproduções são inúmeras e diferentes entre si, o mesmo diferente. “Todo ato é, até certo ponto, uma permutação original, uma versão única do modelo. Os modelos não existem, a não ser no processo de contínua e inescapável transformação” (BAUMAN, 1998, p. 170). A este respeito, Bauman (1998) retoma as palavras de Arnold Gehlen (1947) para explicar este fenômeno da incerteza que vivenciamos. Para Gelhen (1947, apud BAUMAN, 1998, p. 220),

cada vez menos pessoas agem na base da orientação pessoal e de valores interiorizados... Mas por que há cada vez menos pessoas assim? Obviamente porque a atmosfera econômica, política e social se tornou difícil de entender intelectualmente, e de cumprir moralmente, e porque ela muda num passo acelerado.

Bauman (1998) também nos alerta para o esquecimento do fato de que o estado de bem-estar foi instrumento do Estado Moderno para “reabilitar os temporariamente inaptos [ao trabalho] e estimular os que estavam aptos a se empenharem mais, protegendo-os do medo de perder a aptidão no meio do processo” (BAUMAN, 1998, p. 51, inserção nossa). A própria sociedade se responsabilizava para que os inaptos permanecessem saudáveis e desenvolvessem habilidades que os auxiliassem na

recolocação no mercado, enfim de “resguardá-los dos temporários soluços e caprichos das vicissitudes” (BAUMAN, 1998, p. 51). Hoje, porém, o bem-estar não é mais responsabilidade do Estado, da comunidade, mas única e exclusivamente do cidadão. No passado, a manutenção do estado de bem-estar não era vista “como uma caridade, mas como um direito do cidadão, e não como o fornecimento de donativos individuais, mas como forma de *seguro coletivo*” (BAUMAN, 1998, p. 51). Sarcasticamente, o autor mostra que a perspectiva pós-moderna, no que tange ao bem-estar coletivo, resume-se à seguinte frase: “estado de bem-estar? Já não podemos custeá-lo”. Com base na célebre frase de Peter Ducker “Não existe mais salvação pela sociedade”, Bauman (1998, p. 45) ressalta que, hoje, inexistem

[...] órgãos conjuntos coletivos e visíveis encarregados da ordem societária global. A responsabilidade pela situação humana foi privatizada e os instrumentos e métodos de responsabilidade foram desregulamentados. Uma rede de categorias abrangente e universal desintegrou-se. O auto-engrandecimento está tomando o lugar do aperfeiçoamento socialmente patrocinado e a auto-afirmação ocupa o lugar da responsabilidade coletiva pela exclusão de classe. Agora, são a sagacidade e a força muscular individual que devem ser estirados no esforço diário pela sobrevivência e aperfeiçoamento.

Em suma, um verdadeiro “cada um por si”. Afinal, ao “contrário do processo produtivo, o consumo é uma atividade inteiramente individual” e os “demônios interiores desse tipo de sociedade nascem dos poderes de sedução do mercado consumidor” (BAUMAN, 1998, p. 54). A sedução do mercado ao passo que iguala os sujeitos, também os divide e os impulsos sedutores são transmitidos para todos os lados e para todo e qualquer indivíduo. Porém, nem todos podem aplacar os desejos aos quais são induzidos e ainda são obrigados a assistir ao espetáculo do consumo abundante daqueles que têm “cacife” para tal, consumo este tido como sinônimo de sucesso, de fama, de felicidade. “Eles aprendem que possuir e consumir determinados objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana” (BAUMAN, 1998, p. 56).

Bauman (1998) ressalta que, se o consumo é, agora, a medida da felicidade, do sucesso e até mesmo da decência humana, não existe mais a tampa dos desejos humanos. Desta forma,

[...] nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação da maneira como o “manter-se ao nível dos padrões” outrora prometeu: não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes enquanto se tenta alcançá-las (BAUMAN, 1998, p. 56).

Estaríamos, então, fadados à eterna busca pelo “não-sei-o-quê” nos complete? Conforme o autor, o único modelo existente é o de “apoderar-se de mais, e não existem normas, exceto o imperativo de saber aproveitar bem as cartas de que se dispõe” (BAUMAN, 1998, p. 57). E os consumidores falhos? “Aqueles cujos meios não estão à altura dos desejos, e aqueles que se recusaram a oportunidade de vencer [...] são exatamente a encarnação dos ‘demônios interiores’ peculiares à vida do consumidor” (BAUMAN, 1998, p. 57).

Em outras palavras, a tal radical liberdade do mercado levou ao progressivo desmantelamento do estado de bem-estar e com a desintegração deste, há a tendência de incriminar a pobreza pelo mal-estar vivenciado.

Os pobres de hoje (aqueles consumidores irremediavelmente falhos, imunes às adulações do mercado e improváveis contribuintes para a procura ávida de estoques, por mais tentadores que esses estoques possam ser) são evidentemente inúteis para os mercados orientados para o consumidor e, cada vez mais, também para governos de estado, que agem mais e mais como beaguins e xerifes locais em nome do comércio e das finanças extraterritoriais. [...] eles são verdadeiramente *redundantes*, *inúteis*, *disponíveis*, e não existe nenhuma “razão racional” para a sua presença contínua... A única resposta *racional* para essa presença é o esforço sistemático para excluí-los da sociedade “normal” - ou seja, a sociedade que se reproduz por meio do jogo da oferta ao consumidor e escolha do consumidor, mediado pela atração e sedução (BAUMAN, 1998, p. 77).

Para o autor, esta incriminação da pobreza, esta brutalização dos pobres vem surgindo como um substituto para o estado de bem-estar, uma resposta para a pobreza numa época em que “os pobres eram o exército de reserva da mão-de-obra e se esperava que fossem preparados para voltar ao processo produtivo” (BAUMAN, 1998, p. 78). A chave, segundo Bauman (1998), para o problema vigente da (in)justiça social “reside em um problema tão ostensivamente diminuto quanto o ato moral primordial de assumir responsabilidade para com o Outro²⁴ próximo, a pequena distância – para com o Outro enquanto Rosto” (BAUMAN, 1998, p. 90).

“Os pobres de hoje são, antes e acima de tudo, *consumidores falhos*, incapazes de tirar vantagem dos tesouros tantalizantemente exibidos a seu alcance, frustrados antes do ato, inabilitados mesmo antes de experimentar” ((BAUMAN, 1998, p. 227). Ademais, o receio de ser um consumidor falho e/ou o desejo de ser um consumidor

²⁴ Não se trata aqui do Outro lacanianiano, “cujo discurso é o inconsciente, que se manifesta nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes e que, por ser da ordem do simbólico, é tecido de linguagem e pode ser “encarnado” no Outro do amor – inclusive o amor de transferência” (QUINET, 2012, p. 7), disponível em: <http://www.zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/t1463.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

ideal pode levar, a nosso ver, muitos professores a trabalharem em 2 ou 3 instituições, com aulas nos 3 períodos, uma vez que, só desta forma, beirando o esgotamento físico e mental, conseguem estar na roda do mercado. Afinal, as escolhas não estão acessíveis a todos e “os seres humanos só podem fazer escolhas significativas do seu modo de viver em contraste com um plano de fundo de alternativas que só pode chegar até elas por intermédio da língua e tradição cultural de sua sociedade” (BAUMAN, 1998, p. 237).

Terminamos esta seção de uma forma “pessimista”: não há fórmula mágica ou um grande mestre da arte de ser livre que nos leve a tomar decisões sempre acertadas se apenas seguirmos passo a passo suas instruções e regras. Trata-se de algo de ordem individual, singular, do fazer de nossa vida uma obra de arte única, de acordo com Foucault, como veremos mais adiante. No fim das contas, não temos nem a certeza de nossa escolha se nos fosse permitido escolher entre a ansiedade gerada pela liberdade ou o conforto oferecido pela certeza. Num mundo que tem passado por “um processo de completa e inexorável ‘incertização’” (BAUMAN, 1998, p. 251), a liberdade é nosso destino e, conseqüentemente, o mal-estar que a acompanha.

A amarga experiência em questão é a experiência da *liberdade*: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas conseqüências de toda escolha, do constante medo de impedir as futuras e, no entanto imprevistas possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer” (BAUMAN, 1998, p. 227).

O terceiro livro sobre mal-estar, o do brasileiro Joel Birman, que abordaremos na sequência, apesar de ter como objetivo delimitar o mal-estar da/na psicanálise na atualidade, interessa-nos, neste estudo, por abordar as condições sócio-históricas da Pós-Modernidade, as novas formas de mal-estar na cultura e os novos tipos de subjetividade forjados no mundo contemporâneo em que vivemos, formas estas, segundo o próprio Birman (1999), ainda não “escutadas” por muitos psicanalistas devido a certas tendências teóricas da área.

Tal livro foi escrito dois anos após o de Bauman, que acabamos de abordar, ou seja, no mesmo contexto sócio-histórico-ideológico de mudanças e incertezas e de falsas estabilidades, no ano final da década de 90, ano de expectativas em relação ao novo

milênio, de dúvidas inúmeras, inclusive se haveria o *bug* do milênio ²⁵ e se o mundo acabaria em breve, conforme algumas previsões antigas. Passemos, então, ao mal-estar do fim do século XX.

1.3 O mal-estar em Birman (1999)

O livro é dividido em quatro eixos que configuram os destinos do desejo no mal-estar da atualidade: (1) os impasses da psicanálise; (2) as novas formas de subjetivação; (3) os psicofármacos e as drogas pesadas; (4) a violência. Deter-nos-emos apenas nas novas formas de subjetivação e no contexto sócio-histórico no/pelo qual elas têm emergido. Uma das questões levantadas por Birman (1999) é o esquecimento por parte da psicanálise da presença do corpo na experiência do sujeito, isso quer dizer que boa parte da comunidade analítica “se esqueceu de que a subjetividade sofrante tem um corpo e que é justamente neste que a dor literalmente se enraíza” (BIRMAN, 1999, p. 21). Porém, não basta apenas lembrar-se do corpo. O autor salienta que “a questão da afetividade é absolutamente crucial para que se possa ficar no mesmo comprimento de onda dos sofrimentos atuais, já que a *intensidade* e o *excesso* pulsional seriam características marcantes desses sofrimentos” (BIRMAN, 1999, p. 21).

Logo nas páginas iniciais, há a menção do livro do mestre vienense, sobre o qual já discutiremos em 1.1, ressaltando que, para além da contraposição dos polos da pulsão e da civilização, o que instigava o pai da psicanálise era “o estatuto do sujeito no mundo moderno” (BIRMAN, 1999, p. 17), indagações que, conforme Birman (1999), nos perturbam ainda hoje. Para este, a leitura freudiana da modernidade está inscrita numa problemática bem mais abrangente, com a qual filósofos como Nietzsche, Heidegger e o sociólogo Weber também se ocupavam, a do “desencantamento do mundo, o

²⁵ Termo usado para se referir ao problema previsto para ocorrer em todos os sistemas informatizados na passagem do ano de 1999 para 2000, que gerou um medo coletivo de que os computadores da época não entendessem a mudança e, que com isso, houvesse uma pane geral em sistemas e serviços. Felizmente, tal medo não se concretizou da forma esperada.

Fonte: <https://mundoestranho.abril.com.br/ciencia/o-que-foi-o-bug-do-milenio/>. Acesso em: 14 jan. 2018.

esvaziamento dos deuses e a racionalização crescente da existência forjada pelo discurso da ciência” (BIRMAN, 1999, p. 18).

Com base em Lasch (1979) e Debord (1992), Birman (1999) discorre sobre a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo, nas quais “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (BIRMAN, 1999, p. 23). O psicanalista brasileiro menciona que há uma fragmentação da subjetividade nas últimas décadas no Ocidente e que esta “não é apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas” (BIRMAN, 1999, p. 23), nas quais o eu tem primazia, ou seja, há o autocentramento.

A subjetividade na cultura do narcisismo de Lasch e o sujeito da cultura do espetáculo de Debord vivem constantemente em um registro espetacular, no qual só lhe interessa o enaltecimento da própria imagem, não tendo o outro nenhuma importância, isto é, a solidariedade quase inexistente, já que esta tem por base a alteridade, as relações inter-humanas. Hoje, em suma, nas palavras do autor,

[...] o que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto (BIRMAN, 1999, p. 25).

O sujeito, nestas culturas, é regulado por gestos voltados para a sedução do outro e, como consequência, “a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento” (BIRMAN, 1999, p. 188). O ser e o parecer são idênticos na sociedade do espetáculo. “Nesse sentido, o sujeito se transforma numa máscara, para exterioridade, para a exibição fascinante e para a captura do outro” (BIRMAN, 1999, p. 189). Parece que as fronteiras e oposições entre o original e a cópia inexistem, pois “o *simulacro* perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade e do que é real” (BIRMAN, 1999, p. 188).

Na cultura do narcisismo, o autocentramento provoca um excesso de exterioridade, traduzido na demanda de espetáculo e de *performance*, que regula a estetização da existência de modo a possibilitar o gozo ao sujeito por meio da admiração que provoca no olhar do outro. A inexistência da interiorização pelo sujeito evidencia

que o autocentramento é uma modalidade de existência do sujeito fora-de-si. Deste modo, esse sujeito autocentrado é

[...] efetivamente fora-de-si, pois é exterioridade por excelência. Na condição de fora de si, essa modalidade de autocentramento é valorizada socialmente na cultura do narcisismo. O problemático é quando o sujeito não é assim e é recusado pela sociedade, como acontece com os panicados e os deprimidos (BIRMAN, 1999, p. 171).

Professores panicados (com síndrome do pânico) e deprimidos abundam nos dias atuais, infelizmente. Como já apontado na introdução deste trabalho, inúmeras pesquisas versam sobre o mal-estar na/pela docência, as enfermidades que acometem os docentes na Pós-Modernidade e os problemas referentes à sala de aula pós-moderna²⁶. O fato de considerar o outro em detrimento de si pode aumentar o mal-estar do docente, uma vez que a sociedade do narcisismo e do espetáculo espera, ou melhor, demanda sujeitos autocentrados, voltados para si com o intuito de exhibir-se aos demais. Neste contexto, as pessoas retraídas, reflexivas e sonhadoras, outrora na moda, não estão conforme a moral vigente de exaltação e exibicionismo exacerbados. Segundo Birman (1999, p. 191), “a mundaneidade contemporânea valoriza os carreristas e oportunistas, que sabem utilizar os meios de se exhibir e de capturar o olhar dos outros, independente de qualquer valor”. Ainda, de acordo com o autor, “o que está sempre em pauta é a transformação do sujeito inseguro, deprimido e panicado em cidadão da sociedade de espetáculo” (BIRMAN, 1999, p. 248).

No cenário atual, “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (BIRMAN, 1999, p. 24). Conforme o autor, o *ethos* da atualidade parece ser definido pelo lema “cada um por si e foda-se o resto [...] já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado” (BIRMAN, 1999, p. 25). Dito de outro modo, já não se reconhece mais o outro em seus atributos da alteridade: diferença e singularidade. Com isso, as relações inter-humanas, quando existem, são agonísticas e perturbadoras e o outro, neste contexto, serve apenas e momentaneamente para aumentar a autoimagem, como possibilidade de extração do gozo, custe o que custar. “Saquear o outro, naquilo

²⁶ Referimo-nos aos muitos “novos” desafios que o campo educacional e os educadores têm que encarar nos dias atuais, como a relatividade do tempo e a cultura da auditoria aplicada à educação; a transformação das pessoas em objeto e da educação em produto/mercadoria; a ênfase ao superficial e ao banal em detrimento de reflexão mais profunda; a disseminação de informações com o uso da tecnologia e da informática; a valorização excessivas de modelos educacionais vindos de outros países e uma certa crença nas metodologias ativas como redentoras; entre outros.

que ele tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo nosso de cada dia” (BIRMAN, 1999, p. 25).

Uma transformação radical pela qual passamos/estamos passando mudou completamente a constituição das subjetividades. Em uma ordem social tradicional, mais comum no passado, o sujeito era/é regulado pela longa duração e permanência das instituições e das regras, o que lhe proporciona(va) a sensação de segurança e de certeza. Nesse mundo, tudo era/é previsto ou previsível e sua cartografia, com todas suas (im)possibilidades,

[...] é traçada com caminhos bastante precisos. As sendas e descaminhos são muito bem desenhados, aliás. E, se “viver é perigoso”, como nos diz o personagem Riobaldo, de Guimarães Rosa, certamente é bem menos perigoso existir na sociedade tradicional. Isso porque as escolhas e opções do sujeito são fixadas em detalhes há muito estabelecidos na memória coletiva. Com isso o potencial de angústia e de incerteza fica bastante restrito. Consequentemente, a experiência originária de desamparo do sujeito fica regulada de maneira eficaz em função da fixidez e da longa duração do sistema de regras (BIRMAN, 1999, p. 78).

A modernização do social provocou muitas mudanças na constituição da subjetividade, obrigando-a a se remodelar constantemente “em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social, que se realizam de maneira intensiva e extensiva” (BIRMAN, 1999, p. 79). O mapa perde seu valor de fornecer rotas precisas, seguras e certas, que nos levem ao destino esperado de forma suave. O mundo tradicional de outrora é/foi

[...] desmapeado, perdendo seu traçado de linhas claras e precisas. A geografia fica borrada pela história, perdendo sua nitidez e a simplicidade de seus desenhos. O mundo adquire uma dimensão de infinitude, já que as rotas e os caminhos se multiplicam numa espécie de espiral ascendente. Incrementa-se muito, dessa maneira, o potencial de incerteza do sujeito. A insegurança e a angústia se multiplicam, como consequência. Estas se transformam em sua qualidade, assumindo novas formas anteriormente inexistentes, além de seu aumento quantitativo. Em função disso, o desamparo do sujeito se incrementa bastante, revelando-se o tempo todo como uma ferida exposta e sangrenta. Enfim, o sujeito passa a se inscrever num mundo que lhe abre muitas possibilidades, mas que também lhe aponta muitas impossibilidades existenciais (BIRMAN, 1999, p. 79).

Hoje, em substituição aos mapas precisos, a nosso ver, precisamos dos GPS (Sistema de Posicionamento Global, *Global Positioning System*, em inglês), que recalculam a rota a cada equívoco cometido. Fazendo um paralelo com a teoria darwinista, atualmente, aquele que mais se adapta às mudanças constantes de rota, aos terrenos inesperados e inóspitos da contemporaneidade ou, em termos birmanianos, aqueles que conseguem fazer uma boa gestão do seu mal-estar e do desamparo

constitutivos, conseguirão (con/sobre)viver, sem lançar mão dos psicofármacos e das drogas pesadas que apenas amenizam ou escondem as incertezas e inseguranças com as quais temos que conviver nos dias atuais, sem esconder-se por detrás das religiões e/o quaisquer terapias alternativas²⁷, que hoje abundam, na busca incessante e incansável por soluções rápidas e indolores. Talvez a aprendizagem e a aplicação de práticas de si/exercícios espirituais, dos quais trataremos mais adiante, possam não resolver as questões, dissipar as incertezas ou aportar soluções, mas pode auxiliar-nos a fazer uma melhor gestão do desamparo e do mal-estar inerentes à vida humana. Em outras palavras, funcionar como um GPS.

Sobre as drogas, cabe aqui trazer as colocações de Jurandir Freire Costa (1999)²⁸, para quem o problema reside no fato de que as drogas do prazer, divulgadas na mídia como *lifestyle drugs*, são legalizadas. Segundo Costa (1999), atualmente,

consumimos, em escala gigantesca, tranquilizantes, hipnóticos e antidepressivos, amanhã poderemos, perfeitamente, fazer uso legal de morfina, cocaína e heroína. Quem e o que decidirá quais drogas serão boas ou más serão os interesses econômicos dos mafiosos e dos patrões da indústria farmacêutica e não a retidão de caráter de uns poucos homens de boa vontade. E qualquer decisão tomada, muito provavelmente, visará manter o modo de vida e as engrenagens do lucro que exigem mais e mais drogas para que possamos, simplesmente, dormir, trabalhar, nos divertir, fazer amor, sentir prazer ou suportar um cotidiano feito de brutalidades, injustiças e perda da razão de viver (ORTEGA, 1999, p. 19).

A este respeito, Birman (1999), chama nossa atenção para o fato de que não devemos esquecer-nos de que vivemos em um tempo histórico marcado por um nível de desamparo muito alto, provocado pelo fim das utopias, o que leva os sujeitos a buscarem desesperadamente soluções aliviadoras imediatas, como os psicofármacos, as drogas pesadas e também as terapias alternativas e a religião, que acabamos de mencionar. O autor salienta que “a vida implica mais do que a sobrevivência. Isso porque viver implica risco e desafio, para que se possa circular pela navegação turbulenta nos mares insondáveis” (BIRMAN, 1999, p. 35), mares repletos de incertezas, nos quais o sujeito “pode traçar na carne o seu destino singular pela construção de um estilo de existência” (BIRMAN, 1999, p. 36). Afinal, como já apontou Freud, há quase cem anos, a felicidade não pode ser alcançada por uma fórmula

²⁷ Dentre elas, acupuntura, aromaterapia, ioga, *watsu*, geoterapia, quiropraxia, *shiatsu*, *reiki* etc.
Fonte: <https://claudia.abril.com.br/saude/11-tipos-de-terapias-alternativas-para-aliviar-a-dor-e-o-estresse/>. Acesso em: 14 jan. 2018.

²⁸ No prefácio do livro “Amizade e Estética da Existência em Foucault” de Francisco Ortega, cujas referências constam neste trabalho.

universal, como o discurso iluminista propunha, ou seja, “a dita civilização do progresso material, fundada na ciência e na técnica, não pôde realizar, pois, a suposta felicidade ampla, geral, irrestrita” (BIRMAN, 1999, p. 38). E esta desilusão, este desamparo instauraram o mal-estar na época de Freud, que persiste até os dias atuais, que é o mesmo, mas diferente.

É importante destacar que nos séculos XVIII e XIX uma das questões que mobilizaram as Ciências Humanas e a Filosofia foi a problemática da civilização. Esta também foi uma das questões freudianas, como já vimos em seção anterior deste trabalho. Inicialmente, Freud acreditava numa possível conciliação entre pulsão e civilização. Porém, segundo Birman (1999), em sua segunda versão, “o sujeito é obrigado a realizar a gestão do conflito nos campos político e social, pois seria regido pelos laços sociais” (BIRMAN, 1999, p. 140). Em outras palavras,

[...] pela primeira versão, rigorosamente não existiria o desamparo do sujeito, ou este seria curável, pois a auto-regulação da natureza protegeria a subjetividade. Entretanto, pela segunda leitura, o desamparo seria, não apenas inevitável, mas também incurável, já que não existiria qualquer proteção originária para o sujeito. Por isso mesmo, impõe-se ao sujeito a exigência da gestão do mal-estar e do desamparo, pelo registro horizontalizado dos laços sociais (BIRMAN, 1999, p. 142).

Conseguir suportar ou gerir a dor provocada pelo desamparo é o grande desafio da atualidade. “Isso porque as subjetividades demandam ainda uma cura para o desamparo e o mal-estar. A ilusão continua lá, intacta, nos corações e mentes dos indivíduos” (BIRMAN, 1999, p. 144). Esse desamparo produzido pela Modernidade teve como uma de suas consequências devastadoras a produção de individualidades homogêneas que conduz, de acordo com Birman (1999), ao individualismo, a uma sensação de desamparo nunca antes vivenciada e até ao masoquismo devastador. Nessa posição de desamparo, o sujeito “pode construir efetivas possibilidades de sublimação e de criação, pela construção de uma forma singular de existência e de um *estilo* próprio para habitar seu ser” (BIRMAN, 1999, p. 45), acreditando que “da fronteira com o horror do impossível, o sujeito vai advir” (BIRMAN, 1999, p. 46). Porém, a característica principal da sociedade de massa na qual vivemos “é justamente a homogeneidade das individualidades, pois estas não apresentam nem certa singularidade em seu ser nem um estilo próprio de existência” (BIRMAN, 1999, p. 47-48). Para Freud, a via de escape de tal desamparo era a sublimação, que segundo o psicanalista brasileiro é “a produção de algo que seja da ordem do sublime, no que isso significa de

ruptura com a homogeneidade, em oposição ao *belo*” (BIRMAN, 1999, p. 49). Por meio dela, “a força pulsional se encaminharia para a busca de novas ligações e de novos objetos de investimento” (BIRMAN, 1999, p. 63).

Contudo, houve uma transformação gigantesca da ordem do sujeito e do desejo na passagem da sociedade moderna à pós-moderna. Com isso, o sujeito “não consegue mais acreditar, como anteriormente, que pode transformar a si mesmo e ao mundo com seu desejo, de maneira a poder reinventar a si mesmo e a ordem social” (BIRMAN, 1999, p. 82). Dito de outro modo, a crença no desejo como condição de reinvenção de si mesmo foi uma das perdas provocadas pela Pós-Modernidade. “Assim, as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo” (BIRMAN, 1999, p. 85).

Ser sujeito na Pós-Modernidade é “ter de recomeçar insistentemente seu percurso singular, ter de lidar com seu desamparo em um mundo em que universalidade e totalidade não mais existem” (BIRMAN, 1999, p. 95). Por isso, estamos todos a todo momento buscando, cada um a seu modo, a resposta para a pergunta “o que devo fazer?”, esperando desesperadamente por uma fórmula mágica que amenize a dor do desamparo, da angústia, que aplaque as dúvidas e as incertezas e que nos mostre para onde ir de forma segura. Entretanto, há quase um século, foi-nos apontado que tal “pó de pirlimpimpim” inexistente.

Muitos questionamentos foram suscitados pela leitura da obra sendo resenhada. Dentre eles destacamos: todo este mal-estar na/pela docência seria decorrente do fato de que os professores se preocupam demais com seus alunos e/ou familiares e não consigo mesmos ou com criar uma aparência disso tudo? Seriam eles consumidos pelo sistema, pela “obrigação” de dar conta das múltiplas tarefas, pela incessante tentativa de alcançar metas, a ponto de se esquecerem de que têm um corpo? Tais questões levantadas visam a problematizar ainda mais o (não) cuidado (de si) docente, foco desta pesquisa. Respostas a elas possivelmente não encontraremos, nem é este o intuito de um trabalho na perspectiva adotada, mas sim questionar, tentar fazer com que quem escreve e/ou vier a ler este trabalho procure pensar, agir, sentir e ser diferente, ainda que apenas um pouquinho.

Fazendo um paralelo com a educação, o ato de educar, a profissão docente não escapa desta “onda” e acaba focando suas ações na cópia de métodos, metodologias,

abordagens com o intuito de homogeneizar o aprendizado dos alunos, crendo que o sucesso obtido em outra(s) escolas, em outro(s) contexto(s) pode ser replicado e repetido. Esquecemo-nos de que construir a singularidade é algo da ordem do artesanal, algo irrepetível e, por isso, único e valioso. A homogeneização acaba por gerar mais desespero e angústia, tanto nos discentes quanto nos docentes, a nosso ver.

Como na experiência analítica, o professor deve estar sempre se perguntando quais as consequências da transferência para a vida do sujeito depois que a escola/análise terminar, indagando-se constantemente sobre a responsabilidade envolvida na educação/análise e lembrando-se de que o ato de ensinar, assim como o ato de analisar, “não é destituído de riscos e perigos para os interlocutores do processo, pelos percalços e impasses impostos aos sujeitos como efeitos imprevisíveis produzidos pela densidade própria da experiência analítica” (BIRMAN, 1999, p. 99) e também da experiência educacional.

Neste contexto, a função do psicanalista e, acreditamos também a do professor, é “escutar o desejo do sujeito e ser o suporte para a formulação de uma demanda, e não agir e satisfazer o que lhe é pedido” (BIRMAN, 1999, p. 204), questão para a qual já nos alertou Elzira Yoko Uyeno (*in memoriam*) em suas aulas e textos sobre “aulas gozosas”, nas quais há apenas gozo e o evitamento do mal-estar e do desamparo. O papel do professor muda nestas condições: ele passa de transmissor de informações para facilitador de aprendizagem, aquele que ajuda os alunos a aprenderem por si mesmo, a se conhecerem melhor, em outras palavras, a instituição de ensino “deve permitir que os sujeitos e os saberes sejam (re)visitados e (re)inventados” (CAVALLARI, 2013, p. 13). Nosso papel, como docentes, não é o de desejar algo pelos alunos, mas, sim, ajudá-los a direcionarem-se ao próprio desejo, portanto, nesta perspectiva, a função tanto do professor como do aluno no processo de ensino e aprendizagem muda.

Não se trata, clinicamente, de ignorar ou de deixar de atender à demanda do aluno e suas necessidades educacionais, mas sim de despertar o desejo de saber, colocando alunos e professores, eventualmente, no lugar de aprendizes, lembrando que algo, inevitavelmente, sempre precisará faltar para mobilizar o desejo e para possibilitar a elaboração e a (trans)formação do saber (CAVALLARI, 2013, p. 12).

Birman (1999) também ressalta o lado político do ato de psicanalisar e, para nós, o mesmo ocorre com o ato de educar, ambos repletos de relações de força e prestígio.

Os efeitos da transferência²⁹ têm reflexos imediatos e bem precisos no campo social, onde seus destinos se escrevem em formas claras de materialidade, como “identidade de analista, reconhecimento do analista pelos seus pares, inserção do psicanalista no mercado simbólico de emblemas e insígnias, e no mercado social da clínica psicanalítica” (BIRMAN, 1999, p. 105). O mesmo, a nosso ver, aplica-se à educação, ou seja, é possível fazer uma substituição no trecho acima da palavra (psic)analista por professor e de clínica psicanalítica por educação.

Ainda para o autor “as reformas institucionais no campo psicanalítico não conseguiram tocar, de fato e de direito, o que está em pauta nesse imbróglio”³⁰ (BIRMAN, 1999, p. 106), tampouco as realizadas no campo da educação, ousamos dizer. Infelizmente, conforme Birman (1999), “nem sempre os analistas querem saber muito sobre o que está em jogo nesse impasse, tal a angústia que isso provoca. Assumem, então, a placidez histérica da *belle indifférence* [...] [ou] defrontem com ela sob a forma de evitamento sistemático” (BIRMAN, 1999, p.109-110). Outra vez, atrevemo-nos a dizer que muitos educadores também adotam tais posturas, como já apontamos na introdução deste trabalho, talvez como forma de defesa uma vez que não suportariam um incremento em sua angústia e desamparo próprios, imagine se fossem preocupar-se com a angústia e o desamparo de seus alunos e de seus pares.

Birman (1999) alega que proporcionar ao sujeito a possibilidade de invenção, de ruptura com a cadeia das repetições se mostra ainda como uma perspectiva viável para a Psicanálise, pois, segundo ele, o que leva o sujeito a lidar de outra forma com sua tradição teórica e técnica e, em consequência, renova um campo do saber é a liberdade de dizer e de pensar. Porém, para isso, “é preciso ousadia para experimentar a angústia do desamparo e as incertezas do processo psicanalítico” (BIRMAN, 1999, p. 120), tendo em mente que “o que os analisandos não suportam é a ausência do analista” (BIRMAN, 1999, p. 71), uma vez que a presença viva do analista é essencial para a acolhida do impacto das forças pulsionais, a simbolização que pode permitir o domínio das feridas traumáticas. O mesmo se aplica, em nosso entendimento, aos professores e

²⁹ Com base em Gillio et al. (2009), temos que o termo “transferência” para Freud designa o deslocamento do afeto de uma representação para outra; já para Lacan, ela está relacionada à presença do analista. Dentro da visão lacaniana, há duas formas de manejá-la: o mau manejo, que tenta adequar a análise a uma suposta realidade e o bom manejo, cuja interpretação está baseada na pulsão do inconsciente.

³⁰ Para mais informações a respeito das reformas institucionais mencionadas pelo autor, recomendamos a leitura de TENÓRIO, F.: ‘A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. **História, Ciências, Saúde**, Manginhos, Rio de Janeiro, vol. 9(1): 25-59, jan.-abr. 2002.

ao processo educacional. E são estas brechas, as possibilidades de ruptura, ainda que ínfimas, que nos mobilizaram a realizar esta pesquisa.

Antes de revisitarmos Freud por meio de Saroldi na seção seguinte, conforme Birman (1999), acreditamos que é necessário enfatizar que

[...] foi no vazio existencial produzido pela evaporação das visões de mundo, numa ordem social inteiramente perpassada pela ciência, que o desamparo do sujeito se tornou agudo e assumiu formas até então inexistentes. O mundo desencantado e sem Deus, marcado pela absoluta racionalização científica, produziu formas inéditas de desamparo quando as utopias do Iluminismo e da modernidade foram silenciadas. Nessa medida, não podemos desarticular o sucesso mundano do narcotráfico da difusão massiva dos psicotrópicos pela psiquiatria e pela medicina, pois ambos se inserem no mesmo vazio existencial que produziu novas formas de mal-estar na civilização. Assim, nos interstícios do mundo desencantado, onde as ideologias redentoras do Iluminismo não têm mais qualquer apelo existencial, o desamparo do sujeito se recoloca, assumindo novas formas vigorosas e desesperantes. A busca de proteção face à angústia se empreende pelas formas de religiosidade que se apresentam como novas ofertas de salvação. Porém, para os incrédulos é preciso buscar os efeitos dionisiacos das drogas pelo narcotráfico e o silenciamento da dor psíquica pelos psicotrópicos (BIRMAN, 1999, p. 229-230).

Em outras palavras, há “um esforço da Pós-Modernidade de erigir uma cultura centrada no evitamento da dor e do sofrimento psíquicos” (BIRMAN, 1999, p. 243). Os ansiolíticos sedam a angústia e excitações excessivas; os antidepressivos, por sua vez, as paixões depressivas. Busca-se a normalização dos humores intempestivos naturais ao ser humano e “a promoção dos paraísos artificiais (Baudelaire) e do gozo pelas drogas pesadas” (BIRMAN, 1999, p. 243). Lembrando que, para este sujeito, não há tempo a perder, pois “*time is money*” e a solução ou resposta para suas dores e angústias deve ser rápida para que ele possa prontamente voltar à sua atuação. O sujeito “perde suas relações com as ideias de tempo e história. Com isso, o que importa é a pontualidade do momento, do estrito tempo no presente, que se avoluma na existência do sujeito” (BIRMAN, 1999, p. 245). E, ainda, “o sujeito se esvai progressivamente da possibilidade de dominar livremente seu tempo, engolido que é pelas montagens quantificantes do social” (BIRMAN, 1999, p. 267). Posto de outro modo, seu tempo deve ser gasto com formas de exhibir-se aos outros por meio de carros, casas, viagens e outros bens, ainda que para isso tenha que trabalhar 12 horas por dia, sem ter tempo para o SER, para o ESTAR com seus entes queridos, seus animais de estimação e seu jardim, para fazer algo por/para si, sem importar-se com os demais, suas opiniões, ou e também se isso lhe trará ou não benefícios financeiros. Enfim, há tempo apenas para sobreviver e não para (con)viver.

Ademais, Birman (1999) alerta-nos de que não se trata de buscar uma interpretação dos problemas sociais, no caso deste trabalho educacional, com base nas características psíquicas dos sujeitos em questão, mas de tentar refletir sobre DE QUE FORMA “a ordem simbólica e política do social é a condição de possibilidade para a produção de sujeitos que funcionam segundo certas regularidades psíquicas e não conforme outras, também possíveis” (BIRMAN, 1999, p. 295).

A primeira década do ano 2000³¹, do século XXI, na qual foi escrito o livro de Saroldi (2011), está repleta de mal-estares provocados por acontecimentos dos que, apesar de serem parte de nossas “História recente”, preferimos deles não nos recordarmos. Foram vários atentados, por exemplo, nos Estados Unidos 11.09.2001 e na Espanha em 11.03.2004; tsunamis, como o que atingiu países da Ásia e África em 2004; furacões, como o Katrina nos Estados Unidos em 2005; terremotos devastadores, por exemplo, o na China em 2008; o temido vírus da gripe *Influenza A* (Gripe Aviária 2003-2006 e Gripe Suína em 2009); “mudanças” políticas, como a eleição de Hugo Chaves (2001), de Lula (2003) e de Barack Obama (2009) e a “aposentadoria” de Fidel Castro (2008); a crise financeira ao redor do mundo, eclodindo primeiramente nos Estados Unidos em 2008 e atingindo a Europa e a Grécia (2010-2011); entre tantos outros acontecimentos que somados às mazelas individuais, têm nos exigido muita resiliência e resistência, enfim, demanda a gestão do mal-estar ubíquo e constante.

A próxima e última obra sobre mal-estar da qual trataremos tem como intuito mostrar-nos que o livro de Freud, com o qual iniciamos este capítulo, tem relevância ainda hoje, pois como sua autora, Nina Saroldi (2011), menciona ao final, “mais importante do que saber se o mal-estar da civilização a que pertencemos melhorou ou não é constatar que ele persiste e isso vem ao encontro das teses de Freud no livro” (SAROLDI, 2011, p. 156). Afinal, como aponta a autora, não há como realizar uma aferição do sofrimento em diferentes épocas e culturas, tampouco ao longo dos diferentes estágios da vida de uma pessoa, ou seja, “não é possível afirmar se o mal-estar melhorou ou piorou” (SAROLDI, 2011, p.156). Cabe ressaltar que tal obra foi escolhida não só devido à ponte que procura construir entre os tempos freudianos e os pós-modernos em que vivemos, mas porque Nina Saroldi fala do lugar de professora, ou

³¹ Para reviver tal década de forma breve e concisa, utilizamos o blog: <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2012/02/primeira-decada-do-seculo-xxi.html>

seja, a obra em questão também proporciona reflexões sobre a educação à luz do mestre de Viena.

1.4 Retorno ao mal-estar freudiano (2011)

O livro está dividido em três capítulos. O primeiro traz o contexto de produção da obra revisitada. Nele, a autora traz importantes textos e conceitos de Freud, mostrando-nos como foram construídas as ideias contidas no livro de 1929. No segundo capítulo, a autora resenha a obra em questão. No terceiro capítulo, no qual focaremos esta seção do trabalho, ela faz a ponte entre os tempos freudianos e os dias atuais, valendo-se de autores como Zizek, Lipovetzky e Bauman, para procurar elucidar as novas faces do mal-estar e seus novos sintomas.

Diferentemente do final do século XIX e do início do século XX, “a maior parte dos sofrimentos atuais se deve não à falta de possibilidades ou ao excesso de proibições, e sim ao excesso de ofertas e ‘virtualidades’” (SAROLDI, 2011, p. 128), pelo menos para uma parte da população “mais privilegiada”. Já não há para o sujeito dos dias atuais, segundo a autora, limites entre o permitido e o proibido, apenas entre o factível e o impossível, este devido a impedimentos jurídicos ou físicos. Este sujeito é constantemente impelido à cansativa tarefa de ser autêntico nas mínimas tarefas do dia a dia, como a de escolher um xampu entre tantas marcas e tipos disponíveis no mercado, como ilustra a autora. Observa-se aí uma das mudanças radicais entre tempos de Freud e o nosso. Nas palavras da autora,

a mudança de lugar que a ideia de *renúncia* (ao princípio de prazer), considerada por ele fundamental para a vida civilizada, sofreu na atual ordem das coisas. Na hierarquia dos valores que movem a sociedade, a importância da renúncia e do sacrifício pulsionais em nome do bem-estar coletivo foi solapada pela importância conferida ao prazer – na forma de gozo irrestrito – e à diversão, à leveza (SAROLDI, 2011, p. 127).

Neste contexto, a coletividade serve apenas de plateia para a exibição individual. “Nada deve reprimir a busca por prazer de cada um, de realização ‘pessoal’ no trabalho e nos afetos, nem mesmo as leis coletivas que servem para proteger o indivíduo da violência” (SAROLDI, 2011, p. 131), com a qual o outro pode tentar feri-lo. Ademais,

“nada deve impedir o indivíduo de expressar seus anseios e desejos individuais” (SAROLDI, 2011, p. 131).

A autora também apresenta o problema da perda da noção de norma nesse contexto, no qual a exceção vira a regra, as fronteiras entre o normal e o anormal são destruídas e a norma “se torna cada vez mais vaga, sempre sujeita a revisões e discussões capazes de aniquilar seus sentidos” (SAROLDI, 2011, p. 133). Toda e qualquer norma de validade universal precisa esmerar-se em “não ferir suscetibilidades individuais; exigência que é em si mesma contraditória e, naturalmente, impossível de ser atendida, salvo por um feliz acaso” (SAROLDI, 2011, p. 134).

Porém, o sujeito contemporâneo tem outra demanda, a da liberdade individual, nesse caso, liberdade de buscar o prazer e, como menciona a autora e também como já apontamos via Bauman em seção anterior, para que a liberdade “flua sem freios, a segurança do indivíduo é necessariamente posta em risco” (SAROLDI, 2011, p. 134). A antiga e obstinada busca pela certeza é substituída pela aposta, ou seja, o que está em questão é a capacidade ou não de se arriscar. “Aquele que teima em procurar um refúgio seguro acaba inevitavelmente padecendo no mundo pós-moderno, já que nada é digno de confiança, pelo menos não para sempre” (SAROLDI, 2011, p. 135). Daí vem, conforme a autora, a demanda crescente por flexibilidade no mercado de trabalho. Tamanho é o valor dado ao arriscar-se e ao apostar que há um autor mencionado por Saroldi (2011), Robert Kurz, que trata o capitalismo atual como “capitalismo cassino” e, de acordo com Saroldi (2011), a sintomatologia daqueles que vivem no mundo do jogo, das apostas altas e constantes, é composta por “insônia, ansiedade, depressão, transtornos alimentares, transtorno de déficit de atenção, esvaziamento interior, incapacidade de pensar de maneira não instrumental” (SAROLDI, 2011, p. 134). Há, conforme a autora (2011), uma plateia que nos impossibilita pensar de uma forma mais livre, que constrange o pensamento.

Ainda sobre a questão da norma, o sujeito de nossa época “não se sente necessariamente culpado por ter transgredido alguma norma; ele se sente culpado, muitas vezes, por ter recuado diante da norma que se viu tentado a burlar” (SAROLDI, 2011, p. 141). Isso porque o discurso social atual não tem como proposta a renúncia do gozo/prazer imediato para sua possível obtenção no futuro, como nos tempos do mestre de Viena. O discurso atual nos incita de todas as formas, gritando incessantemente “descubra sua sexualidade, realize seu eu, sua vocação, encontre uma tradição religiosa

ou mística que lhe convenha... (Basta se deter diante de uma banca de jornais e ler as chamadas para entender do que estou falando)” (SAROLDI, 2011, p. 140). Discurso este facilmente visível e audível, bastando ligar a TV e ver, por exemplo, um comercial de bebidas alcoólicas dizendo “beba com moderação”, frase na qual, o prazer da bebida é ressaltado em detrimento da moderação, pelo uso do verbo no imperativo afirmativo que interpela o sujeito. Sem falar nas belas praias, lindas mulheres etc. que tais propagandas usam para vender a imagem do gozo/prazer associado ao beber. Conforme Saroldi (2011), trata-se de um hedonismo contemporâneo, “verdadeiramente único [...] [pois] com a ordem de gozar, vem um alerta contraditório para gozar com segurança, como os avisos do Ministério da Saúde nos maços de cigarro, aos quais a maioria dos fumantes já se acostumou” (SAROLDI, 2011, p. 141, inserção nossa). Vale aqui lembrar as antigas propagandas de cigarros, agora proibidas, nas quais os fumantes apareciam cavalgando, fazendo esportes aquáticos, sempre em lugares exóticos e paradisíacos, em bela companhia. Tudo para incitar o gozo momentâneo, sem ao menos mencionar a possibilidade de risco futuro à saúde dos fumantes. Porém, é possível dizer que essa proibição levou à diminuição do número de fumantes ou ao menos a maior conscientização dos riscos do fumo?

A autora (2011) salienta a importante mudança na função do supereu ocorrida desde os tempos de Freud até hoje. Para o pai da Psicanálise, de acordo Saroldi (2011), “seu papel é regular o funcionamento social de cada um, de modo que ele cumpra a função que a sociedade requer dele [...] deve capacitar o sujeito a renunciar a boa parte da satisfação pulsional para tornar possível a vida coletiva” (SAROLDI, 2011, p. 139), evitando, desse modo, sua autodestruição ou a dos outros ao seu redor.

Porém, a sociedade de consumo, ressalta a autora, demanda por um supereu que incite o gozo ilimitado e irrestrito, que não pode ser satisfeito por nenhum objeto possível. “Gozar, portanto, torna-se um verbo intransitivo na sociedade na qual o grande negócio é negociar sempre” (SAROLDI, 2011, p. 137). Neste panorama de gozo, o narcisismo contemporâneo, como a autora aponta, com base em Lipovestky, é o do “seja autêntico e faça do seu corpo e da sua vida sexual o que quiser, mas nem pense em engordar ou envelhecer...” (SAROLDI, 2011, p. 137).

Semelhantemente, no supereu zizekiano, “a ordem de sentir prazer em cumprir o dever se confunde com o dever de sentir prazer” (SAROLDI, 2011, p. 137), ou seja, o supereu “nos obriga a, em primeiro lugar, sentirmos prazer naquilo que somos

obrigados a fazer” (SAROLDI, 2011, p. 137). Mudança esta, primeiramente apontada por Lacan, salienta a escritora. Para o psicanalista francês, o supereu, de interditor do gozo, como nos tempos de Freud, passou a ser o seu mandante. Para ilustrar esta obrigação que nos é imposta, sem que muitas vezes a notemos, a autora salienta a manobra atual das empresas para que os funcionários se sintam como “colaboradores”, procurando criar “um vínculo de devoção do empregado em relação à empresa, de modo a que ele trabalhe como se estivesse em família, em busca de sua própria realização espiritual” (SAROLDI, 2011, p. 137), incitando-o, a nosso ver, a superar as expectativas sempre, na busca incessante por ser bem visto e bem quisto pelos superiores e por obter uma promoção que lhe permita trocar de carro, de casa, enfim, ter acesso às opções disponíveis no mercado, às quais seu gerente, seu supervisor tem, e ele ainda não.

Evocando o filósofo Vladimir Safatle, Saroldi (2011) menciona que o “supereu atual atende à passagem da sociedade de produção [...] para a sociedade do consumo. Nela, a renúncia ao gozo e a parcimônia nos prazeres simplesmente não são convenientes, não fazem com que a roda da economia gire” (SAROLDI, 2011, p. 141). Somos incitados a trocar de carro a cada ano, ainda que o nosso ainda esteja praticamente novo ou a comprar a moda (roupas, sapatos e acessórios) da nova estação, com suas novas cores, estampas e formas que serão descartadas no ano seguinte; as crianças são levadas a desejarem novos materiais escolares, ainda que os do ano anterior estejam praticamente intactos... Eis apenas alguns dos inúmeros exemplos que permeiam a sociedade consumista. Ou seria consumida?

E nesse mundo, no qual se tem a sensação de que tudo é possível, qualquer frustração pode ganhar proporções enormes. Nesse mundo agitado e apressado, não há mais lugar para o luto, ou seja, para o trabalho de elaboração diante de uma perda, que pode ser longo e nem sempre bem sucedido. “É preciso que haja um reconhecimento e uma aceitação da perda, ou seja, o sujeito precisa se reconhecer como faltoso” (SAROLDI, 2011, p. 145-146), o que não condiz com a sociedade atual. Em uma cultura altamente narcisista e consumista, qualquer perda, até a mais simples e inevitável do dia a dia, é superdimensionada, “devemos aproveitar todas as ofertas, mesmo as que não nos interessam, e acumular milhas para a viagem que, provavelmente, não teremos tempo ou dinheiro para fazer” (SAROLDI, 2011, p. 146). Nesse contexto, o luto é evitado a todo custo por meio de outras formas de lidar com as perdas ou, muitas vezes, é interrompido antes que a elaboração do mesmo tenha sido

realizada. Isso, segunda Nina Saroldi (2011), é uma das causas principais do mal-estar atual.

Contra perdas inevitáveis surgem novas fantasias de onipotência: o remédio que não só aplacará a dor como proporcionará felicidade, o procedimento estético que nos trará uma beleza sonhada, o curso mágico que nos dará um lugar de destaque em nossa área de atuação... O que outrora poderia ser percebido como uma pequena perda pode causar, na sociedade de promessas em que vivemos atualmente, danos narcísicos exagerados, na medida em que qualquer perda – pequena ou grande – significa um confronto com a castração e o reconhecimento de nosso desamparo fundamental, constitucional (SAROLDI, 2011, p. 146).

Isto quer dizer que o mundo atual não tolera o luto, pois este exige concentrar-se em si mesmo, leva tempo e demanda reflexão. O mundo atual, com suas inúmeras exigências e também distrações, no qual sofremos pressões da família, do trabalho, da sociedade como um todo, não nos dá o direito ao luto. A autora faz uso da frase do compositor e escritor carioca, Fausto Fawcett, para ilustrar a forma como vivemos hoje em dia, “como se alguém tivesse gritado ‘ação’ em um set de filmagem” (SAROLDI, 2011, p. 149), ou seja, não podemos parar de atuar. “Permitir-se tempo para sofrer é algo que não convém. O luto, além de atrapalhar o trabalho e a equação da funcionalidade que rege o curso dos acontecimentos, é considerado desagradável à convivência social” (SAROLDI, 2011, p. 150), pois é tido, pela maioria, como perda de tempo e isso está “proibido” no mundo atual para o qual “*time is money*”. Porém, “sem o luto não é possível o devir amoroso” (SAROLDI, 2011, p. 150), ressalta a autora. Infelizmente, muitos preferem uma “solução mais prática, barata e rápida em tratamentos medicamentosos ou em grupos de apoio mútuo” (SAROLDI, 2011, p. 160). Paciência, perseverança, temperança... virtudes cultivadas, em outros tempos, não são mais tão bem vistas na atualidade. Estamos presos entre dois extremos e, segundo a autora, “uma das questões mais urgentes é a ruptura do laço que une a onipotência imaginária, de um lado, à depressão, do outro” (SAROLDI, 2011, p. 167).

Há na sociedade contemporânea, na qual “cada um trabalha para si mesmo, para pagar suas contas e, nos melhores casos, se sentir bem consigo mesmo” (SAROLDI, 2011, p. 165), um esvaziamento da interioridade, ou seja, uma dificuldade enorme de questionar-se e de responsabilizar-se pela própria vida. É como se navegássemos pela vida no piloto automático sem implicar-nos e/ou refletirmos sobre os altos e baixos do trajeto, sem a consciência de que a liberdade do plantio leva à obrigatoriedade da colheita. Isso aliado a uma tendência atual forte da busca por reparação ou compensação

por quaisquer danos sofridos, reais ou não; no fato de que “na falta de referências tradicionais ou mesmo de ideais, o desejo se ancora na inveja pura e simples” (SAROLDI, 2011, p.161) instiga, aumenta, o mal-estar vivenciado. Ao menor sinal de que um outro qualquer esteja gozando mais do que ele próprio, o sujeito sente-se também merecedor e fará tudo para gozar também.

E a educação? E os docentes? Nina Saroldi, na condição de professora de ética no ensino superior, tece alguns comentários a este respeito. A autora (2011) fala da impossibilidade do trabalho e do estudo em uma sociedade na qual há uma “necessidade imperiosa de se divertir, o horror ao tédio e aos espaços não preenchidos por informações” (SAROLDI, 2011, p. 128). Há uma busca por um saber “leve” e divertido, aulas gozosas já mencionadas anteriormente. Porém, a autora adverte que “sem esforço e sem alguma dose de tédio não é possível construir um saber genuíno, para além da simples colagem de informações. Aliás, fartamente distribuídas e fáceis de obter graças às novas tecnologias” (SAROLDI, 2011, p. 128). Neste contexto, os professores, na opinião da autora, abrem mão, inclusive, “do direito de avaliar seus alunos e comunicá-los, por mais penoso que isso possa ser, as efetivas diferenças de qualidade entre eles” (SAROLDI, 2011, p. 128).

Saroldi (2011), baseada em Melman, fala também da dificuldade que “os professores têm de efetivamente ensinar hoje em dia, já que 90% do tempo em sala de aula é gasto na discussão de regras do funcionamento do curso, da relação professor/aluno e, sobretudo, dos critérios de avaliação” (SAROLDI, 2011, p. 161). A autora também fala da inversão no papel do avaliador e/ou no sujeito ao qual é dado o direito de avaliar. Conforme ela, nas instituições de ensino privadas, principalmente, são os alunos que avaliam os seus docentes, e não os professores que avaliam seus alunos. Como nas empresas, nas instituições de ensino, a avaliação é feita em 360 graus, “todo mundo avalia – e é avaliado – por tudo mundo. Como se não houvesse – nem na educação, nem no trabalho, nem na família – uma instância de poder e de saber superior a todas as outras” (SAROLDI, 2011, p.162). Melman está, de acordo com a autora, perplexo diante de um novo homem, um homem que denominou de “homem sem gravidade”, o que demonstra certa nostalgia por parte dele “de uma estrutura edípica ‘tratável’ que não dá mostras de estar disponível à subjetividade das novas gerações” (SAROLDI, 2011, p. 162).

No tempo de Freud, havia uma configuração psíquica calcada na renúncia e na submissão aos ditames de um pai ainda severo. Hoje o pai severo se tornou, muitas vezes, um adolescente crescido, e a função paterna, como diria Jacques Lacan, parece ter ficado vaga na sociedade (SAROLDI, 2011, p. 162).

A este respeito, Mrech (2008), partindo de Freud e buscando avançar, salienta que educar é uma das profissões impossíveis porque “sempre há algo que nunca se totaliza, que não se fecha, já que lidamos com um conteúdo que sempre escapa”, ou seja, o educador, assim como o psicanalista, nunca educam ou analisam da forma como querem, “exercem sua profissão sem que haja um controle efetivo delas” (MRECH, 2008, p. 20) e esse algo que não permite o controle, que emerge é o inconsciente. Além disso, como uma de suas principais ferramentas de trabalho é a linguagem, essa “aparente comunicação é atravessada o tempo todo pelo mal-entendido, pelo equívoco, por aquilo que não faz sentido” (MRECH, 2008, p. 20). A autora salienta a importância de considerar estas “falhas” na comunicação, pois, por meio delas, é possível ter acesso a formações do inconsciente. Ensinar, na perspectiva lacaniana, não é sinônimo de instrução, doutrinação, adestramento e outros, mas sim ultrapassar as práticas estandardizadas, ou seja, “é a recusa de todo tipo de sistema fechado, de modo a descobrir um pensamento em movimento e dinamizar tudo aquilo que estava sendo estudado, como uma convocação ao processo de criação, à estruturação do novo” (MRECH, 2008, p. 21). Trata-se da visão de ensino dialética de Freud, aprimorada por Lacan. Mrech (2008) apresenta sete características desta forma de ensinar ou de transmitir.

- 1) Somente há ensino quando “aquele que ensina conseguir tocar o outro, ou seja, se ele conseguir desencadear algo no outro” (MRECH, 2008, p. 22);
- 2) Não se trata da transmissão de um conteúdo pronto e acabado, mas de um processo em constante movimento;
- 3) O professor tem que pôr um pouco de si, envolver-se, implicar-se;
- 4) Deve-se partir do não-saber, que instiga a investigação de novos conteúdos;
- 5) É importante que haja a castração nesse processo, ou seja, o professor deve deixar o papel de detentor do saber e mostrar-se faltoso, dividido, constantemente instigado pelo não-saber;
- 6) O professor deve abandonar a posição de mestre e passar à posição daquele que busca e investiga;

- 7) É importante que do ensino saia algo novo, “que dê continuidade ao que fora estabelecido a partir dos interesses de seus próprios alunos” (MRECH, 2008, p. 23).

Vale aqui mencionar que a concepção de saber da Psicanálise é da ordem do não-todo, pois “devido ao inconsciente, há sempre algo que escapa e que não se consegue alcançar” (MRECH, 2008, p. 23). A controvérsia desta visão para com uma visão mais tradicional de educação, ainda em vigência, é que esta tem como objetivo “eliminar os furos no saber” e apresentar a aprendizagem da maneira mais completa e precisa possível. Um dos motivos é o fato de a educação atual ser da ordem do universal, da totalidade, ou seja, uma única educação para todos os sujeitos envolvidos, esquecendo-se que educar é, no fundo, da ordem da singularidade. Esta controvérsia, a nosso ver, pode também ser mais uma das fontes de mal-estar na docência.

No meio de todo este imbróglio, como diria Birman, Saroldi (2011) disse que se lhe fosse permitido sugerir algum “tratamento” para os males atuais, ela recomendaria “adquirir um certo distanciamento do *Zeitgeist*³² globalizado, maior consciência de suas mazelas e até mesmo perguntar-se se não somos nós, os críticos, os verdadeiros doentes, mal-adaptados ao clima do momento” (SAROLDI, 2011, p. 166).

Como observamos nesta seção e em todo este capítulo primeiro teórico, em meio às incertezas do mundo contemporâneo, é necessário encontrar formas singulares de gestão do mal-estar, partindo do reconhecimento de que ele não só existe, mas também nos constitui. Mas, de que modo? Para Saroldi (2011), “cabe a cada um descobrir, contando com sua própria constituição psíquica e, inclusive, com sua capacidade de sublimação” (SAROLDI, 2011, p. 155). Uma das possibilidades é constituir-se ética e esteticamente, fazer de sua existência uma obra de arte, como aponta o filósofo Francês Michel Foucault, tema do próximo capítulo deste trabalho.

³² *Zeitgeist* é um termo alemão que significa espírito da época/ do tempo; o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo em uma determinada época.

CAPÍTULO II: LIBERDADE, GOVERNAMENTALIDADE E CUIDADO DE SI

*No será nuestra vida un túnel
entre dos vagas claridades?*

*O no será una claridad
entre dos triángulos oscuros?*

*O no será la vida un pez
preparado para ser pájaro?*

*La muerte será de no ser
O de sustancias peligrosas?*

XXXV

2.1 A trajetória de Michel Foucault

A obra foucaultiana é vasta e complexa, em constante (re)construção e (trans)formação, cobrindo três eixos da experiência, o da verdade, o do poder e o do sujeito. “Nos anos 60, concentrou-se no eixo da verdade (ou do saber), nos anos 70 no eixo do poder e nos anos 80 no sujeito” (ORTEGA, 1999, p. 36). Porém, tais eixos estão entrelaçados, imbricados, sendo impossível estabelecer limites e datas precisos para a passagem de um ao outro ou ainda dizer que determinado eixo foi abandonado/substituído pelo autor. Por este motivo, alguns críticos, muitos do quais habituados a um modo homogêneo, padronizado e unificado de fazer ciência, alegam que sua trajetória é constituída por “saltos, reorientações e inconseqüências” (ORTEGA, 1999, 43).

Diante de tantas obras, de temas tão importantes problematizados pelo filósofo francês, o recorte escolhido nesta pesquisa é composto pelas reflexões foucaultianas a partir de 1978, conforme tabela abaixo³³, organizada por Veiga-Neto (atualizada em fevereiro de 2016), especificamente os cursos: *Subjetividade e verdade* (1980-1981); *A*

³³ Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/Cursos%20no%20Col%20France%20-%2029fev16.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

hermenêutica do sujeito (1981-1982), lecionados pelo autor no *Collège de France*, pouco antes de seu falecimento.

Tabela 1: cursos ministrados por Foucault no *Collège de France* por Veiga-Neto³⁴

ano	curso	f	e	p	obs.
1971	<i>A vontade de saber</i>	x	x	x	
1972	<i>Teorias e instituições penais</i>	x	x		
1973	<i>A sociedade punitiva</i>	x	x	x	
1974	<i>O poder psiquiátrico</i>	x	x	x	
1975	<i>Os anormais</i>	x	x	x	
1976	<i>Em defesa da sociedade</i>	x	x	x	Título original: <i>É preciso defender a sociedade</i>
1977	<i>ano sabático</i>				
1978	<i>Segurança, território e população</i>	x	x	x	
1979	<i>Nascimento da biopolítica</i>	x	x	x	
1980	<i>Do governo dos vivos</i>	x	x	x	Excertos. Edição organizada por Nildo Avelino
1981	<i>Subjetividade e verdade</i>	x	x		
1982	<i>Hermenêutica do sujeito</i>	x	x	x	
1983	<i>O governo de si e dos outros</i>	x	x	x	Também conhecido como <i>O governo de si e dos outros I</i>
1984	<i>A coragem da verdade</i>	x	x	x	Também conhecido como <i>O governo de si e dos outros II</i>

As obras/cursos sobre os/as quais nos determos fazem parte da chamada terceira fase de Foucault, na qual o filósofo passa a pensar sobre as questões de poder-saber, intrinsecamente ligadas ao discurso e aos sujeitos, mas por outro ângulo: debruça-se sobre as técnicas e o governo de si. Vale, porém, mencionar que o próprio

³⁴ Legenda: francês (f); espanhol (e) e português (p)

autor reconhece tardiamente, no texto *O sujeito e o poder* (1995), que o sujeito foi o interesse central de suas pesquisas e obras. Sobre esta fase, Ortega (1999) ressalta que após 8 (oito) anos de silêncio depois da publicação de *Vontade de saber*. Foucault lança, como continuação, os livros *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*. Segundo Ortega (1999, p. 31) “surge um novo curso na trajetória foucaultiana: a dupla ontologia de saber-poder transforma-se em uma tripla de saber-poder-sujeito. Um novo elemento é acrescentado: o si mesmo (*soi*)”. Porém, Ortega (1999) salienta que

não faz sentido falar de um regresso no pensamento foucaultiano, que reintroduziria “pela porta dos fundos” um sujeito previamente recusado de maneira tão pomposa. Se em seus últimos trabalhos Foucault fala do sujeito, não se trata do sujeito epistêmico ou genealógico, mas de um sujeito ético, constituído através de práticas de si. A análise do pensamento e da existência de Foucault entre 1976 e 1984 testemunha assim um suave deslizamento, mais do que um salto ou uma ruptura (ORTEGA, 1999, p. 45).

Ainda segundo Ortega (1999), muitas das pesquisas sobre a obra foucaultiana limitam-se ao estudo de sua produção dos anos 60 e 70. Nossa pesquisa está, neste aspecto, em consonância com o propósito da pesquisa de Ortega (1999, p. 21), o de “concentrar-se nos últimos escritos de Foucault, ainda pouco estudados, cuja verdadeira dimensão ético-política, até agora, não tem sido compreendida”. De acordo com Ortega (1999, p. 21-22), alguns conceitos-chave foucaultianos, como *ascese*, *conversão* e *parresia*, são, muitas vezes, negligenciados devido ao fato de, em parte, não terem “uma tematização sistemática no *corpus* foucaultiano – não são tratados, por exemplo, diretamente na *História da Sexualidade* – embora tenham seu foro numa multidão de artigos, conversações e conferências”.

Ademais, debruçar-nos-emos sobre conceito de governamentalidade proposto pelo autor em seu curso de 1978, intitulado *Segurança, território, população*, conceito que emergiu ao fazermos a escuta do *corpus* coletado. Trata-se de um conceito muito importante para o entendimento da estética da existência proposta por Foucault. Afinal, como nos questiona Avelino (2011, p. 26), “como apreender esse percurso analítico que, passando pela análise do governo ou governamentalidade, levou do tema Poder-Saber para a estética da existência?”. Tarefa difícil quando se trata de uma obra tão repleta de deslocamentos, de idas e vindas, tão aberta a possibilidades variadas de (re)leitura e de (re)interpretação. Porém, atrevemo-nos a (re)visitar parte da fase genealógica do poder, animados pelas palavras do próprio Foucault, no final do curso de 1979, sobre o exercício do poder. Para ele, trata-se de uma prática

muito singular da qual os homens não podem escapar, ou que escapam apenas por momentos, instantes, por processos singulares e atos individuais ou coletivos; que coloca ao jurista, ao historiador [e ao professor], toda uma série de problemas singulares, toda uma série de problemas; esse exercício do poder como é possível regrá-lo e determiná-lo naquele que governa? (FOUCAULT, 2004, p. 314-315 apud AVELINO, 2011, p. 27, inserção nossa).

E para governar os indivíduos, “é preciso uma relação de si consigo, são necessárias tecnologias de si”, não havendo “produção de obediência possível sem tecnologias de si” (AVELINO, 2011, p. 32). Por este motivo, Avelino (2011) ressalta que, a partir de 1980, os cursos de Foucault passam a centrar-se nas racionalidades para o governo das condutas, racionalidades estas entendidas por Foucault como “os conjuntos de prescrições calculadas e razoáveis que organizam instituições, distribuem espaços e regulamentam comportamentos” (AVELINO, 2011, p. 32).

Para Ortega (1999), se Foucault não houvesse operado um deslocamento no eixo do poder, que o conduziu à noção de governo, teria sido impossível passar para o outro eixo, o do sujeito, pois, segundo Ortega (1999, p. 37), “somente depois de ter sido realizado o deslocamento Foucault pode passar do governo dos outros para o governo de si a fim de introduzir a temática da autoconstituição”.

Atrelado a este conceito, está o de liberdade, que será abordado com base em Foucault e também em autores pós-foucaultianos, como Gordon (1991), Rose (2010) e Ball (2013). A noção de liberdade em Foucault é tida como a condição para as relações poder-saber. Destacam-se na reflexão foucaultiana da chamada terceira fase, as técnicas de si, um trabalho genealógico da ética, presente nos dois últimos volumes da *História da sexualidade*. As técnicas de si estão inevitavelmente atreladas às técnicas de governo e administração dos outros. Porém, há em Foucault uma confiança na liberdade como possibilidade de criação de si e de rompimento com o estabelecido, e não como uma mera filiação a um tipo de pensamento. Dito de outro modo, na possibilidade de pensar e ser diferente, de fazer da existência uma obra de arte. Cabe adiantar que a (não) existência de brechas para o pensar de modo diferente o cuidado (de si) será rastreada nas falas dos sujeitos-professores-participantes.

Além de ser um prolífico escritor, segundo Ball (2013), em 12 dos 13 anos em que foi professor no *Collège de France*, Foucault, anualmente, ministrou uma série de 12 aulas às quartas, de janeiro a março. Suas aulas atraíam um grande público, normalmente em torno de 500 pessoas, com seus inúmeros gravadores. Nelas, o filósofo

apresentava um novo trabalho e/ou um trabalho em andamento, usando tais aulas para experimentar argumentos e linhas de questionamento. Ball (2013) salienta que, além das aulas, Foucault concedeu várias entrevistas a jornalistas e acadêmicos e palestrou/lecionou tanto quanto escreveu. No final de sua vida, deu uma série de palestras/aulas em Berkeley e Vermont sobre o dizer a verdade e o cuidado de si, foco desta pesquisa. Foi em 1980, precisamente em Berkley, que Foucault estende a temática das práticas de governamentalidade “a Sócrates e Sêneca, apresentando pela primeira vez a expressão técnicas de si” (ORTEGA, 1999, p. 42), cara a esta pesquisa.

A respeito das aulas de Foucault, ao fazer a apresentação do livro “O governo dos vivos”, organizado por Nildo Avelino, Veiga-Neto comenta que, mesmo após mais de 30 anos de terem sido proferidas, as palavras de Foucault retornam,

como sempre, palavras cortantes, brilhantes, provocativas; como sempre, o estilo refinado mas não afetado; como sempre, a profusão de detalhes mas sem o ranço da erudição vazia; como sempre, os argumentos complexos mas urdidos com fios límpidos de um discurso claro, direto e fluente. Ao lermos cada aula, vai se descortinando diante de nós aquele que Nogueira (2010) chamou de o “Foucault professor”, bem diferente daquele “outro Foucault” [...] um Foucault que se apresenta para nós em pleno processo de criação e que parece estar conversando com seus ouvintes enquanto vai elaborando suas ideias. Isso é feito de uma forma tal que ao lermos cada aula, ficamos com a nítida impressão de que se está escutando o filósofo... (VEIGA-NETO, 2011, p. 13).

Ainda sobre o “Foucault Professor”, Ball (2013) enfatiza que, com a invenção do seu título “Professor de História dos Sistemas de Pensamento”, ele desejava mostrar-nos que não tinha relação com as tradicionais linhas de pensamento, que sempre buscava novas e diferentes formas de pensar.

Suas fontes filosóficas e teóricas eram tão vastas e variadas que sua erudição assusta a muitos. Entre elas, encontram-se Platão, Nietzsche, Heidegger, Canguilhem, Dumezil, Hyppolite, Weber, Kant etc. Nos primeiros contatos, costuma deixar perplexos os que se atrevem a ler suas obras, não apenas por sua erudição, mas também pela subversão da organização normal dos textos acadêmicos, por sua forma própria de argumentar, pelo uso de metonímias e metáforas, entre outros. Assim, a leitura de Foucault pode ser “um labirinto no qual me aventuro... e no qual posso me perder” (MIDELFORT, 1980, p. 249 apud BALL, 2013, p. 11). Diante de toda essa “dificuldade” para ler seu trabalho, Ball (2013) lembra-nos de que Foucault deve ser lido em seus próprios termos, pois seus textos são

um convite para participar do exercício de pensar sobre um problema, para engajar-se na coprodução de ideias. Ele deixa pontos de entrada abertos aos

leitores para que apresentem e sustentem seus sentidos, mas nunca facilita as coisas. Ele está sempre experimentando novas ideias e saindo pelas tangentes (BALL, 2013, p. 12).

Ball (2013) salienta que, quando se lê Foucault, podemos ter a sensação de que tudo é um prelúdio para algo que ainda virá, algo que parece sempre nos escapar, estar fora de nosso alcance. Isto porque o filósofo francês tem uma trajetória em desenvolvimento, ou seja, “em construção, movimento, mudança ao longo do tempo, com seus distintos pontos de transição, ainda que algumas linhas de raciocínio tenham sido abandonadas e becos sem saídas encontrados” (BALL, 2013, p. 16). Para ilustrar os deslocamentos foucaultianos, Ball (2013), com base em Flynn (2005) apresenta a tabela abaixo, que nos sugere como ou por meio de quais deslocamentos Foucault teria chegado aos temas ou conceitos de sua última fase, a qual nos interessa nesta pesquisa.

Tabela 2: Deslocamentos foucaultianos por Ball (2013)

Saber	> Poder/Saber	> Verificação (jogos de verdade)
Dominação	> Poder	> Governo
Indivíduos	> Sujeitos	> Si

Fonte: Ball (2013, p. 27)

Outra questão importante levantada por Ball (2013) sobre os vários “Foucaults”, como dizem diferentes autores, por exemplo, um de seus biógrafos, Eribon, é o fato de que “diferentes Foucaults foram criados em diferentes tradições culturais e intelectuais em diferentes locais, e ainda, como indicado acima, Foucault se fez diferente ao longo do tempo e nós o lemos diferentemente agora do que fazíamos antes” (BALL, 2013, p. 24). Diante de todo o exposto, Ball (2013) ressalta que há algumas possibilidades e também impossibilidades de se “fazer Foucault”, de encontrar, na caixa de ferramenta de Foucault, pontos por onde começar, lembrando-nos de que “Foucault não foi, em seus próprios termos um teórico, nem tentou desenvolver uma teoria social geral, mas sim engajado em desenvolver ‘conhecimento estratégico’ tijolo a tijolo” (BALL, 2013, p. 32).

Antes de passarmos à terceira fase, faremos uma breve passagem pela biografia e pelas obras de Foucault, tomando por base os livros introdutórios ao pensamento foucaultiano de Castro (2014) e de Veiga-Neto (2005) e a esclarecedora introdução da versão brasileira do livro *Microfísica do Poder*, intitulada “Por uma genealogia do

Poder”, escrita por Roberto Machado. Vale mencionar que, conforme Ortega (1999), a relação estreita entre a vida e o pensamento Foucault constitui uma das razões que impedem muitas pessoas até de se interessar por sua obra, a nosso ver, talvez por preconceito acadêmico, por exemplo, o advindo de marxistas ortodoxos pelo fato de Foucault não abordar, de forma geral, as lutas de classe; ou por preconceitos de ordem pessoal relacionados, especialmente relacionados a questões de sexualidade.

Iniciemos com alguns aspectos de sua vida. Paul-Michel Foucault nasceu em 1926 e faleceu precocemente, aos 58 anos, em 1984. Ele teve dois irmãos, Francine, um ano mais velha, e Denys, sete anos mais novo. Filho de Anne-Marie Malapert e Paul-André Foucault, cirurgião, professor de Anatomia na Escola de Medicina de Poitiers, onde o sogro, também cirurgião, havia lecionado.

Embora tenha sido um aluno brilhante no Liceu Henri IV de Poitiers, sua cidade natal, Foucault fracassa na primeira tentativa de admissão à *École Normale Supérieure*, o que talvez tenha sido um capricho do destino, pois ,no curso preparatório para a nova tentativa, teve como professor de filosofia Jean Hyppolite, cujos ensinamentos marcaram-no profundamente. Este estimado professor, a quem substituiu mais tarde no *Collège de France*, foi, a nosso ver, umas das fontes de inspiração das pesquisas sobre o cuidado de si. Afinal, como o próprio Foucault disse, ele tinha uma “voz que não cessava de retornar-se a si mesma, como uma meditação dentro de seu próprio movimento” (FOUCAULT, 1994, t. 1, p. 779 apud CASTRO, 2014, p. 151).

Foi um acadêmico extremamente prolífico, fato que surpreende a muitos por sua vida conturbada, com internações, relacionamentos homoafetivos, tentativas de suicídio, entre outros fatos. Licenciou-se em Filosofia em 1948 e em Psicologia em 1949. Em 1952, obteve o diploma de especialização em Psicopatologia e, em 1953, em Psicologia Experimental. Apresentou duas teses de doutorado, a principal em 1958, intitulada “Loucura e desrazão: história da loucura na Época Clássica”, tendo como orientador Georges Ganguilhem e, em 1959, ano em que faleceu seu pai, a secundária, nomeada de “*Genèse et structure de l’anthropologie de Kant*”.

De 1953 até sua morte, viveu em e/ou visitou vários países, dentre eles Suíça, Suécia, Polônia, Estados Unidos, Japão, Tunísia e Brasil. Devido às suas viagens, durante o importante movimento de protesto de estudantes e trabalhadores em maio de 1968, Foucault não estava na França, encontrava-se na Tunísia. Visitou nosso país cinco vezes, ministrando palestras e cursos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Sobre a

experiência na Tunísia e no Brasil, Foucault disse: “provavelmente só no Brasil e em Túnis encontrei estudantes tão sérios e tão apaixonados, com paixões tão sérias, e o que mais me agrada, a avidez absoluta de saber” (FOUCAULT, 1994, t. 1, p. 584 apud CASTRO, 2014, p. 153).

Entre seus pares/interlocutores, encontram-se grandes intelectuais franceses. Dentre eles, destacamos Louis Althusser, Jacques Lacan e Gilles Deleuze. Ademais, segundo o próprio Foucault, Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, de Berkeley, com suas perguntas, reflexões e grande exigência, foram muito importantes em sua trajetória, pois provocaram um deslocamento teórico e metodológico em suas pesquisas. O ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso também esteve entre seus interlocutores.

Com seu tamanho furor acadêmico e os brilhantes interlocutores com os quais conviveu, é mais fácil entender a inter/multi/transdisciplinaridade de suas pesquisas e de seus livros. Além disso, muitas aulas gravadas e transcritas mostram que no pensamento de Foucault, segundo Castro (2014, p. 74-75)

sempre houve deslocamentos: se introduzem novos temas, os já estudados são abordados em novas perspectivas, se formulam novas hipóteses, se estabelece uma relação crítica com os trabalhos precedentes, etc. Porém, seria errôneo pensar que em determinado momento Foucault introduz um problema que antes estava ausente, como o poder, e tudo muda, o arqueólogo se torna de um golpe genealogista e as investigações precedentes são deixadas de lado. [...] esses deslocamentos no pensamento de Foucault não são rupturas, mas torsões, movimentos em torno de um eixo.

Eixo este, apontado pelo próprio autor, como sendo o *sujeito*, o *ser/existir*, ou ainda questionamentos como: quem somos?; o que nos tornamos?; o que poderíamos termos tornado?; o que fizeram de nós?; o que fazemos com o que fizeram de nós?

Levando em conta os deslocamentos foucaultianos, Nikolas Rose (2010), em seu livro “*Powers of freedom*”³⁵, defende uma relação com a obra foucaultiana “que seja mais solta, mais inventiva e mais empírica” (ROSE, 2010, p. 4-5). Já Fimyar (2009, p. 51) sugere que devemos estar cientes “do generoso convite de Foucault para usar e adaptar seus conceitos em determinados contextos empíricos, ao invés de tratá-los em um enquadramento teórico fechado”.

Após a breve biografia, tecida apenas com alguns dos inúmeros fios de uma vida tão intensa e marcante, passemos aos dois domínios iniciais de sua vasta obra, de acordo com tripartição sugerida por Morey e adotada por Veiga-Neto (2005): ser-saber e ser-

³⁵ A leitura foi realizada em língua inglesa e a tradução feita por nós livremente.

poder, também chamadas de arqueológica e genealógica, bases para o ser-consigo, ou arqueogenealógica, foco desta pesquisa e sobre a qual discorreremos na próxima seção. A título de ilustração, trazemos abaixo duas tabelas que mostram as possibilidades de divisão e de interpretação da vasta e “diversa” produção foucaultiana, obras estas que, conforme Castro (2014), “terminadas ou inéditas, são e seguem sendo uma fonte aberta - e talvez inesgotável – para o trabalho do pensamento” (CASTRO, 2014, p. 148). Afinal, o próprio Foucault, em “A Arqueologia do Saber”, deixa-se questionar ou é questionado a respeito.

Você não está seguro do que diz? [...] Como? [...] o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo (FOUCAULT, 2015, p. 21, supressões nossas).

Embora a divisão/separação das obras/temas seja, digamos, até incoerente com o fazer fluído e repleto de vaivens do nosso filósofo francês, muitos de seus comentadores realizam-nas com o intuito de melhor entender sua trajetória. Tais classificações não são divisões propriamente estritas, mas sim de caráter pedagógico apenas. Elas não se referem a diferentes objetos de estudos, mas à introdução, digamos de novos eixos de análise, uma ampliação da visão foucaultiana, pois para Foucault, como bem aponta Machado (1979, p. XI),

toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu incabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas interrelações, desenvolvendo implicações – mas que em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir do novo material trabalhado [... Em outras palavras,] realizar análises fragmentárias e transformáveis (supressão e inserção nossas).

Apesar de as divisões não terem sido propostas pelo próprio Foucault e de serem muito debatidas, elas são frequentemente encontradas em obras a respeito devido a seu cunho pedagógico, como mencionamos acima. Além da tabela 2, já apresentada, que traz os deslocamentos na Obra de Foucault propostos por Ball (2013), Veiga-Neto (2005) apresenta-nos duas outras divisões, estas propostas por Deleuze e por Morey que reproduzimos de forma adaptada abaixo.

Tabela 3: As fases foucaultianas por Deleuze

Fase Arqueológica O que posso saber?	Fase Genealógica O que posso fazer?	Ética Quem sou eu?
<ul style="list-style-type: none"> • História da loucura • Nascimento da clínica • As palavras e as coisas • A arqueologia do saber 	<ul style="list-style-type: none"> • Ordem do Discurso • Vigiar e punir • História da Sexualidade 1- Vontade de Saber 	<ul style="list-style-type: none"> • História da sexualidade 2- Uso dos prazeres • História da sexualidade 3 - Cuidado de si

Adaptada de Veiga-Neto (2005, p. 42)

Tabela 4: Domínios foucaultianos por Morey

Ser-saber	Ser-poder	Ser-consigo
Como nos tornamos o que somos, como sujeitos...		
de conhecimento	de ação	constituídos pela moral
<ul style="list-style-type: none"> • As Palavras e as coisas • A arqueologia do Saber • História da Loucura • O nascimento da clínica. 	<ul style="list-style-type: none"> • História da Loucura • Vigiar e punir • A ordem do discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • A história da loucura • História da Sexualidade

Adaptada de Veiga-Neto (2005, p. 48)

Já Castro (2014), em seu livro *Introdução a Foucault*, cujo objetivo “é traçar as grandes linhas de um balanço do pensamento de Foucault” (CASTRO, 2014, p. 11), balanço esse, necessário, mas, à la Foucault, provisório, organiza a trajetória bibliográfica de Foucault de forma diferente, em quatro capítulos, cada um tendo um eixo temático preciso. Eis a divisão apresentada por Castro (2014):

Tabela 5: eixos temáticos por Castro (2014)

A ilusão antropológica	A linguagem da literatura e o discurso dos saberes	A sociedade da normalização: do intolerável à governamentalidade	Verdade e cuidado de si mesmo
<ul style="list-style-type: none"> • Primeiras publicações • Teses de doutorado 	De “O nascimento da clínica” (1963) até “As palavras e as coisas” (1966)	<ul style="list-style-type: none"> • Vigiar e punir • A vontade de saber • Cursos no Collège de France de 1970 a 1979 	<ul style="list-style-type: none"> • História da Sexualidade II e III • Os últimos cursos

Além dos quatro capítulos, o livro traz uma conclusão intitulada *A modo de conclusão: a modernidade foucaultiana*, seguida de uma cronologia.

Passemos, então, à primeira fase, a fase arqueológica, que visou a “explicitar” os princípios de organização da medicina em épocas diferentes. Se considerarmos os livros *História da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966), notamos uma homogeneidade dos instrumentos metodológicos utilizados, que são sintetizados, clarificados e aperfeiçoados em *A Arqueologia do Saber* (1969). Esta homogeneidade dos instrumentos está relacionada, entre outros, “ao conceito de saber, o estabelecimento das descontinuidades, os critérios para datação de períodos e suas regras de transformação, o projeto de interrelações conceituais, a articulação dos saberes com a estrutura social” (MACHADO, 1979, p. IX). Em suma, esta fase buscava responder a “como os saberes apareciam e se transformavam” (MACHADO, 1979, p. X), eixo este que se deslocará para a questão do porquê, ou seja, “explicar o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes” (MACHADO, 1979, p. X), situando-os como elementos de um dispositivo de natureza estratégica, não apenas considerando-os como efeito ou resultante.

Já a fase genealógica tem como representantes emblemáticos os livros *Vigiar e Punir* (1975) e a *Vontade de saber* (1976), o primeiro dos 3 volumes da *História da sexualidade* publicados. A inovação, diferença, giro, transformação desta fase concerne à “introdução nas análises históricas da questão do poder como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes” (MACHADO, 1979, p. X). Porém, Machado salienta que não encontramos em Foucault uma teoria geral do poder. Para o filósofo francês, “não existe algo unitário, global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder [...] é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 1979, p. X) e que, nesta perspectiva, não é oriundo apenas do Estado, mas está articulado e imbricado a ele de vários modos, modos estes responsáveis inclusive por sustentar o Estado e fazer com que ele atue eficazmente.

Ainda sobre o poder, em *Microfísica do Poder*, as análises apontam para micropoderes, poderes periféricos, que “se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os micro-poderes existem interligados ou não

ao Estado” (MACHADO, p. 1979, XII), ou seja, o aparelho do Estado não é a origem única e absoluta do poder, é apenas um instrumento específico do sistema de poderes, sendo por este ultrapassado e complementado.

Ainda no que tange ao poder, ou melhor, às relações poder-saber, dois importantes conceitos propostos por Foucault são os de processos de subjetivação e de objetivação, que não são independentes e cujo desenvolvimento é mútuo, sendo ambos atrelados ao saber.

Cabe ressaltar que o sujeito sempre foi, conforme o próprio Foucault afirmou, sua maior preocupação, pois o autor adotou uma abordagem histórica da questão da subjetividade em oposição à posição cartesiana de sujeito. Em outras palavras, Foucault sempre pesquisou a história do sujeito ou dos modos de subjetivação/objetivação, história esta, que segundo Castro (2004, p. 518)³⁶, “muda de estilo, de objetos e de metodologia à medida que Foucault se desloca da questão da episteme ao dispositivo e, depois, às práticas de si” (CASTRO, 2004, p. 518). Trata-se da “história das práticas nas/pelas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição” (CASTRO, 2004, p. 518).

Castro (2004, p. 517-520), em seu vocabulário, na entrada subjetivação, ressalta que os modos de subjetivação/objetivação (práticas de constituição dos sujeitos) na obra de Foucault podem ser tomados em um sentido amplo, no qual modos de subjetivação são vistos como modos de objetivação, nos quais o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação poder-saber; ou em um sentido restrito, relacionado à ética foucaultiana, ética esta composta por 4 elementos: 1) a substância ética; 2) os modos de sujeição; 3) as formas de elaboração do trabalho ético; 4) a teleologia do sujeito moral. Tais elementos definem, de acordo com Castro (2004), a relação do sujeito consigo mesmo ou a maneira como o sujeito se constitui como sujeito moral. E são nestas formas morais que se evidencia

o elemento dinâmico dos modos de subjetivação, as formas de relação consigo mesmo, os procedimentos, as técnicas mediante as quais se elabora esta relação, os exercícios por meio dos quais o sujeito se constitui como objeto do conhecimento, das práticas que permitem ao sujeito transformar seu próprio ser (CASTRO, 2004, 519).

³⁶ Tradução livre nossa do espanhol.

Ainda segundo Castro (2004), encontram-se ao longo da obra de Foucault três modos de subjetivação/objetivação, apresentados, sinteticamente, em forma de tabela abaixo.

Tabela 6: Modos de subjetivação/objetivação

Modo	Livro(s) correspondente(s)	Exemplo
Modos de investigação que pretendem acessar ao estatuto de ciência.	As palavras e as coisas	Objetivação do sujeito produtivo na economia política.
Modos de subjetivação do sujeito por meio de práticas divisórias.	História da loucura; Nascimento da Clínica; Vigiar e punir	Separação dos loucos dos normais; dos enfermos dos sãos etc.
O modo como o sujeito se reconhece como sujeito de uma sexualidade.	História da sexualidade	Moral penitencial do cristianismo.

A este respeito, Revel (2005, p. 82) aponta que o termo “subjetivação” se refere a “um processo pelo qual se obtém a constituição do sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade”. Segundo a autora, os modos ou processos de subjetivação são inicialmente e constantemente constituídos por modos de objetivação “que transformam os seres humanos em sujeitos” (REVEL, 2005, p. 82), sendo “nesse sentido, práticas de objetivação; de um lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência” (REVEL, 2005, p. 82). Dentre os principais modos de objetivação, têm destaque as “práticas divisórias” que dividem o sujeito no interior dele mesmo ou em relação aos outros sujeitos para classificá-lo e fazer dele um objeto, por exemplo, são *versus* doentes; normais *versus* loucos; etc.

É significativo mencionarmos, ainda que brevemente, que os processos de objetivação e de subjetivação, ainda que muito imbricados, também possuem suas especificidades. Os processos de objetivação, sócio-historicamente legitimados e ratificados, exercem, dentre outras coisas, um poder sobre os corpos, tornando-os dóceis e permitindo a vida em sociedade. Foucault evidencia tais processos e seus efeitos/consequências em *Vigiar e Punir*. Já os modos de subjetivação costumam ser singulares, uma vez que cada sujeito se subjetiva de um modo diferente diante do poder-saber que incide em seus corpos e que é incorporado ou tomado como verdadeiro pela

sociedade na qual vive. É neste ponto que começam a ser levantadas por Foucault, com base na Antiguidade Clássica, questões como a da estética da existência, do fazer da vida uma obra de arte, conceitos estes caros a esta pesquisa.

Com relação à noção de verdade, Mascia (2002, p. 69-70), referenciada em Foucault (1984, p. 12), salienta que esta não existe fora do poder ou sem poder e que é produzida graças às múltiplas coerções que produzem efeitos regulamentados de poder, isto é, graças aos processos de objetivação. A autora salienta que cada sociedade tem seu regime de verdade ou os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sanciona uns ou outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

A noção de verdade foucaultiana, em sua fase arqueológica, estava atrelada à ciência e ao saber epistemológico e, mais tarde, sobretudo na fase genealógica, ao exercício do poder sobre os corpos. Em outras palavras, de acordo com suas posições ou do lugar de onde fala, o sujeito tem, a partir de uma instituição, o poder de saber a verdade sobre o outro.

A respeito da verdade, o próprio Foucault aponta no resumo do curso *Do governo dos vivos* que, na cultura ocidental, somos dirigidos não só por submissão e obediência, mas por atos de verdade nos quais “não somente o sujeito é obrigado a dizer a verdade, mas dizer a verdade sobre si mesmo, suas faltas, seus desejos, seu estado d’alma etc.” (FOUCAULT, 1997, p.101). O autor decide, então, ir em busca do “como” foi formado este tipo de governo dos homens. É seu 9º curso no *Collège de France*, o primeiro em que o filósofo revisita a História Antiga porque “sentiu a necessidade de fazer um recuo histórico, de modo a examinar a proveniência e emergência das práticas de governo que já estavam plenamente instauradas na modernidade ocidental” (VEIGA-NETO, 2011, p. 14), analisadas, em especial, no curso de 1979 – Nascimento da biopolítica. E ao realizar este deslocamento, o filósofo francês dá início ao terceiro eixo de sua ontologia histórica do presente, eixo denominado por Veiga-Neto de “domínio do ser-consigo”, fase naquela cujo questionamento central é “como chegamos a ser o que somos?”, ou seja, como nos constituímos como sujeitos de ação moral sobre nós mesmos. E é, segundo Veiga-Neto (2011, p. 15), com este questionamento que Foucault “abre a possibilidade radical de contestarmos aquilo que somos, de lutarmos

para não sermos mais o que fomos até agora e de buscarmos outras formas de ser e de estar no mundo”.

Ortega (1999, p. 103) diz que Foucault sempre se ocupou da relação entre sujeito e verdade, mas de pontos de vista diferentes, “a partir de práticas coercitivas ou de jogos teóricos e científicos, nos anos 60, e em relação às tecnologias de si nos cursos no Collège de France, nos anos 70 e 80”. Segundo Ortega, a pergunta formulada por Foucault em 1984 serve como fio condutor de seus estudos: “Por que cuidamos de nós mesmos somente mediante o cuidado da verdade?” (ORTEGA, 1999, p.103). Ainda, conforme Ortega (1999), no início da década de 80, uma noção de verdade atrelada à espiritualidade foi estudada pelo filósofo francês. Esta noção “não consiste na recompensa de um ato cognoscitivo, mas em algo que tem a possibilidade de iluminar, de transformar e transfigurar o sujeito” (ORTEGA, 1999, p. 104), em outros termos, a verdade como produção e ethos, “não como verdade da essência ou da origem que o sujeito deve descobrir em si, mas como trabalho sobre si” (ORTEGA, 1999. P. 104), surgindo pela primeira vez em sua obra a noção de parresia a ser abordada mais adiante neste trabalho.

Neste ponto, encerraremos os comentários gerais sobre a obra foucaultiana, não só porque não nos propusemos a um estudo mais profundo de uma trajetória tão prolífica e por termos a ciência de que por mais que nos alonguemos, nunca daremos conta de cobrir toda sua obra em todas as suas possibilidades e brechas, mas também e principalmente porque precisamos ater-nos a nosso recorte de pesquisa, ou seja, aos conceitos de governamentalidade, liberdade e cuidado de si e seus entrelaçamentos, suas imbricações e implicações.

2.2 Governamentalidade e liberdade em Foucault

Nesta subseção, pretendemos olhar para o conceito de governamentalidade proposto por Michel Foucault, conceito que inevitavelmente emerge ao falarmos de cuidado (de si). Optamos por adotar uma abordagem genealógica, à la Foucault, no intuito de procurar entender melhor os modos de subjetivação/objetivação contemporâneos, revisitando momentos sócio-histórico-ideológicos que podem levar-

nos a compreender as origens da concepção atual de cuidado (de si) para, então, irmos em busca de rastrear na fala dos entrevistados possibilidades de pensar, agir e ser diferentemente ou no que tange à presença do cuidado de si filosófico foucaultiano em seu discurso.

Para tanto, teremos em mente os deslocamentos presentes na obra foucaultiana que, conforme Castro (2004), não são abandonos, mas ampliações/extensões do campo de interesse e análise, decorrentes, em alguns casos, da busca por saída das dificuldades teóricas encontradas pelo filósofo francês. Ainda, consideraremos que há um eixo na obra foucaultiana só perceptível quando a analisamos em sua totalidade, pois, para Castro (2004), toda a pesquisa foucaultiana é uma análise filosófico-histórica das práticas de subjetivação e, como as práticas de governamentalidade construíram a subjetividade ocidental. Portanto, as noções de governo e governamentalidade são centrais nas pesquisas do autor francês (CASTRO, 2004) uma vez que são estas noções que nos permitem entender o motivo pelo qual o sujeito é o tema principal da obra foucaultiana, não o poder, nem o saber como se costuma pensar. Lembramos que as práticas de subjetivação são também formas de objetivação, nas quais o sujeito tem sido, ao longo da História, objeto de saber e de poder, tanto para si quanto para os outros.

O próprio Foucault, segundo Castro (2004), usando o pseudônimo *Maurice Florence*, aborda seus deslocamentos quando conclui o artigo do “*Dicionário dos filósofos*”, organizado por D. Huisman (1984), chamando a atenção para o modo como a história da sexualidade está inscrita no “projeto geral de Michel Foucault: trata-se de analisar a sexualidade como um modo de experiência historicamente singular na qual o sujeito é objetivado para ele mesmo e para os outros, através de certos procedimentos precisos de governo” (apud CASTRO, 2004, p. 234).

Como é comum em sua obra, em sua estratégia metodológica, Foucault procurou desfamiliarizar e reconstruir conceitos clássicos e práticas cotidianas comuns, que, por serem tão normalizados, acabam por mascarar as relações de poder-saber inerentes a toda ação humana. Eis o possível motivo pelo qual Foucault, ao abordar a problemática do governo, optou pelo neologismo “governamentalidade”, junção de “governar” e de “mentalidade” (*gouverner* e *mentalité*, em sua língua materna, o francês) para enfatizar “a interdependência entre o exercício do governo (práticas) e as mentalidades que sustentam tais práticas” (FIMYAR, 2009, p. 38). Dito de outro modo, o termo

governamentalidade “identifica a relação entre o governo do Estado (política) e o governo do eu (moralidade), a construção do sujeito (genealogia do sujeito) com a formação do estado (genealogia do Estado)” (FIMYAR, 2009, p. 38). Ou ainda, “os estudos de governamentalidade examinam também as relações entre as formas e as racionalidades de poder e os processos de subjetivação – formação de sujeitos/cidadãos governáveis – e a subjetificação – formação da existência individual” (FIMYAR, 2009, p. 37).

A este respeito, o prefácio do livro *The Foucault-effect: studies in governmentality*³⁷, organizado por Burchell, Gordon e Miller, menciona que o que há de comum entre os autores do livro prefaciado e Foucault é uma paixão exploratória, o grande esforço por capturar e analisar a dimensão histórica das inúmeras manifestações modernas de governo/governamentalidade, como o liberalismo, a segurança, o bem-estar, entre outros. Os autores ressaltam que ainda parece haver algo de novo, ainda não mastigado, nem digerido nesta busca, algo que pode “nos ajudar a entender, responder e talvez até olhar além do nosso presente” (BURCHELL; GORDON; MILLER, 1991, p. ix).

O governo, na visão adotada pelos autores que acabamos de mencionar e por este trabalho, não é somente “um poder que precisa ser domado ou uma autoridade que precisa ser legitimada. É uma atividade e uma arte que concerne a todos e toca cada um. É uma arte que pressupõe pensamento” (BURCHELL; GORDON; MILLER, 1991, p. x), pensamento este presente até nas áreas da realidade social “mais rudes e obtusas, motivo pelo qual a crítica pode ser um poder de mudança real, privando algumas práticas de suas autoevidências, ampliando as fronteiras do pensável para permitir a invenção de outros [modos de pensar]” (BURCHELL; GORDON; MILLER, 1991, p. x, inserção nossa).

A concepção de governo em Foucault apresenta dois eixos: a relação entre os sujeitos e a relação consigo mesmo. Foucault deteve-se no estudo da relação entre os dois eixos, pois acreditava que os modos de objetivação/subjetivação se situam justamente no cruzamento destes dois eixos (CASTRO, 2004).

A noção de governamentalidade é proposta por Foucault em dois eixos. No primeiro eixo, Foucault analisa as tecnologias da dominação e do eu, ou seja, de governamentalidade, como técnicas usadas para transformar o indivíduo em um

³⁷ Tradução livre nossa.

elemento de extrema significância para o Estado. Já o segundo eixo de análise da governamentalidade trata da confluência entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si, sendo que o estudo das relações entre o governo dos outros e o governo de si permite também a articulação das estratégias de resistência, brechas pelas quais é possível ao sujeito escapar, fazer e ser diferente. Eixo este de grande importância e relevância para nossa pesquisa.

A noção de governamentalidade foucaultiana, para Peters (2011, p. 213), é aquela “na qual o poder é compreendido em seu sentido mais amplo como a estruturação do campo possível da ação de outras pessoas”. Para Revel (2005), na noção de governamentalidade moderna é posta em questão, pela primeira vez, à população, “não como a soma dos sujeitos de um território, o conjunto de sujeitos de direito ou a categoria geral da “espécie humana”, mas o objeto construído pela gestão política global da vida dos indivíduos (biopolítica)” (REVEL, 2005, p. 55). Biopolítica esta que, segundo a autora, não implica apenas “uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros” (REVEL, 2005, p. 55), ou seja, a confluência entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si exercidas sobre o próprio sujeito.

Gordon (1991), em seu capítulo introdutório no livro “*The Foucault effect: studies in governmentality*”, menciona que o modelo pastoral foi amplamente adotado e elaborado pelo Cristianismo na forma de cuidado da alma e que Foucault aponta a emergência de doutrinas da razão do Estado no século XVI como o ponto inicial da governamentalidade moderna, autônoma, já não mais dependente e subordinada ao poder divino. Vale aqui mencionar que governamentalidade, na concepção foucaultiana, refere-se ao *como* governar, às condições imanentes e limitações das práticas de governo, diferindo-se da filosofia política clássica que se preocupa com as fundações legítimas da soberania política e com a obediência política, ou ainda, com o melhor governo.

Foucault inicia suas aulas de 1978 sobre o poder pastoral com a analogia entre o pastor e o governante, este devendo cuidar de cada indivíduo de seu Estado, assim como o pastor faz com as ovelhas do seu rebanho. Menciona que Platão aponta a impossibilidade e a impraticabilidade de que o conhecimento e o cuidado do governante atinja cada indivíduo. Afinal, o governante nunca será um deus onipresente e onisciente.

Gordon (1991) enfatiza que o foco do interesse foucaultiano nas racionalidades governamentais modernas estava relacionado ao que ele chamava de junção *daimoniaca* do jogo da cidade, como na política grega em Platão, e o jogo do pastor, ou seja, “na invenção de uma forma de pastoral política secular que congrega a individualização e a totalização” (GORDON, 1991, p. 8).

Para melhor compreendermos a noção de governamentalidade atual, iniciemos, então, o passeio genealógico sucinto pelos deslocamentos das noções de governo e governamentalidade, guiados pelo próprio Foucault, em especial por seu livro *Microfísica do poder*, especificamente pelo capítulo sobre governamentalidade, e pelos autores já elencados nesta seção.

Partindo de textos clássicos sobre governar, como *O príncipe*, de Maquiavel, Foucault alega que o governo surge como problemática a partir do século XVI, havendo dois processos, nessa época, de grande intensidade que deram início aos questionamentos e estudos sobre a arte de governar (como ser governado; por quem; até que ponto; com que objetivo; com que método, por exemplo):

- 1) A saída do feudalismo, com a criação de grandes Estados territoriais, administrativos e coloniais;
- 2) A Reforma protestante a Contrarreforma católica e seu questionamento sobre o modo como se quer e se deve ser espiritualmente dirigido na busca pela salvação.

Surge entre os séculos XVI e XVIII uma vasta literatura com base ou em contraposição à forma de governar apresentada por Maquiavel em 1513, obra esta na qual a relação do príncipe com seu principado é exterior e frágil, pois seu principado advém de herança ou conquista e, na qual o objetivo primordial do governo era apenas a proteção, ou seja, a demarcação e o desenvolvimento da arte de manipular os perigos com o intuito de conservação do principado, de seu território especificamente.

Dentre a literatura anti-maquiavélica, Foucault destaca o autor Guillaume de La Perrière, pois este apresenta, em oposição à singularidade e à transcendência do príncipe de Maquiavel, uma pluralidade de formas de governo e assinala a imanência das práticas de governo em relação ao Estado. Para La Perrière, todas estas formas de governo se inter cruzam e estão imbricadas no interior da sociedade e do Estado. Este autor define governo como “uma correta disposição das coisas de que se assume encargo para conduzi-las a um fim conveniente” (apud FOUCAULT, 1979, p. 165), ou

seja, para ele a centralidade do Estado já não está mais na posse e conservação de seu território.

O governo incidiria, então, não mais no território, mas nos homens em sua relação com as coisas. Dentre as coisas mencionadas por La Perrière, destacamos costumes, hábitos, formas de agir e de pensar que, a nosso ver, apontam para o início das técnicas de governamentalidade neoliberais, sobre as quais discutiremos mais adiante. Para atingir suas finalidades, o governo, nesta concepção, deve utilizar mais táticas que leis ou ainda utilizar as leis como táticas, utilizando-se de vários meios para atingir os fins almejados.

Saltemos para o século XVIII, no qual, segundo Foucault (1979), houve um grande obstáculo ao desenvolvimento da arte de governar devido a crises militares, políticas e econômicas e também pela ainda primazia do problema da soberania, tanto na estrutura institucional quanto mental. O desbloqueio, para Foucault, se deu com a expansão demográfica do século anterior, a abundância de recursos financeiros e de produção agrícola. Neste contexto, a arte de governar, até então, encontrava-se presa entre o Estado e seu soberano e o pai de família e sua casa, pois a economia, nos dois séculos anteriores, estava atrelada ao governo da família, e não encontrava sua dimensão própria, o que ocorre com a emergência do problema da população, que tomou por base a Estatística (taxas de natalidade e de mortalidade, por exemplo), passando a família a ser um instrumento fundamental no governo, não mais um modelo.

A população passa a ser o fim e, ao mesmo tempo, instrumento de governo, o foco não está mais na força do soberano, e o objetivo do governo passa a ser melhorar a sorte da população, aumentando sua riqueza, seu tempo de vida, sua saúde etc. Para tal, são usados instrumentos que agem diretamente, como as campanhas, e também indiretas, que, na maioria das vezes, não são notadas pela população. Com esta mudança de fim para a população, emerge o sujeito, com interesses pessoais e também gerais, ou seja, o sujeito de necessidades, de aspirações; consciente frente ao governo daquilo que quer; objeto nas mãos do governo; inconsciente em relação àquilo que se quer que ele faça.

Nessa perspectiva, conforme Marshall (2011, p. 30), os sujeitos “tornam-se instrumentais aos fins do Estado. A justiça, o bem-estar e a saúde são importantes para os indivíduos, não porque eles são bons para os indivíduos, mas porque eles aumentam a força do Estado”.

Neste novo panorama de arte, táticas e técnicas novas, a ciência política passa de um princípio jurídico da soberania para um princípio geral de governo, no qual o problema da soberania torna-se mais agudo e a disciplina passa a ser muito importante e valorizada na gestão da população, pois geri-la significa fazê-lo em profundidade, minuciosamente, em cada detalhe.

A partir da metade do século XVIII, inicia-se a era da governamentalidade ou de governamentalização do Estado, que fez com que o Estado sobrevivesse. Foucault (1979) afirma que esta era nasceu da pastoral cristã, passando pelas técnicas diplomático-militares e chegando à polícia. No Estado de polícia (ou de prosperidade), a ideia de prosperidade ou felicidade é o princípio que identifica o Estado com seus sujeitos. Trata-se do paradoxo da polícia apontado por Foucault, pois tal forma de governo visa, ao mesmo tempo, aumentar as riquezas do Estado e enfatizar que a verdadeira base da riqueza e do poder do Estado está em sua população, em sua força e produtividade. Em outras palavras, esta forma de governo é também uma economia devido à forma que equaciona a felicidade de seus sujeitos individuais e a força do Estado. Neste contexto, a vida torna-se o objeto da polícia, a indispensável, a útil e a supérflua. Os diversos tipos de polícia, como a da saúde, da religião, das ciências etc. cuidam de tudo relativo à felicidade do homem, certificam-se de que as pessoas sobrevivam, vivam e até façam melhor do que estão fazendo. “O governo da polícia não limita sua ação sobre os governados na forma geral de leis: ele funciona por meio de regulações e decretos específicos e detalhados” (GORDON, 1991, p. 10).

Gordon (1991) ressalta que o problema da segurança estendeu-se para além do Estado de polícia e alcançou uma perpetuidade secular. Para ele, isso se relaciona a mudanças na forma de pensar ao longo da história.

Os pensadores na era cameralista ainda tinham como recurso a noção de *historia magistrae vitae*, a História como a professora da vida: o registro dos eventos passados vistos como um repertório de exemplos instrutivos e precedentes para os governantes. Com o Iluminismo, a Revolução e o advento da ideia de progresso, emerge uma nova percepção dos eventos presentes como seguindo uma trajetória radicalmente sem precedentes e em constantemente aceleração. [...] Na mesma época, o Manifesto Comunista fala da eterna incerteza e agitação característica da época burguesa (GORDON, 1991, p. 31).

O Cameralismo, uma das doutrinas mercantilistas ou um enfoque específico do mercantilismo em voga na Europa, nos séculos XVII e XVIII em alguns países de língua alemã, visava encontrar solução aos problemas econômicos. Trata-se de um

conjunto de ideias, cuja ênfase recaía mais nos conhecimentos para uma boa gestão do que na competitividade comercial e nas relações internacionais que foi, segundo Gordon (1991), o primeiro sistema moderno de soberania econômica, com o governo entendido como economia. Trata-se de um tipo específico de racionalidade, ainda não autônomo como no Liberalismo, na qual “a economia de um todo em funcionamento é uma máquina que deve ser continuamente feita, e não meramente operada, pelo governo” (GORDON, 1991 p. 11).

A teoria liberal problematiza os métodos de governo tanto quanto a natureza da realidade à qual o governo deve atentar. A famosa fórmula liberal do *Laissez-faire* é uma forma de agir bem como uma forma de não agir, um tipo de atividade permissiva, na qual são criadas regulações que permitam que a regulação natural flua, manipulando, suscitando, facilitando o *Laissez-faire*. Segundo Gordon (1991), para Foucault e para outros autores neomarxistas, “o liberalismo do século XVIII prepara a legitimação filosófica para a apropriação capitalista da mais valia” (GORDON, 1991, p. 18). O liberalismo para Gordon (1991) é uma prática efetiva de segurança, cujo auge foi na metade do século XIX, afetado por um profundo realinhamento estratégico nas décadas subsequentes, em decorrência da crise governamental motivada por questionamentos sobre a sociedade, a propriedade e o direito.

Do século XVIII em diante, a questão da segurança se tornou um componente cada vez mais dominante da racionalidade governamental moderna, em especial no final do século XIX quando o “perigo representado pela indisciplina, a autonomia antissocial das massas paupérrimas” (GORDON, 1991, p. 31) requer esforços da burguesia na construção desta população de acordo com um modelo de cidadania econômica coletiva, ou seja, “a incorporação social da classe trabalhadora como um elemento do corpo político” (GORDON, 1999, p. 31).

A prosperidade passa a ser uma condição necessária para a própria segurança do Estado, segurança esta que assume diversos princípios e práticas dentro de configurações governamentais distintas. Outra condição para a segurança apontada é a liberdade, o significado ativo do *Laissez-faire liberal* e “o desrespeito à liberdade não é uma violação ilegítima, mas uma ignorância de como governar” (GORDON, 1991, p. 20).

Diferentemente da soberania que exercia seu poder sobre o território e da disciplina que o exercia sobre os corpos dos indivíduos, a segurança foca o conjunto da

população. Surge, então, o *homo economicus*, “sujeito de interesse, um sujeito de preferências e escolhas individuais, que são tanto irredutíveis [...] quanto intransferíveis [...] que perpetuamente encurrala o alcance da limitação autoimposta que constitui o sujeito de direito” (GORDON, 1991, p. 21). Dito de outro modo, surge o “*homo economicus*, o homem de interesse, de prazeres e dores, funções aqui não só abstratas, átomo elusivo da economia de mercado, mas também como um tema para a inventividade política” (GORDON, 1991, p. 24).

O governo econômico, como menciona Gordon (1991), baseado em Foucault, aponta para um duplo sentido do liberalismo: um governo informado por preceitos de economia política e que também visa economizar, fazendo um grande esforço técnico para realizar mais por meio do uso de menos força e autoridade. “O Estado não está mais em jogo nas relações sociais, fica de fora e se torna garantidor de seu progresso” (GORDON, 1991, p. 34).

No começo do século XX, o taylorismo, “a armadura legal governamental da produção capitalista” (GORDON, 1991, p. 35), desmantela os antigos métodos de disciplina nas fábricas, levando a classe trabalhadora a trocar as demandas sindicalistas do passado pelo autogerenciamento na busca por melhores salários e condições de trabalho.

Gordon (1991) chama-nos a atenção à emergência de mudanças nas formas de cultura ética e ao fato de que “uma característica marcante da cultura política do início da modernidade é o senso de profunda conexão entre os princípios da ação política e os da conduta pessoal” (GORDON, 1991, p. 12). Houve, segundo Gordon (1991, p.13) “uma redescoberta e renovação da ética estoica”, sendo a filosofia tida, “acima de tudo, como uma forma de conhecimento pragmática e prática, uma metodologia de ordem” (GORDON, 1991, p. 13). Uma ética da prudência, com base essencialmente nos escritos de Justus Lipsius foi retomada, “a constância (*constantia*) tanto para o governante quanto para o governado, exigia-se que ambos cultivassem as mesmas virtudes básicas de condução de vida” (GORDON, 1991, p.13). Obedecer, neste contexto, não era sinônimo de abnegação ou servidão da vontade, mas sim uma forma ativa de conduzir a vida.

Nota-se um “novo deslocamento” nas noções de governo e governamentalidade na Pós-modernidade, momento de ruptura com o Iluminismo e de crise do liberalismo clássico e do marxismo. No Ocidente, tal deslocamento foi marcado pelo colapso do

comunismo no leste europeu e também pela controversa revitalização pela “Nova” Direita do liberalismo econômico clássico, que “privilegia o sujeito racional, cognoscente, como fonte de todo conhecimento, significado, autoridade moral e ação” (PETERS, 2011, p. 211). Trata-se do *Homo economicus*, que age em todos os seus comportamentos como indivíduo autointeressado, ou seja, a ideologia do individualismo que “estabelece um sistema de autogoverno baseado em formas facilitadoras de regulação natural” (PETERS, 2011, p. 2013). Peters (2011) acrescenta que Foucault critica esta concepção de sujeito como “um eu individual autônomo, racional e plenamente transparente, um eu ao mesmo tempo separado da sociedade e logicamente anterior a ela, capaz de fazer escolhas no mercado de acordo com seus desejos” (PETERS, 2011, p. 213).

Já no neoliberalismo, há uma generalização da forma empresarial a todas as outras formas de conduta, ou seja, a promoção da cultura de empresa, transformando os indivíduos em “empresários de si mesmos”. Esta “noção de cultura de empresa tem sido construída no sentido econômico mais estreito. Ela é parte de uma nova metanarrativa que, em termos retóricos, nos apresenta uma visão de futuro baseada na expectativa de crescimento econômico” (PETERS, 2011, p. 223). Esta cultura envolve “remodelar as instituições de acordo com critérios comerciais e encorajar a aquisição e uso de qualidades empresariais e empreendedoras” (PETERS, 2011, p. 22). Nesta perspectiva, critica-se tanto o estado de bem-estar social e também outros sistemas como o educacional por promoverem uma “cultura de dependência”.

A este respeito Marshall (2011) alerta para o fato de que, embora haja uma aparente consonância entre os neoliberais e Foucault no que tange ao rechaço da intromissão/intrusão do governo nas questões do sujeito, as razões para tal rechaço são de ordem muito diferente. Foucault, segundo Marshall (2011), acredita que

não porque os seres humanos são livres e autônomos e devem ser deixados à vontade para perseguir seus próprios projetos, mas em vez disso, porque eles foram construídos para pensar que são livres e autônomos e porque essa mesma construção permitiu o avanço do poder/saber e a subjugação das pessoas como sujeitos a levarem vidas úteis, dóceis e práticas (MARSHALL, 2011, p. 31).

Como observamos até agora, para Foucault, governar é “uma arte e uma atividade que atinge tudo, que não saiu simplesmente do nada, como uma coisa dada, mas teve que ser inventada ou gradualmente construída” (BURCHELL et al., 1991, p. x apud MARSHALL, 2011, p. 22) ao longo da História, que atinge a todos, sem

exceção, o que implica dizer que “não somos os formuladores e realizadores autônomos de projetos individuais” (MARSHALL, 2011, p. 22), como a modernidade e o liberalismo apontaram. Marshall (2011) menciona que, para Foucault, a liberdade e o direito das pessoas fazerem suas próprias escolhas com base no fato de que são autônomos é um embuste “que obscurece as formas pelas quais a compreensão que temos de nós mesmos como pessoas capazes de efetuar escolhas livres e autônomas é, ela própria, uma construção que nos permite ser governados, tanto individual quanto coletivamente” (MARSHALL, 2011, p. 22), afinal, o governo está relacionado à conduta da conduta. Trata-se de uma forma de atividade que visa a produzir sujeitos

a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que eles se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser *sujeitos*. Essa atividade diz respeito às relações privadas entre o eu e o eu, ou as relações privadas interpessoais com mentores profissionais, ou a relações com instituições e comunidade, com o exercício da soberania política. A arte do governo consistiria em fornecer uma forma de governo para cada um e para todos, mas de forma que deve individualizar e normalizar (MARSHALL, 2011, p. 29).

E é justamente na questão da liberdade que Castro (2004) ressalta que o pensamento foucaultiano difere ou vai além da hipótese de poder de Nietzsche, pois, para Foucault, o poder age de um modo singular, nem guerreiro, nem jurídico – o governo. Governar, para Foucault, significa conduzir condutas, incitando, induzindo, facilitando, dificultando determinadas condutas, ou seja, uma ação sobre as ações.

Nesta mesma direção, Rose (2010) aponta para o fato de que os sujeitos são levados a pensar que são livres, mas, na verdade, são moldados a pensar dessa maneira para fazer certos tipos de escolha. Eis a “nova” forma de governo/governamentalidade para o autor. A liberdade, no contexto (neo)liberal, não é mais entendida de forma negativa, ou seja, como a ausência de coerção ou dominação, mas sim como “a condição na qual a vontade subjetiva essencial de um indivíduo, um grupo ou um povo podia expressar-se e não era silenciado, subordinado ou aprisionado por um poder estrangeiro” (ROSE, 2010, p. 1).

Rose (2010) ainda ressalta que seus estudos partem dos breves textos e palestras de Foucault sobre governamentalidade, ou de uma das máximas foucaultianas mais citada, “a conduta da conduta”, e da noção de que Foucault parece apontar para o fato de que “pode ser mais produtivo investigar a formação e a transformação de teorias, propostas, estratégias e tecnologia para ‘a conduta da conduta’” (ROSE, 2010, p. 3), ou

seja, direcionar os estudos para “a dimensão da nossa história composta pela invenção, contestação, operacionalização e transformação de esquemas, programas, técnicas e aparelhos mais ou menos racionalizados que visam moldar a conduta para atingir certos fins” (ROSE, 2010, p. 3). Rose (2010) ressalta que o governo “também abrange as formas pelas quais somos impelidos e educados a refrear nossas próprias paixões, a controlar nossos instintos, a governar a nós mesmos” (ROSE, 2010, p. 3). Afinal, governar humanos “não é esmagar sua capacidade de agir, mas admiti-la e utilizá-la para seus próprios objetivos” (ROSE, 2010, p. 4). Para ele, a regulação da saúde e do bem-estar da população, desde o século XIX,

tem estabelecido toda uma gama de articulações entre as práticas que visam assegurar a força e a vitalidade da nação e sua ‘força de trabalho’, e práticas que objetivam a maximização da saúde e higiene individual e familiar. Estas ligações entre o molar e o molecular têm assumido uma variedade de formas, não meramente ou principalmente tentativas paternalísticas de microgestão da conduta, mas procedimentos mais complexos e sutis para estabelecer uma delicada e complexa rede de afiliações entre os milhares de hábitos pelos quais o ser humano é composto – movimentos, gestos, combinações, associações, paixões, satisfações, dispersões, aspirações, contemplações – e a riqueza, tranquilidade, economia, glória do corpo coletivo.

Foram estas artes políticas da combinação que Michel Foucault tentou capturar em sua noção de governamentalidade (ROSE, 2010, p. 6).

Segundo Rose (2010), o termo governamentalidade, na visão foucaultiana, sugere que, “pelo menos desde o século XVIII, os governantes, homens de Estado e políticos passaram a ver sua tarefa em termos de governo” (ROSE, 2010, p. 6), forma esta que difere das visões anteriores de governo, como a do príncipe sobre seu território, a do senhor feudal sobre seu feudo e a do imperador sobre seu império, “por basear-se em formas de governar a conduta, que já tinham sido usadas por outros, particularmente pelas igrejas no começo da Europa moderna” (ROSE, 2010, p. 6). Governar politicamente requer que os governantes “ajam sobre os detalhes da conduta dos indivíduos e das populações que eram seus sujeitos, individualmente e coletivamente, para aumentar sua ordem, sua segurança, sua tranquilidade, sua prosperidade, riqueza e felicidade” (ROSE, 2010, p. 6). Neste sentido, “os valores da liberdade se tornaram reais dentro de práticas de governo da conduta” (ROSE, 2010, p. 10). O objetivo de Rose (2010) com sua obra *Powers of freedom*³⁸ é “procurar analisar as condições sobre as quais as ideias sobre liberdade e as práticas em nome da liberdade surgiram, e tentar

³⁸ Obra lida em língua inglesa, com tradução livre nossa.

esclarecer as linhas de poder, verdade e ética em jogo no seu interior” (ROSE, 2010, p. 10). Em outras palavras,

sugerir que certos valores e pressupostos sobre os seres humanos e como eles devem viver, valores e pressupostos em nome da liberdade se tornaram as bases sobre as quais o governo deve estabelecer suas práticas para a conduta da conduta e [...] constatar tanto os custos quanto os benefícios de organizar nossa experiência, nossas aspirações e nossa ética em termos de liberdade (ROSE, 2010, p. 10-11).

Cabe aqui mencionar que “o domínio de si entre os gregos distingue-se pela liberdade, a qual toma forma na moderação [...] [Eles] problematizaram sua liberdade como ética (*éthos*); esta era reconhecível na atitude do homem livre, no seu uso da liberdade” (ORTEGA, 1999, p. 77). Sem o cuidado de si, foco da seção seguinte, na Grécia Antiga, não é possível exercer a liberdade, pois para os gregos, “somente aquele que cuidar de si não será escravo de seus desejos” (ORTEGA, 1999, p. 77). Além de o cuidado de si estar atrelado à liberdade, está também relacionado com a verdade, pois “o homem que cuida de si submete-se às indicações do *logos*” (ORTEGA, 1999, p. 77). Ademais, o conhecimento de si, como veremos na seção seguinte, era uma condição para o cuidado de si, em termos socráticos, era um caso especial de cuidado de si (*epimeleia*). Porém, nos dias atuais, o conhecimento de si é priorizado em detrimento do cuidado de si, como veremos adiante. Portanto, “a reabilitação do cuidado de si apresenta-se para Foucault como uma tarefa política importante” (ORTEGA, 1999, P. 77).

Rose (2010) ressalta que há uma história dos sujeitos do governo a ser escrita, não aquela sociológica apenas, a dos sujeitos individualizados, através dos independentes átomos do capitalista individualista até o fragmentado sujeito da pós-modernidade. Trata-se sim de “uma história pequena, variegada e múltipla das objetivações do ser humano dentro dos discursos que o governam, e sua subjetivação em diversas práticas e técnicas” (ROSE, 2010, p. 41). E é, nesta perspectiva, que devemos entender as objetivações do sujeito dentro do pensamento e técnica neoliberais, sujeito este considerado como “um ser humano individual com um certo tipo de relação moral consigo mesmo” (ROSE, 2010, p. 41). Para Rose (2010), faz-se necessário realizar uma tarefa mais modesta e mais prática: “identificar as formas pelas quais os seres humanos são individualizados e endereçados no interior de várias práticas que os governariam, as relações com eles mesmos que eles assumiram dentro da variedade de práticas que os levam a governar a si próprios” (ROSE, 2010, p. 43).

As práticas de subjetivação, também chamadas por Foucault de ‘técnicas de si’, foram encarnadas na linguagem, no conhecimento, na técnica, na fabricação de espaços e repertórios de conduta dentre outros, o que envolvia “um exercício de inibição de si por si mesmo”. Estas práticas de subjetivação, conforme Rose (2010, p. 43), “têm sua própria história, e é uma história que é inextricavelmente associada ao governo e ao conhecimento. Em qualquer época, os serem humanos são sujeitos a uma variedade de distintas práticas de subjetivação em diferentes locais e espaços”.

Como se observou no breve passeio genealógico anterior, a subjetividade ocidental foi construída pelas diferentes práticas de governamentalidade ao longo da História. Governamentalidade, no sentido foucaultiano, é um conceito no qual estão imbricadas práticas e mentalidades; Estado/política e eu (moralidade); técnicas de dominação (sobre os outros) e técnicas de si (sobre o próprio sujeito). Tais práticas na (pós) modernidade tratam da gestão política global da vida dos indivíduos e abarcam processos de subjetivação/objetivação, visando à formação de cidadãos governáveis e caminhando em direção a um determinado fim: a força, a manutenção e a prosperidade do Estado/governo.

Dentro da população, que passou a ser fim e objetivo do governo a partir do século XVIII, o sujeito passa a existir, sujeito este ora consciente, ora inconsciente de todas as técnicas e táticas empregadas, direta e indiretamente, no seu governo, visando a sua riqueza, longevidade e saúde, simplesmente porque a população é força do Estado. Uma forma de governamentalidade calcada em uma equação econômica, na qual, de um lado, configuram a felicidade e a prosperidade do(s) sujeito(s) e, do outro, estão a força e a manutenção do Estado.

Em tempos neoliberais, nos quais o governo já não dá conta de manter o bem-estar social, instiga-se a cultura da empresa no âmbito pessoal, motivando cada sujeito, por meios tanto diretos quanto indiretos, a ser um empreendedor de si, inculcando-lhe o discurso de que sua prosperidade e felicidade dependem apenas dele e de sua suposta liberdade para escolher. São tempos do *homo economicus* (autogovernado e autointeressado), do lema “*time is money*, de uma cultura/mentalidade individualista, narcisista e espetacular, nos quais emergem também pequenas possibilidades de existência individual, de ordem ética e estética, de fuga das amarras das relações poder-saber, da biopolítica, das tramas dos micropoderes. Estas brechas interessavam a Michel

Foucault, em especial no final de sua vida, e também nos interessam nesta pesquisa. Sobre elas, na forma de práticas de si/exercícios espirituais, trataremos a seguir.

2.3 O cuidado de si filosófico foucaultiano

Ao iniciar esta seção fundamental desta pesquisa, vale observar que não há apenas uma única definição para cuidado de si ou uma única forma de entendê-lo, como aponta Foucault ao longo de sua obra, em especial nos volumes dois e três da *História da Sexualidade* e em *Hermenêutica do Sujeito*. Ortega (1999) aponta três etapas do cuidado de si que podem ser identificadas nas aulas no *Collège de France*: “a socrático-platônica; a idade de ouro do cuidado de si nos séculos I e II d.C; e a ascese cristã dos séculos III e IV” (ORTEGA, 1999, p. 76), tendo Foucault se ocupado em especial do cuidado de si no pensamento platônico. Cabe ainda citar que o quarto volume da *História da Sexualidade, Confissões da carne*, foi recentemente publicado na França, e que vários cadernos e diários intelectuais do autor ainda são, “escritos propriamente inéditos, cuja aparição demorará certamente um tempo” (CASTRO, 2014, p. 12).

Marsico (2010)³⁹ salienta duas formas de relacionar-se com a verdade e/ou dois modelos de verdade em Foucault. O autor toma como base para sua discussão, além das obras da terceira fase foucaultiana, quatro obras de Platão: *Apologia*, *Críton*, *Fédon* e *Lísis*, apontando os diferentes posicionamentos sobre a verdade, associada ao cuidado de si, encontrados nas obras em questão. Em *Apologia* e *Críton*, Sócrates mostra que realmente não sabe o que diz não saber; em *Fédon*, Sócrates, ou na verdade Platão, acredita que há uma verdade a ser descoberta; já em *Lísis*, Sócrates diz que o conhecimento que ele alega não ter é impossível para qualquer um.

De acordo com Marsico (2010), nos volumes dois e três da *História da Sexualidade*, Foucault interpreta o cuidado de si como um imperativo ético. Já nas aulas do *Collège de France* e 1981-1982, sob o título de a *Hermenêutica do Sujeito*, cujo objetivo é desenvolver uma nova forma de subjetividade, aparece uma visão alternativa,

³⁹ O texto original intitulado “The care of the Self in Foucault and Socrates: rescuing the socratic relation to truth to promote new modes of being” está originalmente escrito em inglês, sendo a resenha em português tradução nossa.

na qual o cuidado de si está atrelado ao conhecimento de si, sendo o cuidado um caminho para acessar a verdade.

Por cuidado de si, entende-se o modo de subjetivação no qual o sujeito se relaciona consigo mesmo e se transforma. Já o conhecimento de si é o modo de subjetivação/objetivação no qual o sujeito se identifica consigo mesmo de acordo com classificações pré-determinadas. Marsico (2010) reforça o fato de que Foucault aponta não só uma ligação entre os dois na Antiguidade, mas uma subordinação do conhecimento de si (filosofia teórica) ao cuidado de si (filosofia espiritual). Havia, então, dois tipos de verdade, a espiritual alcançada através da prática (cuidado) e a filosófica por meio do conhecimento, sendo a Filosofia tida como uma forma de pensamento que indaga o que possibilita ao sujeito o acesso à verdade e que tenta determinar as condições e os limites deste acesso. Já a espiritualidade é tida como a busca, a prática e a experiência que possibilitam a transformação de si para, então, ter acesso à verdade, visão na qual o sujeito não é tratado como um objeto a ser conhecido, como é na Filosofia.

Marsico (2010) também ressalta que, na Antiguidade, o sujeito podia acessar a verdade (ou ao menos alegar que dela sabia) por meio de um processo de autotransformação, mas, na Modernidade, a visão dominante é de que há uma verdade sobre si mesmo que o sujeito deve descobrir, na qual nenhuma transformação é possível, processo este que, segundo Marsico (2010), não contribui para aprimoramento do bem-estar espiritual do sujeito. Em outras palavras, o sujeito moderno tem sua identidade constituída de acordo com o conhecimento de profissionais das ciências objetivas, entre elas a Medicina. Em termos foucaultianos, sua subjetividade é constituída via biopolítica e técnicas de governamentalidade. Porém, Marsico (2010) ressalta que, para que o acesso à verdade possa promover novas formas de subjetivação, é necessário que a verdade não seja vista como estática, inata e eterna.

O mesmo autor ainda alega que a valorização do conhecimento de si, em detrimento do cuidado de si, foi iniciada nos diálogos médios de Platão⁴⁰, como o *Fédon*, nos quais Platão parece procurar explicar e entender a figura de Sócrates dos primeiros diálogos, fazendo a tentativa de dar respostas definitivas a questões que o

⁴⁰ Fases da vida e da produção de Platão: 1) Diálogos precoces: Apologia, Cármides, Críton, Eutidemo, Eutifro, Górgias, Hípias Maior, Hípias Menor, Íon, Laques, Lísias, Menexeno, Mênon, Protágoras; 2) Diálogos Médios: Crátilo, Parmênides, Fédon, Fedro, República, Banquete, Teeteto; 3) Diálogos tardios: Crítias, Leis, Filebo, Político, Sofista, Timeu.

próprio Sócrates deixou em aberto, uma vez que acreditava que estes tipos de verdade são inacessíveis. Dito de outro modo, para Sócrates, o cuidado é o processo pelo qual exploramos diferentes possibilidades para a verdade, uma exploração da verdade na ausência de uma verdade definitiva. Ou ainda, o cuidado não visa a uma verdade absoluta que proporcionaria harmonia entre a reflexão sobre as verdades e as ações. O cuidado envolve diferenciação, criação, inovação e é por meio da prática dele que se exploram e se criam verdades sobre si mesmo e sobre o mundo, no qual o indivíduo se modifica, se transforma, movimento este necessário, como adverte Sócrates no final de *Laques*: “o que eu não aconselho é que continuemos como estamos”. E “foi essa missão, relativa ao cuidado consigo mesmo, que levou Sócrates à morte. É o princípio do ‘cuidar de si mesmo’ que ele lega aos demais, para lá de sua morte” (FOUCAULT, 2014, p. 99).

Para Marsico (2010), Sócrates tenta mostrar-nos que esta abordagem que busca harmonização fatalmente fracassa porque nunca conseguimos ter certeza do que alegamos ser ou saber, visando levar o interlocutor a adotar uma nova relação espiritual com a verdade, verdade esta constituída por nossos pensamentos e ações; produto do cuidado, e pela qual somos responsáveis. Assim, pode-se dizer que aqueles que habitam a filosofia e a tem como “modo de vida” devem seguir sempre vigilantes para não se perderem pelo caminho. Em outras palavras,

o discurso filosófico de Sócrates era vinculado com a forma de viver e a filosofia um exercício que o preparava para a sabedoria. Exercícios espirituais que o transformavam interiormente, e seus discursos coadunavam com suas ações. Surgia, portanto um imenso movimento diante do ‘Mito Sócrates’. A ideia de filosofia se vincula a este ‘modo de vida’. ‘Modo de vida’ cujo exemplo mítico está relacionado com as incessantes buscas pela virtude, pelo conhecimento e verdade, pois ele dizia: ‘sei que nada sei’, ‘conhece-te a ti mesmo’, ‘cuida de si’ (SILVEIRA, 2014, p.115).

Ainda a respeito da verdade, Ball (2016)⁴¹ alega, com base em Foucault e em outros autores pós-críticos, que há três modalidades de verdade: sobre nós ou jogos de verdade; a que contamos a nós mesmos ou o cuidado de si; a que contamos aos outros ou a *parrhesia* (fala franca). Conforme Ball (2016), há dois sentidos diferentes e até incompatíveis no que tange à verdade na terceira fase foucaultiana. Primeiramente, há a vontade da verdade e o papel que a verdade assume como uma autoridade reforçando o

⁴¹ Resenha em português feita por nós com base no texto “Subjectivity as a site of struggle: refusing neoliberalism?” de 2016, originalmente escrito em inglês.

valor na política. Já o segundo sentido trata de uma concepção ética positiva da verdade em relação ao cuidado de si e a prática da *parrhesia*.

Para Ball (2016), a subjetividade é o ponto de contato entre o si-mesmo e o poder, e os regimes de verdade nos oferecem os termos que tornam o autorreconhecimento possível. Como exemplo, ele menciona o atual regime de números vigente no campo educacional, que nos reduz a categorias ou quocientes e diminui a humanidade e a complexidade de cada sujeito, com a promessa de que a categorização e a comparação por meio de medições padronizadas revelarão verdades essenciais sobre alunos, professores, instituições de ensino etc. Em suma, a verdade é articulada como prática de governo. No Ensino Superior no Brasil, como já mencionamos anteriormente, é possível observar o regime de números apontado por Ball (2016) em funcionamento, como as notas atribuídas aos cursos/instituições perante a visita do MEC e também as notas obtidas pelos alunos no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), que afetam diretamente o ser e o fazer docente e, conseqüentemente o ser e o fazer discente.

Ball (2016) ainda menciona que a luta começa pela relação consigo mesmo, no pensar(-se) diferente. Trata-se da forma socrática de autoexame, uma atividade de (re)fazer artesanalmente a relação consigo mesmo e com os outros dentro das restrições que nos são impostas, um trabalho tanto crítico, pois envolve desestabilizar formas habituais de fazer e ser; quanto positivo, abrindo espaços nos quais é possível ser diferente. Ball (2016) salienta que não se trata de meramente negar ou resistir à verdade, ao poder, à riqueza, mas sim tentar articulá-los e/ou dispor deles de outra forma, ou seja, o processo de autotransformação exige engajamento na busca pela formação de uma arte de viver e de ensinar.

Ball (2016) define tal atitude como espiritualidade política. Trata-se da vontade de descobrir uma nova forma de governar a si próprio por meio de uma forma diferente de separar verdadeiro e falso, o que implica entender o presente como um projeto com fim aberto e a liberdade como um processo de luta. Trata-se de pensar COMO resistir ao poder e também se conduzir sob tais regras, ou ainda, onde estamos e o que fazemos hoje, neste momento, enfim, ter a ética como prática. Porém, o autor ressalta que tal processo envolve riscos, o de tensões e contradições que constituem a subjetividade, que pode tornar-nos até irreconhecíveis para nós mesmos e para os demais, podendo levar-nos a outro risco, o da censura, do ridículo ou da marginalização. A questão seria,

então, a de gerir o mal-estar provocado não só pelos ismos (neoliberalismo, capitalismo, entre outros), mas também do gerado por este processo de autotransformação constante, contínuo e necessário, no qual o sujeito nunca é o mesmo, é sempre um incessante vir a ser.

A este respeito, Ortega (1999), em consonância com Ball (2016) fala de uma política espiritual, ou seja,

da elaboração de uma relação não normatizada (nem normatizável) consigo como alternativa às estratégias de subjetivação do poder disciplinar moderno e do biopoder – subjetividade como decisão ético-estética, como cuidado de si, e não como objeto de um poder “des-cuidante”. O indivíduo possui a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar e constituir para si uma forma desejada de existência (Foucault denomina este processo *ascese* ou *tecnologias de si*). [...] A relação consigo oferece uma alternativa a Foucault, uma forma de resistência diante do poder moderno. A ascese representa uma arma, uma possibilidade de “se equipar”. A política, entendida nestes termos, é uma *política espiritual*, uma *revolução da alma*.

Em suma, Ortega salienta que o cuidado de si é concebido por Foucault como “o ponto de resistência preferencial e útil contra o poder político, e localiza o objetivo político no fomento de *novas* formas e subjetividade” (ORTEGA, 1999, p. 153). Ainda segundo Ortega (1999), Foucault defende a criação de novos esboços de si mesmo que não tenham obrigatoriamente como resultado a formação de uma sujeito dócil” (ORTEGA, 1999, p.154), um tipo de subjetividade anárquica, “pois se trata em última análise, de se libertar do Estado e das forma de subjetivação ligadas ao Estado” (ORTEGA, 1999, p.152-153).

Voltando à questão do conhecimento de si e do cuidado de si, o próprio Foucault, no resumo por ele redigido do curso *A hermenêutica do sujeito*⁴² (1997), menciona que o curso visava a analisar o tema da hermenêutica do Sujeito, não apenas no que tangia ao seu quadro teórico, mas “em relação ao conjunto de práticas que tiveram grande importância na Antiguidade Clássica ou tardia” (FOUCAULT, 1997, p. 119). Práticas estas relacionadas à *epimeleia heautoû*, em grego, ou *cura sui*, em latim, que significava ocupar-se de si, cuidar de si mesmo que, conforme Foucault (1997, p. 119), foi “obscurecida pelo brilho do *Gnôthi seauton*”, a inscrição délfica “conhece-te a ti mesmo”. Porém, o autor ressalta que as duas práticas estavam associadas e que é “fácil encontrar testemunhos da importância dada ao “cuidado de si” e de sua conexão com o tema do conhecimento de si”. (FOUCAULT, 1997, p. 119), pois tanto a filosofia

⁴² Tradução autorizada de “Résumé des cours (1970-1982)”, parte da obra *Dits e écrits* (4 vols.), publicada em 1994 pela Éditions Gallimard, de Paris, França.

antiga quanto o ascetismo cristão colocam-se “sob o signo do cuidado de si e faz da obrigação de ter de se conhecer um dos elementos dessa preocupação essencial” (FOUCAULT, 1997, p. 120).

Foucault (1997) ressalta o sentido evocado pela palavra *epimeleia*. O termo que, segundo ele, “não designa simplesmente uma atitude de consciência ou uma forma de atenção sobre si mesmo; designa uma ocupação regulada, um trabalho com prosseguimentos e objetivos” (FOUCAULT, 1997, p. 121). Essa cultura de si, de acordo com o autor francês, este conceito ou esta prática não foi uma invenção do pensamento filosófico, mas sim “um preceito de vida, de um modo geral, altamente valorizado na Grécia” e em outros lugares. Em Roma, por exemplo, havia o conceito de *otium* (ócio, lazer), diretamente relacionado ao tempo que uma pessoa se ocupava com ela mesma e que comportava um conjunto de práticas denominado geralmente de *askesis*.

A *epiméleia heautoû* (cuidado de si), relacionada com o preceito délfico *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) é, de acordo com Foucault (2010, p. 6), “uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral, é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”. Ainda sobre o cuidado de si e/ou ocupar-se de si, o mesmo autor menciona que o tema, consagrado por Sócrates, foi retomado posteriormente pela filosofia e é um imperativo que circula entre várias doutrinas diferentes, tomando forma de uma atitude, de uma prática social com procedimentos, práticas e receitas que foram refletidos, desenvolvidos, aperfeiçoados, “enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 2013, p. 50). Foucault (2013) também alega que a noção de cuidado de si ampliou-se e houve multiplicação e deslocamentos de sua significação ao longo da História.

Para tentar elucidar de forma sucinta o que é cuidado de si filosófico foucaultiano, retomamos abaixo o esquema simples apresentado por Foucault, no qual ele ressalta o que deve ser levado em conta na noção de *epiméleia heautoû* (2010, p. 11-12):

- 1) é uma atitude para consigo mesmo, para com os outros ao seu redor e para com o mundo no qual se está inserido;

2) é uma conversão do olhar, do exterior, dos outros e do mundo para o interior, para si mesmo. É atenção ao que se pensa e ao que se passa no seu pensamento, o que requer exercício e meditação;

3) designa também ações exercidas de si para consigo, nas quais “nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (FOUCAULT, 2010, p. 12).

O cuidado de si constitui uma prática constante a ser realizada ao longo de toda a vida. Epicuro, Musonius Rufus e Galiano, conforme Foucault (1997), ressaltam a ideia de que ocupar-se de si não é uma simples preparação para a vida adulta, como fora entendida inicialmente, mas uma forma de vida. Trata-se, então, de ocupar-se de si, por si mesmo, não mais para governar a cidade ou para preparar-se para a idade adulta. “Deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto” (Foucault, 1997, p. 123). Sêneca, Plutarco e Epiteto recomendam “residir em si mesmo”, uma conversão a si (*ad se convertere*), cujo objetivo é relacionar-se consigo mesmo. As relações estabelecidas consigo mesmo, de acordo com Foucault (1997), são concebidas a partir de dois modelos: o jurídico-político (ser soberano de si); o do gozo possessivo (gozar de si, ter prazer consigo mesmo).

Vale salientar que, quando a aplicação a si tornou-se uma prática a ser realizada ao longo de toda a vida, seu papel pedagógico de preparação para a vida adulta foi apagando-se e outras funções surgindo. Dentre elas, destacam-se:

- 1) Crítica: desaprender (de-discere) os maus hábitos e falsas opiniões recebidos dos outros, mestres, familiares etc.;
- 2) De luta: combater durante toda a vida, luta para o qual se deve equipar o indivíduo com armas e coragem;
- 3) Curativa e terapêutica: curar as doenças (*pathos*) da alma é papel da filosofia para epicuristas, cínicos e estoicos.

Foucault (1997) reforça a curiosidade da multiplicidade das relações sociais que podem servir de suporte a esta prática da alma. Havia instituições escolares estritas, como a escola de Epiteto, que ensinavam técnicas para os futuros praticantes da cultura de si; os conselheiros privados, que aconselhavam políticos, coordenavam a educação dos jovens e ajudavam nas circunstâncias importantes da vida; e outras relações, como a familiar, as de proteção, de amizade. Nas palavras de Foucault, “um serviço de alma” que se realiza através de múltiplas relações sociais. [...] Sem dúvida, nossas categorias

modernas de amizade e de amor são bastante inadequadas para decifrá-las” (FOUCAULT, 1997, p. 126).

Uma das metáforas recorrentes relacionada à cultura de si é a do atleta ou lutador que deve exercitar-se para preparar-se para triunfar sobre os adversários. Assim como o atleta não tenta fazer proezas e movimentos desnecessários, nós, segundo Foucault (1997, p. 127), não precisamos realizar façanhas sobre nós mesmos, mas sim “aprender exclusivamente aquilo que nos permite resistir aos acontecimentos que se podem produzir; devemos aprender a não nos deixar perturbar por eles, a não nos deixar levar pelas emoções que eles poderiam suscitar em nós”.

Para tal, segundo ele, precisamos de discursos verdadeiros ou racionais, de *logoi* ou *verídica dicta*, como era chamado por Lucrécio. Tais discursos “permitem conjurar nossos temores e não nos deixar abater por aquilo que acreditamos serem infelicidades” (FOUCAULT, 1997, p. 127). Para ele, os discursos verdadeiros constituem o equipamento necessário que nos permite afrontar o real, pois

não dizem respeito àquilo que somos, a não ser na nossa relação com o mundo, no nosso lugar na ordem da natureza, na nossa dependência ou independência em relação aos acontecimentos que se produzem. Não são de forma alguma, uma decifração de nossos pensamentos, de nossas representações, de nossos desejos (FOUCAULT, 1997, P. 127).

A seu respeito, Foucault menciona três questões primordiais: sobre sua natureza; seu modo de existência e sobre técnicas de apropriação. O autor ainda ressalta que a memória desempenha um papel crucial, mas ele aponta também outros pontos na ascensão da verdade:

- 1) a escuta, de suma relevância para tanto estoicos quanto epicuristas, para os quais deve-se primeiro calar e escutar;
- 2) a escrita pessoal (*hupomnèmata*, caderno sobre temas importantes) que inclui “tomar notas das leituras, das conversas, das reflexões que se ouvem ou se fazem a si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p. 129), notas que devem ser lidas e relidas constantemente;
- 3) voltar-se para si ou *anachorèsis eis heauton* como utilizada por Marco Aurélio, no sentido de exercícios de memorização do que se aprendeu.

Havia, portanto, “todo um conjunto de técnicas com o objetivo de vincular a verdade ao sujeito [...] mas ainda estamos longe do que seria uma hermenêutica do sujeito” (FOUCAULT, 1997, p. 130). Segundo o autor, trata-se de memorizar, aprender

e progressivamente aplicar uma verdade que este quase-sujeito “não conhecia e que não residia nele” (FOUCAULT, 1997, p. 130).

O filósofo francês também diz que, além dos exercícios físicos de resistência, privação e abstinência, que dentro da cultura de si, estabeleciam e testavam a independência do indivíduo em relação ao exterior, havia os treinamentos do pensamento e para o pensamento. Entre estes, ele destaca a *praemeditatio malorum* ou meditação dos males futuros, que consiste em considerar que o pior nos possa acontecer e que visa à anulação tanto do futuro quanto do mal, e a *melete thanautou* ou exercício/meditação de morte, que nos leva a viver um dia, um momento, de cada vez, como se este fosse o último. Entre o *exercitatio* (treinamento físico) e a *meditatio* (exercício em pensamento), há uma série de práticas possíveis com o intuito de colocarmos à prova nós mesmos, as quais Hadot (2014) denomina exercícios espirituais.

Há uma enorme variedade e riqueza de exercícios espirituais na Antiguidade. Sua prática “provavelmente se enraíza em tradições que remontam a tempos imemoriais” (HADOT, 2014, p. 35). Cada escola filosófica possuía seus exercícios, havendo variações tanto em sua tonalidade afetiva e em seu conteúdo nocional. Para os estoicos, por exemplo, envolviam a mobilização da energia e o consentimento ao destino. Já no epicurismo, seu foco era a descontração e o desapego. Para os platônicos, implicava concentração mental e renúncia ao sensível. Porém, segundo Hadot (2014), a figura de Sócrates, que foi e continua sendo um apelo vivo à consciência moral, é a responsável pela imersão desse conceito na consciência ocidental.

Interessava a Foucault, de acordo com Ortega (1999), um rastreio histórico-genealógico destas práticas, “o estudo das diferentes práticas (ascese) que permitem ao indivíduo estabelecer uma determinada relação consigo e esboçar diferentes pontos de resistência contra um poder subjetivante” (ORTEGA, 1999, p.60). Tal ascese tem um fim almejado, porém não atingível, que “se fosse alcançado, terminaria a tarefa do trabalho sobre si [...] uma tarefa de constante autossuperação: o si como trabalho ininterrupto, como infinitas metamorfoses” (ORTEGA, 1999, p. 63), um sempre esboço de si foucaultiano. Ortega (1999, p. 166) ainda salienta que as análises da antiga estilística da existência conduziram Foucault à reabilitação e revalorização da práxis ascética da Antiguidade [, pois] a ascese é a tarefa de autoelaboração”.

A respeito do contato de Foucault com a obra de Hadot, Ortega (1999) menciona que tal encontro “lhe permitiu também desenvolver uma nova concepção de filosofia,

como ascese e exercício espiritual, a qual deve ser atualizada. Foucault realiza tal reabilitação no seu próprio trabalho” (ORTEGA, 1999, p. 25). Para Ortega (1999), Foucault faz uma ascese pessoal ao escrever os dois últimos volumes da História da Sexualidade, pois “escrever representa uma atividade *etho-poética* como autoformação e autotransformação, que já existia em Plutarco e que Foucault reencontra na literatura moderna, especialmente em Raymond Roussel” (ORTEGA, 1999, p. 25). Ainda conforme Ortega (1999), pensar, hoje em dia, conceitos como o de ascese é um dos desafios que nos foi legado por Michel Foucault.

Cabe aqui mencionar que há controvérsia quando se trata do momento no qual a filosofia deixou de ser entendida e vivenciada como ascese, tornando-se um mero discurso teórico. De acordo com Ortega (1999), para Foucault, o operador de tal mudança foi Descartes (1596-1650), apesar de ele ter escrito *Meditações*, que podem ser consideradas práticas de si. Já para Hadot, a responsabilidade por tal mudança foi a separação entre Teologia e Filosofia, “em razão da importância da escolástica e do surgimento das universidades” (ORTEGA, 1999, p. 55). Assim, a Filosofia é separada dos exercícios espirituais, que passam a pertencer à mística cristã, e acaba transformando-se em “um discurso de professores, não constituindo mais um estilo de vida, a não ser na forma de vida de cada professor de filosofia dentro dos muros da universidade” (ORTEGA, 1999, p. 55). Em outras palavras, para Ortega (1999), a Filosofia permanece encerrada dentro dos muros da faculdade de Filosofia desde o século XVIII. Porém, tanto Foucault quanto Hadot se questionam sobre a definição e serventia da Filosofia e, segundo Ortega (1999), ambos chegam à mesma resposta: trata-se da atividade da autotransformação, correspondente à experiência da espiritualidade na Antiguidade, i.e., das “transformações que o sujeito deve desenvolver para alcançar uma determinada forma de existência” (ORTEGA, 1999, p. 58).

Pierre Hadot é mencionado por Foucault na introdução do *Uso dos Prazeres*, sem muita especificação e explicação sobre a influência exercida por aquele em sua obra. De acordo com Ortega (1999), “precisar o rastro de Pierre Hadot no pensamento foucaultiano constitui uma tarefa importante para os estudiosos de sua obra tardia” com o intuito de ressaltar o objetivo principal de Foucault: “a reabilitação da filosofia como ascese e forma de existência.” (ORTEGA, 1999, p. 52). Ademais, conforme Ortega (1999), são todavia ignoradas as contribuições de Pierre Hadot, assim como as de Peter Brown nos estudos das obras foucaultianas. Este “acentua a noção de *estilo, de*

estilização da existência” (ORTEGA, 1999, p. 28), aquele “estabelece um compreensão de filosofia como *exercício espiritual*, passível de atualização” (ORTEGA, 1999, p. 25), noção esta que vamos procurar explorar a seguir.

Pierre Hadot, em seu clássico *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, obra da qual bebeu Michel Foucault em sua terceira fase, fala-nos de uma visão estética, um meio para reaprender a ver e a ser no mundo e do ato filosófico como uma conversão, conversão de si mesmo, conversão esta que “subverte toda a vida, que muda o ser daquele que a realiza” (HADOT, 2014, p. 22), ou em termos plotinianos, “esculpir sua própria estátua”.

Primeiramente, Hadot (2014) define o adjetivo “espiritual”, termo por ele escolhido, em detrimento de outros, para designar uma gama de exercícios filosóficos, que “correspondem a uma transformação da visão do mundo e a uma metamorfose da personalidade” (HADOT, 2014, p. 20). Segundo ele, tal termo “permite entender bem que esses exercícios são obra não somente do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo” e por meio deles, “o indivíduo se eleva à vida do Espírito objetivo, isto é, recoloca-se na perspectiva do Todo (“Eternizar-se ultrapassando-se”)” (HADOT, 2014, p. 20).

Um exercício espiritual é uma prática destinada a realizar uma mudança radical do/no ser. São mais do que exercícios proposicionais e/ou conceituais, mas sim uma prática, um trabalho sobre si mesmo, devem ser vivenciados, experimentados. Tais exercícios em vez de informar, visavam a formar. Não se trata de uma construção teórica simplesmente, mas de uma experiência, um exercício de formação de si, da *Paidea*⁴³. Podemos ter uma ideia da amplitude desse tipo de exercício graças às listas de exercícios espirituais estoicos que nos foram legadas por Filo de Alexandria.

Uma dessas listas enumera: pesquisa (*zetesis*), o exame aprofundado (*skepsis*), a leitura, a audição (*akroasis*), a atenção (*prosochê*), o domínio de si (*enkrateia*), a indiferença às coisas indiferentes. A outra nomeia sucessivamente: as leituras, as meditações (*meletai*), as terapias das paixões, as lembranças do que é bom, o domínio de si (*enkrateia*), a realização dos deveres (HADOT, 2014, p. 25).

⁴³ Termo grego, surgido na época homérica, referente ao sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga, que incluía temas variados, dentre eles a Filosofia, visando à formação de um cidadão perfeito e completo, capaz de liderar e ser liderado e também desempenhar um papel positivo na sociedade.

A *prosochè*, atenção ao momento presente, é essencial tanto para os estoicos quanto para os epicuristas. Trata-se de uma “vigilância e uma presença de espírito contínuas, uma consciência de si sempre desperta, uma tensão constante do espírito” (HADOT, 2014, p. 25) para distinguir aquilo que depende de nós e aquilo que não depende. Hadot (2014) ressalta que a atenção ao momento presente é, de certo modo, o segredo dos exercícios espirituais, pois nos “liberta da paixão que o passado ou futuro, que não dependem de nós, sempre provocam; ela facilita a vigilância, concentrando-se sobre o minúsculo momento presente, sempre dominável, sempre suportável, em sua exiguidade” (HADOT, 2014, p. 26). Ainda segundo o autor, a atenção permite-nos responder prontamente aos acontecimentos ainda que nos acerquem de forma repentina, mas para tal, faz-se necessário ter sempre os princípios fundamentais da escola filosófica à qual se pertence *procheiron* (sempre à mão). Vale destacar que, embora envolva o pensamento, os exercícios envolvem também a imaginação e a afetividade, todos em prol da transformação da personalidade.

Sobre a meditação, diferentemente do conceito ocidental, envolve memorização (*mnemè*) e a própria meditação (*meletè*) da regra de vida por meio de leitura, audição, pesquisa, exame aprofundado e também por meio da escrita. Ao meditar, o indivíduo “se esforça para dominar o discurso interior, para torná-lo coerente, para ordená-lo a partir do princípio simples e universal que é a distinção entre o que depende de nós e o que não depende de nós, entre a liberdade e a natureza” (HADOT, 2014, p. 29). Um exemplo é a meditação constante do *tetrapharmakon* (quádruplo remédio) dos estoicos: “os deuses são temíveis, a morte não oferece risco, o bem é fácil de adquirir, o mal é fácil de suportar” (HADOT, 2014, p. 33). Acreditava-se que a meditação dos dogmas fundamentais da escola podia levar à cura da alma

Ainda sobre os exercícios espirituais, Hadot (2014) salienta que, além de estarem relacionados a aprender a viver, envolvem aprender a dialogar, aprender a morrer e aprender a ler, sendo escrever, reescrever, ler e reler movimentos de construção de si, do mundo e dos outros.

Sobre dialogar, no diálogo socrático, “o que está em questão não é aquilo de que se fala, mas aquele que fala [...] o interlocutor de Sócrates não aprende nada e Sócrates não tem a pretensão de lhe ensinar coisa alguma” (HADOT, 2014, p. 36-37). Como um tavão, tipo de mosca insistente, ele questiona seus interlocutores com o intuito de levá-los a prestar atenção a si mesmos, a cuidar de si mesmos. Tratava-se de um exercício

espiritual, praticado em comum, que impelia os interlocutores a conhecer-se a si mesmos, examinando suas consciências, estando atentos a si mesmos. Já no diálogo platônico, “não se trata de expor uma doutrina, mas de conduzir um interlocutor a certa atitude mental determinada” (HADOT, 2014, p. 41), é um exercício concreto, prático, real, um combate amistoso. O exercício dialético, assim como o diálogo socrático, é um exercício espiritual, pois “só é possível se o interlocutor quer verdadeiramente dialogar, isto é, se realmente quer encontrar a verdade, se quer, no fundo de sua alma, o Bem, se aceita submeter às exigências racionais do Logos” (HADOT, 2014, p. 43), isto é, “o esforço dialético é uma ascensão em comum na direção da verdade e na direção do Bem ‘que toda alma almeja’” (HADOT, 2014, p. 43). Além disso, o exercício dialético “desvia a alma do sensível e lhe permite se converter para o Bem. É um itinerário do espírito em direção do divino” (HADOT, 2014, p. 44).

Como em todo exercício espiritual, no diálogo, quer seja socrático ou platônico, “é preciso fazer a si mesmo mudar de ponto de vista, de atitude, de convicção; portanto, dialogar consigo mesmo; portanto, lutar consigo mesmo” (HADOT, 2014, p. 41). Ademais, “todo exercício espiritual é dialógico na medida em que é exercício de presença autêntica perante si e perante os outros” (HADOT, 2014, p. 40).

Aprender a morrer ou exercitar-se para a morte, um outro tipo de exercício espiritual, exige uma concentração do pensamento sobre si mesmo, um esforço de meditação, um diálogo interior, significa preparar-se para “a morte de sua individualidade, de suas paixões, para ver as coisas na perspectiva da universalidade e da objetividade” (HADOT, 2014, p. 45). Graças a este exercício, é possível manter a serenidade na infelicidade, por meio dele, saímos da subjetividade individual e passional para a objetividade universal. Para os estoicos, além da possibilidade de encontrar a liberdade por meio do exercício da morte, tal exercício envolve também aprender a contemplar. Segundo Filo de Alexandria (apud HADOT, 2014, p. 50), os que praticam a sabedoria sabem contemplar a natureza de forma especial.

Contemplam de uma maneira excelente a natureza e tudo que ela contém; eles escrutinam a terra, o mar, o ar, o céu com todos os seus habitantes; eles se unem, pelo pensamento, à lua, ao sol, aos outros astros, errantes e fixos, em suas evoluções, e se, pelo corpo, estão fixados à terra, eles munem suas almas de asas a fim de caminhar sobre o éter e contemplar as potências que lá habitam, como convém a verdadeiros cidadãos do mundo. Assim, repletos de excelência perfeita, habituados a não levar em consideração os males do corpo e coisas exteriores [...] é evidente que tais homens, no deleite de suas virtudes, fazem de toda sua vida uma festa.

Para o epicurista, cujo um dos lemas cardinais é *carpe diem*, o exercício da morte está relacionado à “consciência da finitude da existência e ela dá um valor infinito para cada instante; cada momento da vida surge carregado de um valor incomensurável” (HADOT, 2014, p. 46-47), envolvia viver o dia, o instante como se fosse primeiro e, ao mesmo tempo, o último, como se a vida fosse acabar naquele instante.

Em suma, apesar da diferença e da diversidade, Hadot (2014) salienta que há uma unidade, tanto nos meios quanto na finalidade, entre tais exercícios. Usam-se como meios as técnicas retóricas e dialéticas de persuasão, as tentativas de domínio da linguagem interior, a concentração mental. Quanto à finalidade, em todas as escolas, está relacionada ao aperfeiçoamento e à realização de si. Todas as escolas acreditam que a conversão filosófica é essencial ao homem para que este possa libertar-se de seu estado de inquietude e infelicidade, dos grilhões das preocupações e paixões, para aperfeiçoar-se, transformar-se, alcançar a perfeição. Dito de outro modo,

todo exercício espiritual, portanto, é fundamentalmente um retorno a si mesmo, que liberta o eu da alienação na qual as preocupações, as paixões, os desejos o haviam enredado. O eu assim liberto não é mais nossa individualidade egoísta e passional, é nossa personalidade moral, aberta à universalidade e à objetividade, participando da natureza e do pensamento universais (HADOT, 2014, p. 57).

Ou ainda, eles são fortemente relacionados à formação de si, à *Paideia* que, segundo Hadot (2014, p. 56) “nos ensinará a viver não em conformidade com os preconceitos humanos e com as convenções sociais (pois a vida social é ela própria um produto das paixões), mas em conformidade com a natureza do homem que não é outra senão a razão”.

Cabe também mencionar que os exercícios espirituais, intrinsecamente relacionados à filosofia (amor pela sabedoria), deverão sempre ser retomados num esforço sempre renovado, conversão esta que deve ser (re)conquistada incessantemente, ao longo de toda a existência. Na medida em que a vida filosófica é sinônimo de prática desses exercícios, ela é “um desenraizamento da vida cotidiana: ela é uma conversão, uma mudança total de visão, de estilo de vida, de comportamento” (HADOT, 2014, p. 58). Implicava uma inversão radical dos valores recebidos, na qual, “renunciava-se aos falsos valores, às riquezas, às honras, aos prazeres para se voltar para os verdadeiros valores, a virtude, a contemplação, a simplicidade da vida, a simples felicidade de existir” (HADOT, 2014, p. 58).

Hadot (2014) lembra-nos de que “o modelo da Filosofia Antiga é sempre atual, o que significa que a busca da sabedoria é sempre atual e possível” (HADOT, 2014, p. 341). Há, na visão de Hadot (2014), quando se busca pela sabedoria, atitudes universais e fundamentais adotadas pelo ser humano “um estoicismo, um epicurismo, um socratismo, um pirronismo, um platonismo universais, que são independentes dos discursos filosóficos ou míticos que pretenderam ou pretendem justificá-los definitivamente” (HADOT, 2014, p. 341). Afinal, “o drama da condição humana é que é impossível não filosofar e, ao mesmo tempo, impossível filosofar” (HADOT, 2014, p. 331). Diante disso, não seria o papel da filosofia “nos conduzir a um percepção mais completa da realidade por um certo deslocamento de nossa atenção?” (HADOT, 2014, p.316). Em suma, Hadot (2014) defende a atualidade de tomar a filosofia como modo de vida, como exercício espiritual, palavras estas com as quais concordamos e que estão intimamente relacionadas com os propósitos desta tese: “da minha parte, creio firmemente, ingenuamente talvez, na possibilidade para o homem moderno, de viver não a sabedoria (os Antigos, na maior parte, não acreditavam nessa possibilidade), mas um exercício, sempre frágil, da sabedoria” (HADOT, 2014, p. 298).

Como pudemos observar nesta seção, para Pierre Hadot “A filosofia como modo de vida está relacionada à tranquilidade da alma (*ataraxia*), à liberdade interior (*autarkeia*), ao desapego (*aprosatheia*), à ausência de paixões (*apatheia*) etc., conduzindo o homem à consciência cósmica, isto é “a consciência de fazer parte do cosmos, a dilatação do eu na infinitude da natureza universal” (HADOT, 2014, p. 264). Tratava-se, na antiguidade, do “resultado de um exercício espiritual que consistia em tomar consciência do lugar da existência individual na grande corrente do cosmos, na perspectiva do Todo” (HADOT, 2014, p. 272). O autor também ressalta que a consciência cósmica não estava relacionada ao conhecimento científico, objetivo e matemático do Universo, mas este exercício situava-se na “experiência vivida do sujeito concreto, vivente e percipiente” (HADOT, 2014, p. 272), como menciona Sêneca em Cartas a Lucílio, 66, 6 (apud HADOT, 2014, p. 272) “mergulhando na totalidade do mundo” (*toti se inserens mundo*). Enfim, assim como os sábios antigos, Hadot (2014) recomenda que, a cada instante, tenhamos a consciência de viver no cosmos e de buscar com ele harmonizarmo-nos.

Para encerrar esta seção, mencionaremos brevemente o livro *Espiritualidade para Céticos: Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI* do filósofo

americano Robert C. Solomon. Esta obra, segundo o próprio autor, nasceu de uma certa desilusão sua para com a Filosofia, pois “o que fora concebido originalmente como amor à sabedoria transformara-se num empreendimento técnico tedioso [...] tornara-se cada vez mais estreita e excludente” (SOLOMON, 2003, p. 21), ignorando quase que totalmente o aspecto emocional do ser humano, deixando de atrair buscadores do sentido da vida. Houve, de acordo com o autor (2003), uma “diluição” da filosofia, o que acabou tornando-a intraduzivelmente técnica, científica e até irrelevante para o mundo acadêmico, cultural e intelectual para além das faculdades de Filosofia. Notamos, na obra estudada, que, assim como para os filósofos franceses, Foucault e Hadot, Solomon (2003) advoga a reabilitação da filosofia como modo de vida, estando a filosofia e a espiritualidade imbricadas. Para o autor (2003, p. 33), “a espiritualidade significa as paixões nobres e reflexivas da vida e uma vida vivida em conformidade com essas paixões e reflexões nobres”, pois segundo Solomon (2003, p. 33) “o modo como pensamos e nos sentimos tem um impacto sobre o modo como realmente somos”.

Solomon apresenta-nos a noção de espiritualidade naturalizada. Para ele (2003, p. 31), a espiritualidade, como filosofia, abarca não apenas os “aspectos de nossa vida que não são redutíveis a estratégias de carreira, psicologia pessoal, responsabilidades cívicas, a flutuação de nossa sorte econômica ou romântica. [...] envolve aquelas indagações que não têm respostas definitivas”. Porém, o autor adverte que “não é a mera formulação de perguntas que nos introduz na esfera da espiritualidade, mas a compreensão [de que] as questões permanecem e cada um encontra sua resposta” (SOLOMON, 2003, p. 32). Segundo o autor, em última análise, a espiritualidade é social e global, ou seja, uma noção de nós mesmos identificados com outros e com o mundo. A espiritualidade “não é nem racional nem emocional, mas as duas coisas ao mesmo tempo, tanto apolínea quanto dionisíaca [...] é viver além de si mesmo, descobrindo um *self* maior [...] [ou] o não-*self*. Enfim, para o autor a espiritualidade pode ser “simples, restrita e unívoca tanto quanto multivocal, irrestrita e complexa [...] é a celebração da vida, [...]. Significa pensar a própria vida como uma obra de arte em andamento, e amá-la condignamente” (SOLOMON, 2003, p. 66-68).

2.4 A Psicanálise e Foucault: entrelaçando os capítulos I e II

A tese em construção tem como principais pilares teóricos a filosofia foucaultiana e psicanálise freudiana. Desta, adveio o conceito de mal-estar constitutivo do ser humano na (Pós-) Modernidade, abordado no primeiro capítulo, que está imbricado ou, de certa forma, até operacionaliza ou não o cuidado (de si) sobre o qual discorreremos no segundo capítulo. Retomamos o fato de que, neste trabalho, o cuidado de si filosófico foucaultiano que procuramos rastrear nas falas dos sujeitos-professores-participantes está associado aos modos de subjetivação, ou seja, à ética e a estética da existência e ao cuidado (de si) atrelado aos modos de objetivação, ou melhor, às técnicas de governamentalidade neoliberais sobre as quais já discorreremos. Diante do exposto, pareceu-nos necessário abordar alguns dos entrelaçamentos possíveis entre a obra foucaultiana e a psicanalítica.

A terceira fase foucaultiana, acima mencionada, tem pontos de convergência com a Psicanálise, em especial, a de base freudiana-lacanianiana, embora o próprio Foucault nunca tenha explicitamente admitido tais imbricamentos, talvez porque não tenha tido tempo devido à sua morte precoce. Joel Birman, em seu livro “Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise”, aborda a questão da presença-ausência desta área do saber na obra de Foucault, obra por nós escolhida para procurar mostrar algumas das relações entre as perspectivas teóricas fundantes desta tese.

Sobre a relação entre a filosofia foucaultiana e a Psicanálise, Birman (2000, p. 10) afirma que “Foucault teria estabelecido uma permanente interlocução com a psicanálise, tecida ora a viva voz ora em surdina”. Na visão de Birman (2000), apesar de a Psicanálise só ter sido confrontada de maneira direta em três obras foucaultianas, a *História da Loucura na Idade Clássica*, *As Palavras e as Coisas* e *Vontade de Saber*, “o percurso teórico de Foucault foi eminentemente marcado por um diálogo permanente com a psicanálise” (BIRMAN, 2000, p. 15). Outro ponto importante das colocações de Birman (2000) a respeito da questionável interlocução constante entre Foucault e a Psicanálise, é o fato de que, embora esta não tenha sido a temática central de nenhum dos livros do filósofo, ela permeia todo seu projeto filosófico, quer seja em forma de evocação ou de reticências, de pulsações ou de silêncios, sendo sua presença-ausência considerada por Birman (2000) como “passos estratégicos na construção do pensamento

de Foucault” (BIRMAN, 2000, p. 19); presença-ausência esta sempre realizada pela mediação de uma problemática, objeto da pesquisa do francês. Vale ressaltar que a interlocução que se dá não apenas com a Psicanálise, mas também com outros saberes, outras formações discursivas, incluindo as não-científicas, às vezes, de forma velada, outras, de forma escancarada, “transformou-se em parte integrante da renovação do trabalho filosófico que [Foucault] se propunha realizar” (BIRMAN, 2000, p. 27). Porém,

não haveria razão para Foucault destacar a psicanálise como uma formação discursiva específica a ser analisada em sua obra, como não seria também o caso das demais disciplinas, seja a antropologia social, a economia e a demografia, apesar da importância tática e estratégica de todas elas em seu percurso teórico. Sem dúvida, a interlocução com essas disciplinas também existiu e estabeleceu pela mesma via, isto é, a inscrição delas em problemáticas mais abrangentes, com a finalidade de realizar as pesquisas arqueológicas e genealógicas que ele pretendia (BIRMAN, 2000, p. 27).

Seja como for, ressalta Birman (2000), há referências múltiplas à psicanálise, materializadas de formas diferentes ao longo de toda a obra do autor. Ela “não seria uma metáfora, mas sempre uma formação discursiva que teria materialmente uma incidência no real” (BIRMAN, 2000, p. 34).

A Foucault, interessava em especial a psicanálise no que tangia à experiência ética na Modernidade que questionava a consistência ontológica da subjetividade de forma crucial. As novas formas de subjetividade dos dias atuais nos interpelam em nosso saber, nossos instrumentos de escuta, nas formas em que estas são configuradas e também na direção da experiência psicanalítica. Birman (2000, p. 33) ressalta que o discurso psicanalítico “se inscreve e se realiza sempre em contexto e dispositivos que, como multiplicidades que são, definem sempre as suas materialidades”.

A experiência analítica, segundo Birman (2000), funda-se nos eixos ético e estético e no embate direto entre cuidado e saber de si, constitutivos de experiências éticas, que foi foco do filósofo francês, em especial em sua dita terceira fase. O cuidado de si, uma marca da experiência ética na Antiguidade Grega, segundo o autor, teria sido silenciado, apagado, esquecido pela Modernidade, em detrimento do saber de si que permeia campos como a Medicina, a Psicologia, a Filosofia, entre outros. Tal apagamento e/ou esquecimento também se deu via os imperativos do Cristianismo: a confissão, a renúncia, a culpa.

Em seu percurso crítico sobre a sexualidade na Modernidade, Foucault inscreveu a psicanálise na mesma genealogia que modelou o dispositivo da confissão cristã, ou seja,

da confissão à experiência psicanalítica foram construídas diversas figuras intermediárias e diferenciações significativas nesse dispositivo, sem dúvida. O que existe de similar, no entanto, é que todas essas figuras foram construídas num espaço dialógico para a experiência moral, na qual a culpa e a penitência passaram a ocupar posições estratégicas nos dispositivos em questão (BIRMAN, 2000, p. 68).

Birman (2000) salienta que a ruptura ou a passagem da ética da Antiguidade para a moral do Cristianismo é o ponto central da História da sexualidade de Foucault. A ética na Antiguidade Grega diretamente relacionada ao cuidado de si e à estética da existência foi substituída, ao menos no Ocidente, por uma moral centrada na culpa como valor, que tomava a penitência como figura importante da experiência moral. De acordo com Birman (2000, p. 69), “seria por esse viés, portanto, que a psicanálise se inscreveria no dispositivo da confissão, tendo, portanto, na culpa um de seus operadores éticos cruciais”.

Na medida em que a exigência do conhecer a si mesmo (*gnôthi seauton*) passou a modelar o pensamento ocidental, o cuidado de si foi “sendo paulatinamente substituído e até mesmo esquecido, como condição da experiência ética e da produção de si mesmo” (BIRMAN, 2000, p. 85). Em *Tecnologias de si*, para Foucault, o sujeito deve ser concebido nos registros ético e estético, não no registro do saber de si que implica a renúncia cristã. E é justamente este o ponto fulcral da crítica foucaultiana a Lacan: a ética da renúncia. Conforme Birman (2000), Foucault incita-nos a uma depuração teórica e clínica, por meio da qual seria retomado o campo do cuidado de si em detrimento do saber de si, este baseado na renúncia, na culpa e na penitência. Eis o ponto que nos interessa em nossa pesquisa: o cuidado (de si) na (Pós)-Modernidade, em tempos de consumismo exacerbado, de crise financeira, de guerras insensatas e de educação como produto, aluno como cliente. Este cuidado (de si) que buscaremos rastrear nas falas do sujeitos-professores-participantes mais adiante. Porém antes de empreender a análise do *corpus*, é necessário (re)visitarmos alguns conceitos fundantes e fundamentais da perspectiva teórica por nós escolhida para dar ouvidos aos dizeres dos sujeitos-professores-participantes: a análise do discurso de linha francesa.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DO DISCURSO: OS DOIS “MICHEIS” E SEUS (DES)ENCONTROS

A Análise do Discurso teve suas origens nas décadas 50 e 60 e fez parte do que Gregolin (2006) chama da “aventura estruturalista”, que reuniu teóricos de diversas áreas, como a Filosofia, a Sociologia e a Linguística, com pontos de vista, muitas vezes, conflitantes como Lévi-Strauss, Dumézil, Jakobson, Althusser, Lacan, Foucault, Pêcheux, entre outros, todos tomando por base Saussure. O Estruturalismo, movimento unificador que “sacudiu as ciências humanas no século XX” (GREGOLIN, 2006, p. 19), segundo a autora (2006), “pareceu necessário [para] unificar as diversas tentativas de renovação das ciências humanas numa única corrente, senão numa única disciplina mais geral que a Linguística” (GREGOLIN, 2006, p. 21-22). Ainda a respeito do estruturalismo, Pêcheux (2006, p. 44) salienta que

[...] (tal como se desenvolveu particularmente na França dos anos 60, em torno da linguística, da antropologia, da filosofia, da política e da psicanálise) pode ser considerado, desse ponto de vista, como uma tentativa anti-positivista visando a levar em conta este tipo de real, sobre o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história.

Nasce, então, a Análise do Discurso que atravessa e é atravessada por várias áreas do saber, bebendo em áreas como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise etc. com o intuito de problematizar questões sobre sujeito, discurso, ideologia, língua, linguagem, relações de poder e saber, entre outros. Como área aberta, com um referencial teórico variado e em constante e contínua (re)construção, utilizando-se de conceitos vindos de outras ciências, é, infelizmente, por vezes, mal interpretada ou tida como confusa, sem foco, sem referencial teórico sólido, cabe mencionar.

No que tange ao Estruturalismo, não se trata de um método novo, mas aberto para a inquietude e para as inúmeras possibilidades do saber (pós-) moderno, conforme afirma Gregolin (2006). Trata-se de levar em conta “a interdependência dos elementos constitutivos dos objetos de estudo” (GREGOLIN, 2006, p.19-21).

No campo da Linguística, especificamente, a publicação das pesquisas de Harris, distribucionalista americano, com forte embasamento na Antropologia e na descrição de línguas indígenas; de Jakobson, que participou dos círculos de Moscou e de Praga e

viveu exilado nos Estados Unidos, onde teve contato com Lévi-Strauss; e de Benveniste foram de suma importância. O último ressalta o papel do sujeito na enunciação e trabalha a relação sujeito-enunciado-mundo, já o primeiro ainda não considera questões de significação e do contexto sócio-histórico de produção, que marcará a análise do discurso posteriormente. Dos estudos desses teóricos, podemos dizer que nasceram as duas principais correntes da análise do discurso, a perspectiva americana e a perspectiva europeia ou francesa (BRANDÃO, 2004; GREGOLIN, 2006).

A perspectiva francesa, adotada por este trabalho, parte de uma relação necessária entre o dizer e as suas condições de produção, ou seja, a exterioridade é tida como um marco fundamental. “Essa forma de ver o discurso implicou um grande deslocamento teórico e uma postura interdisciplinar” (BRANDÃO, 2004, p. 15). Para Análise do discurso de orientação francesa, dois conceitos são fundantes: o de ideologia via Althusser e o de discurso com base em Foucault, ambos basilares para os conceitos formulados por Pêcheux (BRANDÃO, 2004, p.18), como veremos mais adiante.

Ao Brasil, a partir da década de 70, chegaram diversas teorias e métodos vindos de alhures, entre elas a Análise do discurso, tanto de linha francesa (doravante AD) como a anglo-saxã. Em terras brasileiras, como em cada cultura específica, uma teoria “experimenta, absorve, assimila e/ou reprocessa dos legados de outras tradições de pensamento tão somente aquilo que se ajusta e se ajeita aos seus modos de agir e pensar” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 8). A boa recepção da AD e sua significativa difusão na década de 80 em nosso país envolveram vários aspectos políticos, históricos e sociais e também porque “nasceram ambos [,o Brasil e a AD,] de um processo que une o distinto e cria um uno diverso de si mesmo” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p.8). A Análise do Discurso brasileira “alimentou-se de uma tradição francesa de pensamento e hoje a alimenta, sem deixar de alimentar-se dela” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 22). Afinal, o momento de uma determinada área do saber “não herda o passado, mas o constrói à sua maneira, num processo em que as dimensões epistemológica e institucional são indissociáveis” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 9). Dito de outro modo, “a história está impregnada de memória e esta última, sabemos-lo, quase totalmente alheia à cronologia, faz-nos lembrar e esquecer, a depender de contingências que lhe são extrínsecas e de interesses que lhe são constitutivos” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 9). Atualmente, há uma

grande heterogeneidade dos estudos do discurso no Brasil que reproduz a seu modo e em seu interior a diversidade gestada no velho mundo e na América.

Nesta tese, optou-se por analisar o *corpus* coletado tendo por base a Análise do Discurso de linha francesa, no atravessamento de Michel Pêcheux e Michel Foucault e seus comentadores. No que tange à obra de Pêcheux, valer-nos-emos do livro *Discurso: Estrutura ou acontecimento*, no qual o autor discute a análise, como algo que parte do social e se abre, não tendo um modelo preestabelecido. Usaremos também a obra *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso* de Piovezani e Sargentini (2017) que traz textos de Pêcheux e seu grupo de pesquisa inéditos no Brasil. A respeito de Foucault, basear-nos-emos nas obras *A Ordem do discurso*, livro no qual ele analisa a relação entre as práticas discursivas e as diversas formas de poder que as permeiam, e *A arqueologia do saber*, em que o autor discute conceitos como formação discursiva, saber, enunciado, *a priori* histórico e outros. Coadunamos, assim, com a posição de Piovezani e Sargentini (2017) de que os legados destes autores não devem ser apagados ou silenciados, o que é feito por alguns analistas de “segunda geração” com o intuito de “dar ar de novidade às suas (re)formulações, às retomadas do já dito por outrem, alhures e independentemente” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p.14).

Alguns analistas do discurso questionam a utilização e a produtividade de conceitos foucaultianos para empreender as análises. De acordo com Piovezani, Cursino e Sargentini (2014), apesar de a passagem por Foucault não ser obrigatória e suficiente para que se faça um bom estudo discursivo, cremos, como os autores, que “a consideração atenta e o emprego rigoroso de seus postulados, noções e métodos tornam possíveis significativos avanços e aprofundamentos em fatores e questões sobre o dizer em sociedade” (PIOVEZANI; CURSINO; SARGENTINI, 2014, p. 19). Os autores também comentam que os textos foucaultianos são atravessados pelas vozes de inúmeros interlocutores, dentre eles Pêcheux, com quem “tem afinidades, recusas e apropriações” (PIOVEZANI; CURSINO; SARGENTINI, 2014, p. 12). Ainda a este respeito, concordamos com Piovezani, Cursino e Sargentini (2014, p. 12) quando mencionam que

a busca por um conhecimento ainda mais bem consolidado dos fundamentos e das especificidades de cada uma das análises do discurso, e ainda de seus eventuais contatos, consiste numa condição necessária para o aperfeiçoamento dos meios pelos quais tentamos alcançar nosso principal objetivo, a saber, descrever e interpretar a produção de sentidos na sociedade.

Sobre o uso da obra foucaultiana para operacionalizar a AD, Sargentini⁴⁴ (2012, p.10) esclarece que

[há uma] presença contínua do discurso no pensamento de Michel Foucault. É verdade que, em alguns momentos, a noção de discurso posta em evidência em Foucault aproxima-se mais das preocupações inerentes aos linguistas, em outras ela se afrouxa e as noções de sujeito, de poder e da ética de si parecem suplantam a primazia da preocupação com o discurso (inserções nossas).

Além das obras acima citadas, utilizamos, na construção deste capítulo, três livros que abordam as aproximações e os distanciamentos entre os postulados teóricos da AD, em especial de Pêcheu e Foucault. Tais livros são: *Discurso e sujeito em Michel Foucault* de Cleudemar Alves Fernandes; *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos & duelos* de Maria do Rosário Gregolin; *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*, organizado por Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Vanice Sargentini. Foram também usadas obras introdutórias de Orlandi (2009), Brandão (2004) e Mazière (2007) para construção deste capítulo teórico e o livro *Investigações discursivas na pós-modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira* de Márcia Aparecida Amador Mascia, orientadora desta tese, que articula conceitos da AD e de Foucault à perspectiva desconstrutivista de Derrida.

Mas, afinal, o que é analisar o discurso? Empreender uma análise na/pela perspectiva discursiva

requer fazer aparecer os aspectos referentes à forma de existência social dos sujeitos tendo em vista os aspectos linguísticos, sociais e históricos que engendram sua constituição nas formações discursivas, na formação e transformação desses sujeitos e dos objetos que constituem. (FERNANDES, 2012, p. 30),

A análise do discurso “busca descrever e interpretar a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos na sociedade, mediante a articulação necessária e indissociável da língua com a história” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 15). Trata-se de um domínio teórico que nasceu da articulação entre a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico e para e no qual

a língua, o sujeito, a história e o sentido são concebidos no interior das relações em que saberes e poderes não se dissociam no processo discursivo. Esses princípios provenientes da Análise do discurso de Pêcheux e seu grupo e dos aportes de Foucault são hoje incontornáveis para boa parte da AD praticada no Brasil e tornaram-se fundamento a partir do qual se desenvolveram as reformulações e aprofundamentos em nossas reflexões

⁴⁴ Na apresentação do livro *Discurso e sujeito em Michel Foucault* de Cleudemar Alves Fernandes, cujas referências completas se encontram na seção “Referências” deste trabalho.

teóricas e em nossas práticas analíticas (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 16).

Ainda, segundo Fernandes (2012), analisar o discurso, especificamente, via a arqueologia foucaultiana, é

um convite e, ao mesmo tempo, um desafio, cuja proficuidade possibilita explorações analíticas inesgotáveis: analisar os discursos como práticas determinadas pela história, compreender **a história** nesse ínterim, como acontecimentos marcados por descontinuidade (e o discurso também é acontecimento); trabalhar com **o arquivo** – enunciados efetivamente produzidos em uma época sob um princípio de regularidade –; apreendê-lo parcialmente, visto ser a totalidade inalcançável. Nesse contexto, **o funcionamento e a constituição dos sujeitos** em relação com os outros discursos constituem objetos para análise (FERNANDES, 2012, p. 46, grifos nossos).

Por discurso, conforme a perspectiva discursiva, entende-se o “movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de junção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetões, de ancoragem e de vestígios” (ORLANDI, 2009, p. 10). Ainda conforme Orlandi (2009), ao considerarmos discurso como palavra em movimento, um processo em curso, como prática de linguagem, como efeito de sentidos entre locutores, atentamo-nos para o homem falando, no social, marcado sócio-histórico-ideologicamente. Para a autora, discurso difere de língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real, linguagem esta que funciona como mediação necessária entre o sujeito e a realidade natural e social, possibilitando não apenas permanência, mas também deslocamentos e transformações tanto do sujeito quanto da realidade na qual vive. A esse respeito, Possenti (1986, p. 64-65) alega que a questão fundamental é interrogar os enunciados sobre suas condições de aparecimento, isto é, de que forma

com um sistema linguístico indeterminado, pode-se, em circunstâncias dadas, produzir-se um discurso com exatamente tal forma e tal interpretação. E, dado que há, em geral, possibilidade de mais de uma interpretação, por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis.

No que tange à linguagem, a AD, com base nos estudos de Pêcheux e Foucault, toma-a a linguagem como um produto sócio-histórico e ideológico; como condição para que os discursos aconteçam; enquanto funcionamento discursivo, no qual não há espaço para eliminarem-se as contradições e a opacidade oriundas da heterogeneidade constitutiva, tanto dos sujeitos como de seus discursos. Para a AD, a linguagem (língua enquanto materialidade) é pressuposta, já que seu objeto de estudo é o discurso

que, de acordo com Pêcheux, como veremos a seguir, reúne a estrutura e o acontecimento, ou seja, não só a materialidade linguística, mas também as condições de produção, o posicionamento discursivo, as formações discursivas em funcionamento, que afetam os efeitos de sentido produzidos em um dado acontecimento discursivo. Resumindo, a linguagem é considerada um processo contínuo de produção de sentidos, e a relação discurso-sujeito-ideologia é considerada como indissociável.

Embora seja difícil separar as contribuições de Michel Pêcheux e de Michel Foucault para a AD, optamos por trazê-las separadamente, fazendo costuras ao longo do texto. Tendo ambos os personagens deste capítulo vivido na França, no mesmo contexto sócio-histórico-ideológico, em especial entre os anos 60 e 80, Foucault e Pêcheux têm muitas afinidades teóricas e ideológicas. Dentre elas, destaca-se a grande influência althusseriana em suas (des)construções teóricas. As mudanças drásticas ocorridas na França, tanto nas filiações teóricas quanto políticas, refletiram nos projetos de ambos e no nascimento da AD, tendo esta “uma forte veiculação com as teses do estruturalismo e do marxismo e pelas relações que ela estabeleceu com a obra de Althusser” (GREGOLIN, 2006, p. 34).

Em Pêcheux podemos ler, explicitamente, as teses mais radicais do althusserianismo, mobilizadas para a reflexão sobre o discurso, a ideologia, o sujeito, o sentido [...]. Ao mesmo tempo, há uma forte relação entre Foucault e Althusser tanto teórica quanto de afetividade, feita por aproximações e grandes polêmicas. O destino da análise do discurso francesa segue, portanto, o percurso entrelaçado desses três geniais filósofos (GREGOLIN, 2006, p. 52).

Ainda sobre o encontro destes três grandes intelectuais do século XX, Gregolin (2006) nos alerta que nenhuma das paragens no estudo de suas obras “é tranquila, apesar de a paisagem parecer familiar: afinal, como poderia ser pacífico o encontro entre três pensadores geniais e suas diferentes maneiras de situarem-se frente ao discurso, aos sujeitos e à História?” (GREGOLIN, 2006, p. 14).

E a esses destinos inter cruzados, soma-se a tragédia, como aponta Gregolin (2016). Em 1983, Pêcheux decide partir deste mundo, cometendo suicídio possivelmente motivado pela desilusão política e/ou quizá amorosa. No ano seguinte, falece Foucault por complicações decorrentes do HIV, tendo partido com uma nítida sensação de que havia ainda muito por pesquisar, conhecer, aprofundar-se, como notamos em seu último curso ministrado no *Collège de France*, publicado em forma de livro intitulado *A coragem da verdade*. Já o mestre dos dois filósofos, Althusser, falece

em 1990, após 10 anos de internação em um asilo por ter assassinado a própria esposa quando acometido de um acesso de loucura, sendo sua obra lançada ao esquecimento após os anos 80. Ousamos dizer que a filosofia para estes autores estava imbricada em seu modo de vida, ou ainda, mais ousadamente era seu próprio modo de vida, à la Sócrates, levado às últimas consequências, envolvendo a mente, corpo, alma, espírito, intelecto... o pensar, o sentir, o agir e o ser.

Não só Foucault e Pêcheux estão relacionados a Althusser, “mas vários intelectuais iniciaram suas carreiras através do apoio de Althusser” (GREGOLIN, 2006, p. 35), dentre eles, Giles Deleuze, Jacques Derrida e Jacques Lacan. Os encontros, aulas e grupos de estudos em torno de Althusser eram regados a leituras e discussões sobre Spinoza, Nietzsche, Freud etc. e “suas investigações iam da literatura às matemáticas” (GREGOLIN, 2006, p. 34), tendo, muitas vezes, a abordagem fenomenológica sartreana em mira. Este grupo de intelectuais ímpar teve como um dos principais motores de seu movimento, segundo Gregolin (2006), a releitura de Saussure, com o intuito de separar a “Linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste” (GREGOLIN, 2006, p. 35). Ademais, os anos 60 foram também caracterizados por releituras de Freud e Marx, que, juntamente com Saussure, forma a Tríplice Aliança (estruturalismo, marxismo e psicanálise), sob a qual a AD nasceu e se desenvolveu, apresentando-nos “uma teoria do discurso que propôs um novo olhar para o sentido, o sujeito e a História” (GREGOLIN, 2006, p. 13). Conforme Gregolin (2006), ao fazermos um recuo a estes anos repletos de lutas políticas e teóricas, podemos observar como foi construído todo um campo do saber novo que “deslocou conhecimentos estabilizados, derrubou certezas e implantou questionamentos que fizeram as ciências humanas enveredarem por questões que até hoje produzem efeitos” (GREGOLIN, 2006, p. 13), como as questões que mobilizam esta tese.

Gregolin (2006), baseada em Pavel (1988), menciona que tanto Pêcheux quanto Foucault são alocados como pertencentes a um “estruturalismo especulativo” ou pós-estruturalismo, do qual também fazem parte Derrida, Althusser e Lacan. Trata-se, segundo a autora, de, na perspectiva foucautiana e pêcheutiana, “historicizar as estruturas, estabelecer uma relação tensa com os conceitos e métodos da linguística saussureana, problematizando o corte entre língua/fala, assim, fazendo retornar o sujeito e a história – que haviam ficado em suspenso” pela eleição de Saussure pela *langue*

como seu objeto de pesquisa. Vale mencionar que o conceito de História aqui se refere a “nova história”, que “se esforça em dar forma rigorosa ao estudo das mudanças e atribui um novo sentido ao *acontecimento*” (GREGOLIN, 2006, p. 31).

Passemos, então, sem demora, a cada Michel separadamente.

3.1 O primeiro Michel: Pêcheux

Michel Pêcheux (1938-1983)⁴⁵, reconhecido como um dos maiores expoentes da Análise do Discurso de linha francesa, propôs uma maneira de refletir sobre a linguagem que “aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (ORLANDI, 2006, p. 7), fazendo-nos refletir nos entremeios, em interstícios disciplinares, no confronto entre a teoria e a prática, buscando (des)construir e compreender o discurso, seu objeto de estudo, em sua materialidade, no contato do social e do histórico com o linguístico.

Sua aventura teórica sempre esteve repleta de transformações teóricas imbricadas nas mutações históricas e ideológicas de seu tempo. Alguns dos “conceitos fundadores da Análise do discurso - tais como formação imaginária, formação discursiva, interdiscurso e pré-construído, entre outros [...] são [...] abandonados ou se fortalecem” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 27) ao longo de seu percurso teórico. Seu contato em 1970 com a História via um outro Michel, Michel de Certeau, o contato com as ideias de Wittgenstein e a releitura de Foucault produziu “abalos teóricos que exigem a reconfiguração de uma possível e nova Análise do discurso” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 27). Na década de 1980, no final da vida de seu fundador, a Análise do discurso não cessava de se questionar e reconhecer as necessidades de mudanças impostas pelas mutações em seus objetos de análise e pelas

⁴⁵ “Fundador da Análise de Discurso [...] Fez seus estudos na Escola Normal Superior de Paris, obtendo seu certificado para ensinar Filosofia em 1963. Em 1966, ele passou a fazer parte do Departamento de Psicologia no CNRS. Partindo de referências teóricas de G. Canguilhem e L. Althusser, Pêcheux reflete sobre a história da epistemologia e a filosofia do conhecimento empírico, visando transformar a prática das ciências humanas e sociais. Focalizando o sentido, que é o nó em que a Linguística cruza a Filosofia e as Ciências Sociais, Pêcheux reorganiza este campo de conhecimento. Através do confronto do político com o simbólico, a Análise de Discurso que ele propõe coloca questões para a Linguística interrogando-a pela historicidade que esta exclui, assim como ela questiona as Ciências Sociais pela transparência da linguagem sobre a qual elas se constroem.”

Fonte: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=48&cedu=1>

transformações na História. Na década de 90, Courtine, que foi membro do grupo de Pêcheux, salienta no texto intitulado *As metamorfoses do Homo Politicus*, que diante dos novos enfrentamentos daquela década, Pêcheux “não se furtaria na busca de melhor compreender a sociedade. Tarefa, aliás, à qual nenhum de nós, analistas do discurso, deveríamos nos furtar” (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2017, p. 35).

Em seu livro *Discurso: estrutura ou acontecimento*, oriundo de um texto por ele apresentado em uma conferência em 1983, ano de sua morte, fala do discurso e da análise do discurso, no entrecruzamento de três caminhos, o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação.

Pêcheux (2006) salienta que, partindo de uma base teórica nova (Marx, Freud e Saussure), a AD pretende contrapor as abordagens estruturalistas que consideravam apenas a descrição dos arranjos textuais, mas não a produção de interpretações ou os efeitos de sentido. Segundo o autor (2006), trata-se da “promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social” (p. 45), que exclui o simbólico e o significante e a castração simbólica, “negando como de hábito sua própria posição de interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 47). O autor (2006) ainda alega que, no início da década de 80, no momento em que o estruturalismo ruía na França, ele continuava a produzir seus efeitos em outros países como na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos devido às obras de autores franceses como Lacan, Derrida e Foucault.

A reviravolta ou choque de retorno no contexto intelectual francês, motivada ou imbricada às mudanças e crises no cenário político do país, levou a uma “preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos da sobrevivência [...], de se pôr na escuta das circulações cotidianas” (PÊCHEUX, 2006, p. 48). Diante desse panorama de quebra de paradigmas, o autor (2006) propõe uma aproximação, tanto em teoria quanto em procedimentos de análise, entre “as práticas da análise da linguagem ordinária [...] e das práticas de “leitura” de arranjos discursivo-textuais (oriundas de abordagens estruturais)” (PÊCHEUX, 2006, p. 49).

Pêcheux (2006) alerta que esta maneira de trabalhar nos impõe algumas exigências, sendo a primeira a primazia dos gestos de descrição das materialidades discursivas, considerando o que é próprio da língua por meio do papel do equívoco, da

elipse, da falta etc. Dito de outro modo, o objeto da Linguística para o autor é o próprio da língua que aparece

atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no relançar infinito das interpretações. (PÊCHEUX, 2006, p. 51)

Devido à existência do outro, é possível que haja a identificação ou transferência, ou seja, “a existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar” (PÊCHEUX, 2006, p. 54). Além disso, por causa dessa ligação, “as filiações históricas podem organizar-se em memórias, e as relações sociais em redes de significantes” (PÊCHEUX, 2006, p. 54).

O autor (2008) adverte que o problema crucial para a AD é determinar em suas práticas de análise o lugar certo e o momento correto da interpretação em face à descrição, ou seja, “dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível” (PÊCHEUX, 2006, p. 54), lembrando que “todo fato já é uma interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 44).

Ademais, Pêcheux (2006) também nos alerta para o fato de que dizer que há possibilidades de interpretação para toda descrição não implica dizer que qualquer interpretação é possível. Isso porque a descrição de um enunciado põe em jogo “o discurso do outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou sequência” (PÊCHEUX, 2006, p. 55), por meio dos lugares vazios, de elipses, de negações, múltiplas formas de discurso relatado, entre outros. Afinal, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p. 53). Dito de outro modo, todos os enunciados são descritíveis do ponto de vista léxico-sintático, com “pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 53) e, é, na visão pecheutiana, nestes espaços, nestes pontos de deriva que a AD pretende trabalhar, na suposição de que somente por meio “das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos ou negados” (PÊCHEUX, 2006, p. 56). Trata-se de uma questão de responsabilidade, de ética e política.

Para o autor (2006), o ponto chave sobre esse discurso-outro presente na materialidade descritível dos enunciados é o fato de que, nos espaços transferenciais da identificação, convivem filiações históricas contraditórias que emergem por meio de palavras, imagens, narrativas, discursos etc. e, assim, as “coisas-a-saber “coexistem com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de “saber do que se fala”, porque esses objetos estão inscritos em um filiação e não são o produto de uma aprendizagem” (PÊCHEUX, 2006, p. 55).

Trata-se ainda, conforme Pêcheux (2006, p. 44), de novas práticas de leitura cujo princípio consiste “em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito”.

Sobre a questão da discursividade como estrutura ou como acontecimento, Pêcheux (2006) alerta para o risco de “absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão” (PÊCHEUX, 2006, p. 56). Conforme o autor (2006, p. 20), “os enunciados remetem [...] ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações [...]. O confronto discursivo prossegue através do acontecimento...”, em seu contexto de atualidade e no espaço da memória que ele convoca (PÊCHEUX, 2006, p. 20). Em outras palavras, todo discurso é marcado por outros enunciados que o antecedem e o sucedem, que fazem parte de outras discursividades ou relações interdiscursivas. Orlandi (2009, p. 89) salienta que “não há discurso, que não esteja em relação com outros, que não forme um intrincado nó de discursividade”, pois se atualiza e ganha sentidos outros no momento da enunciação ou a cada acontecimento discursivo.

Na perspectiva discursiva, vale lembrar que a linguagem jamais é transparente, completa ou inocente. Nela, se materializa a ideologia, são expressos os lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos. Trata-se, segundo Orlandi (2009, p. 95), de “uma prática, não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real”, sentidos estes produzidos por e para sujeitos, não dados *a priori*, mas constituindo-se, juntamente com o próprio sujeito “sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento” (ORLANDI, 2009, p. 52). Em suma, tendo o discurso como objeto de investigação, a AD trabalha, conforme Fernandes (20012 p. 16), com a

linguagem em suas diferentes possibilidades de existência, considerando-a em uma relação direta com a História, que determina as possibilidades de realização da linguagem, e com os sujeitos. Isto posto, passemos ao próximo Michel, autor central desta tese.

3.2 O segundo Michel: Foucault

O segundo Michel, cuja terceira fase é central a esta tese, também refletiu, palestrou e escreveu sobre discurso, as condições de produção e circulação dos mesmos, a verdade, o (já/jamais/não-) dito, em especial, mas não somente, em suas obras *A ordem do discurso* e *A arqueologia do saber*, nas quais nos pautamos para construir esta seção.

Para iniciar, trazemos o primeiro parágrafo de sua aula inaugural no *Collège de France* em 2 de dezembro de 1970, que termina com as seguintes palavras, que nos apontam para o que o autor entendia como a dimensão do discurso e suas implicações: “em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível” (FOUCAULT, 2009, p. 6). Ele fala de sua inquietação diante do discurso em sua realidade material escrita ou falada. Ademais, inquietava-o sua existência

transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades.

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2009, p. 8).

Para Foucault (2009, p. 8-9), a produção do discurso é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos”, com o intuito de afastar seus poderes e perigos, tentar tomar o controle de um acontecimento aleatório e também abster-se de sua materialidade, por vezes, dura e terrível.

Foucault (2009, p. 10) define discurso, fazendo referência explícita à psicanálise, como não “simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo

que é o objeto do desejo”, ou seja, trata-se ainda daquilo por que lutamos ou de um poder que queremos possuir. Refere-se também a

nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2009, p. 49).

Ao definir discurso, o segundo Michel ressalta os procedimentos de controle e de delimitação do discurso, externos e internos. Os que são exercidos de forma exterior funcionam como sistemas de exclusão, sendo um deles a interdição que se refere a quem pode dizer o que e em quais circunstâncias. Menciona também a separação (loucos e não loucos, especificamente), historicamente constituída, atrelada às” instituições e com efeitos, ambos, instituições e efeitos, mutáveis ao longo do tempo, mas que, embora de modo diferente, ainda existem/persistem. Aborda, ainda, largamente, a vontade de saber que, desde a Grécia antiga, “não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável” (FOUCAULT, 2009, p. 19). Essa vontade de verdade, segundo ao autor, “tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2009, p. 18). Semelhantemente aos outros sistemas de exclusão, a vontade da verdade

apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...]. Mas ela é também reconduzida, mas profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (FOUCAULT, 2009, p. 17).

Quanto aos procedimentos internos ao discurso, Foucault (2009, p. 21) salienta que estes estão relacionados a “submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso”. Ressalta também que em toda sociedade há metanarrativas, isto é, “coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza” (FOUCAULT, 2009, p. 22).

Conforme o autor (2009), não há uma separação clara entre os discursos fundamentais ou criadores e os demais que os “repetem, glosam e comentam” (FOUCAULT, 2009, p. 23), pois estes estão imbricados de tal forma que “muitos textos maiores se confundem e desaparecem” (FOUCAULT, 2009, p. 23), tomando os textos-comentários o lugar do texto de origem. Em suma “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2009, p. 26). O sujeito

fundante/fundador utiliza-se de signos, de letras, de palavras e de outros recursos para produzir um novo efeito de sentido. Ademais, ele

está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento (FOUCAULT, 2009, p. 47)

Podemos citar como sujeito fundante, Sigmund Freud, que ao escrever sobre o mal-estar que assola(va) a sociedade funda um novo efeito de sentido para o ser/estar no mundo, que segue sendo fonte de pesquisas, como para as elencadas em seções anteriores e, de certo modo, para esta tese como um todo. Segundo Foucault (2015, p. 7) “os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos diversos”.

Além da ótica do sujeito fundante, Foucault (2009) também menciona duas outras: uma filosofia da experiência originária e a filosofia da mediação universal. O discurso, segundo ele, “nada mais é do que um jogo de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos” (FOUCAULT, 2009, p. 49).

Em suma, são discursos de origem (textos religiosos, jurídicos, literários e científicos) retomados por atos de fala “novos”, que além de trazê-los de volta, os atualizam e os modificam, ou seja, trata-se dos “discursos que, indefinidamente, para além sua formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2009, p. 22). “O já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro” (FOUCAULT, 2015, p. 30). Em outras palavras, todo discurso é marcado por outros enunciados que o antecedem e o sucedem, que fazem parte de outras discursividades ou relações interdiscursivas.

Há ainda que atentar-se, de acordo com o autor para as condições de funcionamento do discurso atreladas a certo número de regras ou coerções discursivas, “as que limitam seus poderes, as que dominam suas aparições aleatórias, as que selecionam os sujeitos que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 37).

A grande questão ao empreender uma análise discursiva, então, reside em “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2015, p. 33) ou “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2015, p.34), tendo em mente que “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. [...] é único como todo acontecimento, mas aberto à repetição, à transformação, à reativação” (FOUCAULT, 2015, p. 34-35).

Segundo Foucault (2015, p. 34) a análise discursiva visa “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”. Busca também determinar suas condições de existência, estipulando seus limites de forma mais justa, estabelecendo as correlações com outros enunciados ao qual possivelmente está atrelado e mostrando quais outras formas de enunciação exclui. Sobre as relações entre os enunciados, Foucault (2015, p. 35) menciona que “fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”. Refere-se a indagar “que espécie de laços reconhecer validadamente entre todos esses enunciados que formam, de um modo ao mesmo tempo familiar e insistente, uma massa enigmática?” (FOUCAULT, 2015, p. 39). Ademais, ao empreender uma análise, a questão é “saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto” (FOUCAULT, 2015, p. 40).

Como para o primeiro Michel, para o segundo, a análise discursiva engloba não só a materialidade linguística, ou seja, os signos usados nos dizeres, mas também e principalmente as condições de produção, isto é, a consideração do discurso como acontecimento.

A este respeito, Foucault (2009, p. 59) compreende os discursos como “séries regulares e distintas de acontecimentos”, séries homogêneas e descontínuas. Acontecimento, para o autor, por um lado, não se refere a

nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é o efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de uma dispersão material (FOUCAULT, 2009, p. 58).

Por outro lado, não se trata “nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes, trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e funções possíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 58). Por este viés de análise, é essencial acolher

cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2015, p. 31).

Sobre a análise do discurso, Foucault (2009) alerta-nos para o fato de que ela não deslinda a universalidade de um sentido, mas “mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante” (FOUCAULT, 2009, p. 70). O autor aponta algumas exigências de método que realizar a análise nesta perspectiva implica: os princípios da inversão, de descontinuidade, de especificidade e da exterioridade. Além disso, há quatro noções que devem servir de princípio regulador para analisar o discurso, “a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade” (FOUCAULT, 2009, p. 54). Em suma, Foucault propõe uma forma de analisar distinta da usada pela história tradicional das ideias, na qual estão em oposição: acontecimento X criação; série X unidade; regularidade X originalidade; condição de possibilidade X significação. Em, outras palavras, a análise discursiva, assim como a Nova História, não pode levar em consideração

um elemento sem definir a série do qual ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta depende, sem procurar conhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência, sem interrogar-se sobre as variações, as inflexões e a configuração curva, sem querer determinar as condições das quais dependem. [...] [Procura] estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, às margens de sua contingência, as condições de sua aparição” (FOUCAULT, 2009, p. 55-56).

Chegamos à noção de Formação Discursiva (FD), definida quando é possível determinar um conjunto semelhante; “mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; [...] mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucesivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar” (FOUCAULT, 2015, p. 54). Segundo o filósofo francês, não nos é possível falar qualquer coisa em qualquer momento e

não é fácil dizer alguma coisa nova: não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade, [...] O objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe de relações (FOUCAULT, 2015, p. 54-55)

Fernandes (2007, p. 56) também nos esclarece que a noção de FD está relacionada “ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas”. Trata-se do resultado de um campo de configurações que faz emergir os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um dado momento histórico. Refere-se à “possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações” (FERNANDES, 2007, p. 64). Porém, uma FD não se limita somente a uma época uma vez que em seu interior encontram-se elementos que existiram em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se presentificam sob novas condições de produção, integrando um novo contexto histórico, e, conseqüentemente, promovendo outros efeitos de sentido (FERNANDES, 2007), como pudemos observar no primeiro capítulo desta tese em relação ao mal-estar.

Os sentidos, ou melhor, os efeitos de sentido, se manifestam, não apenas segundo as posições dos sujeitos, mas também em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem, apontando para a FD, isto é, para “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sóciohistórica dada – determina o que deve ser dito” (ORLANDI, 2009, p. 43).

Uma dada FD revela as formações ideológicas que a integram e, em seu interior, há a presença de vários discursos, elementos vindos de outras formações discursivas, isto é, as FD são constituídas pela contradição, pois nunca são homogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se e reconfigurando-se, *ad eternum*, nas suas relações, sempre pressupondo outras formações discursivas que podem contradizê-las e refutá-las. “Em toda e qualquer formação discursiva, as contradições representam uma coerência visto que desvelam elementos exteriores à materialidade linguística, mas inerentes à constitutividade dos discursos e dos sujeitos” (FERNANDES, 2007, p. 75). Devido à fluidez e à heterogeneidade, uma FD pode ser apenas parcialmente

apreendidas, pois “caracteriza-se por uma incompletude e tem uma natureza complexa na sua própria dispersão histórica” (FERNANDES, 2007, p. 54).

A FD na qual o enunciador se insere para que suas palavras produzam determinados efeitos de sentido, além de ser constituída por relações interdiscursivas (fios interdiscursivos) que se engendram no intradiscurso, está atrelada às condições de produção. O reconhecimento de determinados sentidos e não de outros se faz possível ao entrevermos os discursos que constituem a memória discursiva, constituída pelo já-dito, o que nos permite pensar no interdiscurso como lugar de constituição do(s) sentido(s) que escapa(m) à intencionalidade de quem diz.

Portanto, com base nas considerações anteriores, podemos afirmar que o(s) sentido(s) de um mesmo enunciado e/ou de uma mesma palavra nunca será/serão o(s) mesmo(s) devido à inscrição dos sujeitos em diferentes FD. Dito de outro modo,

as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2009, p. 32).

Cabe atentar para o fato de que discurso não é sinônimo de texto, está além do texto, imbricado na História, caracterizando-se “pela raridade e pela regularidade para Foucault e pela particularidade das classes sociais, por suas lutas entre si e por suas contradições para Pêcheux” (PIOVEZANI; CURSINO; SARGENTINI, 2014, p. 9). E, como nos aconselha Foucault (2015, p. 26), “é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”. Passemos então, antes de encerrar esta seção a um breve comentário sobre em que consiste a análise discursiva, tomando por base as contribuições dos dois “Micheis”.

3.3 A análise discursiva

Do ponto de vista teórico, situamo-nos na interface da Análise do Discurso de linha francesa (AD) com conceitos pecheutianos, foucaultianos e psicanalíticos, que lidam com a noção de sujeito discursivamente constituído que se cliva na linguagem, compreendido na sua heterogeneidade e com determinações sócio-histórico-culturais

permeadas pelo desejo e pelo inconsciente e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado.

Partindo da materialidade linguística do seu *corpus*, o analista do discurso precisa chegar ao modo como se organizam e se produzem os sentidos; *corpus* este que, segundo Fernandes (2007, p. 81), apresenta-se a ele como um “universo discursivo marcado por instabilidade, que explicita as movências e a inquietude dos sujeitos”.

Nessa perspectiva, analisar o discurso implica, segundo Orlandi (2009, p. 16), levar em conta o homem na sua história e considerar tanto os processos quanto as condições de produção da linguagem, uma vez que há uma ligação, via língua, entre os sujeitos que falam esta língua e as situações nas quais os dizeres são produzidos. Em outras palavras, a autora sugere que, “para encontrar regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade”. Segundo Orlandi (2009, p. 30), é possível considerar a exterioridade, ou condições de produção, em sentido estrito ou amplo, neste incluindo o contexto sócio-histórico-ideológico e, naquele, as circunstâncias da enunciação, com o intuito de buscar “ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2009, p. 59).

A questão fulcral para o analista é a “escuta” do *corpus*, a observação das condições de produção de tal *corpus* para, então, buscar conceitos, teorias, formulações, onde quer que seja, para compreender como e por quê o mundo, os sujeitos, as relações de poder-saber chegaram a ser o que são no momento atual, procurando entrever as possíveis brechas para fazer diferentemente. Por ser da ordem da singularidade, seria um contrassenso ter um referencial teórico rígido e fixo ao qual deveriam ser encaixadas todas as pesquisas, sujeitos, discursos. Dentre as dúvidas e críticas advindas da estranheza de uma nova forma de fazer Ciências Humanas, salientamos o questionamento sobre adotar as obras de Michel Foucault como referencial teórico; sobre utilizar conceitos e autores advindos da Psicanálise e ainda sobre a presença ou não da Psicanálise ao longo das obras de Michel Foucault, dúvida esta sobre a qual discorreremos anteriormente.

Vale mencionar, com base em Ball (2013), que Foucault usa o termo discurso de formas diferentes ao longo de seu trabalho, mas ele estava mais preocupado com as estruturas e regras que o constituem do que com os textos ou falas nele produzidos. Em outras palavras, o discurso não está presente no objeto em si, mas possibilita que este

surja, ou ainda, trata-se das condições nas quais certos discursos são ou não considerados verdadeiros. Nas palavras do próprio Ball (2013, p. 21), “a materialidade do discurso também chama a atenção para arquiteturas, organizações, práticas e sujeitos e subjetividades (incluindo o autor) como manifestações do discurso, e mais uma vez sublinha os mal-entendidos que envolvem reduzir o discurso à língua”⁴⁶.

Cavallari (2005), calcada em Pêcheux, menciona que tanto a abordagem discursiva quanto a psicanalítica exploram a relação do sujeito com a materialidade linguística que, de acordo com a autora, comporta falhas e torna possível algo de material sobre o inconsciente e a ideologia. A autora (2005, p. 24) salienta que “as coisas das quais se falam estão inscritas em uma filiação sócio-histórico-ideológica, tendo em vista que os discursos não significam independentemente das redes de memória e dos trajetos sociais, nos quais ele irrompe”. Ainda, conforme Cavallari (2005, p. 28), a perspectiva da AD, assim como a psicanálise, “lança-nos ao heterogêneo, ao desconhecido, ao Outro, uma vez que possibilitam o deslocamento de sentidos estabilizados e que escapam ao sujeito de linguagem”. O Outro, para a autora, além de se referir ao inconsciente (ao que é inacessível ao sujeito racional) para significar, também se refere à exterioridade e à historicidade presentes em qualquer fato linguístico.

Convém ressaltar que não pretendemos, nem caberia na perspectiva adotada, julgar os sujeitos que enunciam os depoimentos analisados, mas sim fazer uma descrição do funcionamento discursivo dos dizeres que compõem nosso *corpus*, funcionamento este determinado sócio-histórico-ideologicamente, uma vez que “analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais” (FERNANDES, 2007, p. 21). A este respeito, Coracini (2003, p. 113), menciona que,

toda e qualquer pesquisa – assim como todo discurso e todo sujeito – esconde a multiplicidade, a heterogeneidade e o caráter convencional e arbitrário que a constituem. E que, por mais adormecida, por mais cicatrizada que pareça a ferida, rastros inevitáveis da interpretação – a subjetividade do pesquisador (cientista) – afloram, vez por outra, na materialidade linguística do discurso.

Conheçamos abaixo informações sobre como, onde e quando o *corpus* foi coletado e sobre os sujeitos-professores-participantes, cujos dizeres serão analisados à

⁴⁶ Em inglês: “the materiality of discourse also draws attention to architectures, organizations, practices and subjects and subjectivities (including the author) as manifestations of discourse, and again underlines the misunderstandings involved in reducing discourse to language”.

luz das teorias apresentadas nos dois capítulos teóricos, teorias estas levantadas ao (re)escutar o *corpus* coletado. Como em toda análise discursiva via perspectiva francesa, as condições de produção, elencadas na introdução e no capítulo 1, especialmente, são levadas em consideração ao empreender a análise, pois incidem diretamente nos sujeitos e afetam sobremaneira seus dizeres, ainda que estes não tenham “plena consciência” de tal influência.

CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

[...]En el desierto de la sal
Cómo se puede florecer? [...]
LXII

4.1 A coleta e a transcrição do *corpus*

O levantamento do *corpus* contou com a gravação e transcrição das entrevistas semiestruturadas de seis (seis) sujeitos-professores-participantes, cujas falas foram analisadas de acordo com a perspectiva dessa investigação, ou seja, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva peucheutiana e foucaultiana, e em seus entrelaçamentos com a psicanálise. Para tal, ao analisarmos o *corpus*, lançamos mão dos postulados foucaultianos (2015, p. 186), segundo os quais analisar o discurso “é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência”.

Entendemos o processo de produção de sentidos dos sujeitos-professores-participantes em um contexto sócio-histórico-cultural em uma interconexão com postulados psicanalíticos e filosóficos. O *corpus* consiste em entrevistas com 6 (seis) sujeitos-professores-participantes, com idade entre 30 e 65 anos, professores em duas instituições de ensino superior do Vale do Paraíba Paulista, uma privada e outra pública.

As entrevistas foram gravadas entre 28.11.2015 a 05.08.2016, nas dependências das próprias instituições em que lecionavam os sujeitos-professores-participantes e a pesquisadora, em horários pré-acordados. Ressaltamos, também, que as entrevistas, com as duas das professoras-sujeitas-participantes da instituição pública, foram realizadas em duas etapas, uma em dezembro de 2015 e outra em junho de 2016, o que não ocorreu com os demais sujeitos-professores-participantes. Tal fato ocorreu ao repensarmos nossos procedimentos metodológicos, visando, entre outros fatores, minimizar a estranheza inicial suscitada pelo tema e a pouca interação ocorrida nas primeiras entrevistas realizadas.

Por entrevista semiestruturada, entendemos, de acordo com Manzini (1990/1991, p. 154), como aquela que é centrada em torno de um tema para o qual o pesquisador cria um *script* inicial, contendo perguntas principais que podem ser, ao longo da entrevista, complementadas por outras perguntas inerentes e relacionadas a circunstâncias momentâneas que ocorrem durante e/ou em torno do momento da entrevista. Para este autor, este tipo de entrevista pode proporcionar mais informações, uma vez que as respostas não estão condicionadas a alternativas estandardizadas.

Sobre a transcrição do *corpus*, realizada entre janeiro e agosto de 2016, vale mencionar que, ao optar por realizar uma análise discursiva do *corpus*, a transcrição ou transcodificação (do sonoro para o grafemático) é o primeiro desafio do analista e, segundo Marcuschi (2004), já é uma primeira transformação do texto, uma vez que a escrita não representa a fala, independentemente do ângulo pelo qual seja observada. O autor (2004) salienta que a transcrição da fala para a escrita, ainda que usando procedimentos convencionalizados⁴⁷, implica sempre mudanças, pois, conforme Marcuschi (2004, p. 49), “há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas”. Ademais, o autor ressalta que tais mudanças operadas na transcrição “devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo” (MARCUSCHI, 2004, p. 49). Foi o que nos empenhamos em fazer ao transcrever manualmente, sem o auxílio de recursos tecnológicos, as entrevistas coletadas, ouvindo-as mais de uma vez para confirmar se havia pausa ou não, se a pausa era longa ou breve, se realmente foi dada ênfase à determinada palavra etc. Porém, vale lembrar que, apesar dos cuidados tomados, transcrevemos uma interpretação ou, nas palavras de Marcuschi (2004, p. 51), “sempre transcrevemos uma dada compreensão do texto oral”.

Durante a transcrição, procuramos ouvir atentamente as marcas peculiares da oralidade, como a repetição de elementos, a redundância informacional, a fragmentariedade sintática, os marcadores frequentes, as hesitações, as correções etc., pois, no viés psicanalítico por nós adotado nessa pesquisa, elas são possíveis portas de acesso ao inconsciente, que a escrita pode, para efeitos específicos, imitar sem deixar de

⁴⁷ Neste trabalho, optamos por utilizar a tabela com as “normas para transcrição de entrevistas gravadas” (ANEXO I), proposta pelo Professor Pedro S. Rossi, elaborada com base em PRETI D. (org.) O discurso oral culto 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1539982/mod_folder/content/0/Regras%20de%20Transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf?forcedownload=1. Acesso em: jan. 2016.

ser escrita. Porém, como menciona Marcuschi (2004, p. 52) “sempre haverá algo que escapa ou que muda”. Afinal, na escrita se perdem, por exemplo, a entoação e os aspectos gestuais e mímicos que, a nosso ver, também aportam sentidos.

As entrevistas serão analisadas a seguir, tomando por base dois eixos: 1) O trabalho docente como lugar do desprazer e do mal-estar, 2) o cuidado (de si), ora como tido pelo senso comum, ou seja, entendido como modo de objetivação; ora como cuidado de si filosófico foucaultiano, elencando as diferentes visões de cuidado (de si) que emergem nas/das falas dos sujeitos-professores-participantes. Serão também abordados brevemente a docência, uma vez que esta constitui e é constituída pelos entrevistados, e o cuidado do outro, imbricado no cuidado de si. Procuraremos elencar os principais efeitos de sentido que emergiram na/da fala dos sujeitos-professores-participantes. Buscaremos também rastrear na materialidade linguística das entrevistas, possíveis regularidades discursivas, formações discursivas em comum, as aproximações bem como as dissonâncias e contradições em cada discurso e também entre os discursos, uma vez que todos os seis sujeitos-professores-participantes compartilham do mesmo contexto sócio-histórico-cultural-econômico amplo, ou seja, o contexto da educação superior brasileira, especificamente, no Vale de Paraíba – São Paulo, no século XXI.

4.2 Os sujeitos-professores-participantes

A seleção dos sujeitos-professores-participantes deu-se, inicialmente, pelo fato de serem colegas de trabalho da pesquisadora, o que facilitou o convite para a entrevista, seu aceite e sua realização. Pensou-se também em abordar pessoas de ambos os sexos, de áreas de atuação diferentes e de instituições distintas para que o *corpus* tivesse mais abrangência, ou seja, não tratasse apenas de professoras de línguas do mesmo sexo, professores somente da área de Humanas ou de uma única instituição de ensino, por exemplo.

Decidiu-se, ao (re)nomear os seis sujeitos-professores-participantes, homenagear a cultura indiana, cara à pesquisadora. Tal escolha dos nomes foi baseada nos poucos conhecimentos que esta possui acerca dos deuses e deusas daquela cultura e em breve

pesquisa a respeito. Procurou-se, ainda que sem grandes pretensões de precisão, associar as características das deusas e deuses às características pessoais dos entrevistados, não só as que emergiram nas entrevistas, mas também com base no pouco conhecimento que a entrevistadora tinha dos entrevistados, seus colegas de trabalho.

Respeitando a tradição hindu, apresentaremos abaixo, primeiramente, as sujeitAs-professorAs-participantes⁴⁸ e, em seguida os sujeitOs-professores-participantes. Isso porque, para os hindus, *Shakti* ou *Maha Devi* (poder feminino absoluto) é a deusa acima dos deuses, ativa e dinâmica, cuja energia move todo o universo, incluindo os próprios *Devas* (deuses). De acordo com a cultura milenar em questão, cada *Deva* possui sua *Shakti*, sem a qual seria incompleto.



LAKSHMI

Fonte: <http://verdadetransmutadora.blogspot.com/2017/01/o-despertar-da-riqueza-interior-lakshmi.html>

LAKSHMI, esposa de Vishnu, o sustentador do universo na religião hindu, é personificação da beleza, da fartura, da generosidade e principalmente da fortuna. No caso desta pesquisa, trata-se de uma professora de 40 anos, casada, mãe de um filho de três anos, professora há 23 anos, desse período, leciona há cinco anos e meio no ensino superior, em uma instituição pública. Ela atua também na rede estadual de ensino fundamental e médio desde 1999. É licenciada em Letras Português/Inglês; especialista em Língua Inglesa e em Gestão para formação de profissionais da Educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para

⁴⁸ Optou-se por usar a posição discursiva do gênero feminino, não apenas pelo princípio feminino da cultura indiana, mas porque as falas das professorAS entrevistadAs trazem marcas peculiares do ser e fazer femininos, relacionadas à dupla ou tripla jornada comum a tantas mulheres: ser mãe e esposa; ser profissional e professora e, muitas vezes, ser ainda estudante e pesquisadora.

Educação Básica; mestra em Linguística Aplicada. Atualmente, é aluna especial de doutorado na UNICAMP.



DURGA

Fonte: <http://templodebruxas-e-magos.blogspot.com/2011/10/0110-deusa-durga.html>

DURGA, a faceta guerreira de Parvati, é chamada de “a invencível” ou “a inatingível” pelo fato de o seu poder ser autossuficiente ou por possuir todos os poderes dos *Devas*. Ela é a forma da *Shakti* invocada para superar situações de dificuldade e sofrimento. Na mitologia, é aquela que surge para combater um demônio invencível chamado *Mahishasura*. Nesta pesquisa, ela assumirá o lugar de uma professora de 35 anos, casada, mãe de um filho de quatro anos e que leciona há oito anos em uma instituição pública de ensino superior e há 18 é professora, atuando, no momento desta pesquisa, também no ensino médio da rede particular de ensino. É graduada em Letras Português/Inglês e em Pedagogia; é especialista em Gramática e usos do Português e mestra em Linguística Aplicada. Atua também como coordenadora de um polo de educação a distância e é aplicadora do *Test of English for International Communication* (TOEIC). Vale aqui mencionar, com consentimento da sujeitA-professorA-participante em questão, que, no final de 2014, ela teve um AVC e ficou na UTI por aproximadamente um mês. No final de 2015/começo de 2016, foi novamente hospitalizada, tendo, em 2016, descoberto estar acometida por uma doença autoimune, sendo por este motivo, submetida a vários tratamentos, dentre eles, a quimioterapia. Mais detalhes a respeito do ocorrido com Durga serão fornecidos ao longo da análise.



GANGA

Fonte: <https://www.facebook.com/VamosFalarDeMitologia/photos/a.429667990468899/1091044607664564/?type=3&theater>

GANGA, que não poderia deixar de ser incluída numa lista de deuses indianos, é a *Devi* que personifica a abundância das águas no rio sagrado Ganges, que, para os hindus, antes corria só no Céu e que foi por Shiva desviado com muito cuidado para que a força das águas não destruísse o mundo, tamanha era a sua pressão. Ganga manifestou-se na forma de rio para absolver os pecados dos antepassados de um lendário rei. Acredita-se, até nos dias de hoje, que se banhar em tal rio livra o banhista dos seus pecados e que ter suas cinzas nele depositadas melhora seu carma ou pode até antecipar a libertação do eterno retorno (*Samsara*), das sucessivas reencarnações. Acredita-se, ainda, que suas águas nunca fiquem poluídas, mesmo com todas as impurezas constantemente nelas depositadas. Neste trabalho, representará uma professora de 50 anos, graduada em Enfermagem, especializada em UTI, mestra em Engenharia Biomédica e, atualmente, estudante de Direito. Exerce a docência desde 1994 e, especificamente, no ensino superior desde 2001. Ganga é casada há sete anos e não tem filhos.



SHIVA

Fonte: <http://shri-yogastudio.blogspot.com/2013/03/shiva-nataraja-conectando-opuestos.html>

SHIVA, o deus destruidor ou transformador, aquele que destrói para criar algo novo, o criador da *Yoga* e também conhecido como “o radiante” ou “o bem-aventurado”. Neste trabalho, substituirá o nome real de um professor de 33 anos, licenciado em Física, mestre em Ensino de Ciências, cursando Doutorado também em Ensino de Ciências. Ele é casado, não tem filhos, leciona desde 2005 e, especificamente no ensino superior desde 2013, em uma instituição privada.



GANESHA

Fonte: <https://rakelpossi.com/20140829121841/>

GANESHA, o removedor de obstáculos, que representa o sucesso, aqui será um professor, ex-militar, de 31 anos, noivo, prestes a casar-se. Ele possui graduação em Administração de Empresas, MBA em Gestão de Recursos Humanos e mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional. O curioso, neste caso, é que o próprio sujeito escolheu seu deus representante. Quando a pesquisadora mencionou, no ato da entrevista, que seus pseudônimos possivelmente seriam nomes de deuses indianos, ele disse “ah será que eu serei o Ganesha?”. O sujeito em questão leciona no ensino superior desde 2010 e, atualmente, coordena os cursos de Administração, Tecnologia em Recursos Humanos e Tecnologia em Logística de uma instituição privada, na qual também leciona. Além disso, Ganesha atua como consultor em treinamento e desenvolvimento e apoia voluntariamente uma ONG na função de Relações Institucionais.



KRISHNA

Fonte: <http://aumagic.blogspot.com/2015/03/quem-e-o-senhor-krishna-na-cultura.html>

KRISHNA, o oitavo avatar de Vishnu (deus responsável pela manutenção do universo), juntamente com *Shiva* e *Brahma*, forma a *Trimurti*, a trindade sagrada do hinduísmo. É uma das divindades mais cultuadas em toda a Índia, possivelmente por ser o interlocutor do Guerreiro Arjuna no *Bhagavad-Gita*, livro já mencionado na introdução deste trabalho, e também por causa da comunidade *Hare Krishna* e seus seguidores. Iconicamente, costuma ser representado por um pastor, tocador de flauta, sendo a vaca seu animal preferido, ou ainda como um sábio que transmite os ensinamentos ao guerreiro Arjuna no campo de batalha. Aqui será um professor de 62 anos, casado, avô, graduado em Medicina Veterinária, especialista em Biologia Molecular, Mestre e Doutor em Reprodução Animal. Leciona no ensino superior há 20 anos e, atualmente, é Coordenador de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão (desde 2007), presidente da comissão de TCC (desde 2005) e Editor-chefe das revistas online na faculdade privada na qual leciona há 13 anos.

Antes de encerrarmos esta seção, faz-se necessário mencionar brevemente a questão das formações imaginárias, constitutivas do discurso, uma vez que, na perspectiva pecheutiana, qualquer discurso é, inconscientemente, direcionado, em função da imagem que o sujeito faz de si próprio, do(s) outro(s) com quem fala e do(s) objeto (s) sobre o(s) qual/quais fala.

As formações imaginárias (imagens, representações que temos e pelas quais tentamos antecipar alguns sentidos) não são os sujeitos físicos nem os lugares sociais empíricos, que poderiam ser sociologicamente descritos e que funcionam no discurso, mas a projeção de suas imagens. Essas projeções, segundo Orlandi (2009, p. 40),

“permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”, o que significa no discurso, de acordo com a autora, são essas posições que estão atreladas ao contexto sócio-histórico e ao já-dito.

Tais formações (a imagem que se tem de um professor universitário, de um aluno de ensino médio, etc., e, no caso desta pesquisa, acerca da pesquisadora) são perceptíveis, em suas relações de sentido e de forças (de que lugar se fala, com quem se fala etc.), por meio dos vestígios deixados no discurso. Assim sendo, essas formações fazem, necessariamente, parte do funcionamento da linguagem, não estando os sentidos nas palavras em si, “mas sim aquém e além delas” (ORLANDI, 2009, p. 42). Valemos das formações imaginárias, na ilusão de que é possível adequar e controlar o que dizemos e como somos entendidos, por isso são bastante atuantes em nosso *corpus* de pesquisa em questão.

Outro aspecto relevante em relação às formações imaginárias é o fato de que todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras, antecipando-se, assim, a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Ainda cabe mencionar que é a partir do jogo de formações imaginárias que os enunciados são formulados (ORLANDI, 2009).

No caso desta tese, observamos que imagens acerca da pessoa da pesquisadora como alguém que cuida (de si), que sabe administrar/dividir seu tempo e que é espiritualizada parece ter impactado as respostas dos sujeitos-professores-participantes, como apontaremos na seção seguinte. Isso se deve ao fato de que a pesquisadora trabalha(va) nas instituições nas quais os sujeitos-professores-participantes trabalha(va)m. Além disso, a pesquisadora e os sujeitos-professores-participantes estão conectados pelas redes sociais, nas quais a pesquisadora sempre posta fotos e/ou textos a respeito de Yoga, meditação, espiritualidade; acerca de grupos de estudo sobre espiritualidade dos quais participa e também sobre algumas de suas atividades como docente, como pesquisadora (participação em eventos da área), como dona de casa, como membro de uma família etc. Cabe, porém, mencionar que a pesquisadora se entende como uma pessoa falha, imperfeita, numa eterna busca por aprimorar-se, por cuidar de si e dos outros, como já mencionado na introdução deste trabalho.

Antes de passarmos para a análise dos dizeres dos professores ressaltamos ainda que acreditamos que os efeitos de sentido levantados nesta pesquisa “são interpretações particulares e que não se pode tomá-las como únicas e/ou universais”

(LIMA, 2015, p. 91), (re)aplicáveis a outras instituições e/ou docentes uma vez que a análise está associada às condições de produção, às formações imaginárias que afetam e emergem no discurso, à memória discursiva evocada em/por cada participante, dentre outros. Não há a pretensão de que a análise esgote todos os efeitos de sentido possíveis, não apenas pela restrição de tempo para realizá-la, mas novamente porque eles estão atrelados às condições de produção da análise, à memória discursiva da pesquisadora, às formações discursivas (e ideológicas) que permeiam o ser da pesquisadora. Passemos, então, à análise.

CAPÍTULO V - ENTRE OS MODOS DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

*Y que importancia tengo yo
en el tribunal del olvido?*

*Cuál es la representación
Del resultado venidero? [...]
LX*

Ao propormo-nos a analisar o(s) discurso(s), corremos “um risco”, como bem aponta Pêcheux (2006), ao transitar entre a descrição e a interpretação, ao tentar enxergar o dito (memória discursiva, formações discursivas e ideológicas etc.), calcando-nos no dizer (materialidade linguística) e, a partir disto, tecermos NOSSAS interpretações. Cabe, a nosso ver, ao analista, procurar escutar o *corpus*, sem desconsiderar as condições nas quais foi produzido, tendo em mente que imparcialidade, objetividade e reaplicabilidade, ainda que almejadas pelo fazer científico, de modo geral, não são metas na perspectiva teórica adotada, uma vez que esta aposta na singularidade do pesquisador, do objeto de pesquisa, dos pesquisados, enfim, da pesquisa e também na promoção de reflexão e de um pensar, fazer e ser diferentes com base nos estudos realizados.

Tendo isso em mente, de nosso *corpus*, composto por entrevistas realizadas com 6 (seis) docentes universitários, selecionamos alguns excertos nos quais os sujeitos-professores-participantes discorrem sobre o cuidado (de si). Vale ressaltar que, embora as questões de âmbito mais geral sobre a docência e a escolha da profissão formem um pano de fundo essencial à escuta dos efeitos de sentidos relacionados ao cuidado (de si) emergentes nas entrevistas, optamos por não aprofundar nossa análise no que tange aos efeitos de sentido do ser docente e/ou da escolha da docência como profissão, exceto quando os excertos estiverem diretamente, a nosso ver, relacionados ao cuidado (de si).

Optou-se por dividir a análise em dois eixos temático-teóricos, com base nas regularidades discursivas encontradas nos excertos. A análise preliminar do *corpus*, realizada após a coleta das entrevistas, apontou para estudos teóricos necessários para “dar conta” dos efeitos de sentido que começavam a emergir nos dizeres dos sujeitos-

professores-participantes e, ao longo da (re)construção desta tese, teoria e análise foram retroalimentando-se. Embora os eixos e sub-eixos pelos quais optamos se entrelaçam e se imbricam e foram sendo (re)definidos ao longo do caminho, pautamo-nos, na divisão “final” apresentada nesta tese, em especial, nos dois capítulos teóricos iniciais que versam sobre o mal-estar dos tempos de Freud aos dias atuais e o cuidado de si como apresentado por Foucault em sua terceira fase.

O primeiro eixo, efeitos de sentido de mal-estar na/da docência, atrelado ao primeiro capítulo diz respeito ao mal-estar, em especial, ao mal-estar na/da docência que, muitas vezes, aparece em oposição às relações humanas, com alunos e familiares, de modo geral, apontadas como prazerosas e gratificantes. No caso das sujeitAs-professorAs-participantes, o lugar discursivo do feminino, o estar e cuidar dos filhos, entre outros, emergem como lugar gozoso e geralmente conflitante com o mundo do trabalho, como poderemos observar na materialidade linguística dos excertos a serem analisados nesse eixo.

Optamos, também, entendendo que os modos de subjetivação e objetivação são intimamente imbricados, tomar como segundo eixo de análise os efeitos de sentido de cuidado (de si) que emergem na fala dos sujeitos-professores-participantes. Os principais sentidos de cuidado (de si) que emergiram nas falas dos sujeitos-professores-participantes estão atrelados à gestão eficaz do tempo; à atenção e dedicação com a saúde, o corpo e a aparência; às tarefas ditas femininas, como cuidar dos filhos; à oposição aparente entre o cuidado (de si) e a vida acadêmica e, por último, a vislumbres do desejo do cuidado (de si). Os quatro sub-eixos iniciais, 1) O cuidado (de si) e o (bom) gerenciamento do tempo; 2) O cuidado (de si) e *fitness/wellness*; 3) O cuidado (de si), a docência e o feminino; 4) O cuidado (de si) versus o acadêmico, apontam mais contundentemente para os modos de objetivação neoliberalista. Já o último sub-eixo, vislumbres do desejo do cuidado de si, remete-nos sutilmente aos modos de subjetivação, à ética e à estética da existência, como discutidas por Foucault no final de sua vida.

É significativo mencionarmos novamente, de forma sucinta, que os processos de objetivação e de subjetivação, ainda que muito inter-relacionados, também possuem suas especificidades. Os processos de objetivação, sócio-historicamente legitimados e ratificados exercem, dentre outras coisas, um poder sobre os corpos tornando-os dóceis e permitindo a vida em sociedade. Já os modos de subjetivação costumam ser

singulares, uma vez que cada sujeito se subjetiva de um modo diferente diante do poder-saber que incide em seus corpos e que é incorporado ou tomado como verdadeiro pela sociedade na qual vive. Trata-se da estética da existência foucaultiana, do fazer da vida uma obra de arte, conceito este caro a esta pesquisa.

Antes de iniciarmos a análise, para facilitar a identificação dos sujeitos-professores-participantes, apresentamos aqui um quadro-resumo.

Tabela 7: Sujeito-professores-participantes⁴⁹

SUJEITO-PROFESSOR-PARTICIPANTE	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA (EM ANOS)	TEMPO DE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR (EM ANOS)	TIPO DE INSTITUIÇÃO NA QUAL LECIONA
Lakshmi	40	Graduada em Letras Português/inglês; Especialista em Língua Inglesa; Mestre em Linguística Aplicada	23	5	pública
Durga	35	Graduada em Letras Português/inglês e em Pedagogia; Especialista em Gramática e usos do Português; Mestre em Linguística Aplicada	18	8	pública
Ganga	50	Graduada em Enfermagem; Especialista em UTI; Mestre em Engenharia biomédica; Estudante de Direito	22	15	privada
Shiva	33	Graduado em Física; Mestre em Ensino de Ciências; Doutorando em Ensino de Ciências (defesa fev. 2017)	11	3	privada
Ganesha	31	Graduado em Administração de Empresas, com MBA em Gestão de Recursos Humanos; Mestre em Gestão e desenvolvimento regional	6	6	privada
Krishna	62	Graduado em Medicina Veterinária; Especialista em Biologia Molecular; Mestre e Doutor em Reprodução Animal	20	20	privada

⁴⁹ Dados referentes a 2016, ano em que foram realizadas as entrevistas.

5.1 Efeitos de sentido de mal-estar na/da docência

Nesta seção, propomo-nos a elencar e analisar trechos das entrevistas coletadas relacionados à pergunta sobre a relação entre docência e o cuidado (de si), de certo modo, concernente ao mal-estar e ao sofrimento relacionados ao trabalho docente, materializados nos dizeres dos sujeitos-professores-participantes.

A relação do homem com o trabalho, de forma geral, nunca foi fácil e desde suas origens esteve relacionada a algo penoso e que gera sofrimento. A própria palavra trabalho, segundo Aranha e Martins (2005), está relacionada a um castigo. Conforme as autoras, “etimologicamente, trabalho vem de *tripalium*, instrumento de tortura”, feito com três paus, ou seja, originalmente, "trabalhar" significava “ser torturado”.

Para os romanos, o termo também tinha uma conotação negativa e estes faziam uma distinção entre ócio e negócio, denominando

ócio (*otium*) não propriamente a ausência de ação, mas ocupar-se com as artes, as ciências, o trato social, o governo, o lazer produtivo. Ao ócio opunha-se o negócio (o *nec-otium*, ou seja, a negação do *otium*), como atividade que visa satisfazer as necessidades de subsistência (ARANHA; MARTINS, 2005, p. 44).

Mais tarde, o termo latino passou para o francês “*travailler*”, que significava “sentir dor” ou “sofrer”, passando, com o tempo, a significar “fazer uma atividade exaustiva” ou “fazer uma atividade difícil, dura”. Apenas a partir do século XIV, o termo começou a ter o sentido genérico que lhe atribuímos ainda hoje, o de “aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim”. Com a especialização das atividades humanas, devido em especial à Revolução Industrial, a palavra trabalho tem hoje várias acepções (www.dicionarioetimologico.com.br), como podemos notar nos verbetes disponíveis em www.dicio.com.br:

1. Emprego; o ofício ou a profissão de alguém;
2. Trabalhadora; grande dificuldade;
3. Responsabilidade;
4. Conjunto das atividades realizadas por alguém para alcançar um determinado fim ou propósito; os mecanismos mentais ou intelectuais utilizados na realização de algo;
5. Lugar em que são aplicados esses mecanismos;
6. Esmero; atenção empregada na realização ou fabricação de alguma coisa;
7. Fabricação; o desenvolvimento ou a elaboração de algo: trabalho de marcenaria;
8. O resultado dessa fabricação: este bolo foi um belo trabalho de confeitaria;
9. Lição ou exercício destinado à prática de: trabalho escolar;
10. Produto fabricado a partir do funcionamento de algo: o trabalho de um carro;
11. Ação intermitente de uma força vinda da natureza acrescida ao seu efeito;

12. [Biologia] Quaisquer fenômenos realizados numa matéria ou substância, possibilitando uma alteração de seu aspecto ou forma;
13. [Política] Economia. Exercício humano que configura um elemento fundamental na realização de bens e/ou serviços;
14. [Política] Reunião dos indivíduos que fazem parte da vida econômica de uma nação;
15. [Física] Grandeza obtida a partir da realização de uma força e a extensão percorrida pelo ponto de sua execução em direção a mesma;
16. [Medicina] Processo orgânico de recuperação realizado no interior de certos tecidos: trabalho de cicatrização;
17. [Religião] Aquilo que é oferecido para receber proteção dos orixás.

Aranha e Martins (2005) chamam-nos a atenção para a questão do trabalho no mundo contemporâneo, pois de acordo com elas,

embora persista a esperança em um trabalho não-alienado, que permita a autocriação humana, nem sempre essa atividade tem merecido ocupar o ponto central, devido ao interesse crescente pela utilização do tempo livre. Por que, se o trabalho pode nos libertar e fazer florescer nossa subjetividade, por outro lado é preciso saber o que temos feito com essa liberdade e com nossos talentos, quando o tempo de trabalho vai além dos limites: muitas vezes, *os workaholics* – os viciados em trabalho – esquecem-se dessa verdade (ARANHA; MARTINS, 2005, p. 45).

Sobre a questão do sofrimento no trabalho, o pesquisador francês Christophe Dejours⁵⁰ procurou identificar suas raízes e compreender a relação do trabalhador com esse sofrimento, assim como as circunstâncias em que o próprio trabalho pode revelar-se como uma ameaça ao bem-estar físico e psíquico do trabalhador, área que batizou de “Psicopatologia do Trabalho” e que visa à

análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho. “Dinâmico” significa que a investigação toma como centro de gravidade os conflitos que surgem do encontro entre um sujeito, portador de uma história singular, preexistente a este encontro e uma situação de trabalho cujas características são, em grande parte, fixadas independentemente da vontade do sujeito. [...] Isso significa que o sujeito corre o risco de não ser mais o mesmo que antes do início do conflito e que a realidade do trabalho também corre o risco de ser transformada através do efeito de uma suplementação de subjetividade. (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2014, p. 120)

Teremos em mente, ao empreender a análise nesta seção, que, para Dejours (2014, p. 137), “o sofrimento é inevitável e ubíquo. Ele tem raízes na história singular de todo sujeito, sem exceção. Ele repercute no teatro do trabalho [...]”, e procuraremos rastrear “as ações suscetíveis de modificar o destino do sofrimento e favorecer sua *transformação* (e não eliminação)” na seção seguinte, pois, “quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade.

⁵⁰ Nascido na França em 1949, é doutor em Medicina, especialista em medicina do trabalho e em psiquiatria e psicanálise e fundador da Psicodinâmica do Trabalho. É membro da Associação Psicanalítica da França, professor titular no *Conservatoire National des Arts et Métiers* em Paris e dirige o Laboratório de Psicologia do Trabalho e da Ação.

Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e somática” (DEJOURS, 2014, p. 137).

Começemos pela visão geral de Durga sobre a profissão e o cuidado (de si).

Ah::: eu acho que a maioria tem pensado muito em realmente trabalhar trabalhar trabalhar trabalhar mas no ensino... até o Ensino Médio... né... é::: que é onde a gente ganha menos... né... tem você tem que dar MUITAS AULAS pra ter um salário razoável... então você é OBRIGADO a trabalhar bastante... então sobra pouco tempo realmente pra pessoa se cuidar... mas na... já no ensino superior... e acho que as pessoas têm... se preocupam... os professores de ens... os professores se preocupam um pouco MAIS porque a gente tem um rendimento um pouco MELHOR então né você CONSEGUE abrir mão de algumas coisas e ainda ter um salário UM POUQUINHO melhor pra poder cuidar de si, como eu... por exemplo... né...

O discurso neoliberalista/capitalista é materializado de diversas formas no excerto acima, a começar pela repetição em sequência do verbo “trabalhar” antecedido pelo advérbio de intensidade “realmente”; pela forma enfática “muitas aulas” e em especial no uso de “ser obrigado”, com destaque ao “obrigado”, seguido de “trabalhar” e o advérbio de intensidade “bastante”. Ademais, também está presente no trecho “ter um salário razoável”.

Com respeito ao professor de ensino superior, Durga acredita que devido ao fato de terem “um rendimento um pouco melhor”, conseguem “abrir mão de algumas coisas”, “coisas” aqui por nós interpretadas como aulas, sem prejuízo financeiro, o que notamos em “e ainda ter um salário UM POUQUINHO melhor”, podendo, por esse motivo cuidar-se. O cuidado (de si) aparece aqui reservado aos mais afortunados em termos econômicos, ou seja, o efeito de sentido levantado é o de que “sem dinheiro, não há cuidado (de si)”.

O uso do pronome pessoal do caso reto em primeira pessoa “eu” no final do excerto, a título de exemplificação, salienta que Durga pôde deixar algumas tarefas de coordenação e administração e também aulas na IES, na qual leciona há aproximadamente uma década, em especial em 2016, após eventos médicos para cuidar melhor (de si). A professora passou a (re)pensar sua rotina, seu trabalho, sua vida, de forma que o cuidado (de si) passasse a integrar seu dia a dia, afinal, como ela afirma, em outro momento da entrevista, “não desejava morrer”. O agente mobilizador do cuidado (de si), como aponta a fala de Durga, foi o medo da morte precoce. Este dizer parece remeter-nos ao exercício espiritual “aprender a morrer ou exercitar-se para a morte”, por meio do qual, como aponta Hadot (2014), passamos, por meio da

consciência da finitude de nossa existência terrena, a valorizar cada instante de nossa existência.

Vale neste ponto mencionar que, no final de 2014, Durga teve um AVC, ficando na UTI por quase um mês. No final de 2015/começo de 2016, foi novamente hospitalizada, tendo, em 2016, descoberto uma doença autoimune e realizado vários tratamentos, inclusive quimioterapia. Segundo Durga, em áudio enviado por Whatsapp em 09.09.2017, foi diagnosticada com “arterite de takayasu”, doença autoimune de fundo psicológico. Alegou que durante o mestrado (2006-2008) teve problemas endocrinológicos, tendo desenvolvido hipertireoidismo, passando, desde então, a ter baixa imunidade. Na sequência, teve toxicoplasmose e, por último, desenvolveu uma inflamação nas artérias. Por estresse provocado não só pelo acúmulo de trabalho, em um mês em que era membro da comissão de organização do evento de iniciação científica anual da IES na qual leciona, mas também por problemas familiares e por uma situação ocorrida no centro espírita que frequenta, um coágulo desprende-se na carótida, entupindo um vaso cerebral, ocasionando AVC isquêmico e outro hemorrágico. Tal evento deixou cicatrizes no cérebro de Durga que levaram a convulsões em 2016, conforme depoimento concedido.

No áudio mencionado acima, enviado à pesquisadora em resposta à solicitação de autorização para mencionar todo o ocorrido nesta tese, a entrevistada, além de detalhar seu quadro clínico, relatou que ele foi desencadeado por estresse, por esgotamento físico, por falta de relaxamento, não só por problemas no trabalho, mas também por doenças na família, pela construção de sua casa, entre outros. Durga atribui parte de seus problemas a como ela “encara as coisas”, às crenças passadas pelos pais. Disse que, após o ocorrido, com o auxílio da terapia, do Yoga e do tratamento medicamentoso, “pôs o pé no freio”, “mudou de ponto de vista”, passou a “valorizar outras coisas” e tem “consciência de que o que importa é como encara tudo”. Cabe aqui retomar a posição birminiana (2009) de que o desamparo e o mal-estar são inerentes em nossas vidas e que a questão fundamental é aprender a gerenciá-los para poder (con/sobre)viver nos terrenos inóspitos, com curvas inesperadas e subidas íngremes da contemporaneidade. Retomando a metáfora geográfica, quando os mapas já não dão mais conta do terreno, cabe-nos usar um GPS, recalculando nossa rota diuturnamente, porém, sem uma rota (pré)definida desde o princípio, abertos aos imprevistos e as possibilidades de transformação. Observa-se aqui também o desejo de fazer e de ser

diferente, de transformar-se em decorrência do ocorrido, ou seja, o recorte discursivo acima também aponta para vislumbres do cuidado de si foucaultiano.

Já na primeira entrevista, quando interrogada sobre o que era cuidado (de si), ela contestou:

Bom... HOJE... depois de umas experiências que eu tive... cuidar de mi:: de si no meu caso de mim eh:: fazer tudo que me agrada neh que são compromissos responsabilidades mas de uma maneira PRAZEROSA pra mim... então por exemplo trabalhar... TRABALHAR é uma coisa que eu tenho que fazer todo mundo tem que fazer mas que seja então um trabalho por prazer... não só um trabalho por obrigação...

O deslizamento entre o cuidar “de mi::” para “de si”, não pronunciado na íntegra e com pausa para reformulação, parece remeter-nos levemente ao processo de conversão foucaultiana em andamento, pois para o autor o cuidado de si implica uma conversão do exterior para o interior, como apontado neste trabalho, ou seja, após “umas experiências que eu tive”, que aqui se referem aos problemas de saúde apresentados acima, a professora parece ter iniciado o processo de olhar mais para seu interior, buscando maneiras de transformar a maneira como encara seu trabalho ou ainda se encara frente ao trabalho.

Como vimos na parte teórica, para Freud (2011) o trabalho, nem sempre, está atrelado ao prazer, à satisfação. Tal efeito de sentido materializa-se, em especial no trecho final do excerto “TRABALHAR é uma coisa que eu tenho que fazer todo mundo tem que fazer mas que seja então um trabalho por prazer... não só um trabalho por obrigação...”. A questão do trabalho como lugar do desprazer emerge também nas palavras “compromissos” e “responsabilidades” e, em especial, na dicotomização trabalhar por prazer e trabalhar por obrigação. Cabe ainda mencionar que o advérbio de tempo “hoje”, enfatizado no início do trecho, remete-nos à possível fase de transição na qual Durga se encontra, entre ver o trabalho como obrigação e o desejo de vivenciá-lo como prazer. Como aponta Bauman (1998), vivemos em uma era de escolhas e não podemos furtar-nos à responsabilidade inerente às escolhas feitas e suas consequências, era de “liberdade” excessiva em todos os aspectos que pode levar-nos a almejar o impossível, como “trabalhar até a exaustão”, como veremos logo abaixo, pois temos que ser produtivos, aproveitar bem nosso tempo etc. e, mesmo sendo um *workaholic*, ter sua saúde física e mental inabaladas. Bauman (1998) alerta-nos para o fato de que, embora a responsabilidade individual por nossas escolhas se aplique a todos, os meios que temos para escolher não estão igualmente disponíveis, o que é evidenciado quando

Durga menciona no primeiro excerto que os professores do ensino superior, diferentemente dos docentes do ensino médio, “se preocupam um pouco MAIS porque a gente tem um rendimento MELHOR”.

Em resposta à pergunta “como você se cuida”, Durga diz:

Bom... HOJE eu cuido muito mais da minha saúde emocional ih:: e digamos assim física mesmo do corpo do que eu fazia antes... então eu procuro... realmente... levar o menos trabalho possível pra casa o que é quase impossível uma vez que professor não consegue... mas tudo que dá eu tento fazer em sala ou pelo menos num AMBIENTE físico FORA da minha casa... [...] e resolvi assim que eu não vou mais trabalhar até a exaustão... eu vou trabalhar até onde eu consigo... eu paro descanso e trabalho mais um pouco...

Este trecho remete-nos também a um dos questionamentos levantados durante a pesquisa de que os professores parecem, em meio a obrigações e tarefas pedagógicas e administrativas, chegar a esquecer-se de que têm um corpo físico. No excerto acima, as dimensões físicas e psicológicas do ser humano parecem ter sido negligenciadas por Durga no passado, efeito de sentido corporificado no seguinte trecho “Bom... HOJE eu cuido muito mais da minha saúde emocional ih:: e digamos assim física mesmo do corpo do que eu fazia antes...”. Tal efeito é evocado não apenas pelo próprio substantivo “corpo” e pelo adjetivo “física” atrelado à saúde, mas também pela polarização hoje e antes, pela pausa “ih::” seguida de “digamos assim”.

Merece ainda nossa atenção o trecho “e resolvi assim que eu não vou mais trabalhar até a exaustão... eu vou trabalhar até onde eu consigo... eu paro descanso e trabalho mais um pouco...”. Neste trecho, o verbo “trabalhar” vem associado à “exaustão” e à máxima capitalista de “dar o máximo de si” por meio do “até onde consigo”. Notamos ainda a polarização entre as palavras “hoje”, destacada neste e em outros excertos, e “antes” que novamente nos remete aos episódios médicos e seu possível impacto na forma como Durga vê e conduz sua vida laboral. Há, ainda, a polarização entre “muito mais”, atrelado ao cuidado (de si) e o “menos possível” atrelado ao levar trabalho para casa, algo comum no fazer docente e que costuma gerar mal-estar, como materializado no próprio dizer da professora “o que é quase impossível uma vez que professor não consegue”. Ademais, há o desejo impossível de separação entre os assuntos da casa e os do trabalho, materializados em “num AMBIENTE físico FORA da minha casa”. Parece haver um não-dito aqui de que a entrevistada fica mais no trabalho com o intuito de não levar tanto trabalho para casa e que a separação lar e trabalho parece ser uma “solução” por ela encontrada. A presença dos ecos da “cultura

da auditoria” (SPARKES, 2007) parece emergir quando a professora diz “resolvi assim que eu não vou mais trabalhar até a exaustão... eu vou trabalhar até onde eu consigo... eu paro descanso e trabalho mais um pouco.”, ou ainda, como aponta Han (2017, p. 113), filósofo coreano, contemporâneo, que nos adverte que “a própria pausa se conserva implícita no tempo de trabalho. Ela serve apenas para nos recuperar do trabalho, para poder continuar funcionando”, como também vemos materializado na seguinte fala de Krishna.

[...] a gente tem que ter uma OUTRA GRANDE paixão que é o nosso porto seguro ali... é o elixir mágico... o pó de pirlimpimpim... cê vai praquilo e RAPIDAMENTE você retoma o seu eixo... o emocional... cê resu retoma... PRA MIM... é música... especificamente BETÂNIA e as cantoras negras americanas... as antigas... então... eu... eu de fim de semana... eu vejo um DVD da Betânia... eu vejo um DVD de uma negra americana e com isso eu tô com a bateria carregada... e LEITURA... leitura pra mim funciona muito... em cima do meu do cesto de roupa no meu banheiro tem sempre um livro... livro que não é literatura... Científica (ambos)... não é nada acadêmico... LIVRO MESMO... de literatura normal... e eu leio CONSTANTEMENTE... acaba um eu começo outro... e quando o livro tá MUITO INTERESSANTE eu tenho diarreia emocional... (risos de ambos) e aí toda hora que eu tô no vaso eu cato e dou uma leitura... (risos)

Diante do cansaço e do mal-estar provocados pelo trabalho, pela vida de docente e como forma de cuidar (de si) para estar refeito para uma nova semana de “lutas”, Krishna encontra seu “pó de pirlimpimpim” na música e na literatura. Atentamos para o advérbio “rapidamente” proferido de forma enfática que nos aponta ao efeito de sentido de um dos lemas neoliberais, o “*time is money*”, ou seja, ao não-dito “não tenho tempo e não posso ficar muito tempo relaxando”, sendo “improdutivo”. Em “tô com a bateria recarregada” e “para mim funciona muito” sugerem o efeito de sentido de que o tempo de ócio deve ser útil, em outras palavras, servir para recuperar-se mentalmente e/ou fisicamente e voltar logo ao trabalho.

Em resposta às perguntas “o que é o cuidado do outro para você?”, “como você cuida dos seus alunos” e “você acha que este cuidado influencia na prática docente?”, temos os seguintes excertos de Lakshmi:

O OUTRO... o outro seria a minha família os meus alunos... é dar o melhor de mim para o outro... pra que ele tenha o MELHOR de mim... ih:: eu tento me preparar pra conseguir sanar tudo que ele precisa de mim...

eu ENSINO ih:: eu sou disposta ih:: a tirar dúvidas... dar a atenção que eles PRECISAM se precisar explicar um mesmo assunto quantas vezes 10.000 vezes se perguntar eu vou na carteira e atendo individualmente um por um... jamais nego atenção e falo não agora já expliquei uma vez agora (palavra inaudível) eu me sempre me mostro disponível.

COM CERTEZA... se eu estou bem comigo mesma... eu consigo fazer o meu melhor pro outro... e o meu melhor pro outro é o meu melhor profissional pro meu aluno se eu sou uma boa profissional... o aluno vai ter uma boa qualidade de aula.

O sujeito em questão, como é comum em nossa sociedade pós-moderna, coloca-se como objeto do desejo do outro, como aquela que tem a ilusão de completude, ou seja, da possibilidade de ser toda para os outros, em especial pela dupla presença do advérbio “melhor”, sendo uma delas ressaltada, e pelo trecho “tento sanar tudo” no primeiro excerto. Tal posicionamento também é observável na materialidade linguística do terceiro excerto via insistência no uso de “melhor” três vezes e também do adjetivo “boa” associado à profissional e à qualidade da aula. No segundo excerto, relacionado à relação professor-aluno, também emerge tal efeito de sentido materializado nos advérbios de frequência “jamais” e “sempre” e pelo verbo “negar”. Tais vocábulos também podem evocar o discurso neoliberalista/capitalista que nos impele em uma busca incessante por melhor qualidade profissional, por vias distintas daquelas do passado, por exemplo, por meio da responsabilização do próprio sujeito por seu aprimoramento constante, como já apontamos na parte teórica deste trabalho.

Além disso, o efeito de sentido de ensino observável pela materialidade linguística dos excertos acima parece não coadunar com a visão psicanalítica do processo de ensino e aprendizagem (MRECH, 2008), na qual não há controle ou garantia totais dos resultados, pois se trata de um processo em movimento constante e contínuo rumo à criação de algo novo, no qual sempre há algo que nos escapa, no qual cada um a seu tempo e de sua forma, se implicará e aprenderá o que lhe convier. Não se trata, portanto, conforme Mrech (2008), da eliminação dos furos no saber, como materializado em especial na escolha lexical feita pela entrevistada pelo verbo “sanar”, postura esta que se adotada pode, a nosso ver, maximizar o mal-estar na/da docência devido à não aceitação da impossibilidade de ensinar.

Continuando a abordar a docência, ao ser questionado sobre suas expectativas quando começou a lecionar, Shiva responde:

Era... meio ROTULADO né... todo mundo falava MAL... é quando eu entrei na escola básica em 2010... no CURSINHO era mais tranquilo... na escola básica eu... eu chegava... eu cheguei na escola já com um... tentando me... me BLINDAR dos comentários daqueles professores que já eram... já eram desmotivados... né... porque no CURSINHO não tinha muito isso... era... era um pouco diferente da escola... então mas quando eu entrei na escola... eu percebi que eu realmente precisava disso AÍ... eu precisava fechar a porta e eu ficar ali dentro com os alunos e fazer a coisa acontecer... e lá fora eu lidava com essas... essas questões... né... do dia a dia escolar... com a... com a

coordenação pedagógica... com os diretores... com os professores... mas realmente era... foi bem complicado... assim... tentar... ME ESQUIVAR disso aí... era TODO MUNDO FALANDO MAL... que ser professor era complicado... e eu não sei mas eu não vivi isso... eu não vivi essa coisa ruim... Eu não vivi essa coisa ruim... né... tive.... (hum hum – ele estava meio gripado) problemas como qualquer professor tem com sala de aula... até a gente se acostumar... mas só vivi experiências boas...

Os dizeres de Shiva remetem-nos à visão geral de professor como alguém “desmotivado” e a profissão docente como geradora de mal-estar, especialmente, pela escolha lexical dos vocábulos: “rotulado”, “MAL” (duas vezes e em destaque), “complicado” e “ruim”. Apesar de ter chegado à escola com a visão do senso comum materializada em “era... meio ROTULADO”, e de ter se deparado com os “problemas” do fazer docente, Shiva parece tentar encontrar brechas para fazer e sentir diferente na/sobre a profissão, o que se corporifica em seu dizer nos vocábulos “BLINDAR”, “lidava”, “ME ESQUIVAR”, “acostumar” e também no trecho “mas só vivi experiências boas”.

Quando questionadas sobre se recomendariam a profissão para alguém, Lakshmi e Ganga respectivamente respondem:

Olha... SINCERAMENTE... quando eu vejo uma criancinha Ah eu quero ser professora eu falo assim ah NÃO vai ser outra coisa (risos) vai ser outra coisa... mas no fundo no fundo... eu... é que o sistema hoje eu acho um pouco complicado no Brasil... mas a profissão em si eu acho MUITO GRATIFICANTE... é que o sistema é complicado... a remuneração não é ... a VALORIZAÇÃO no nosso país não é boa né... mas a profissão em si é GRATIFICANTE...

sim... recomendaria... com certeza... eu acho que é uma coisa bastante gratificante... é::: engraçado...essa pergunta outras pessoas já me falaram... já me fizeram... tem pessoas que perguntam se eu recomendaria... mas daí vem aquela coisa... e a remuneração?... e a valorização?... Tá... então... eu sou BEM SINCERA... não sou de mentir não... quando a pessoa me pergunta e financeiramente falando... e já falo já... sinceramente... pelo menos AQUI NO VALE DO PARAÍBA... a experiência que eu tenho... financeiramente falando... mas para uma REALIZAÇÃO.... se você GOSTA... recomendo sim...

Embora ambas discordem sobre indicar a profissão, as regularidades discursivas encontradas nos dois excertos chamam-nos a atenção. Repetem-se os vocábulos “valorização” e “remuneração” com um efeito de sentido negativo sobre a docência e que costuma gerar mal-estar, isto é, para as entrevistadas, trata-se de uma profissão desvalorizada pela sociedade contemporânea e mal-remunerada em tempos neoliberais, o que nos lembra a questão dos consumidores falhos e do consumo como medida da felicidade levantada por Bauman (1998). Para evitar ser falho e infeliz, muitos docentes

parecem ser “inconscientemente” impelidos a lecionar nos três períodos, em duas ou três instituições distintas, como já discutimos anteriormente. Repete-se o vocábulo “sinceramente” nos dois excertos, em Lakshmi de forma enfática e, em Ganga, aparece “eu sou BEM SINCERA”, que parecem reforçar a ideia do mal-estar de ser docente.

Em contraponto ao mal-estar na/da docência, alguns vocábulos parecem apontar para pequenas brechas de escape do mal-estar vivenciado pelos professores de modo geral. Dentre os vocábulos, destacamos o adjetivo “gratificante”, dito duas vezes, uma delas de forma enfática por Lakshmi e associada por esta ao advérbio de intensidade “muito” e, no trecho de Ganga, este adjetivo aparece associado ao advérbio de intensidade “bastante”. Há também, no excerto de Ganga, palavra “REALIZAÇÃO”, proferida enfaticamente que nos aponta tais possibilidades.

Outro aspecto que desperta nossa atenção nesses excertos são as várias pausas que podem remeter-nos aos já-ditos sobre a docência e leva-nos a questionar o quanto tais já-ditos por outros, em outros lugares, afetam não só os dizeres das entrevistadas, mas a forma como veem e vivenciam a docência. Outro já-dito rastreado nos trechos é a ideia de que, em um outro lugar, o professor é valorizado e bem remunerado, tal efeito é materializado em “no Brasil” dito por Lakshmi e “no VALE DO PARAÍBA”, enfatizado por Ganga.

Ainda sobre o excerto de Ganga, é interessante notar que ela, várias vezes, intenciona mencionar a questão salarial, mas não o concretiza verbalmente, havendo várias pausas, o que pode remeter-nos ao evitamento da entrevistada de tocar o assunto ou até mesmo o receio de contradizer-se, pois considera a profissão “bastante gratificante” e ela a recomenda a outras pessoas.

Notamos nos excertos dessa seção um afrouxamento das amarras das técnicas neoliberais de governamentalidade, por meio da espiritualidade, da música, por exemplo, e uma tentativa de ver a docência para além do mal-estar. Nos dizeres dos sujeitos-professores-participantes, além dos efeitos de sentido do mal-estar vivenciado na/pela docência, parece haver um desejo latente de cuidar (de si) que, muitas vezes, não se concretiza, nem como cuidado com a aparência, o corpo, a saúde, nem como o cuidado de si foucaultiano que implica uma conversão, uma transformação radical, no ser e no fazer diferente, como veremos mais detalhadamente na subseção seguinte, pois

o aceleracionismo, muito badalado atualmente, não percebe que na crise em que atravessamos atualmente [o tempo de celebração] não pode ser alcançado nem pelo processo de desaceleração nem pela aceleração. Precisamos de uma

nova forma de vida, uma nova narrativa, donde possa surgir uma nova época, um outro tempo vital, uma forma de vida que nos resgate da estagnação espasmódica (HAN, 2017, p. 112-113)

Antes de seguirmos adiante, aos efeitos de sentido de cuidado (de si), vale ainda mencionar que este primeiro eixo de análise levou-nos a questionamentos, não focados na pesquisa, mas que poderão ser aprofundados em pesquisas futuras, como “o que faz alguém ingressar e/ou permanecer na profissão? Quais efeitos de sentido têm essa entrada e essa permanência?

5.2 Efeitos de sentido de cuidado (de si)

Nesta seção procuraremos levantar quais regimes de verdade atravessam o professor universitário no que tange ao cuidado (de si) com o intuito de problematizar os modos de objetivação/subjetivação contemporâneos em relação ao sujeito-professor do ensino superior. Buscaremos levantar os efeitos de sentido de cuidado (de si) nos dizeres dos sujeitos-professores-participantes, efeitos de sentido atrelados aos modos de objetivação/subjetivação, no sentido das técnicas neoliberais de governamentalidade, mostrando na materialidade linguística como tais efeitos se concretizam.

Lembramos aqui que esta pesquisa tem como hipótese que ao buscar práticas de cuidado (de si), os sujeitos-professores-participantes não conseguem escapar das técnicas neoliberais de governamentalidade.

5.2.1 O cuidado (de si) e o (bom) gerenciamento do tempo

A administração do tempo é tida, hoje em dia, como uma grande qualidade/habilidade estreitamente relacionada à eficiência, à eficácia e à produtividade, estas tão apreciadas no contexto neoliberal. Quando questionado sobre como cuida de si, Shiva contesta:

É... eu procuro ter uma... disciplina com o tempo... tenho tempo pra TUDO... então... eu tenho tempo pra fazer exercício... eu tenho tempo pra pra minha família... eu tenho tempo pra estudar... eu tenho tempo pra trabalhar... e isso é muito BEM determinado... e:: a partir do momento que eu falo... bom... das

duas da tarde às cinco da tarde eu VOU estudar... eu desligo o CELULAR... eu me FOCO... me CONCENTRO NAQUILO e falo... oh agora é hora de fazer ISSO... e eu não acho que... o... por exemplo... fazer exercício é menos importante que isso... por exemplo... não acho que é... porque muitas vezes a gente TROCA as coisas... não a prioridade agora é essa... eu deixo isso de lado e eu vou fazer isso... a coisa acaba que uma coisa atropelando a outra... então... a partir... esse é o primeiro coisa que eu faço é organizar...

Notamos no excerto acima que uma das formas pelas quais Shiva entende o cuidado (de si) é como administração/esquartejamento do tempo, estratégia esta que nos remete às técnicas de governamentalidade modernas, ou seja, a vida das pessoas deve ser cronometrada como em uma fábrica e a produtividade deve ser a meta. Tal efeito de sentido emerge da palavra “tempo”, utilizada 6 (seis) vezes, associada ao verbo “ter”, e também do uso dos vocábulos “disciplina” e “prioridade” e dos verbos conjugados na primeira pessoa do singular “foco”, “concentro”, ambos acompanhados do pronome reflexivo “me”, e pelo verbo no infinitivo “organizar”. Tal efeito se corporifica também no uso do adjetivo “determinado” enfatizado pelo advérbio “bem” falado com destaque. Em suma, no excerto acima, observamos a presença clara dos modos de objetivação por meio das técnicas modernas de gestão do tempo e da produtividade ou ainda o tão valorado discurso do ser empreendedor de si, cada um tratando de ser produtivo “sem” que alguém ou algo o induza diretamente a tal.

Outro ponto de destaque no excerto acima é a presença do vocábulo “celular,” falado de forma enfática e associado ao verbo “desligar”. Na contemporaneidade, por meio dos aparelhos eletrônicos, como celulares, *tablets* e laptops, podemos acessar e ser acessados a qualquer momento, dia ou noite, em qualquer lugar, em casa, no trabalho, no cinema, no parque etc., quebrando as barreiras entre o público e o privado, entre o lazer, o estudo e o trabalho. Muitos, diferentemente de Shiva, não podem, por exigências do trabalho, e/ou não conseguem “desligar” o celular, ou melhor, desligar-se do celular por receio de perder algo ou por querer estar sempre “presente” nas redes sociais, fato este visivelmente notável no desespero de muitos adolescentes e jovens adultos por não ficar sem bateria e também na proliferação de tomadas e espaços especiais para carregamento de celulares disponíveis em shoppings, aeroportos, rodoviárias etc. Somos bombardeados por *fake news* (notícias falsas), propagandas e anúncios que nem sequer sabemos de onde/quem vêm ou ainda como “invadiram” nossos perfis “sem” nossa permissão. Somos ainda levados a comparar-nos com “nossos amigos” online, o que, muitas vezes, desperta o sentimento de “a grama do

vizinho é mais verde”. Tudo isso, a nosso ver, a serviço do consumismo, uma técnica neoliberal de acessar-nos e, de certo modo, conduzir-nos, que pode gerar ou intensificar o mal-estar existente na sociedade atual. Desligar o celular pode aqui remeter-nos a uma tentativa de fuga? E em que medida é possível fugir ou saber lidar com toda essa “invasão”, deste *Big Brother* à la George Orwell⁵¹? Ou ainda, o próprio uso do celular “às escondidas” em uma sala de aula, uma reunião de trabalho ou social, em eventos, entre outros, pode ser uma fuga, um tipo de insubordinação “criativa”, sem grandes enfrentamentos? É, como se o sujeito dissesse: “sou obrigado a estar aqui fisicamente e estou, mas minha mente, não. Esta está vagando pelas redes sociais, vídeos, podcasts etc. que me agradam, que eu escolho... ela é livre”.

Já Ganesha, quando questionado sobre o que é o cuidado (de si), contesta:

A resposta mais completa que eu encontrei até hoje em relação ao cuidado de si vem de uma vertente de coaching... que...eles usam uma ferramenta chamada a roda da vida⁵²... em que... aí cada vertente tem div um número diferente de itens pra essa roda da vida... eu já vi com 5 com 7 e até 13... mas que são diferentes aspectos da vida em que você deve manter equilibrados assim como uma roda porque senão ela deixa de ser roda e passa a ser quadrada retangular outra figura geométrica que não gira de maneira fluidica e tranquila... então... o cuidado de si mesmo no meu entendimento é conseguir atentar pra cada um desses pontos dessa roda da vida e tentar na medida do que é possível como humano manter essa roda equilibrada... ela tende a naturalmente se desequilibrar e o nosso esforço tem que ser buscar manter esse equilíbrio... dizendo alguns não... pra coisas que às vezes a gente deseja ou que o MUNDO precisa e diz... lutando por alguns sins que são mais difíceis pra gente executar do que alguns não que a gente vai ter que dar... enfim... é manter essa roda girando de maneira saudável...

⁵¹ Pseudônimo de Eric Arthur Blair (1903-1950), escritor e jornalista inglês, conhecido, em especial pelos livros *1984* e *Revolução dos Bichos* (1945), que abordam temas como o totalitarismo, opressão e a (não) consciência deles. Em 1984, último romance de George Orwell, publicado meses antes de sua morte precoce por tuberculose, Wiston, um funcionário público, vive aprisionado na engrenagem totalitária de uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas cada qual vive sozinho e na qual ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, realizada por meio de teletelas presentes em todos os lugares do trabalho, da casa, das ruas, restando-lhe a Wiston um cantinho, uma pequena brecha na qual não era vigiado.

⁵² A roda da vida é um sistema de autoavaliação, originalmente desenvolvido pelos hindus, e é uma das ferramentas mais simples e mais utilizadas por *coaches* profissionais para mapear como estão as principais áreas da vida de uma pessoa em um determinado momento. A roda é composta por um círculo com diversas divisões. Em cada uma delas é definida uma esfera da vida considerada fundamental para a conquista do equilíbrio pessoal. Cada esfera deve ser avaliada atribuindo-se uma pontuação de 0 a 10 (ou de 0 a 100%) que reflita o quanto o avaliado está satisfeito com a área em questão. Depois de mapeadas todas as áreas, analisa-se a roda da vida resultante. O grande objetivo é detectar qual a área de alavanca neste momento, ou seja, qual das esferas na roda da vida, que se a pessoa colocar um pouco mais de foco, será responsável por maiores mudanças em um número maior de áreas ou na vida como um todo.

Fonte: <http://www.mrcoach.com.br/roda-da-vida.php>. Acesso em: maio 2017.

Nesse trecho, o substantivo “resposta”, atrelado ao adjetivo “completa” em sua forma superlativa “mais completa” aponta para a eterna busca, mencionada por Birman (1999), por uma resposta para a pergunta “o que eu devo fazer?”, confiando na existência de uma fórmula mágica, aqui personificada pela “roda da vida” que amenize todo o mal-estar vivenciado. Como questionamo-nos na seção 1.3 deste trabalho, parece que nos sentimos obrigados a dar conta bem das múltiplas tarefas que nos impomos/são impostas. Daí, decorre o “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998), observável no excerto devido à presença da palavra “*coaching*”⁵³, que remete-nos à busca por opções, não somente as advindas de uma religião ou da religiosidade, que apontem soluções ou “ferramentas” eficientes para as fraquezas e imperfeições humanas, que auxiliem a “manter essa roda [da vida] girando de maneira saudável”, pois ela deve girar de forma “fluídica e tranquila”. A incessante busca por dar conta de tudo, materializada aqui pela repetição da palavra “equilíbrio” e suas derivadas, em especial, no verbo “se desequilibrar” seguido do substantivo “esforço” no trecho “nosso esforço tem de ser buscar manter esse equilíbrio”, é, paradoxalmente, geradora ou intensificadora do mal-estar, pois nos impele a gerir por nós mesmos o mal estar provocado pelos ISMOS, a ser uma “metamorfose ambulante”, como cantava Raul Seixas, o que pode chegar a deixar-nos irreconhecíveis a nós mesmos (BALL, 2016). Tal pressão exercida por este mal-estar vivenciado por Ganesha e por todos nós emerge no desejo de dizer “não” ao “que o MUNDO precisa e diz...”, seguido de uma pausa e sem maiores esclarecimentos sobre o que o mundo precisa e dita. Ainda que usando uma “ferramenta” neoliberal que impõe como usar bem nosso tempo, a roda da vida, Ganesha parece tentar afrouxar as amarras “lutando por alguns sins que são mais difíceis pra gente executar”, mas as amarras são fortes e nos prendem sem que notemos o aprisionamento, afinal, “temos que manter

⁵³ O termo *coaching* apareceu pela primeira vez na era medieval, com a figura do cocheiro, o homem que conduzia a carruagem (coche) para algum lado. Os cocheiros também eram especialistas em treinar os cavalos, para que estes puxassem os coches. [... Atualmente,] um *coach* pode ser uma pessoa que treina um atleta ou conjunto de atletas: *a soccer coach* - um treinador de futebol. Pode também ser uma espécie de tutor privado que prepara um aluno para um determinado exame ou uma pessoa que instrui um ator ou cantor. Quando relacionado com o *coaching*, o *coach* é um profissional qualificado e que utiliza metodologias, técnicas e ferramentas do *coaching* para o benefício de uma empresa ou de um indivíduo, quer na sua área pessoal ou profissional. O *coach* trabalha com um *coachee* (aprendiz ou aluno) com o objetivo de desbloquear nele dons e habilidade já existentes. Existem vários tipos de *coaching*, como o *coaching* pessoal, profissional, empresarial e financeiro, e por isso existem diferentes *coaches* que se especializam em áreas diferentes. O *coaching* consiste em um processo que tem princípio, meio e fim, sendo que pode durar entre 3 a 6 meses.

Fonte: www.significados.com.br

essa roda girando de forma saudável” para que a empresa, o país, o mundo gire também – a autorresponsabilização neoliberal.

Vale retomar aqui o fato de que a área de atuação de Ganesha é a Administração, ficando evidenciado em seus dizeres, não só no excerto acima, o quanto sua formação ecoa em sua fala, ou seja, o quanto sua profissão passou por seu corpo, constitui(u) sua subjetividade. Parece-nos ainda que tal atravessamento faz com que o trabalho seja visto de uma ótica “mais prazerosa” por Ganesha e questões, como a cobrança por produtividade, pareçam ser, às vezes, até amenizadas.

Buscando explorar mais o conceito de “roda da vida” apresentado por Ganesha, foi-lhe feita a seguinte pergunta “você falou que tem alguns elementos essa roda... poderia citar alguns... dessa roda BÁSICA pelo menos?”

Sim... eu vou citar... eu não vou tendo de cabeça... mas eu posso citar alguns elementos que fazem parte dessa roda da vida do geral e das diferentes que eu já vi até hoje... um deles... trabalho... o segundo... é... família... o terceiro... é:: lazer... aí alguns juntam família com lazer outros separam... é que é um momento se... aí cê tem um momento PESSOAL do seu hobby... cê tem um momento de estudo... cê tem um momento de relacionamento AMOROSO... então... essa roda da vida... as diferentes linhas de roda da vida que existem... cada uma vai fazendo a sua separação pra mostrar essas diferentes faces do indivíduo com a sociedade com ele mesmo com seu tempo pra ver se ele tá dedicando de maneira saudável o tempo a cada uma dessas coisas... DESCANSO... SAÚDE... EXERCÍCIOS... né... é... ALIMENTAÇÃO... então... quer dizer...essa roda da vida cada um compõe da sua forma mas acaba sendo algo que responde a essas diversas faces do ser humano vivendo de maneira plena...

O primeiro aspecto para o qual nos atentamos na lista de elementos citados por Ganesha como componentes da roda da vida é o fato de ele citar o “trabalho” em primeiro lugar. Outro dado interessante levantado por Ganesha é que “alguns juntam família com lazer”, o que nos remete à oposição entre trabalho, de um lado, e lazer/família/hobby/exercícios de outro. O tempo aqui deve ser dividido de forma “saudável”, tendo cada “face do ser humano” um “momento” específico para que o ser humano viva “de maneira plena”. Outro aspecto relevante é que no final do excerto, de forma enfatizada, Ganesha menciona apenas quatro aspectos “descanso”, “saúde”, “exercícios” e “alimentação”, esta depois de uma hesitação e do marcador conversacional “né”, que pode remeter-nos à formação imaginária de que a pesquisadora descansa, faz exercícios, é saudável e tem uma alimentação equilibrada.

Além disso, chamou-nos a atenção a suposta “liberdade” de escolha na composição dos elementos da roda da vida apontada por Ganesha ao dizer “essa roda da vida cada um compõe da sua forma”. Porém, a conjunção adversativa “mas”, seguida

por “acaba sendo algo que responde a essas diversas faces do ser humano vivendo de maneira plena...”, nos remete, entre outros, a dois aspectos teóricos estudados, à (auto)responsabilização dos sujeitos pelas escolhas feitas (BAUMAN, 1998) e ao *homo economicus* (PETERS, 2011), estimulado ao autogoverno, a comportamentos autointeressados, trabalhando por seu próprio bem-estar e saúde, mantendo-se produtivo, uma vez que o governo desde a Modernidade tercerizou esta responsabilidade aos cidadãos, de forma não explícita, mas sub-reptícia, por meio de micropoderes. A questão da autorresponsabilização do sujeito também emerge no excerto abaixo, ainda sobre o cuidado (de si), proferido por Ganesha, em especial em “eu vivo um desafio pessoal”.

Ações... Hoje... eu vivo um desafio pessoal de melhorar minha própria... gestão do tempo... tomar decisões mais sábias... eu por muitas vezes tendo a falhar nisso porque eu resolvo fazer mais coisas que o tempo me permite... na prática... eu preciso aprender a dizer alguns não pra mim mesmo e para as outras pessoas pra fazer de pleno coração aquilo que eu me proponho a fazer.... é:: o que que são as ações que eu faço que eu me dedico mais hoje...

No excerto acima, observa-se novamente a questão da “gestão do tempo”, ou melhor, da má gestão materializada em “melhorar minha própria gestão do tempo” e “fazer mais coisas que o tempo me permite”, associada ao (não) cuidado (de si). O vocábulo “gestão”, advindo do discurso econômico é, atualmente, comumente adaptado à vida cotidiana, na qual devemos aprender por nós mesmos a gerir nossas finanças, nossos estudos, nossa saúde, enfim, ser bem sucedido parece estar atrelado a uma boa gestão do tempo, ou ainda, em sua divisão de forma igualitária a todos os aspectos da vida humana.

O excerto acima aponta também para o conceito de confissão foucaultiana, corporificada em “tomar decisões mais sábias”, remetendo-nos ao não-dito de que “as decisões atuais não são muito sábias”; e em “tendo a falhar”, “eu preciso aprender a dizer alguns não para mim mesmo e para as outras pessoas pra fazer de pleno coração aquilo que me proponho a fazer”, que nos conduzem ao não-dito de que o sujeito em questão não sabe dizer não, não sabe gerir bem seu tempo que, por isso, não cuida bem (de si).

Na perspectiva foucaultiana, a confissão é um dos rituais mais importantes e do qual a produção da verdade é esperada, tratando-se do reconhecimento, por alguém de suas próprias ações ou pensamentos e não mais por outrem como foi em suas origens na Idade Média. É como se, atualmente, houvesse a obrigação de dizermos “o que somos, o

que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente” (FOUCAULT, 1997, p. 60). Ainda segundo o autor, não se trata mais apenas daquilo que o sujeito deseja esconder, mas sim daquilo que se esconde a ele. Verdade esta que só pode completar-se naquele que a recolhe, que através dela e de sua decifração, constitui um discurso de verdade, verdade que “cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável” (FOUCAULT, 1997, p. 66). E nesse jogo discursivo, se constitui “um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma, porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e, sobretudo, o faz escapar a si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p. 68).

Já Ganga confessa não saber organizar bem seu tempo e, em consequência disso, acredita que não consegue cuidar (de si), como notamos no excerto abaixo:

... então... eu tenho que me organizar melhor... eu acredito que organizando melhor o TEMPO... eu conseguirei cuidar melhor de mim mesma... mas eu não cuido...

Emerge nos dizeres de Ganga a crença de que a organização melhor de seu tempo, vocábulo este destacado em sua fala, proporcionaria “cuidar melhor de mim mesma”. Porém, ela diz “não cuido”, trecho expressado com certo pesar e sem o pronome pessoal do caso oblíquo “me”. Chamou-nos também a atenção as três repetições do advérbio “melhor” no pequeno excerto acima.

O atrelamento do cuidado (de si) ao bom gerenciamento do tempo também se presentifica nos dizeres de Lakshmi, em resposta às perguntas “o que é cuidado (de si) para você?” e “como você cuida de você mesma?”:

Ah:: cuidar de MIM... hum:: seria manter a minha qualidade de vida... ter tempo... aprendi muito até com o seu curso⁵⁴... dividir o tempo pra cuidar da saúde... para me formar pra me informar pra aprender melhor para ensinar... ih:: ter tempo pro meu filho pra minha família... e o espiritual também.

O “ah” e “hum” seguidos de pausa remete-nos ao tempo necessário para que a entrevistada formulasse e verbalizasse sua resposta, o que pode ser devido ao estranhamento da entrevistada ao ouvir perguntas sobre o cuidado (de si). Inclusive, a

⁵⁴ A entrevistada refere-se ao minicurso intitulado “Gestão do tempo: em busca do equilíbrio acadêmico, profissional e pessoal” ministrado pela pesquisadora no simpósio anual realizado na instituição na qual ambas lecionavam em novembro de 2015. Tal workshop foi realizado a pedido da direção e da coordenação por entenderem que a pesquisadora “era uma especialista em bem dividir seu tempo” e de que tal “competência/habilidade” era fundamental para a comunidade acadêmica, composta majoritariamente por alunos trabalhadores, muitas vezes, já pais de família.

entrevistada mencionou, depois de realizada a entrevista, que imaginava que a pesquisa fosse sobre Linguística, ensino de línguas e afins.

Chama-nos a atenção o pronome pessoal oblíquo “mim”, dito de forma enfática entre as pausas associado ao verbo ser, conjugado no futuro do pretérito do indicativo “seria”, tempo este que se refere a algo que pode ou não acontecer no futuro. Além disso, o futuro do pretérito é associado a um fato incerto, a hipóteses ou suposições e também a uma condição, por isso, também comumente chamado de “condicional”. No trecho acima, o uso desse tempo verbal parece estar atrelado a uma condição, neste caso específico, o vir a cuidar (de si) no futuro, para Lakshmi, parece estar diretamente associado ao ter tempo e/ou ao saber dividi-lo entre as suas atividades e seus papéis bem.

O trecho “para me formar pra me informar pra aprender melhor para ensinar” conduz-nos à questão da responsabilização dos professores pelo desempenho dos alunos e à exigência constante da utilização de “novas” formas de ensinar que os “obriga” a aperfeiçoar-se continuamente, como apontam Oliveira et al. (2004), mencionados na introdução deste trabalho. Tal efeito de sentido emerge do uso da preposição “para” que aqui indica finalidade, dos verbos formar e informar e também pelo uso do adjetivo em sua forma comparativa “melhor” associado aos verbos aprender e ensinar. Segundo Oliveira et al. (2004), a impossibilidade de aperfeiçoar-se e a falta de tempo para preparar aulas e realizar uma reflexão crítica sobre elas podem levar a problemas físicos e psicológicos.

No excerto acima, o cuidado (de si) para Lakshmi está também atrelado à “qualidade de vida”, conceito muito usado atualmente por várias áreas, Política, Medicina, Educação física, entre outras, aparecendo em pesquisas como sinônimos de saúde, bem-estar, estilo de vida, etc. Segundo Pereira, Teixeira e Santos (2012), trata-se de um conceito de difícil definição, havendo diversas abordagens para seu estudo, dentre elas, a socioeconômica, a médica, a psicológica e as holísticas que buscam englobar todas as demais abordagens para dar conta da complexidade do ser humano, abordagem esta adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que define qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações". Os dizeres de Lakshmi aparecem aludir à visão holística, uma vez que menciona formação, saúde, família e espiritualidade, e à sua

autorresponsabilização por dar conta de todos esses aspectos de sua vida. Pereira, Teixeira e Santos (2012) alertam-nos para a falta de compreensão e a banalização do uso do conceito, em especial pelo campo político, cujas promessas normalmente incluem a promoção de qualidade de vida, sem contemplar qual a visão adotada e como ela será operacionalizada. A nosso ver, a busca pertinaz pela qualidade de vida, ainda que não se saiba bem o que ela significa e compreende, é uma das técnicas de governamentalidade neoliberal que impulsiona os sujeitos, por eles mesmos, usando meios diversos “discretamente sinalizados” pelos micropoderes (discursos midiático, médico, psicológico, econômico etc.), já que o Estado, na atualidade, se isenta desta responsabilidade de promover o bem-estar dos indivíduos, como apontamos no segundo capítulo desse trabalho.

No excerto abaixo, ainda falando sobre o cuidado (de si), Lakshmi diz:

Tô aprendendo... eh:: geralmente eu deixava pra acabava passando um tempo mais cuidando mais do profissional esqueci não ESQUECENDO mas deixando um tempo maior pro profissional e menos pra mim e pra família... agora eu já tô repensando e refletindo e mudando isso daí... pro próximo ano vai ser mais diferente... eu já mudei bastante

Por meio do uso do presente contínuo “tô aprendendo”, tempo associado a ações que estão acontecendo no momento em que falamos ou a ações habituais que estamos fazendo ultimamente e também a processos de mudança, acompanhado dos verbos “deixava” e “acabava”, conjugados no pretérito imperfeito do indicativo, tempo este que, entre outros, se refere a um fato ocorrido no passado, mas que não foi completamente terminado, dando uma ideia de continuidade e de duração no tempo, Laskhmi parece ter o fugidio desejo de mudar, empenhando-se em mostrar verbalmente que está em um processo de transformação (de si). Tal efeito de sentido é também evocado pela repetição do verbo “mudar”, em especial por seu uso no pretérito perfeito simples do indicativo “mudei” intensificado pelo advérbio “bastante” e ainda pelo sufixo “re” em “repensar” que significa novamente ou de forma diferente.

Através do equívoco “esqueci” imediatamente corrigido pela professora de forma enfática pelo uso de “não ESQUECENDO” e o uso os adjetivos “maior” e “menor”, este associado ao tempo dedicado ao aspecto profissional de sua vida e aquele ao tempo para si e para a família, podemos novamente evocar o conceito de confissão de Foucault, por meio do qual o sujeito descobre algo sobre si que lhe era antes desconhecido. Remete-nos ainda ao questionamento pècheutiano sobre o motivo pelo qual algo foi dito de um modo e não de outro em determinado contexto a fim de

entender a presença dos não-ditos e das formações históricas, por vezes contraditórias, que convivem no discurso. No caso do excerto acima, parece ecoar o não dito de que ela não se cuida e não cuida da família como acredita que deveria. Já o fato de a entrevistada reforçar que está “repensando”, “mudando”, “aprendendo” a cuidar de (si) novamente remete-nos, implicitamente desta vez, ao curso ministrado pela pesquisadora, à imagem que esta tem da pesquisadora como alguém que cuida (de si), como já mencionado em seção anterior.

Como é observável nos excertos acima mencionados e ainda em outros constantes no *corpus* integral deste trabalho, uma das formas de operacionalizar o cuidado (de si) para os participantes da pesquisa é o bom gerenciamento do tempo, estratégia esta neoliberal de controle da conduta dos sujeitos via micropoderes. O sujeito é estimulado/impelido a impor-se a si mesmo a responsabilidade de gerir bem o seu tempo, tendo que responsabilizar-se pelas consequências do bom ou mau gerenciamento de seu tempo, em uma época de cultura da auditoria, na qual a produtividade está em voga e o valor das pessoas é medido pelo quanto podem produzir. Ademais, há a materialização nos excertos da “ilusão” da busca por equilíbrio, felicidade e perfeição em todas as áreas de nossas vidas, o que ora intensifica o mal-estar daquele que se vê/sente incompetente para dar conta de todas as demandas, ora anestesia outros via crença de que o saber dividir bem seu tempo, por exemplo, utilizando ferramentas de *coaching* à disposição basta para ser feliz, próspero. Será? Eis mais uma das problematizações que deixamos.

Além da gestão do tempo, outra regularidade discursiva com a qual nos deparamos no *corpus* é a forte relação para os entrevistados existente entre o cuidado (de si) e o cuidado com o corpo, a aparência, a alimentação e a saúde, como veremos na seção seguinte.

5.2.2 O cuidado (de si) e *fitness/wellness*

Atualmente, está na moda ser *fitness*, o que envolve ter uma alimentação balanceada ou até mesmo ser vegetariano ou vegano⁵⁵; fazer exercícios físicos, como *Crossfit* ou a corrida, em alta no momento; a ingestão de suplementos vitamínicos e o uso de produtos de beleza; entre outros. Há ainda o termo *wellness*, considerado mais moderno, amplo e interdisciplinar do que o conceito de *fitness*, por englobar várias áreas, como nutrição, psicologia, entre outras, com o intuito de proporcionar bem-estar aos adeptos deste novo “estilo de vida”. *Wellness* e *fitness* estão presentes em nossas vidas por meio da televisão, das redes sociais e da internet, das conversas com amigos e familiares, das idas ao supermercado e/ou à farmácia etc. É todo um “novo” mercado muito lucrativo e promissor, como apontam reportagens, como a intitulada *Os negócios criados pelo wellness, nova moda que agita o mercado da alimentação*, publicada pela BBC em março deste ano⁵⁶. Nota-se neste movimento *wellness/fitness*, a presença de técnicas de governamentalidade que visam manter os corpos saudáveis, sempre aptos para atuar no mercado de trabalho. Afinal, um corpo saudável, além de produzir mais, dá menos gasto aos cofres públicos. O que pode parecer-nos, a primeira vista, contraditório é o fato de a carga excessiva de trabalho estar tornando-nos doentes, física e psicologicamente. Porém, esse adoecimento e a necessidade de produzir cada vez mais acaba por incitar-nos a recorrer, muitas vezes, ao uso de drogas, lícitas e ilícitas, o que faz girar a roda da indústria farmacêutica e o tráfico de drogas. Vale aqui lembrar o uso das *lifestyle drugs* ou drogas do prazer, apontadas por Costa (1999) na parte teórica deste trabalho, que prometem aliviar nosso fardo tão árduo que é viver na sociedade neoliberal.

Passemos aos excertos deste eixo. Antes, porém, cabe mencionar novamente que os eixos/efeitos de sentido se imbricam nos excertos, sendo, por isso, necessário escolher em qual eixo colocá-los em detrimento dos outros. Ademais optamos por evitar a repetição de um mesmo trecho em mais de um eixo.

⁵⁵ Cabe aqui mencionar que, a nosso ver, há o vegetarianismo e o veganismo como contracultura, como modo de vida singular que considera questões ambientais e planetárias, mas há sujeitos que, capturados pelo neoliberalismo, os praticam apenas por modismo, em busca do corpo perfeito, da perda de calorias, entre outros. Não podemos esquecer-nos de mencionar que há também os que adotam tais dietas por motivos relacionados a alergias e intolerância alimentar.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-43205758>. Acesso em: setembro de 2018.

Quando questionada sobre o cuidado (de si), Ganga inicia sua resposta pelo trecho abaixo:

FILHA... eu NÃO FAÇO UNHA... sabe... não encontro tempo pra pintar CABELO... (RISOS) pra cortar cabelo....

Neste trecho, observa-se, por meio em especial dos vocábulos “unha” e “cabelo”, que Ganga associa o cuidado (de si) ao cuidado com a aparência apesar de não encontrar tempo para dedicar-se ao seu aspecto físico. O uso do vocativo “filha”, chamamento intimista e familiar, comumente usado no Brasil, parece aqui procurar uma aproximação da entrevistadora por meio de sua inserção no discurso. Seu uso remete-nos ainda à busca da concordância da pesquisadora com o que está sendo dito, o que coaduna com o fato de que ao dizê-lo a entrevistada apontou para si mesmo, deixando implícito um não-dito como “veja com seus próprios olhos como não me cuido”.

Ela adiciona, ainda em tom confessional:

EU NÃO TENHO TEMPO... pra ser bem sincera... é:: quando eu estou em FÉRIAS... eu faço ACADEMIA direto... até... eu chego até a perder peso... alimentação BALEANCEADA... quando eu tô trabalhando... é uma correria... ainda mais porque eu estou estudando também né... então tem que estudar... trabalhar... né... e tem também a vida é claro da: ... assim a vida... digamos da dona de casa... eu não eu não me cuido quando eu estou trabalhando... eu já OBSERVEI isso... aí a COMIDA é o que tem na hora... é o que vai... academia eu PARO... então... eu tenho que me organizar melhor... eu acredito que organizando melhor o TEMPO... eu conseguirei cuidar melhor de mim mesma... mas eu não cuido...

No trecho acima, as técnicas neoliberais de governamentalidade se presentificam em especial pela presença das palavras “academia” e “balanceada”, esta associada à alimentação e à perda de peso, técnicas estas que procuram responsabilizar o sujeito pelo próprio cuidado, uma vez que o Estado já não dá mais conta de suprir a demanda em termos de sistema de saúde.

Ganga termina esta resposta com “mas eu não me cuido”, dito com pesar talvez pelo fato de sua área de atuação, Enfermagem, estar relacionada ao cuidado. Ela não se cuida por falta de tempo, corporificado no início da resposta, de forma enfática, em “EU NÃO TENHO TEMPO. O cuidar (de si) emerge em oposição ao trabalho, oposição materializada nas sentenças subordinadas “quando eu estou de FÉRIAS...” e “quando eu tô trabalhando...” e também em “eu não me cuido quando estou trabalhando”, ou seja, Ganga já constatou que é impossível conciliar os dois, cuidar (de si) e trabalhar, o que é evidenciado no uso do verbo no pretérito perfeito do indicativo, dito de forma enfática “observei” antecedido pelo advérbio “já”. Ademais, o cuidado (de si) aparece no excerto

acima atrelado ao ter e organizar o tempo, como mencionamos no eixo de análise anterior, e associado ao fazer exercícios físicos, ter uma dieta balanceada e até ao perder peso. Vale também observar que a vida “de dona de casa” também aparece como empecilho para o cuidado (de si), assunto do qual trataremos na próxima seção.

Lakshmi, ao falar sobre como cuida (de si), diz:

seman... 3 dias para ir pra academia NO MÍNIMO que é uma atividade que eu ADORO... eu adoro exercício físico quando eu não faço eu pass eu começo a passar mal... tá faltando alguma coisa então eu acordo CEDO pra fazer isso como se fosse o mesmo acordar cedo pra trabalhar é acordar cedo pra ir pra academia...

Aqui, o cuidado (de si) emerge como “*fitness*”. Ainda, a ênfase oral e a repetição do verbo “adorar”, pelo uso enfático de “no mínimo” e também a igual importância dada pela professora ao acordar cedo para trabalhar e para ir à academia parecem nos remeter à possível priorização deste aspecto por Lakshmi. Aqui, tanto ir à academia quanto ao trabalho emergem como obrigações, efeito este materializado, em especial na seguinte sentença comparativa “como se fosse o mesmo acordar cedo para trabalhar é o acordar cedo pra ir pra academia”. Novamente, esta “obrigação” de ir para a academia remete-nos às técnicas neoliberais de governamentalidade, por meio das quais, de forma sub-reptícia, somos impelidos a cuidar de nosso corpo e mantê-lo saudável, desonerando o governo de tal responsabilidade. Esse efeito de sentido emerge, especialmente, em “quando eu não faço eu pass eu começo a passar mal”, ou seja, é necessário ir à academia para não passar mal.

Em consonância com os dizeres de Lakshmi, Ganesha, quando questionado sobre “como se cuida”, responde:

Eu surfo... é:: pratico lutas... surf é uma coisa mais irregular... vai ser uma vez por mês... quando o mês tá ótimo eu consigo duas... eu entendo que eu não consigo ser um surfista HOJE na minha vida do jeito que eu gostaria de ser mas é um dos nãoos que eu preciso dizer pra mim mesmo... é:: agora as lutas por exemplo que são a arte marcial né... como um esporte físico que eu gosto... três vezes por semana... se eu não tô surfando no final de semana... nesse final de semana que eu não surfo eu jogo basquete fazer um esporte coletivo que eu também gosto bastante... é a maneira de manter a minha parte saudável... que contrabalança os exageros que às vezes eu faço na ALIMENTAÇÃO... eu me PERMITO me alimentar UM POUCO menos saudável do que o... O PREGADO pelas pessoas porque o meu esporte físico consegue complementar... então são essas frentes aí que eu... que hoje eu permeio...

No trecho acima, o cuidado (de si) está novamente associado a “*fitness*”, à prática de exercícios físicos e à alimentação saudável. Porém, chamou-nos atenção à contradição no que tange à alimentação saudável presente no trecho, em especial em “os

exageros que às vezes eu faço na ALIMENTAÇÃO... eu me PERMITO me alimentar UM POUCO menos saudável do que o... O PREGADO”. Embora notemos efeitos de sentido de uma possível forma de resistência, de uma contraconduta ao discurso vigente do discurso *fitness/wellness*, materializado em “O PREGADO”, ao proferir “é a maneira de manter minha parte saudável... e que contrabalança”, observa-se a preocupação de Ganesha em manter-se saudável como prega tal discurso. Retomamos aqui alguns dos principais conceitos foucaultianos elencados no capítulo II, o de Microfísica do poder e micropoderes, interligados ou não ao Estado, este não sendo sua única fonte de poder, que governam nossas condutas sem que, muitas vezes, o notemos. Remete-nos ainda a interdependência dos processos de subjetivação e objetivação, aquela parte deste, que engloba tanto a maneira pela qual nos relacionamos conosco mesmos quanto as técnicas que permitem, possibilitam e, de certo modo, controlam tão relação.

O vocábulo “frentes” merece consideração devido à memória discursiva evocada, referente ao passado militar de Ganesha e também por estar associado ao conceito de “roda da vida”, que não pode “desequilibrar”, mencionado na seção anterior. Os efeitos de sentido presentes nos excertos acima também nos remetem ao livro foucaultiano *Vigiar e Punir* e ao curso ministrado por Michel Foucault em 1972-1973, intitulado *A sociedade Punitiva*. O corpo, deste ponto de vista teórico, “deve ser adestrado, formado e reformado; seu tempo deve ser medido e plenamente utilizado; suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho” (FOUCAULT, 1997, p.42). Ou ainda, à presença no interdiscurso da tríade corpo, espaço e tempo e do panoptismo, da disciplina e da normalização, “uma nova investida do poder sobre os corpos, efetuada no século XIX” (FOUCAULT, 1997, P. 42).

Durga, a respeito de como cuida (de si) contesta:

eh:: coloquei pra mim a atividade física como prioridade... 3 vezes por semana eu faço a hidroginástica que é água uma coisa que eu gosto muito eh:: tinha uns problemas assim de de logística com o CABELO que molha... com tempo pra trocar de roupa... então... eu consegui me organizar e achei um tempo... consegui um artifício pra não molhar o cabelo e tô fazendo a hidro...

No excerto acima, o cuidado (de si) emerge como associado a atividades físicas, ao cuidado com o corpo e também à organização do tempo ou a sua gestão apropriada, tema já abordado na seção anterior, efeito aqui evocado pelas palavras “logística” e “tempo”, esta usada duas vezes. Observamos a priorização de tal efeito de sentido por Durga pelo uso do substantivo “prioridade”, que vem depois de uma pausa para

organização do pensamento, materializada por meio do marcador conversacional “eh”; o uso do verbo “coloquei” no pretérito perfeito do indicativo, que indica que algo está feito, concluído; e a utilização de “para mim”, que indica uma decisão pessoal. No trecho acima emerge também o efeito de sentido de necessidade ou obrigação de dar conta de realizar uma atividade física, em meio aos outros afazeres profissionais, domésticos, pessoais, corporificada em especial no empenho para solucionar os empecilhos para tal prática como “tempo para trocar de roupa” e ainda “o cabelo que molha”, tendo a professora encontrado “um artifício pra não molhar o cabelo” e se organizado para fazer “hidro” três vezes na semana.

Como notamos nos excertos desta seção, os sujeitos-professores-participantes parecem estar enredados, como estamos todos nós, sem exceção, na necessidade/obrigação que nos autoimpomos, sub-repticiamente conduzidos pelos micropoderes, de cuidar de nosso corpo, de nossa saúde, de nossa longevidade a fim de continuarmos contribuindo para nossa própria prosperidade e felicidade e também da nação, do mundo, tendo, de certa maneira, internalizado o fato de que o governo e/ou os outros não têm mais a responsabilidade direta de cuidar de nós. E essa sobrecarga de cuidar-nos o tempo todo parece intensificar o mal-estar vivenciado quando não se consegue dar conta de cuidar(-se) como manda o figurino e ainda nos impele a sermos consumidores de produtos *light*, *diet*, orgânicos; de vitaminas, suplementos e até das *lifestyle drugs* e/ou terapias alternativas, entre outros, que nos auxiliem a dar conta deste cuidado (de si) que nos é imposto, sem que nos sintamos em opressão para tal.

Antes de passarmos a seção seguinte, na qual emergem os embates entre o feminino e o cuidado (de si), achamos pertinente trazer o alerta de Han (2017), em seu contundente livro “Sociedade do cansaço”, sobre a absolutização do sadio pela/na sociedade atual que destrói o belo. Para o autor, a vida sadia da contemporaneidade “adota a forma do sobreviver histórico, converte-se no morto; sim num morto-vivo. Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e *fitness* do desempenho e do botox. Assim, hoje estamos por demais mortos para viver, e por demais vivos para morrer” (HAN, 2017, p. 118-119)

5.2.3 A docência, o cuidado (de si) e o feminino

Apesar de originalmente o magistério ter sido uma profissão masculina, pois apenas os homens tinham o direito a estudar e ensinar, ele tornou-se, como aponta o artigo “A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério” de Rabelo e Martins (2010), um “gueto feminino”, sobretudo na educação infantil. Segundo os autores, é através do magistério (hoje considerado um trabalho feminino, por excelência) que a mulher brasileira pôde inserir-se no mercado de trabalho, pois, ao longo do tempo, a profissão foi associada à necessidade de características e qualidades atribuídas às mulheres, como a maternidade e a sensibilidade, tendo sido “uma das primeiras atividades profissionais dignas à mulher e que possibilitavam conciliar com as atividades domésticas. Mas o controle e a administração do ensino continuava sob gerência masculina” (RABELO; MARTINS, 2010, p. 6167). Ainda hoje, conforme os autores, notamos

como a escolha profissional acaba sendo influenciada pelas representações existentes na sociedade, que têm suas bases na história da feminização do magistério, que divulga que as profissões consideradas movidas pela “emoção” seriam próprias das mulheres e as ligadas à “inteligência” seriam patrimônio exclusivo dos homens (RABELO; MARTINS, 2010, p. 6167).

No Brasil, a mulher adentrou o magistério após a Independência (1822), quando o ensino passou a ser público, gratuito e aberto a ambos os sexos. “A partir daí a formação de professoras do sexo feminino se fez necessária, pois os tutores deveriam ser do mesmo sexo que seus alunos. O primeiro curso de ensino normal das Américas surgiu, então, na cidade de Niterói (RJ), em 1835” (RABELO; MARTINS, 2010, p. 6170), cujos únicos requisitos para matrícula eram ter no mínimo 18 e ser moralmente idônea.

A este respeito das normalistas, o livro “Quinze de Rachel de Queiroz”⁵⁷ retrata que, nas primeiras décadas do século passado, aos homens cabiam as profissões mais lucrativas e às mulheres à docência, vista como vocação, pois a escola era tida como

⁵⁷ Trata-se do primeiro romance da escritora modernista Rachel de Queiroz, publicado em 1930. Classificado como obra regionalista e social, tem como central a seca de 1915 que assolou o nordeste do país e que levou a família da escritora a mudar-se para o Rio de Janeiro. Uma das personagens principais é a normalista solteira, Conceição, que, segundo a avó, resolveu torcer o destino, sendo dona de si, ganhando seu sustento, tendo uma profissão, não se casando.

extensão do lar para as casadas e até como forma de exercer a maternidade pelas normalistas solteiras. Desde então, no Brasil, houve uma ocupação gradativa do magistério pelas mulheres e, ainda hoje, este discurso inicial sobre a “docência como profissão feminina”, sobretudo quando se trata da educação infantil do ensino fundamental I, influi e/ou determina a “opção” pelo magistério feita por muitas mulheres. Tal discurso ecoa nas falas de muitas professorAs, como observaremos em excertos das professorAs-sujeitAs-participantes abaixo. Vale também mencionar que, além da caracterização do magistério como uma profissão feminina, tal discurso justificou (e pode ainda justificar) o rebaixamento salarial e corrobora para a desvalorização dessa profissão e também da mulher como profissional. Ademais, tal desvalorização pode promover um incremento do mal-estar vivenciado na/pela docência.

Antes de passarmos aos excertos, vale apresentar o motivo que promoveu a diferença salarial entre as professorAs e os professores no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Rabelo e Martins (2010, p. 6170), naquela época,

o currículo do estudo feminino era diferenciado do masculino: as moças se dedicavam à costura, ao bordado e à cozinha, enquanto os homens estudavam geometria. As mulheres professoras eram isentas de ensinar geometria, mas essa matéria era critério para estabelecer níveis de salário, portanto, reforçava-se com isso a diferença salarial.

Quando questionada sobre os motivos que a levaram a escolher a profissão, Lakshmi diz:

Eu comecei porque minha mãe queria que eu fizesse MAGISTÉRIO... nem pensava em fazer magistério... mas como as minhas irmãs tinham feito... minha mãe achava que magistério era o curso para MENINA (risos)... então era perto de casa... eu fiz até a 8ª série no XXX e fui fazer magistério no XXX... aí no último se. semes... no último ANO de magisTÉRIO a professora experimentou as professoras para fazer estágio numa escola particular e entre estas duas professoras uma já ia ficar trabalhando na escola e aí eu comecei a trabalhar na escola e não parei mais.

No trecho acima, o discurso da docência como lugar feminino emerge em especial pelo trecho “magistério era o curso para MENINA”, com o substantivo “menina” destacado oralmente pela entrevistada, e também pela presença dos substantivos “mãe e irmãs”. Outro detalhe interessante no excerto acima é que a entrevistada alega que “nem pensava em fazer MAGISTÉRIO” e que um dos motivos para a escolha do curso, além da recomendação materna, foi porque a escola “era perto de casa”. Vale ainda ressaltar que, por meio do trecho “e aí eu comecei a trabalhar na escola e não parei mais”, ela acabou ficando professora, como ouvimos vez ou outra na

sala dos professores. O escolher uma profissão por falta de opção ou por recomendação/imposição pode gerar ou intensificar mal-estar e, no caso de Lakshmi, a falta de escolha parece, juntamente com a baixa remuneração e o não reconhecimento da profissão, levá-la a não recomendar a profissão, como materializado em outro excerto no início desta análise.

Já Durga, diante do mesmo questionamento, fala:

Eu fiz... eu decidi fazer Letras nos 45 do 2º tempo... porque até então eu queria fazer FONONO... aí na última hora... é::: eu falei pra minha mãe que eu ia fazer FONONO mas depois eu ia fazer LETRAS pra poder pelo menos dar aulas de inglês pra crianças... que eu gostava de inglês... e a minha mãe como PROFESSORA que é... diretora... falou NÃO... faz PRIMEIRO Letras porque o rendimento vem JÁ logo... você está dando aula já vem rendimento do que fazer FONONO que tem que abrir CONSULTÓRIO não sei o que e tal... E aí eu pensei né... e eu falei EU QUERO FAZER FONONO QUERO FAZER FONONO QUERO FAZER FONONO

eu NUNCA QUIS ser professora... eu já quis ser astrônoma, médica, advogada... fonono.. e por ÚLTIMO... professora...

A docência como uma profissão natural para as mulheres emerge no trecho acima em “e minha mãe como PROFESSORA que é”. Nota-se que, embora Durga demonstre inicialmente interesse por outras profissões, inclusive a predileção por uma delas, fonodiaulogia, observada na repetição três vezes e de forma enfática de “QUERO FAZER FONONO”, como quando uma criança faz birra. O substantivo “fono” aparece seis vezes no pequeno excerto acima, mas a entrevistada nunca fez o curso, acabou optando por ser docente, talvez por influência do discurso da docência como lugar comum para as mulheres e/ou do discurso do ganho “fácil” por meio da profissão, como sugerido pela mãe de Durga no excerto. Devido a tal “facilidade” muitas pessoas, hoje em dia, fazem bico como professores enquanto não arrumam algo melhor ou em sua área e/ou complementam sua renda dando umas “aulinhas” no contraturno de seu trabalho.

Chama-nos a atenção Durga proferir de forma enfática “eu NUNCA QUIS ser professora” pela contradição com o que havia dito no excerto anterior “eu ia fazer LETRAS pra poder pelo menos dar aulas de inglês para crianças”, ainda que esta alegue que o motivo para fazer tal curso era devido ao fato de que “gostava de inglês”. A profissão que ela numerou como última foi aquela na qual acabou ficando.

Em resposta sobre como cuida (de si), Lakshmi respondeu:

eh:: eu tenho MAIS paciência com meu filho... não misturo as coisas do trabalho eu não levo pra casa... chegar em casa é outra realidade pra não passar pra ele o estresse que eu tive no trabalho então deixo tudo no trabalho

e lá eu sou a MÃE e sou a cozinheira ih:: lavo a roupa do marido e cozinho o que ele gosta de comer:: então tô me dedicando mais a isso agora...

No excerto acima são evocadas questões relativas ao feminino, à dupla jornada das mulheres que trabalham e que parecem sentir-se responsáveis por dar conta de tudo e de todos; culpadas por não o conseguirem da forma como se espera de uma “boa dona de casa/esposa” e/ou por dedicar-se mais à vida profissional do que à pessoal. Parece ressoar aqui a dicotomia entre estes dois lugares, constitutivos da subjetividade de Lakshmi e de tantas outras mulheres que trabalham fora. Tal efeito de sentido dicotômico emerge em especial pelo uso do advérbio de lugar “lá”, referindo-se ao lar, à casa, em oposição ao advérbio “aqui”, implícito no texto, local de trabalho onde a entrevista estava sendo realizada.

O uso do advérbio “mais” usado duas vezes no excerto, uma delas com ênfase entonacional, aponta não só para as questões do feminino, já mencionadas, mas também parece denotar a busca de Lakshmi por dividir melhor seu tempo, suas tarefas, ou ainda, a busca por perfeição na execução de seus inúmeros papéis: professora, mãe, esposa, dona de casa etc., ou ainda, a ideia vigente na sociedade neoliberal capitalista de que se é possível e altamente recomendável separar os assuntos do lar dos do trabalho visando a uma melhor *performance*, efeito materializado também pelo trecho “chegar em casa é outra realidade pra não passar para ele [o filho] o estresse que eu tive no trabalho então deixo tudo no trabalho”.

Os substantivos “MÃE”, cozinheira, marido e os verbos conjugados na primeira pessoa do presente do indicativo “lavo” e “cozinho” também imputam ao discurso o efeito de sentido de dicotomia entre o profissional e o pessoal. O pessoal (o feminino) aparece como o cuidado do outro (filho e marido) e o profissional como o lugar do estresse, do não cuidado (de si). Lembramos que o cuidado de si não se efetiva sem o cuidado do outro, pois “sem a presença do outro não se pode produzir nenhum autorrelacionamento satisfatório [... uma vez que] a constituição como sujeito ético efetua-se por meio das relações complexas com o outro” (ORTEGA, 1999, p. 126). Em suma, “a presença do outro é necessária para constituir a relação consigo mesmo expressa no cuidado de si” (ORTEGA, 1999, p.143). Ainda a este respeito, Ortega (1999) nos alerta para o fato de que a relação com o outro difere em estatuto e formas em cada época, chamando-nos a atenção para a distinção que se deve fazer entre o tipo de relação com o outro na Antiguidade e “as relações com o outro cristãs e modernas,

orientadas para o poder pastoral e para o bio-poder: relações des-cuidantes” (ORTEGA, 1999, p. 134).

Vale mencionar que esta tensão do trabalho como lugar de mal-estar já foi abordada em outra seção deste trabalho. Ademais, parece-nos mister aqui relatar que Lakshmi emocionou-se muito ao falar de uma colega de trabalho que, recentemente havia sofrido um AVC, chegando ao pranto, o que levou a pesquisadora a optar por encerrar a gravação. Porém, em meio ao choro, Lakshmi relatou que, uma vez, havia deixado o filho doente chorando com a mãe, e que ao entrar na sala para aplicar provas, não conseguiu controlar-se ao explicar aos alunos o motivo do seu atraso. O choro e a lembrança do episódio mencionado também nos remetem à complexidade e às tensões entre o ser profissional e o ser mulher.

Para encerrar esta seção sobre a docência como profissão feminina, o que é passível de gerar mal-estar na escolha da profissão quando “imposta” e também dupla ou tripla jornada das professorAs, trazemos a voz de Ganga que mencionou, em trecho não gravado devido a problemas técnicos, que, os afazeres do lar também eram responsáveis por sua falta de cuidado (de si), pois ela diferentemente do marido, ao fazer compras, procura pesquisar os preços para evitar comprar as mesmas coisas por um preço bem mais alto. Disse também que observa sempre os prazos de validade dos produtos que está adquirindo. Reforçou ainda que acredita que as mulheres têm mais cobranças da sociedade em relação às tarefas de casa e ainda tem as do trabalho fora, ou seja, há trabalho dentro e fora de casa, no caso das mulheres. Ademais, em trecho gravado, Ganga diz

... então tem que estudar... trabalhar... né... e tem também a vida é claro da::
... assim a vida... digamos da dona de casa...

Passemos, então, sem mais delongas, ao fazer acadêmico e seus possíveis impactos e relações com o cuidado (de si).

5.2.4 O cuidado (de si) X o acadêmico

Alguns aspectos da vida do docente do ensino superior levantados na introdução, contexto de produção dos dizeres dos entrevistados, materializaram-se em sua fala.

Dentre eles, a cultura da auditoria apontada por Sparkes (2007); o efeito retroativo provocado pelos mecanismos de controle, como as avaliações/visitas do MEC às instituições para atribuição de notas às mesmas; as notas obtidas no ENADE pelos alunos que também influenciam a nota da instituição; o “*publish or perish*” que atrela concursos, concessão de bolsas e benefícios à quantidade de publicações de um docente; e ainda as mudanças, por vezes, impostas “a toque de caixa” da adoção de metodologias ativas em prol do discurso da internacionalização vigente. Como veremos nos excertos, o contexto atual parece promover ou intensificar o mal-estar na/da docência e também dificultar ou até impossibilitar o cuidado (de si) por parte dos docentes. Questionamos os motivos “reais” para tal situação, sem pretensão de achar uma resposta plausível, concreta e completa, mas sim problematizando a falta de tempo, de espaço e de incentivo para a reflexão sobre a prática docente, sobre o mundo ao nosso redor, sobre si mesmo e suas possíveis consequências nefastas para o cuidado de si, do outro e do todo. Passemos, então, à análise da materialidade linguística de alguns dos excertos do *corpus* que abrangem tais problematizações.

Em 2016, ano no qual foi aluna-ouvinte/aluna-especial no programa de pós-graduação de uma universidade estadual, Lakshmi comenta a relação entre a vida acadêmica e o cuidado (de si).

É::: isso demanda mais TEMPO... eu preciso de mais tempo para organizar minha vida profissional aqui na XXX e na outra escola e a minha vida pessoal... então... tive que organizar TUDO... eu tive que deixar algo... eu tive que abrir mão de algumas coisas e::: que não foi o meu filho e também não foi a minha vida profissional... então acabou sendo um pouquinho da ACADEMIA...um pouquinho do meu SONO... mas é uma coisa que é um INVESTIMENTO no profissional... uma coisa que eu QUERO FAZER... então eu vou continuar fazendo até que não me preju... não prejudique o que é prioridade pra mim que é o meu filho e o meu profissional...

A grande questão do tempo ou da falta deste, regularidade discursiva muito presente ao longo do *corpus*, surge logo no início do excerto, seguindo o marcador conversacional “é” e uma longa pausa, materializada em “mais tempo”, sendo “tempo” dito de forma enfática na primeira vez. Como muitos professores, Lakshmi leciona em duas instituições distintas, ou seja, trabalha muitas horas e se desloca de uma instituição a outra. Chama-nos também a atenção o possível mal-estar vivenciado por Lakshmi ao dizer “eu tive que deixar algo”, seguido de “eu tive que abrir mão de algumas coisas” e de uma longa pausa. O embate entre o pessoal e o profissional e a “obrigação” de dar conta bem destas duas faces da vida, materializa-se em “minha vida profissional aqui na

XXX e na outra escola e minha vida pessoal” e também em “que não foi o meu filho e também não foi a minha vida profissional”. Para dar conta dos afazeres profissionais, familiares e ainda acadêmicos, Lakshmi teve que sacrificar algo, materializado em “tive que abrir mão de algumas coisas”. Tais “coisas” abandonadas são comumente ligadas ao cuidado (de si), como o vê o senso comum, corporificado aqui em “um pouquinho da ACADEMIA... um pouquinho do meu SONO”, para fazer um “INVESTIMENTO” no profissional. A materialidade linguística parece aqui não só apontar para a vida acadêmica como algo que dificulta ou até impede ao cuidado (de si), uma vez que Lakshmi teve que abdicar do “sono” e da “academia” para poder ser acadêmica, mas também como sendo vista por Lakshmi pela ótica capitalista/neoliberalista, efeito de sentido que emerge no substantivo “investimento”, ou seja, opta-se, muitas vezes pela formação acadêmica apenas porque esta agrega valor ao seu currículo e/ou promove um incremento no salário. Por esse motivo, por exemplo, proliferam, hoje, os cursos de 2ª licenciatura, à distância, com encontros presenciais uma vez ao mês e por um preço módico e também os cursos de pós-graduação lato sensu nos mesmos moldes, cujos alunos, de modo geral, sem tempo para “realmente” estudar e pesquisar, buscam tais cursos apenas por um diploma que os conceda promoção/progressão na carreira docente e, conseqüentemente, um aumento no salário. Nestas conjecturas, os cursos são vistos como “investimento financeiro”, com projeções de “lucro” no futuro.

Outro ponto a ser levantado no excerto acima é o fato de que, apesar de a entrevistada afirmar desejar ser acadêmica, o que se materializa de forma enfática em “eu QUERO FAZER”, há uma condição autoimposta por ela quando diz “até que não me preju... não prejudique o que é prioridade pra mim que é meu filho e o meu profissional”, o que novamente nos remete ao fato de que precisamos ser produtivos no trabalho e de que, em nosso contexto atual, a formação continuada é valorizada no mercado desde que não comprometa a atuação profissional. Está ótica capitalista gera ou intensifica o mal-estar na/da docência quando os professores se veem perdidos entre trabalhar e estudar, sendo, muitas vezes, por circunstâncias já mencionadas aqui nesta tese, obrigados a trabalhar muito, sobrando-lhes pouco tempo, saúde e energia para dedicar-se a sua formação acadêmica e, muitas vezes, a sua família.

Soma-se ao mal-estar gerado por dar conta bem do trabalho fora de casa, no caso das mulheres, o fato de que, historicamente, a boa gestão do lar e a boa educação e cuidado dos filhos lhes competem de modo que tal incumbência pode tornar-se mais

uma fonte de mal-estar. Isso pode ocorrer quando a mulher-profissional, devido a outros inúmeros afazeres, sem, muitas vezes, ter condições financeiras para ter uma faxineira e/ou contar a colaboração dos filhos e do esposo, veem suas casas desorganizadas e não impecáveis como se espera de uma dona de casa “perfeita” e/ou os filhos com problemas escolares e/ou psicológicos, o que não combina com a visão de boa mãe/esposa/dona de casa que ainda habita nossa memória discursiva, apesar de todos os avanços dos movimentos feministas iniciados na metade do século passado. No caso dos dizeres de Lakshmi, na seção anterior, parece emergir seu empenho em dar conta de todos estes papéis que desempenha e, no excerto acima, a preocupação de não prejudicar o filho, inclusive, com a hesitação de pronunciar a palavra prejudicar associada ao pronome pessoal em primeira pessoa “me”, materializado em “me preju... prejudique [...] meu filho”. Este “me preju...” interrompido pode sinalizar para o receio de prejudicar esta (auto)imagem de boa mãe/esposa/dona de casa.

A respeito dos inúmeros afazeres que competem ao professor de nível superior e o sua relação com o cuidado (de si), Krishna escreveu o e-mail abaixo quando solicitamos autorização para mencionar o AVC sofrido no 1º semestre de 2017. Como Krishna concordou com a menção, solicitamos o envio de mais detalhes sobre seu estado de saúde e a resposta (via e-mail no dia 04.10.17) chamou-nos a atenção porque, diferentemente de Durga que relatou longamente seu quadro clínico por *Whatsapp*, mencionando brevemente os possíveis eventos desencadeadores, Krishna parece ter tido o intuito de ressaltar que o acúmulo de afazeres acadêmicos levou-o a tal quadro. Vejamos suas palavras:

De: XXX <XXX@yahoo.com>
 Data: 4 de outubro de 2017 12:31
 Assunto: Relato XXX
 Para: Luciana Azeredo <luazeredo@gmail.com>

Bom dia, Professora Luciana.

Mais para informação daqueles que lerão este relato:

Estou na XXX desde seu início em 2003, comecei como professor de duas disciplinas nos cursos de Saúde. Em 2005 acumulei a função de Responsável Técnico pelo Biotério e criei a Comissão de TCC, da qual sou presidente até hoje. Em 2009 acumulei também a função de Coordenador de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão, função que exerço até hoje. Em adição a isto, sou o Editor-chefe da Revista XXX, já no seu segundo ano e da Revista Eletrônica XXX, prestes a ser lançada, ambas institucionais.

Oriento 3 TCCs que serão defendidos até início de dezembro e tenho publicado, rotineiramente, um artigo internacional e um ou dois nacionais por ano.

No primeiro semestre deste ano, também de forma acumulativa, ministrei aulas de Biologia Celular e de Genética e Embriologia para os cursos de

Odontologia e Fisioterapia, total de 12 horas semanais. Também algumas aulas nos cursos Lato Sensu.

Houve mudanças na estrutura curricular da instituição para todas as áreas e essas duas disciplinas foram ministradas no semestre passado como conteúdos de uma macro disciplina Bases Morfológicas I que abrigou também os conteúdos de Fisiologia, Histologia e Anatomia- Todos os conteúdos tiveram de ser ministrados de forma bem integrada e complementar e as questões de provas tiveram que ser elaboradas de maneira que uma mesma questão abrigasse os cinco conteúdos, o que foi extremamente estressante, seja pela novidade, seja pela necessidade de contato constante com os outros professores. Some-se a isto a implantação de novas técnicas como PBL e outras. Os finais de semana passaram a ser dedicados, quase que exclusivamente, ao trabalho.

Ah, em março completei 62 anos.

Esse acúmulo de funções e o estresse resultante das mudanças introduzidas para as aulas resultaram, num intervalo de quatro meses e meio, em: pneumonia + conjuntivite bacteriana + AVC isquêmico (aparentemente não deixou lesões) + pneumonia com internação hospitalar + erisipela instalada no segundo dia de internação.

Houve um chamado à realidade e neste segundo semestre abri mão das disciplinas e não estou ministrando nenhuma aula.

É isso.

Abraço.

Sucesso na qualificação.

A primeira regularidade discursiva que salta aos nossos olhos no e-mail acima é o tema da acumulação de cargos/funções, de certo modo, comuns no mundo acadêmico e, a cada dia, intensificado visando, por um lado à redução de custos pelas instituições e, por outro, a manutenção do emprego por parte dos professores. Tal regularidade é observada pelo uso do verbo “acumular” no passado perfeito do indicativo, conjugado na primeira pessoa do singular “acumulei” duas vezes no excerto; “de forma acumulativa”; “esse acúmulo de funções” e ainda em “em adição a isso”, e do uso de “até hoje” referindo-se ao prolongamento de funções/atividades iniciadas em 2005 e 2009.

Um elemento intensificador do mal-estar na/pela docência elencado na introdução desta tese é materializado nos dizeres de Shiva, em especial quando este escreve “e o estresse resultante das mudanças introduzidas para as aulas” como um dos fatores que desencadeou os problemas de saúde apresentados no e-mail e por meio do qual “houve um chamado à realidade”, trecho que nos leva a pensar no não-dito de que “para poder cuidar melhor (de si) é necessário ter tempo e trabalhar menos”. Shiva, como Durga, teve que deixar aulas e tarefas para poder cuidar (de si).

Chamou-nos a atenção o vocativo “mais para informação daqueles que lerão este relato” e também a frase “em março completei 62 anos”, antecedida por “ah”, logo após

Krishna ter elencado todas as funções por ele exercidas na instituição e ter feito referência às “mudanças na estrutura curricular da instituição”, “a implantação de novas técnicas como PBL (*Problem Based Learning* ou Aprendizagem Baseada em Problemas) e outras”, a necessidade de trabalho em equipe e “contato constante com os outros professores”. É como se Krishna quisesse concordância dos leitores desta tese para o não-dito de que “já está velho” para esta quantidade de afazeres e para mudança na forma de ensinar/trabalhar. Krishna, na época, estava inclusive procurando aposentar-se e, pelos corredores, comentava aos colegas que não via a hora de poder diminuir o ritmo. Porém, diante das incertezas da aposentadoria no contexto atual e do alto custo da vida, cabe a Krishna trabalhar um pouco mais.

Os dizeres de Krishna estão também atravessados pela “cultura da auditoria” (SPARKES, 20017) na forma de preocupação com seu currículo ao dizer “tenho publicado, rotineiramente, um artigo internacional e um ou dois nacionais por ano”. Já, na entrevista, quando questionado sobre as cobranças acadêmicas no ensino superior, Krishna respirou fundo, pausou e respondeu:

... eu sempre me cobro mais do que qualquer superior meu pode me cobrar... eu sempre fui muito atento a isso... cobro meus colegas... você mesmo sabe disso (risos)... eu vivo instigando todo mundo... que precisa publicar... que precisa... é:: continuar participando de congressos porque se não... você fica naquele seu mundinho ali... e emburrece no resto... né... ih... então... eu acho que as cobranças são feitas como elas devem ser feitas... precisam ser feitas... estão sendo feitas... mas eu me cobro muito... ah... até porque... eu tenho ORGULHO do que eu faço... orgulho no sentido assim não pejorativo... eu sou VAIDOSO das minhas conquistas na na profissão... eu tenho PRAZER de ver que eu consigo crescer a cada ano... né... então... eu acho que a cobrança tem que ter mesmo e se ela não tiver por parte dos nossos superiores... ela tem que existir da nossa parte mesmo...

A sociedade do espetáculo e do narcisismo (LASCH, 1979; DEBORD, 1992 apud BIRMAN, 1999), sobre as quais discorreremos na parte teórica deste trabalho, emerge nos dizeres de Krishna, principalmente por meio dos vocábulos “orgulho”, “vaidoso” e “prazer”, todos ditos de forma bem enfática. A sociedade atual e, em consequência, o mundo acadêmico incitam o sujeito buscar sucesso, fama, glória, reconhecimento, premiações etc., fazendo com que este, por meio das técnicas neoliberais de governamentalidade, seja quase que autogerenciado/gerenciável na busca por “felicidade” e “prosperidade”, como vimos na parte teórica deste trabalho.

O excerto acima faz-nos também lembrar que, no regime neoliberal no qual vivemos, a exploração é feita via liberdade e autorrealização, já não mais como

alienação e autodesrealização. “Eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que posso me realizar [...]. A liberdade das habilidades gera até mais coações do que o dever disciplinar” (HAN, 2017, p.116-117), pois este tem um limite, diferentemente da habilidade que está, segundo Han (2007, p. 117), “aberta para elevar-se e crescer” constante e incessantemente. O sujeito atual, do desempenho, concorre com os outros, mas sobretudo e principalmente consigo mesmo, e “se vê forçado a superar constantemente a si próprio” (HAN, 2017, p. 99). No recorte discursivo acima, tal efeito se materializa nos trechos “eu sempre me cobro mais do que qualquer superior meu pode me cobrar” e “mas eu me cobro muito”, com destaque aos pronomes referentes à 1ª pessoa do singular, eu, me e meu e a conjunção “mas” usada para enfatizar na linguagem oral.

Um dos resultados dessa concorrência absoluta, com todos e sobretudo consigo mesmo, é a síndrome do *burnout*, entre outras enfermidades psicossomáticas que nos assolam na contemporaneidade, numa sociedade que necessita de pessoas flexíveis, empenhadas em aumentar sua produção/produktividade. Como observado no e-mail de Krishna e também no relato de Durga, o corpo grita quando beiramos ao excesso, quando nos exigimos mais do que é possível.

No excerto abaixo de Shiva, em resposta à pergunta sobre as demandas do ensino superior, também emerge os efeitos de sentido apontados por Han (2017) em seu livro *Sociedade do cansaço*:

Não... eu acho que é mais uma coisa MINHA... uma coisa que parte de mim mesmo... de eu ME COBRAR... de saber que eu posso fazer MELHOR pros meus alunos do que a instituição em si... seja ela a escola ou seja ela a faculdade...

O uso de pronomes relacionados à 1ª pessoa do singular, “eu”, “mim”, “meu” e “me”, este último dito de modo enfático e associado ao verbo “cobrar” e também a locução verbal “posso fazer” associado ao advérbio de intensidade “melhor” trazem à tona o efeito de sentido de autorregulação e de autorresponsabilização do próprio sujeito e a concorrência consigo mesmo. Um aspecto que chamou a atenção da pesquisadora é fato de que, como proferido em outra parte do *corpus*, Shiva é espírita e que se encontram ecos das técnicas neoliberais de governamentalidade na literatura espírita, como no capítulo XXIV do livro *Vida feliz*, escrito por Divaldo Pereira Franco, ditado pelo espírito de Joanna de Ângelis. Salientamos que nosso foco aqui não é analisar

profundamente a doutrina espírita, tampouco criticá-la, mas apenas apontá-la como um dos discursos que perpassam os dizeres de Shiva.

O repouso é necessário para o corpo e para a mente. Tem cuidado, porém, a fim de que ele não se te converta em ociosidade, em preguiça. É justo que, ao trabalho suceda o refazimento de energias, através da variação de atividade ou do repouso, do sono. As muitas horas de descanso, todavia, violentam o caráter moral do homem e desarticulam as fibras e músculos orgânicos destinados ao movimento, à ação. Repousa, pois, o tempo suficiente e não em demasia.

Na sequência, apresentamos dois longos excertos de Krishna que dimensionam todo o jogo acadêmico do qual nós docentes fazemos parte sem, muitas vezes, termos consciência de estarmos jogando. Jogo este do qual não é possível evadir-se, mas sim, talvez, apenas, como apontam os autores resenhados nesta tese, aprender a gerir melhor todo este contexto, algumas vezes, assustador e sufocante, no qual temos que (sobre/con)viver se desejamos ser acadêmicos. Nossa resistência deve estar calcada, a nosso ver, no cuidado de si filosófico foucaultiano, ou seja, trata-se de encontrar saídas, escapes... singulares, verdadeiros ensaios de si, obras de arte únicas.

[...] então o orientador... pra ele continuar conseguindo bolsas... conseguindo fomento pra suas pesquisas... ele tem que instigar o aluno em dois anos ele tem que ser tornar mestre... então caiu também bastante a QUALIDADE CIENTÍFICA dos trabalhos de conclusão de lato sensu e de stricto sensu... inclusive em nível de doutorado... então é tudo cobrado... cobrado... e aí é o risco que se corre aí de que o currículo passa a ser analisado não peso PESO mas sim pela quilometragem... pela METRAGEM dele... a extensão... Ah:: cê olha o currículo... nossa esse cara publicou 30 trabalhos... este daqui publicou só 12... então... AUTOMATICAMENTE... você já tende a valorizar... o que publicou 30 (em uníssono com a pesquisadora)... Só que os do... o que publicou 12... teve 8... 10 trabalhos premiados desses 12... e esse aqui não... esse aqui com 12 tem são sei quantas citações em artigos de OUTROS... esse aqui não tem... então é um monte de coisas que se corre o RISCO de a valorização ser confundida... e ser atribuídos valores praquilo que não deveria ter tanto valor como anda tendo...

No excerto acima, Krishna fala das várias posições por ele ocupadas, e por muitos professores de ensino superior, entre elas, as de professor, de orientador e de pesquisador. Os dizeres do entrevistado sinalizam para a cultura da auditoria (SPARKES, 2007), em especial, ao proferir os vocábulos “quilometragem”, “METRAGEM”, este enfatizado na oralidade e “extensão”, metáfora relacionada ao transporte, por exemplo, de cargas, no qual o valor do frete⁵⁸ é pago com base principalmente na quilometragem do trajeto e não na (não) qualidade das estradas

⁵⁸ Para mais informações: <https://www.penaestrada.com.br/aprenda-calculas-com-nova-tabela-de-frete/>

percorridas até o destino. Nos dizeres de Krishna, presentifica-se a valorização da quantidade em detrimento da qualidade no mundo acadêmico atual por meio do trecho “caiu bastante a QUALIDADE CIENTÍFICA” e também em “e aí é o risco que se corre aí de que o:: currículo passa a ser analisado não pelo peso PESO mas sim pela quilometragem... pela METRAGEM dele... a extensão...”, em especial pelo uso do verbo cair no pretérito perfeito do indicativo “caiu”, tempo verbal que, como já mencionamos, indica algo já acabado. A fala do participante demonstra certa indignação com cultura da auditoria vigente e, de certo modo, e a crença de que a entrevistadora compartilha ou deve compartilhar desta opinião, efeito materializado por meio do uso de “você” em sua forma reduzida cotidiana “cê” em “ah:: cê olha o currículo”. A indignação se corporifica no texto por meio da repetida menção dos números 30 e 12 na comparação entre “esse cara que publicou 30 trabalhos... e este daqui [que] publicou só 12” e pelo uso do advérbio de modo “AUTOMATICAMENTE”, enfatizado e associado à tendência de “valorizar... o que publicou 30”, ainda que, segundo ele, a qualidade dos trabalhos públicos pelo segundo, o que publicou 12, seja superior. Tal efeito se concretiza também na forma depreciativa que Krishna usa para referir-se aos pesquisadores, o substantivo “cara”, que tem, dentre os sinônimos constantes em um dicionário informal online⁵⁹, destacamos “muleque”, “mano” e “brother”. Embora, notemos no contexto atual uma suposta valorização da qualidade por meio de atribuição maior de pontos para os artigos publicados em revistas indexadas, sobretudo as que têm maiores notas segundo o Qualis-Periódicos⁶⁰, ainda tal posicionamento, a nosso ver, trabalha em favor da ordem do discurso da cultura da auditoria e da produtividade, ou

⁵⁹ <https://www.dicionarioinformal.com.br/cara/>

⁶⁰ Trata-se do “conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do módulo Coleta de Dados da Plataforma Sucupira. [...] A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade, de A1 a C, sendo A1 o estrato mais elevado. Note-se que o mesmo periódico, ao ser classificado em duas ou mais áreas distintas, pode receber diferentes avaliações. Isto não constitui inconsistência, mas expressa o valor atribuído, em cada área, à pertinência do conteúdo veiculado.”

Fonte: <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-posgraduacao/7422-qualis>

Para mais informações, acesse: <http://qualis.capes.gov.br/>

seja, funcionam como técnicas neoliberais de governamentalidade, objetivando os pesquisadores na forma de vigilância de seus currículos e punição na forma de não concessão de bolsas pelos órgãos de fomento, por exemplo.

Ainda discorrendo sobre a vida acadêmica, Khrisna diz:

Ah... não tem dúvida... não tenha dúvida... então... além de... além da gente levar um monte... o que eu acho que é mais... é:: que tem essa coisa muito intensa na profissão de professor é que talvez as outras profissões... ninguém leve tanta coisa pra casa como o professor leva... ah... tenho prova pra corrigir... cê deixa e leva pra corrigir em casa... tem que FORMULAR prova... você formula as provas na sua casa... ah... eu preciso ler... você lê no seu horário de descanso... na sua casa... então... um MONTE de coisas da profissão a gente faz em casa e não no trabalho... cê perde...cê deixa parte da sua vida ali... do seu lazer... do seu descanso... nem que fosse pra deitar no sofá e cochilar... mas você deixa pra fazer tudo isso... E sexta-feira... eu já tô pensando que eu tenho um artigo que já tá QUASE que TOTALMENTE escrito... então eu preciso finalizar pra mandar pra revista... tenho o da outra revista que é:: TCC de aluno... o aluno escreveu mas eu tenho que corrigir tudo pra já submeter também... o prazo é só até dia 10 de julho... então quando você vai ver... metade das férias já são em função de coisa de trabalho... da profissão...

A primeira questão levantada pela fala de Krishna acima é a quantidade de trabalho que um docente é obrigado a levar para casa, questão já levantada nos dizeres de Durga em seção anterior. O entrevistado elenca uma série de tarefas que são normalmente feitas em “casa”, substantivo este repetido 5 vezes no excerto. De acordo com o entrevistado, “um MONTE de coisas da profissão a gente faz em casa”, por exemplo, “prova pra corrigir”; “FORMULAR prova”; “TCC de aluno” para corrigir e também escrever e corrigir artigos científicos próprios, o que leva o professor, segundo Krishna, a perder (“cê perde”), a deixar “parte da sua vida ali... do seu lazer... do seu descanso... [...] “pra fazer tudo isso” e ele acrescenta que “metade das férias já são em função de coisa do trabalho... da profissão”. Por isso, como já mencionado pelo próprio Krishna em seção anterior, é necessária uma ferramenta, um método de descanso efetivo e rápido, pois, nos dias atuais, é preciso ser produtivo também nos fins de semana e nas férias. Nada de espaço para *il dolce far niente*, a doçura do nada fazer, pois até o lazer deve ser produtivo, i.e., preparar o sujeito para trabalhar e produzir mais em pouco tempo.

Toda a pressão das inúmeras tarefas e funções em que um docente universitário se vê enredado apontadas por Krishna parece, em certa medida, não afetar Durga, como já materializado em seção anterior deste trabalho, tampouco Lakshmi, como veremos no

excerto abaixo. Nos dizeres de ambas emerge o efeito de sentido de que o professor do ensino superior pode cuidar melhor (de si) do que os professores de outros níveis de ensino devido à melhor remuneração e condições de trabalho. Ao iniciar esta pesquisa, imaginava-se a possibilidade de que os afazeres acadêmicos incidiriam mais nos dizeres dos participantes, mas tal suposição não se concretizou, talvez pelo regime de trabalho dos participantes, exceto Krishna, não ser de dedicação exclusiva/40 horas e/ou por não lecionarem em cursos de pós-graduação.

Respondendo à pergunta sobre “como você vê o cuidado (de si) na vida dos professores de uma forma geral?”, Lakshmi fala:

NO FUNDAMENTAL e no médio... eu trabalho na escola ESTADUAL... é uma diferença muito grande entre eles e os professores da XXX⁶¹... eu acho que na escola estadual tem muitos professores que parece que esquecem DELES... TALVEZ porque eles tenham que trabalhar MUITO e as condições lá são mais difíceis... é: eles esquecem del... de cuidar DELES MESMOS... da autoESTIMA... então... eles são menos va valorizados AINDA... eles acabam passando isso para OS ALUNOS... então a qualidade que já não é boa da educação PIORA... Até a aparência FÍSICA MESMO... é uma autoestima muito BAIXA... que eu vejo... da maioria não de TODOS... porque tem muitos professores que têm uma ótima autoestima também têm uma ótima condição financeira que também ajuda nisso... AGORA em relação ao Ensino Superior... eu acho... eu acho que AQUI NA XXX... não vejo problema entre os professores... eu acho que TODOS se dão muito bem... têm autoestima ALTA... bom relacionamento entre eles... e alunos...

O cuidado (de si) emerge aqui atrelado à (falta) de autoestima e ao (não) ter condições financeiras para cuidar(-se), especialmente no trecho “tem muitos professores que têm uma ótima autoestima também têm uma ótima condição financeira que também ajuda nisso”. Emerge também o discurso de que o professor de ensino superior tem mais autoestima e se cuida mais do que os docentes do fundamental, segundo Lakshmi, “TALVEZ porque eles tenham que trabalhar MUITO e as condições de lá são mais difíceis”, “lá” referindo-se à rede estadual na qual ela leciona. Segundo Lakshmi, alguns professores do ensino fundamental, devido à carga excessiva de trabalho e a condições de trabalho precárias, descuidam “até [d]a aparência FÍSICA MESMO... é uma autoestima muito BAIXA”, o que acaba afetando os alunos e a qualidade da educação ministrada, como aponta os dizeres da entrevistada em “eles acabam passando isso para OS ALUNOS... então a qualidade que já não é boa da educação PIORA”.

Notamos no trecho em questão, a emergência de um discurso vigente sobre o professor e sobre a educação, sobretudo do setor público, o do desânimo do professor

⁶¹ Optou-se por substituir o nome das instituições mencionadas pelos entrevistados por XXX.

frente aos problemas e desafios da profissão, frente à pouca valorização/remuneração e sua consequência: a baixa qualidade ou a falta desta no ensino. Tal falta de autoestima, de desleixo com a aparência física, desencadeados pelo excesso de trabalho, pela falta de condições adequadas de trabalho e pela baixa remuneração, como apontadas por Lakshmi acima, são também materializadas nas figuras e memes publicados em redes sociais, muitas vezes, por docentes, como trouxemos na introdução da tese e como exemplificamos abaixo.



Fontes respectivamente:

<http://www.fotofrases.com.br/professor-no-inicio-de-carreira/>

<https://www.facebook.com/mclaudiamcproducoes/?re=p>

<https://br.pinterest.com/pin/143693044343762733/>

Vale aqui mencionar, antes de encerrarmos esta seção, que há diferentes realidades no que tange ao professorado dos diversos níveis de estudo, que podem ou não estar em consonância com o que emergiu nos dizeres dos professores entrevistados. No que tange especificamente ao ensino superior, foco desta pesquisa, dependendo da instituição na qual este trabalha e ou função/cargo exercido, a cobrança por produção acadêmica poderá ser maior e, conseqüentemente, o número de horas de trabalho envolvendo pesquisas, projetos, orientações e publicações poderá ser intensificado.

Cabe ainda mencionar, sem a pretensão de aprofundamento, o fato de que o pensar no coletivo, como aponta o pesquisador francês Yves Clot em seus estudos e sugerido pela Profa. Dra. Daniela Dias dos Anjos na argüição final, tem sido destituído pela cultura da meritocracia, do espetáculo, do narcisismo. Há, como evidenciado nesta pesquisa, vários docentes vivendo a “mesma história”, sem, muitas vezes, questionar-se como o exercício da profissão poderia ser diferente, como cuidar do trabalho como forma de cuidado (de si).

Passaremos, a seguir, à última subseção deste eixo de análise, no qual, procuraremos rastrear na materialidade linguística das entrevistas concedidas possíveis vislumbres do cuidado de si, sem parênteses, no sentido foucaultiano, que envolve uma conversão, uma transformação, o fazer de si um ensaio artístico singular e único. Fã-lo-emos tendo em mente que é muito difícil, se não impossível, libertar-se totalmente das técnicas neoliberais de governamentalidade que, de modo microcapilar e multicentrado, controla nossas condutas, objetiva-nos, restando-nos pequenas fendas, brechas para subjetivar-nos frente a tudo isso que nos interpela e nos atropela diariamente. Vamos aos excertos, então.

5.2.5 Vislumbres do desejo do cuidado de si?

Nesta seção, buscaremos rastrear possíveis presenças do cuidado de si filosófico foucaultiano, modos singulares pelos quais os sujeitos-professores-participantes tentam afrouxar as amarras das técnicas neoliberalistas de governamentalidade com o objetivo de fazer-se diferente ou, em termos foucaultianos, esculpir-se como uma obra de arte, num eterno vir a ser, sempre um ensaio de si.

Iniciemos por um excerto das respostas de Shiva à pergunta “o que é cuidado (de si) para você?”

Eu vejo CUIDAR DE MIM... seria eu... cuidar de si... né... seria... eu percebo como eu olhar... eu conseguir sair do meu corpo e observar... EU... como pessoa... como Shiva... na minha família... no meu ambiente de trabalho... é:: na... as minhas relações com as pessoas... né... na minha própria saúde FÍSICA... conseguir PERCEBER o... a minha parte mental... o meu emocional como é que tá... como é que eu estou come... tomando cuidado disso tudo... né... isso eu percebo...CLARAMENTE... afeta e tem consequências no ambiente dele.

Chama-nos a atenção o uso do verbo perceber, não só neste trecho, mas também ao longo de toda a entrevista gravada, aqui usado 3 (três) vezes e na última associado ao advérbio de modo “claramente”. Como já mencionado, o entrevistado é espírita, fato observado não só pela frase “eu conseguir sair do meu corpo e observar”, mas por menção em trecho posterior da entrevista, o que o leva possivelmente a associar o cuidado (de si) ao conceito de reforma íntima, caro a esta doutrina e pelo qual o praticante deve, dentre outros, emudecer a agressividade; treinar a paciência constantemente e ouvir fraternalmente.⁶², prática esta a ser evidenciada nos excertos abaixo.

No trecho acima é como se o entrevistado saísse de si e se olhasse como se fosse outro para si próprio e para sua relação com os outros e o entorno, em especial pelos pronomes em terceira pessoa usados no início e no final do excerto “cuidar de si” “no ambiente dele”. Este efeito de sentido remete-nos ao conceito de consciência cósmica de Hadot (2014), segundo o qual devemos buscar ter a consciência de viver no cosmos e com ele nos harmonizarmos, o que, segundo o autor, acontece por meio da “experiência vivida do sujeito concreto, vivente e percipiente” (HADOT, 2014, p. 272).

Shiva parece esforçar-se para atentar-se para vários aspectos de sua vida, como notamos em sua fala “como pessoa... como Shiva... na minha família... no meu ambiente de trabalho... é:: na... as minhas relações com as pessoas... né... na minha própria saúde FÍSICA ... conseguir PERCEBER o... a minha parte mental... o meu emocional como é que tá... como é que eu estou come... tomando cuidado de tudo isso”, e especialmente no emprego do pronome indefinido “tudo”, o que nos remete à ideia de completude, de responsabilização do sujeito por sua vida e pelas consequências de seus atos e omissões, como explicita Shiva em “afeta e tem consequências”.

⁶² FONTE: <http://www.mensagemespirita.com.br/chico-xavier/ad/20-exercicios-para-reforma-intima>. Acesso em: maio 2017.

Se por um lado a estratégia de Shiva, via reforma íntima, de olhar-se com distância para perceber “CLARAMENTE” quem é, o que e como tem feito, aproxima-se do trabalho de esculpir-se apontado por Foucault, por outro, se acerca também das técnicas neoliberais de governamentalidade, que visam conduzir condutas de modo indireto, usando o próprio sujeito como agente do cuidado (de si), como já observamos em seções anteriores.

Dando continuidade à resposta, Shiva diz:

... no ambiente de trabalho... eu procuro mais OUVIR do que falar... porque eu procuro falar quando é necessário... me colocar quando é necessário... e:: procuro... fazer aquilo que eu sei que é certo com muita... muita CERTEZA MESMO... se eu tiver alguma dúvida... eu não vou fazer... agora nesse momento de transição que a gente tá vivendo AQUI né⁶³... é:: eu percebi muito isso... dessa ideia de ouvir e tentar levar pra sala de aula SÓ O MELHOR... então eu ouço muito... me coloco às vezes... e cuido muito dessas relações interpessoais aí porque... você tem um... é um jeito que a gente tem aí de manter o ambiente sadio...

No trecho acima, observa-se a aproximação com o conceito de espiritualidade política (BALL, 2016), ou à vontade de descobrir uma nova forma de governar a si próprio, em especial pela presença das palavras “certo” e “certeza”, esta associada ao advérbio “mesmo” dito de forma enfática e pelo enunciado “procuro fazer o que sei que é certo”. Os vocábulos “certo” e “certeza” podem também apontar para a importância dada por Shiva a agir de forma ética, de acordo com seus princípios. Há também a repetição do vocábulo “ouvir” associado às palavras como “melhor” e “muito”, que de acordo com Shiva, deve ser priorizado, juntamente com o observar, em detrimento do falar, o que nos remete a uma frase clássica da sabedoria oriental “Deus deu ao homem dois ouvidos, dois olhos e uma boca para vermos e ouvirmos duas vezes mais do que falamos”. Tal posicionamento é necessário, pelos dizeres de Shiva, em especial, no “momento de transição” que estavam, ele e a entrevistadora, vivendo na instituição privada na qual lecionavam e para manter o “ambiente sadio”, sadio, vocábulo ligado à área médica, que nos remete novamente a uma certa preocupação também com o “cosmos”, aproximando, como dissemos acima, do conceito de consciência cósmica de Pierre Hadot (2014).

Ainda a respeito de como se cuida, Shiva aborda a questão da espiritualidade:

⁶³ No momento da entrevista, a instituição na qual trabalhavam tanto o entrevistado quanto a entrevistadora estava passando pelo processo de adoção de metodologias ativas de aprendizagem e de alocação de disciplina ou parte da carga horária de algumas disciplinas para o sistema EAD.

... eu sou ESPÍRITA... então eu frequento o centro espírita... eu... eu faço tratamento espiritual... eu faço um curso à distância... né... de:: de:: de... chama “aprendiz do evangelho”... então... eu tô sempre lendo... sempre estudando... percebendo muita coisa... que a gente tá vivendo hoje... né... casa muito com aquilo que eu acredito... e eu sei que tá tudo no caminho certo... eu aprendi a não RECLAMAR... aprendi a fazer as coisas da melhor maneira POSSÍVEL... aprendi a não DUVIDAR DE MIM... aprendi também é que não um... um jeito fácil de fazer a coisa... mas também não existem coisas impossíveis de se fazerem... você também... como professora deve saber... hoje do jeito que a gente tá PRECISANDO MUDAR e a primeira coisa que a gente ouve é que isso não dá certo... a primeira coisa que a gente ouve... então eu aprendi que não existe isso... então essa ligação aí entre... essa relação que eu tenho com a parte espiritual... ela vem se fortalecendo MUITO... e eu percebo que a gente tem que estar BLINDADO MESMO... porque o nosso entorno... ele é muito negativo... né...

Shiva parece encontrar brechas via espiritualidade para pensar a si mesmo e a sua prática docente de forma diferente, em meio ao turbilhão de incertezas, inconstâncias e mal-estares do momento contemporâneo, pois, conforme ele, “nosso entorno... ele é muito negativo”. Usando as próprias palavras de Shiva, ele busca constantemente formas de “ESTAR BLINDADO MESMO”.

Parece-nos que para Shiva, como aponta Ball (2016), a luta começa pela relação consigo mesmo, no pensar(-se) diferente. Trata-se da forma socrática de autoexame, uma atividade de (re)fazer artesanalmente a relação consigo mesmo e com os outros dentro das restrições que nos são impostas, um trabalho crítico que envolve desestabilizar formas habituais de fazer e ser e também positivo, abrindo espaços nos quais é possível ser diferente. Tal efeito de sentido materializa, em especial, em “aprendi a não RECLAMAR... aprendi a fazer as coisas da melhor maneira POSSÍVEL... aprendi a NÃO DUVIDAR DE MIM... aprendi também é que não (há) um... um jeito fácil de fazer a coisa...”, com atenção ao verbo conjugado na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito, que nos aponta para o fato de que tais comportamentos/ações/pensamentos não eram comuns a/em Shiva no passado. A este respeito, Ball (2016) ainda salienta que não se trata de meramente negar ou resistir à verdade, ao poder, à riqueza, mas sim tentar articulá-los e/ou dispor deles de outra forma, ou seja, o processo de autotransformação exige engajamento na busca pela formação de uma arte de viver e de ensinar.

Vale aqui retomar o alerta que faz Ball (2016) sobre o risco da espiritualidade política e também nos lembrarmos do risco do ato parreriástico. Shiva, por discordar de certas imposições e mudanças no que tange à docência, em especial ao regime de atribuição de aulas, feitas pela instituição na qual trabalhava durante a entrevista,

embora considerado um ótimo professor pelos alunos e coordenadores, acabou saindo, um tempo depois de realizada esta entrevista, de forma não muito amigável, da instituição/empresa.

O parresiasta, como aponta Foucault (2011, p. 24), “assume um risco. Ele arrisca a relação que tem com aquele a quem se dirige”, podendo, inclusive, suscitar “a possibilidade do ódio e da dilaceração”, pois a *parrhesía* é, conforme a aula inicial do último curso do filósofo francês⁶⁴, “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa” (FOUCAULT, 2011, p. 13) ou ainda “dizer tudo, mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascarar-la com o que quer que seja” (FOUCAULT, 2011, P. 11). Etimologicamente, *parrhesía* significa dizer tudo (*pan rêma*) e para Demóstenes (apud FOUCAULT, 2011, p. 10), é necessário “falar com *parrhesía*, sem recuar diante de nada, sem esconder nada”.

Segundo Ortega (1999, p. 104), trata-se de uma noção muito complexa que representa “ao mesmo tempo, virtude, habilidade, obrigação e técnica que deve caracterizar sobretudo o indivíduo, cuja tarefa é a direção de outros indivíduos na sua constituição como sujeito morais”. Ortega (1999) ainda menciona que esta noção difere dos outros modos de dizer a verdade, pois não representa “nem uma estratégia de comprovação, nem de convicção, instrução ou diálogo, embora possua elementos de todas elas” (ORTEGA, 1999, P. 107). Como já mencionado, “podemos falar de *parrhesía* quando as circunstâncias aparecem de tal maneira que o fato de dizer a verdade, ou de tê-la dito, produz ou pode produzir consequências custosas” (ORTEGA, 1999, p. 107). Dito de outro modo, o parresiasta “abre um risco indeterminado e dependente da situação” (ORTEGA, 1999, p. 107). De acordo com Ortega (1999, p. 108), a *parrhesía* aparece “no contexto da relação entre a obrigação de se ligar à verdade mediante o dizer verdadeiro e o exercício da liberdade”. Trata-se de constituir-se mediante o cuidado constante com a verdade, por meio do qual “o sujeito constitui-se de forma autônoma como agente do dizer verdadeiro. Trata-se [em suma,] de uma técnica de si, de uma ascese e de uma prática de liberdade” (ORTEGA, 1999, p. 112).

⁶⁴ Foucault inicia seu último curso, *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*, em 1º de fevereiro de 1984, explicando: “Não pude começar meu curso, como de costume, no início de janeiro. Estive doente, doente mesmo. Correram boatos de que era para me livrar de uma parte do meu público que eu havia trocado as aulas. Não, não, eu estava doente mesmo. [...]. O autor lecionou até 28 de março de 1984, vindo a falecer 3 (três) meses depois, em 25 de junho do mesmo ano, aos 57 anos.

De acordo com Ortega (1999, p. 113), Foucault procurou reabilitar esta importante dimensão da *parrhesía*, a do “dizer verdadeiro como uma arte da existência utilizada pelo sujeito na sua autotransformação”.

Como observamos e vale ressaltar, o risco é implícito e inerente à *parrhesía*. Cabe ainda lembrar que Foucault nos alerta sobre os três eixos distintos nos quais as análises devem ser baseadas, eixos que

não se reduzem uns aos outros, que não se absorvem uns aos outros, mas cujas relações são constitutivas umas das outras. Esses três elementos são: os saberes, estudados na especificidade de sua veridicção; as relações de poder, estudadas não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais a conduta do homem é governada; enfim nos modos de constituição dos sujeitos através das práticas de si. É realizando este triplice deslocamento teórico – do tema do conhecimento para o tema da veridicção, do tema da dominação para o tema da governamentalidade, do tema do indivíduo para o tema das práticas de si – que se pode, assim me parece, estudar as relações entre verdade, poder e sujeito, sem nunca reduzi-las umas às outras (FOUCAULT, 2011, p. 10).

No que tange ao cuidado (de si) como espiritualidade, Lakshmi disse:

Essa é a parte que AINDA (RSSS DE AMBAS) eu tenho que melhorar... o espiritual eu cuido sozinha, mas eu quero ter um LUGAR para IR... quero ter um GRUPO... uma troca de experiência... isso que eu tô procurando encontrar AINDA... mas eu tenho o MEU momento comigo mesma e com Deus maior agora também

No excerto, Lakshmi confessa, nos moldes foucaultianos, não trabalhar muito este aspecto. Para Foucault (1997), a confissão, como já apontamos anteriormente, é um mecanismo positivo, produtor de saber, multiplicador de discursos e gerador de poder. Trata-se de um ritual do discurso, no qual

o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos que virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 1997, p. 61)

Ademais, a confissão também se presentifica em outros excertos de Lakshmi e também nas demais entrevistas, como observável ao longo deste capítulo. Ainda sobre este mecanismo colocado em marcha pela entrevista, parece-nos que, de certo modo, para alguns dos sujeitos, como para Lakshmi, a entrevista incita o sujeito-professor-participante a desejar o cuidado (de si), foco desta seção.

Cabe também apontar para o uso do advérbio de intensidade “AINDA” dito com destaque e seguido de risos, tanto de Lakshmi quanto da pesquisadora, como materialização da formação imaginária de que a pesquisadora é uma pessoa que busca cuidar (de si), neste caso, no que tange à espiritualidade. Afinal, o falar de si, semelhantemente à escrita de si para Foucault (1997, p. 52), nunca é apenas falar de si, uma vez que “a constituição de si se dá a partir da recolha do discurso dos outros”. A este respeito, Eckert-Hoff (2008, p. 41), com base em Foucault, salienta que ao falar de si, de sua história, de sua vida, o sujeito “jamais se descreve, tal que ele ‘seria’, tal qual ele deseja se mostrar. Das palavras ditas, irrompem sentidos fluidos, escorregadios, imprevisíveis, incontrolláveis”.

No momento final da entrevista, momento de choro de Lakshmi, ela também mencionou que já havia feito terapia, que, antes, pensava que terapia era “para gente que não tem amigos”. Disse que, na primeira tentativa, não se adaptou à linha, mas que havia achado outro psicólogo que havia acertado e, hoje, mesmo tendo alta dele, uma vez por mês agenda uma consulta. Interessantemente, a gravação gerou uma proximidade que a pesquisadora e a sujeitA-professorA-participante não tinham antes. E a conversa informal, após o encerramento da gravação, após Lakshmi acalmar-se, não registrada pela sensibilização provocada, também evidencia o efeito de confissão que operou a entrevista em Lakshmi, mas também na própria entrevistadora. Evoca também a dicotomia mãe-professora e o fato de que, como muitos docentes, Lakshmi, parece ter indícios de um esgotamento emocional e físico, notado não só pelo choro no meio da entrevista, mas também porque a professora apresentou problemas de saúde no 2º semestre de 2016, tais como pressão alta, dor na nuca, tontura e desmaio, inicialmente diagnosticados como estresse, o que foi relatado pela entrevistada à pesquisadora em momento posterior às entrevistas.

Retomamos aqui o alerta feito por Birman (1999) de que, na contemporaneidade, há muitos professores que sofrem de/com doenças psicossomáticas, panicados e deprimidos nas palavras do autor, cujo mal-estar pode ser intensificado devido à consideração do outro em detrimento de si, em especial em uma sociedade que ainda vê a docência como missão, sacerdócio, que espera e cobra excelentes resultados, altos índices e que demanda por sujeitos autocentrados que se cuidem.

Ganga, evangélica, também demonstra seu desejo por cuidar (de si), mas aponta a falta de tempo com um empecilho para suas atividades espirituais, como notamos em

[...] ... não encontro tempo [...] até mesmo é::: uma coisa que eu acho interessante...é::: até mes... pra mim é muito importante...tá... a vida espiritual... até ISSO afeta...porque às vezes eu me vejo tão assim....

Vale mencionar que a gravação foi interrompida neste ponto por problemas técnicos e que, durante o tempo aproximadamente 5 minutos, nos quais a pesquisadora tentava resolver o impedimento técnico, houve um diálogo com a entrevistada, no qual ela disse que se sente mal quando passa um dia sem ler a Bíblia, sem orar. Alegou que embora orar e ler a Bíblia lhe façam muito bem, não sabe por que não o faz às vezes. Ganga também relatou ser DETALHISTA e que ter sido diagnosticada por uma psicóloga como portadora da “síndrome de simetria”, alegando que a Enfermagem acentuou sua mania de querer tudo perfeito. Disse que adotar duas cadelas ajudou-a na superação deste aspecto, pois com elas “nem tudo está a todo momento 100% organizado”. Mencionou ainda que parou a terapia por conta própria, mas não entrou em detalhes a respeito.

Como apontam os excertos acima, há o desejo de cuidar(-se) mais e melhor, sendo a espiritualidade vista pelos sujeitos-professores-participantes que proferiram os excertos acima como uma das formas de realizá-lo. Cabe-nos aqui mencionar que religiões, de um modo geral, estão permeadas de/por técnicas neoliberalistas de governamentalidade, pois visam, de diversas maneiras, conduzir a conduta dos sujeitos, desde os primórdios. Não nos cabe aqui analisar tal questão, nem é nosso objetivo criticar esta ou aquela religião, apenas descortinar tais técnicas, muitas vezes, necessárias para (con/sobre)viver no mundo contemporâneo.

Como o desejo emergiu em suas falas, achamos por bem, antes de encerrar esta seção, discorrer brevemente sobre o conceito psicanalítico “desejo”, que, conforme Dejours e Abdoucheli (2015), trata-se de

uma intenção de reencontrar os *signos* das primeiras *experiências de satisfação* da infância, ele reenvia a um passado e a uma história individual. [...] Se inscreve em primeiro lugar no passado e naquilo que não é atual; em segundo lugar no fictício, no ilusório e no fantasmático; em terceiro lugar no individual e no subjetivo.[...] É evocado em outras formações além dos comportamentos. [...] Ele está presente no fantasma, no sonho, nos sintomas psiconeuróticos [...] (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2015, p. 36-37)

Ainda segundo os autores, cabe-nos refletir sobre a seguinte questão “No trabalho contemporâneo [como profissão], qual é o lugar do Desejo, e qual o lugar do Sujeito?” (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2015, p. 39, inserção nossa). Eis mais uma das problematizações que “deixamos no ar” com esta tese.

À guisa de encerramento desta seção, já iniciando as considerações “finais” deste trabalho, eu gostaria (retomo, deste ponto adiante, o uso da primeira pessoa do singular) de relatar que talvez o mais difícil desta trajetória acadêmica tenha sido, por meio das leituras contundentes e da análise discursiva reveladora, descobrir, não sem muita dor, o quão enredados estão os entrevistados e, mais ainda, constatar-ME tão enredada quanto eles nas/pelas técnicas neoliberais de governamentalidade, sem perder a esperança na possibilidade de fazer de nossas vidas um ensaio de nós mesmos, em constante transformação, apesar de tudo e de todos, pois aquele que pratica concretamente os exercícios espirituais tem a possibilidade de “ver o universo com olhos novos; como se o visse pela primeira vez, ele descobre, no gozo do presente puro, o mistério e o esplendor da existência; e como dizia Nietzsche, nos dizemos então sim “não somente a nós mesmos, mas a toda existência”” (HADOT, 2014, p. 299).

A cada leitura que realizei, os olhos se arregalavam, o coração se apertava, a mente se agitava, o corpo reagia... no questionamento dos porquês desta pesquisa... Quizás o principal deles tenha sido escancarar-ME uma realidade e problematizá-la para um melhor entendimento e sua possível transformação, ainda sabendo que as brechas sejam tão ínfimas e o esforço para escondê-las de nós seja enorme...

O que fica de tudo isso, além do cansaço físico e mental das enormes mudanças promovidas por este caminho, que não termina aqui, e tantas outras ocorridas em mim, em minha vida pessoal e profissional nestes quatro anos, decorrentes (ou não) deste caminhar? A constatação de que transformar-se é escrever um ensaio de si num dia, apagá-lo no outro e (re)começar do zero, que não há nada errado nisso e ainda que o apagar-se e o (re)screver-se, num eterno rascunho de si, também provoca mal-estar, dor e até sofrimento. Ainda assim, esta parece ser uma saída plausível para as inúmeras objetivações que vivemos em nosso dia a dia. “Melhor estar no jogo, sabendo-se jogar”, como diz minha querida orientadora, excelente companheira nos meus (des)concertos e (des)caminhos.... Acho que ela também, como eu, não saiu ilesa desta tese, no bom sentido.

É... afinal, o próprio Foucault advoga, segundo Ortega (1999, p. 154), “a criação de novos esboços de si mesmo que não tenham obrigatoriamente como resultado a formação de um sujeito dócil, pois poder-se-iam imaginar formas de existência que não sejam boas, mas que sejam muito intensas”... Sem tempo, também sem palavras (e até

sem forças) para prosseguir... passemos ao “fechamento” momentâneo desta trajetória ... que permanecerá em mim ao longo do meu viver. Eis minha única certeza!

Mas, antes, vamos a mais um poema (para não perder o costume), *As ensinanças da dívida* de Thiago Mello, que traduz bem o que sinto/penso nesta reta final rumo ao doutoramento em Educação, ouvindo à canção “*The Long and Winding Road*” (A estrada longa e sinuosa) dos Beatles, por acaso, tocada em uma rádio local:

*Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos.
Agora (o tempo é que fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dívidas.
Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor.*

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NTI2MDU3/>

ENSAIO “FINAL” - O (DES)CAMINHO (NÃO) TRILHADO, O MAR (NÃO) NAVEGADO, O VOO ALTO AINDA POR FAZER

*[...] En qué ventana me quedé
mirando el tiempo sepultado?*

*O lo que miro desde lejos
es lo que no he vivido aún?*

LXVIII

Ao iniciar o projeto para o doutoramento, tínhamos um pressuposto e uma hipótese que foram confirmados, ou melhor, escancarados. Pressupúnhamos que o mal-estar é contitutivo e inerente ao sujeito e que, não bastasse isso, há, no mundo contemporâneo neoliberal, discursos, regimes de verdade que ora reforçam tal mal-estar, ora promovem o cuidado (de si). Nossa hipótese de que, ao tentar cuidar (de si), os sujeitos-professores-participantes não conseguem libertar-se das amarras das técnicas neoliberais de governamentalidade, como apresentadas por estudos (pós-)foucaultianos, confirmou-se de forma, digamos, assustadora. Talvez porque eu ainda acreditasse na liberdade de escolhas que supostamente temos e na naturalidade com que aceitamos, de modo geral, que nos responsabilizem por tudo o que (não) somos, (não) temos e (não) fazemos ou, ainda, que algumas técnicas de cuidado (de si) que me são caras eram isentas de tais manobras. Tais técnicas ou efeitos de sentido que emergiram nas falas dos entrevistados, como o (bom) aproveitamento do tempo; o cuidado com o corpo; o esmero acadêmico e a busca pelo contato com o Divino também são adotadas por mim há uns dez anos.... Que escancaramento!

Ingenuidade a minha ao acreditar que é possível escapar do atravessamento neoliberal? O estranhamento de nós mesmos, dos outros e do *status quo* faz parte das possibilidades, das pequenas brechas, vislumbres de luz no fundo do túnel... Bom, entre mortos e feridos.... ousou continuar o “encerramento” desta tese com um de meus poemas favoritos, que me acompanha desde a graduação. O poema abaixo traduz, de certo modo, o que significa, para mim, trilhar os caminhos filosóficos foucaultianos, sem rota definida, com um GPS recalculando a rota diuturnamente, sem um destino (pré-)definido ou (pré)estabelecido por outrem, mas (in)consciente de que os deslo(U)camentos constantes desencadeados por esta rota são essenciais, um modo de

vida, uma postura existencial, muito mais do que uma perspectiva teórica. Confesso que houve e há muita angústia, incertezas, mal-estares... Ainda assim, este é um dos (des)caminhos, o escolhido, dentre tantos outros, neste exato momento de minha existência, como aponta o poeta americano Robert Frost (1874-1963) em um de seus poemas mais conhecidos, *The road not taken* (o caminho que eu não percorri)⁶⁵:

Two roads diverged in a yellow wood,
Num bosque amarelo dois caminhos se separavam,
And sorry I could not travel both
E lamentando não poder seguir os dois
And be one traveler, long I stood
E sendo apenas um viajante, fiquei muito tempo parado
And looked down one as far as I could
E olhei para um deles tão distante quanto pude
To where it bent in the undergrowth;
Até onde se perdia na mata;

Then took the other, as just as fair,
Então segui o outro, como sendo o mais merecedor
And having perhaps the better claim,
E tendo talvez melhor direito,
Because it was grassy and wanted wear
Porque coberto de mato e querendo uso
Though as for that passing there
Embora os que por lá passaram
Had worn them really about the same,
Os tenham realmente percorrido de igual forma
And both that morning equally lay
E ambos ficaram essa manhã
In leaves no step had trodden black.
Com folhas que passo nenhum pisou.
Oh, I kept the first for another day!
Oh, guardei o primeiro para outro dia!
Yet knowing how way leads onto way,
Embora sabendo como um caminho leva para longe,
I doubted if I should ever come back.
Duvidasse que algum dia voltasse novamente.

I shall be telling this with a sigh
Direi isto suspirando
Somewhere ages and ages hence;
Em algum lugar, daqui a muito e muito tempo;
To roads diverged in a wood, and I-
Dois caminhos se separam em um bosque e eu...
I took the one less traveled by,
Eu escolhi o menos percorrido,
And that made all the difference.
E isso fez toda a diferença

⁶⁵ Fonte: <http://www.paralerepensar.com.br>

Buscava entender a minha dor, a dos colegas, a da sociedade... Talvez, lá no fundo, até com o sonho utópico de que conseguiria achar um elixir mágico que colocasse fim ao mal-estar generalizado da/na sociedade e intensificado na/pela docência... ou que ao menos o amenizasse.... Houve momentos em que me senti muito perdida e até bem desesperançosa: “Seríamos nada mais que fantoches nas mãos dos – ISMOS? ”.

Mergulhar no mar dos textos sobre o mal-estar foi asfixiante... um mergulho do qual parecia que não mais emergiria... Subia à superfície, respirava e de novo mergulhava... Era necessário (des)entender, (des)aprender... Aí, veio o oceano (pós)foucaultiano e suas (im)possibilidades... A incerteza é dolorosa, os medos também... e fui (con/sobre)vivendo, entendendo que a singularidade é uma aposta alta, na forma de ensaio constante de novas versões de si/mim e que a aceitação desta condição de eterno ensaiante, cujo ensaio dramático de sua vida nunca está/estará finalizado foi/é uma das grandes contribuições que as leituras me trouxeram e que espero traga aos meus leitores... Oferecer a possibilidade de contribuição para a transformação de uma realidade, eis o que está ao meu alcance... Eis a porta que procuro abrir com este trabalho, porta esta e tantas outras também a serem exploradas por pesquisas futuras, por exemplo, como o cuidado de si e o cuidado do outro se materializam nas práticas docentes.

É... navegar “bem” implica saber que o mar vai ser sempre turbulento e desejoso de engolir-nos e ter também a confiança de que há formas diferentes e novas de nadar, remar, mergulhar, sem afogar-nos ou morreremos na praia... Não há maneira certa ou errada... Pode-se ir boiando, nadando de costas (meu tipo de nado favorito quando criança), nadando o básico cachorrinho ou até improvisando um barquinho para os que têm talentos à la *MacGyver*⁶⁶ ... ao sabor do vento, procurando curtir as paisagens deslumbrantes e até mesmo as ondas gigantes, os tubarões ferozes..., abandonando as

⁶⁶ Trata-se de uma série de televisão da década de 80/90, na qual o personagem principal, MacGyver, em situações extremas, por exemplo, destruiria um prédio só usando um barbante e um chiclete. Ele era um agente secreto, estilo James Bond, só que com um grande diferencial, ele não usava armas, não recorria à violência. Contava apenas com sua enorme criatividade para livrar-se de apuros e derrotar seus inimigos. Ele era o típico brasileiro, dando um jeitinho em tudo, apenas usando seus conhecimentos científicos e seu inseparável canivete, sempre se aproveitando do ambiente e dos objetos a sua volta para resolver suas situações, por exemplo, se estivesse preso numa ilha deserta ele faria uma lancha usando um tubarão, 2 caranguejos e 1 chiclete.

Adaptado de: <http://recebiporemail.com.br/2009/08/quem-e-magai-ver-macgyver.html>

grandes pretensões de chegar a um porto seguro, a uma ilha paradisíaca.... talvez haja novos continentes a explorar... ou ainda algo a desbravar além da curva da estrada como aponta a epígrafe desta tese... Só sei que nada sei, já dizia Sócrates, e acrescento vou continuar não sabendo... Eis a questão (rsss)! E qual o problema nisso? Nenhum! Navegar é preciso, lembra-nos Fernando Pessoa ou ainda.... voar alto, como sempre me escreve(u) meu amado pai Zui... Afinal, cada um de nós deve, do seu modo peculiar,

fazer seu voo a cada dia! Pelo menos um momento que pode ser breve, desde que seja intenso. Cada dia ‘um exercício espiritual’ – sozinho ou acompanhado de um homem que também queira melhorar a si mesmo. Exercícios espirituais. Sair do decurso do tempo. Esforçar-se para despojar-se de tuas próprias paixões, das vaidades, do prurido do ruído em torno do teu nome (que, de tempos em tempos, te prure com um mal crônico). Fugir da maledicência. Despojar-se da piedade e do ódio. Amar todos os homens livres. Eternizar-se ultrapassando-se. Esse esforço sobre si é necessário, essa ambição, justa. Numerosos são aqueles que se absorvem inteiramente na política militante, na preparação da revolução social. Raros, muitos raros aqueles que, para preparar a revolução, querem dela se tornar dignos. (FRIEDMAN, 1970, p. 359, apud HADOT, 2014, P. 19)

The end (momentâneo!)

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de Filosofia**. 3. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.

AVELINO, N. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos/Michel Foucault**. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

BALL, S. J. Subjectivity as a site of struggle: refusing neoliberalism? **British Journal of Sociology of Education**, 37:8, p. 1129-1146, 2016.

_____. **Foucault, Power, and Education**. New York: Routledge, 2013.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Trad. GAMA, M.; GAMA, C. M. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURCHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P (Orgs.). **The Foucault Effect: Studies in Governmentality**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Trad. Beatriz de Almeida Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. **El vocabulario de Michel Foucault**. Buenos Aires: Prometeo, 2004.

CAVALLARI, J. S. Falta, desejo e transferência na (trans)formação do saber. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 16, Jan/Jul, p. 169-183, 2013.

_____. **O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno**. 2005. 218 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

CAVALLARI, J. S.; SANTOS, T. S. A. As práticas neoliberais no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. **Entremeios: revista de estudos do discurso**, Pouso Alegre, v.10, jan.- jun./2015, P. 79-88, 2015.

CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedades do espetáculo: Impacto das novas tecnologias de comunicação. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. R. F. (Orgs.) **Práticas identitárias – língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. O discurso da Linguística Aplicada e a questão da identidade: entre a Modernidade e a Pós-Modernidade. In: CORACINI, M. J. R. F.; BERTOLDO, E. S. (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 97-115.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E. JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. Trad. Maria Irene Stocco Betiol. São Paulo: Atlas, 2015.

ECKERT-HOFF, B. M, **Escrituras de si e identidade: O sujeito professor em formação**. Campinas: Mercados das Letras, 2008.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FIMYAR, O. Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, mai./ago. 2009.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI**. São Paulo: Manole, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 18 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. 3ª ed., Trad. Márcio Alves da Fonseca.; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Historia da sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa

Albuquerque 12ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2013.

_____. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política.** Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A Arqueologia do Saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GILLIO, C. et al. **Os diferentes manejos da transferência.** Disponível em: <www.ipla.com.br.> Acesso em maio de 2010.

GORDON, C. Governmental Rationality: An Introduction. In: BURCHELL, G.; GORDON, C. and MILLER, P (Org.). **The Foucault Effect: Studies in Governmentality.** Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos.** 2. ed. São Carlos-SP, Editora Claraluz, 2006.

HADOT, P. **Exercícios espirituais e filosofia antiga.** Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda., 2014.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço.** 2. ed. ampliada. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

HARDT, L. S. **Formação de professores: as travessias do cuidado de si,** 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT08-1764--Int.pdf>> Acesso em: 20 de dezembro 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo: parte I.** 15 ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2005.

KHRISNA. **Bhagavad Gita: a sublime canção.** Trad. Huberto Rodhen. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

LIMA, J. J. **Governamentalidade e modos de identificação: tramas discursivas de/sobre professores da educação básica .** 2015.190 p. Tese de Doutorado em Educação. Universidade São Francisco, 2015.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p .VII a XXIII.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática.** São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARSICO, R. **The Care of the Self in Foucault and Socrates: Rescuing the Socratic Relation to Truth to Promote New Modes of Being.** 2010. Thesis (B.A.). Haverford College. Dept. of Philosophy, 2005. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/handle/10066/6144>. Acesso em: dez. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARSHALL, J. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, T. S. (org.) **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos.** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MASCIA, M. A. A. **Investigações discursivas na pós modernidade: (uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira).** Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MATOS, O. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 59, n. 4, p. 455-468, 2008.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso: história e práticas.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MIGUEL, A. Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento. In: (Orgs.) GOMES, M. L. M.; TEIXEIRA, I. A. C.; AUAREK, W. A.; PAULA, M. J.. **Viver e contar: experiências e práticas de professores e Matemática.** São Paulo: Livraria da Física, 2011. p. 271–309.

MOSQUERA, J. J. M.; STOÄUS, C. D.; TIMM, E. Z. O professor e o cuidado de si: perspectivando a própria vida como uma obra de arte. Por que não?. **Ciência em Movimento**, ano XI, n. 22, p. 47-53, 2009/2.

MRECH, L. M. Lacan, a Educação e o Impossível de Educar. **Educação** (São Paulo), v. 9, p. 16-27, 2008.

NERUDA, P. **Libro de las preguntas.** 3 ed. Santiago: Pehuén Editores, 2008.

OLIVEIRA, D. A. et al. Transformações na Organização do Processo de Trabalho Docente e o Sofrimento do Professor. **Revista Mexicana de Investigación Educativa. Consejo Mexicano de Investigación Educativa.** Número 20, Vol IX, jan/mar/2004.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 8ª Ed, Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

OSHO. **Os Upanishads: a essência dos seus ensinamentos.** Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Cultrix, 2014.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006.

PEREIRA, E. F.; TEIXEIRA, C. S. ; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Rev. bras. Educ. Fís.** Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.241-250, abr./jun. 2012.

PETERS, M. Governamentalidade neoliberal e educação. In: SILVA, T. S. (org.) **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2017.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2014.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1986. 310f. Tese de doutorado em Ciências. Universidade Estadual de Campinas, 1986.

RABELO, A. O.; MARTINS, A. M. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2010, Uberlândia. *Anais...* Aveiro: FCT, 2010. p. 6167-6176. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Amanda_Rabelo4/ Acesso em: 10 out. 2018.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Carlos Piovezani Filho; Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSE, N. **Powers of Freedom: reframing political thought**. 9 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SAROLDI, N. **O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVEIRA, C. A. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro. **Horizontes**, v. 32, n. 2, p. 109-119, jul./dez.2014.

SOLOMON, R.C. **Espiritualidade para Céticos: Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, I.F; MENDONÇA, H. Burnout em Professores Universitários: Impacto de Percepções de Justiça e Comprometimento Afetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 25 n. 4, out-dez 2009.

SPARKES, A. C. Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration. **Qualitative Research - SAGE Publications**. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore, vol. 7(4) 521–550, 2007. DOI: 10.1177/1468794107082306

STANO, R. GTPA - grupo de trabalho em pedagogia para a autonomia [Facebook]. Itajubá: Rita Stano. 2015. [publicado em: 15 out. 2015]. Disponível em:

www.facebook.com/search/top/?q=gtpa%20%20grupo%20de%20trabalho%20em%20pedagogia%20para%20a%20autonomia. Acesso em: 15 out. 2015.

STOBÄUS, C.; MOSQUERA, J. J. M. ; SANTOS, B. S. Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 259-272, out. 2007.

TIMM, E. Z.; MOSQUERA, J. J. M.; STOÄUS, C. D. O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, vol. X, n. 3, set/2010.

VEIGA-NETO. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: (Orgs.) RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.

_____. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. A facilidade de se fazer algo difícil ou, se quisermos, A dificuldade de se fazer algo fácil. In: AVELINO, N. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos/Michel Foucault**. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

Anexo I: normas para transcrição de entrevistas

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comê/e reinicia
Entonação enfática	Maíuscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos êh::: ... dinheiro
Silabação	·	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	•• ••	... a demanda de moeda •• vamos dar casa essa notação •• demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	"entre aspas"	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião. " O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós"...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, êh, ahn, ehn, uhn, tâ (não por <i>está</i>: tâ? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: êh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) O discurso oral culto 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.